FERNANDA MUNHÃO MARTINS SILVESTRE

AS CRÔNICAS DE BILAC NAS REVISTAS ILUSTRADAS *A CIGARRA* (1895) E *A BRUXA* (1896-1897)

ASSIS
2008

FERNANDA MUNHÃO MARTINS SILVESTRE

AS CRÔNICAS DE BILAC NAS REVISTAS ILUSTRADAS *A CIGARRA* (1895) E *A BRUXA* (1896-1897)

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho para obtenção do título de Mestre em Letras (Área de conhecimento: Literatura e Vida Social).
Orientador: Dr. Alvaro Santos Simões Junior

ASSIS
2008

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da F.C.L. – Assis – UNESP

Silvestre, Fernanda Munhão Martins
S587c As crônicas de Bilac nas revistas ilustradas A cigarra (1895) e A Bruxa (1896-1897) / Fernanda Munhão Martins Silvestre. Assis, 2008
303 f. : il.

Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista.

1. Bilac, Olavo, 1865-1918. 2. Crônicas brasileiras. 3. Jornalismo e literatura. 4. Periódicos brasileiros. I. Título.

CDD 070.4
869.93

Há trinta anos, uma jovem deu à luz e entregou a criança ao mundo. Optou pela adoção e não por um aborto. Deste ato de generosidade, pude usufruir de boa educação, carinho e respeito vindo de pessoas enobrecidas as quais chamo de MEUS PAIS.

Dedico este trabalho a eles, que não precisaram de diploma para se tornarem MESTRES DA VIDA.

À Mercedes, madrinha querida, e à Helena, eterna vó Nica, que já se foram, deixando em mim vestígios de humanidade e de inspiração. Amo vocês.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador Dr. Álvaro Santos Simões Júnior pela confiança e pelo olhar criterioso diante do trabalho. Minha profunda admiração e respeito.

Aos professores Dr. Luiz Roberto Velloso Cairo e Drª Maria Lídia Lichtscheidl Maretti que contribuíram com sugestões significativas durante o Exame de Qualificação desta dissertação.

Ao CEDAP – Centro De Documentação e Apoio à Pesquisa desta Faculdade e ao departamento de Obras Raras da UNICAMP, que asseguraram a consulta às fontes primárias para a realização da pesquisa.

À Biblioteca da Unesp de Assis pela valiosa contribuição bibliográfica e pelo gentil atendimento de seus funcionários à pesquisadora.

Aos amigos da Prefeitura Municipal de Ribeirão do Sul (Débora, Maria, Ivanilda, Cléber, Néia, Ronaldo, Pedro, Márcio e Mira) pelo apoio no início da Pós-graduação, além do ex-prefeito Pedro dos Santos Mouta, que garantiu minhas idas às aulas durante a semana.

Aos amigos da E.E. Nicola Martins Romeira, que sempre me incentivaram na vida acadêmica. Agradeço em especial ao diretor Tony Eudes Romeira, que contribuiu para que eu pudesse aliar o estudo ao trabalho. Outro mestre, no qual deposito admiração e respeito pelo seu trabalho.

Aos amigos Andréa Aredes, pela companhia extrovertida, Jaison e Geovana, que me acolheram durante esses anos de estudo, e Clara, pela generosidade.

A Wânia Spósito pela amizade verdadeira.

A Francieli, irmã e amiga e, por isso, é única.

Aos meus pais, Carmem e Moacyr por TUDO.

Ao Rodrigo, pela liberdade para que eu pudesse produzir.

E às minhas filhas, Laura e Camila, que se sacrificaram em alguns momentos pela ausência materna.

Não há pântano que não possua uma flor, assim como não há beijo que não tenha um micróbio...

Olavo Bilac in A Bruxa, 11 de setembro de 1896.

SILVESTRE, Fernanda Munhão Martins. **As crônicas de Bilac nas revistas ilustradas *A Cigarra* (1895) e *A Bruxa* (1896-1897)**. Dissertação (Mestrado em Letras) Universidade Estadual Paulista, 2008.

RESUMO

Assim como a maioria dos escritores nacionais, que participaram efetivamente de periódicos no século XIX, Olavo Bilac estendeu sua trajetória jornalística entre 1890 e 1908 em diferentes periódicos paulistas e cariocas. Dentre essas contribuições jornalísticas desenvolvidas pelo poeta, o estudo faz um recorte enfocando as revistas *A Cigarra* (1895) e *A Bruxa* (1896-1897), nas quais Bilac transpõe uma multiplicidade de temas, cumprindo uma proposta moldada de acordo com o que o gênero requer: a leveza e o humor. Em *A Cigarra*, o cronista destaca-se como redator responsável por um periódico voltado à crítica literária, à política e à vida artística do período. Na revista, que era inspirada na fábula de La Fontaine, as formigas representavam os políticos, os diplomatas, comerciantes e banqueiros do Rio de Janeiro e as cigarras eram os artistas, literatos e jornalistas. Pouco mais de três meses depois de deixar a revista, Bilac transfere-se para *A Bruxa*, que tinha um estilo gótico de diagramação e era confeccionada em papel especial para encadernação de suas edições em volumes anuais. Esse periódico não se destacava pelo espírito crítico ou pela combatividade de seus idealizadores, mas tinha o intuito de atrair os leitores pelo requinte de seu acabamento gráfico. Semanalmente, a revista era publicada com oito páginas impressas em três cores e adotava um estilo gótico representado por bruxos, diabos e duendes que ilustravam as páginas d´*A Bruxa*, além de serem adotados como pseudônimos por Olavo Bilac. A partir dessas revistas, o trabalho faz um estudo das crônicas de Bilac na seção "Crônica", que serve de editorial, levantando os pontos relevantes desses textos publicados pelo parnasiano.

Palavras-chave: Olavo Bilac, crônicas brasileiras, jornalismo e literatura, periódicos brasileiros.

ABSTRACT

As well as the majority of the national writers, who had participated effectively of periodics in century XIX, Olavo Bilac extended his journalistic trajectory between 1890 and 1908 in different periodics from São Paulo and Rio de Janeiro. Among these journalistic contributions developed by the poet, the study makes a clipping focusing the magazines *A Cigarra* (1895) and *A Bruxa* (1896-1897), in which Bilac transposes a multiplicity of subjects, fulfilling a proposal molded according to what the genre requires: the slightness and mood. In *A Cigarra*, the short story writer stands out as the responsible writer of a periodic related to the literary criticism, to the politics and to the artistic life of the period. In the magazine, that was inspired by the La Fontaine fable, the ants represented the politicians, the diplomats, traders and bankers of Rio de Janeiro and the cicadas were the artists, the literati and the journalists. Little more than three months after leaving the magazine, Bilac moves to *A Bruxa,* that had a gothic style of diagramming and was confectioned in special paper for binding of its editions in annual volumes. This periodic was not distinguished by the critical spirit or the combativeness of its idealizers, but it was intended to attract the readers by its fancy graphical finishing. Weekly, the magazine was published with eight pages printed in three colors and adopted a gothic style represented by wizards, devils and goblins that illustrated the pages of *A Bruxa,* besides being adopted as pseudonymous by Olavo Bilac. From these magazines on, the work makes a study of the Bilac chronicles in the "Chronic" section, that is used as an editorial, raising the relevant issues of these texts published by the "parnasiano".

KEY-WORDS: Olavo Bilac; "Chronic"; Journalism and Literature; Literary Magazines.

Lista de ilustrações

Ilustração 1: Página da revista *Rio Revista* 32
Ilustração 2: Página da primeira edição da revista *A Cigarra* 35
Ilustração 3: Ilustração de Belmiro de Almeida e Grog 40
Ilustração 4: Nota extraída da página 7 do primeiro número d´A Cigarra 42
Ilustração 5: Página de anúncios de A Bruxa 54
Ilustração 6: Ilustração da Cigarra 90
Ilustração 7: Diagramação d´A Cigarra 104
Ilustração 8: Diagramação d´A Bruxa 112

SUMÁRIO

Introdução 12

Capítulo Primeiro: As principais revistas ilustradas cariocas na segunda metade do século XIX 17

Capítulo II: **O projeto editorial de Bilac: As revistas ilustradas A Cigarra (1895) e A Bruxa (1896-1897)** 34

1. A revista *A Cigarra* 38

A – *A Cigarra* e o seu projeto gráfico 41

B – Notas da redação 43

C – Outras seções fixas da revista 45

D – Contribuições literárias na revista *A Cigarra* 45

a - prosa 47

b – poemas .....

2. A Revista *A Bruxa* 48

A – Ilustrações n´*A Bruxa* 51

B – Contribuições literárias 54

Capítulo III: Seção Crônica 58

1. "Crônica" e os caminhos percorridos para a sua construção..... 58

2. A autoria e seus disfarces na voz do cronista 62

A – Fantasio e O.B. 68

3. Os assuntos de "Crônica" 71

A - Mulheres e as particularidades da vida social carioca 72

B - Literatura e a geração boêmia 77

C - Problemas sociais e política externa 82

4 - Linguagem e estilo 87

Considerações finais 93
Referências Bibliográficas 95
Anexos
A - Diagramação d´*A Cigarra* 104
B - Diagramação d´A Bruxa 112
C - Indexação das crônicas d´*A Cigarra* 120
B - Indexação das crônicas d´*A Bruxa* 125
C - Transcrição integral da seção “Crônica” da revista *A Cigarra* 133
D - Transcrição integral da seção “Crônica” da revista *A Bruxa* 188

INTRODUÇÃO

No final do século XIX, muitos escritores publicaram em vários periódicos cariocas a fim de ganhar destaque numa sociedade que, até então, não se interessava pelos debates literários que eles promoviam num círculo restrito. A empresa, por sua vez, recebia vantagens ao garantir um número maior de assinaturas pela presença dos homens de letras em suas colunas diárias.

Mesmo se tratando de uma atividade lucrativa, o trabalho desenvolvido na imprensa não era executado com descaso pelos escritores, que não se restringiam em "informar" leitores, mas ansiavam em difundir suas discussões e seus projetos de modo "formativo"; não se contentavam em registrar o que viam nas ruas, mais do que isso: queriam transformar o mundo como se essa fosse uma missão da literatura[1]. No entanto, não havia outras opções de trabalho e os escritores sujeitavam-se às publicações em periódicos para conseguir mais leitores e tentar sobreviver do que escreviam.

Segundo Leonardo Affonso de Miranda Pereira,

[1] MICELI, Sérgio. *Poder, sexo e letras na República Velha* (estudo clínico dos anatolinos). São Paulo: Editora Perspectiva, 1977.

> Se os mortais não podem subir ao Olimpo, pensaram provavelmente muitos desses literatos, restava aos deuses das letras descer à terra e pôr os pés na lama, pois urgia arrumar essa população confusa e primitiva, para que ela pudesse caber nas imagens da nação que eles se debatiam para formular.[2]

O jornalismo, sobretudo, foi um dos caminhos possíveis para que os imortais pudessem agregar leitores e saldar suas contas mensais como qualquer outro cidadão.

Olavo Bilac, por exemplo, abandonou o curso de medicina para se dedicar à literatura e às páginas dos jornais. Nelas, publicou muitas crônicas diárias e semanais em vários periódicos ao mesmo tempo; era um trabalho que lhe garantia recursos financeiros para seus gastos na velha capital brasileira.

Durante vinte anos de vida jornalística, Bilac publicou mais de 900 textos entre jornais e revistas de São Paulo e do Rio de Janeiro. Entre os jornais paulistas, destacam-se o *Diário Mercantil* (1887-1888) e *O Estado de São Paulo* (1897-1898) e, entre os periódicos cariocas, destacam-se *Cidade do Rio* (1888-1893), *A Notícia* (1894-1908), *Kosmos* (1904-1909) e *Gazeta de Notícias* (1890-1908).

Apesar de o jornalismo contribuir para uma vida financeiramente mais estável, Bilac se iguala a um grupo de intelectuais que não valorizava suas próprias crônicas, rebaixando-as perante seus poemas consagrados pela crítica. Ele as renegava para que não viessem a ser re-visitadas e publicadas posteriormente, e não viessem a fazer parte de sua renomada produção literária. Tanto é assim que em seus últimos anos de vida negou a tudo o que não assinou com o próprio nome e deixou registrado em testamento as devidas recomendações aos seus herdeiros para que respeitassem sua vontade de "apagar" esses textos desprezados pelo próprio autor.

Durante o período em que se dedicou à produção jornalística, Bilac deixou de herança três volumes de crônicas: *Crônicas e novelas* (1894), *Crítica e Fantasia* (1904), *Ironia e Piedade* (1916).

Após a morte do autor seu trabalho jornalístico serviu de tema para vários estudos devido a sua vasta e variada produção.

Um desses estudos é a obra de Antonio Dimas intitulada *Tempos Eufóricos* (1983), em que resgata crônicas publicadas por Bilac na revista *Kosmos* entre 1904 e 1909. Também

---

[2] PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *O Carnaval das letras*: Literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX. 2 ed. rev. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004, p.45.

houve o resgate das crônicas do parnasiano publicadas na *Gazeta de Notícias* na obra *Vossa Insolência*, de 1996.

Outra colaboração valiosa é a obra de Álvaro Santos Simões Junior que publica em livro sua tese de doutoramento, *A sátira do parnaso,* em 2006. O estudo aborda a poesia satírica de Olavo Bilac publicada em periódicos de 1894 a 1904.

Recentemente, Antonio Dimas transformou *Bilac, o jornalista* (2006)*,* tese de livre docência, em livro de três volumes; o primeiro contém ensaios sobre a vida e a obra do escritor, os outros dois transcrevem crônicas de diferentes periódicos. Ao todo, foram registradas 1654 crônicas, das quais 555 foram selecionadas por Antonio Dimas para que fizessem parte dessa antologia.

Dentre essas contribuições jornalísticas realizadas pelo poeta, já destacadas acima, há aquelas que Bilac publica nas revistas *A Cigarra* (1895) e *A Bruxa* (1896-1897) muitas crônicas do autor preenchem as principais seções das revistas e são regadas pela leveza e pelo humor ditados pelo próprio gênero.

A Cigarra e *A Bruxa* são citadas entre os periódicos que serviram de fonte primária para *Bilac, o jornalista*, mas pouco foi resgatado. D´*A Cigarra,* apenas 5 crônicas foram transcritas na obra de Antonio Dimas, todas elas extraídas da seção "Crônica". Já d´*A Bruxa,* 14 crônicas foram selecionadas e publicadas na antologia, sendo que destas 5 foram extraídas da seção "Crônica".

Embora haja um pequeno recorte nas transcrições, em *Bilac, o jornalista* há um resumo de todas as crônicas publicadas por Bilac durante o período em que atuou como cronista nessas revistas. No entanto, as crônicas publicadas n´*A Bruxa* nas edições de número 54, 61, 63 e 64 não foram registradas, pois os exemplares da revista não foram localizados pelo pesquisador.

Nesta dissertação, todas as crônicas publicadas nas duas revistas sob a epígrafe "Crônica" foram transcritas e todos os exemplares foram encontrados, exceto os números 63 e 64. N´*A Cigarra*, além de cronista, Bilac é o redator da revista desde o seu surgimento, datado de 9 de maio de 1895. Com inspiração na fábula de La Fontaine, as formigas da revista representavam os políticos, os diplomatas, comerciantes e banqueiros do Rio de Janeiro e as cigarras representavam os artistas, literatos e jornalistas.

Em 24 de outubro de 1895, Bilac publica pela última vez os seus textos na revista *A Cigarra*, sendo então substituído por Pedro Rabello. Em 7 de fevereiro de 1896 é lançado o primeiro número da revista *A Bruxa*, na qual Olavo Bilac aparece como redator responsável. Nela, também havia um espaço destinado à colaboração literária, que contava com a

participação de Júlia Lopes de Almeida, Machado de Assis e Alphonsus de Guimarães, entre outros, que enriqueciam o conteúdo d´*A Bruxa* em meio ao estilo gótico da diagramação da revista. *A Bruxa* era um periódico luxuoso impresso em papel especial para encadernação de suas edições em volumes anuais.

Na revista *A Cigarra* havia uma seção fixa denominada "Crônica", que fazia as vezes de editorial e era publicada num espaço privilegiado na segunda página da revista. Posteriormente, n´*A Bruxa*, Bilac utiliza o mesmo título para as suas crônicas, que também eram publicadas na segunda página do periódico e exerciam a mesma função.

Dentro deste estudo, são realizados um levantamento, uma organização e a compilação das crônicas de Olavo Bilac registradas na seção "Crônica" das revistas *A Cigarra* e *A Bruxa*, de forma a destacar o *corpus* delimitado. Este trabalho não é analítico interpretativo devido ao número excessivo de crônicas e a riqueza do material coletado, que viabiliza a vários caminhos de análise. O objetivo principal restringe-se a reunião, organização e a descrição das crônicas para que este material sirva de apoio e consulta para futuros trabalhos.

A dissertação é dividida em três capítulos: "As principais revistas ilustradas cariocas em meados do século XIX", "O projeto editorial de Bilac: as revistas ilustradas *A Cigarra* (1895) e *A Bruxa* (1986-1897)" e "Seção 'Crônica'".

No primeiro capítulo, realiza-se um panorama das revistas ilustradas cariocas e do contexto histórico a que pertencem, destacando-se *Revista Ilustrada, Mequetrefe, Lanterna Mágica, O mosquito, Semana Ilustrada, Brasil Ilustrado, Marmota Fluminense, Dom Quixote* e *Rio revista,* entre outras. Os ilustradores e redatores que compunham esses periódicos são ressaltados, bem como as técnicas utilizadas para a publicação. Nesse primeiro capítulo, pretende-se descrever o projeto editorial dessas revistas, que é inspirado nos moldes franceses, com o intuito de que essas revistas sirvam de cenário para que se possa abordar, nos capítulos seguintes, as revistas *A Cigarra* e *A Bruxa*.

No segundo capítulo, a dissertação aborda o projeto editorial de Bilac com a publicação das revistas *A Cigarra* e *A Bruxa*, de modo a enfocar aspectos do projeto gráfico dessas revistas como a diagramação, os tipos de ilustração e as cores utilizadas na publicação.

As notas de redação também são enfocadas, além de outras seções fixas dessas revistas. Por fim, o capítulo apresenta as contribuições literárias, prosa e poesia, nas revistas *A Cigarra* e *A Bruxa*.

No terceiro e último capítulo, o trabalho direciona-se para as crônicas publicadas na seção "Crônica", que serve de editorial dessas revistas. Inicialmente, destaca-se

a “Crônica” e os caminhos percorridos para a sua construção e o enfoque sobre a autoria e seus disfarces na voz do cronista.

Os assuntos de “Crônica” também são ressaltados e se desmembram em “As mulheres e as particularidades da vida carioca”, “Literatura e a geração boêmia”, “Problemas sociais e política externa” e “Linguagem e estilo”.

Após o estudo, as crônicas das revistas *A Cigarra* e *A Bruxa* são transcritas em anexo. Nelas, os destaques gráficos foram respeitados como, por exemplo, a utilização de termos em itálico; as citações em línguas estrangeiras e demais vocábulos estranhos ao cotidiano foram mantidos; a atualização ortográfica foi atualizada, havendo sempre cuidado para que não houvesse uma descaracterização dos textos.

Inicialmente, essas revistas foram consultadas em microfilmes do CEDAP – Centro de Documentação e Apoio a Pesquisa – da Unesp, *campus* de Assis, e do acervo pessoal do pesquisador Alvaro Santos Simões Junior.

Em seguida, todas as crônicas da seção “Crônica” publicadas nas revistas ilustradas *A Cigarra* e *A Bruxa* foram extraídas de fontes primárias de pesquisas. O levantamento das crônicas nas revistas foi todo apanhado no exemplar original, em papel, que se encontra no acervo de Obras Raras da UNICAMP. Esse material foi fotografado e digitalizado para que a leitura dos textos fosse nítida e as imagens não perdessem a sua cor original. O mesmo aconteceu com o primeiro ano da revista *A Bruxa*, localizada também na UNICAMP. Já os exemplares de 1897 d´*A Bruxa* foram encontrados somente no acervo pessoal de Alvaro Santos Simões Junior em microfilme.

Capítulo Primeiro

AS PRINCIPAIS REVISTAS ILUSTRADAS CARIOCAS NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX

> A imprensa é a vista da Nação. Por ela é que a Nação acompanha o que lhe passa ao perto e ao longe, enxerga o que lhe malfazem, devassa o que ocultam e tramam, colhe o que lhe sonegam, ou roubam, percebe onde lhe alvejam, ou nodoam, mede o que lhe cerceiam, ou destroem, vela pelo que lhe interessa e se acautela do que a ameaça.
> (Rui Barbosa in "A imprensa e o dever da verdade")

A história da imprensa no Brasil no século XIX é marcada por dois períodos: a fase artesanal, que se estende de 1808 a 1850, e a fase empresarial, de 1850 até o findar do século.

Em 1808 a família real portuguesa chega ao Brasil e traz consigo técnicas artesanais de impressão que serviram, mais tarde, para a impressão de documentos do governo, entre outras notícias sobre a Europa que pouco interessaram à população. A

imprensa, ligada à corte, era soberana e não admitia a publicação de outros impressos, com receio da desestruturação do poder monárquico. Segundo Isabel Lutosa, "Imprensa, universidades, fábricas – nada disso nos convinha, na opinião do colonizador."[3]

Aos poucos, o temor às novidades dá lugar à ânsia da coroa imperial de atribuir *status* político e econômico ao Brasil: o comércio é incentivado pela abertura de portos às nações amigas e muda radicalmente a vida e os costumes da antiga colônia.

A partir da busca pela liberdade, moldada no espírito positivista, constitui-se a liberação da imprensa, que serve de instrumento para difundir a pressão popular contra a política vigente.

Embora houvesse maior liberdade de expressão, essa imprensa, paralela ao governo, torna-se limitada pelo recurso financeiro precário dos donos de jornais, que não conseguiam manter sozinhos seus periódicos. A técnica artesanal de produção era um outro problema que dificultava a produção em massa; conhecido como *pasquim*, o jornal era confeccionado manualmente por uma só pessoa e restringia-se a uma ou duas colunas.

Outro agravante enfrentado pela imprensa é a ausência de leitores devida ao analfabetismo e ao desinteresse dos habitantes letrados, que se satisfaziam com os canais de comunicação informal disponíveis, vindos de uma imprensa local, ou por leituras das gazetas portuguesas que chegavam ao país.

Segundo Juarez Bahia, em 1850 a elite educada é pequena e não havia muitos leitores. Em 1867, apenas 10% das crianças em idade escolar tem acesso a matrículas e até o final do império e começo da República essa taxa sobe para apenas 14%, o que dificulta a produção cultural brasileira e o desenvolvimento da imprensa.[4]

Frente a essas dificuldades, a imprensa encontrou, mais uma vez, na expansão comercial um novo impulso que a projetou para uma nova etapa. Devido à extinção do tráfego negreiro, em 1850, apenas 15% a 20% da população era escrava e os cafeicultores necessitavam de trabalhadores para a produção de café que, na época, era o responsável por 75% das exportações brasileiras. A solução encontrada se deu pela migração européia que não só ampliou a produção agrícola como contribuiu para o crescimento da produção industrial e da diversidade na atividade cultural e artística.

---

[3] LUSTOSA, Isabel. *O nascimento da imprensa brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p.7.
[4] BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica:* história da imprensa brasileira. 4. ed. ver. e aum. São Paulo: Ática, 1990, p.108.

Os operários gráficos, com experiência no manuseio da tipografia européia, são rapidamente inseridos na imprensa com o intuito de melhorar a produção massificada dos periódicos:

> O progresso observado na imprensa se reflete no reequipamento dos jornais. O Rio é o centro da produção intelectual e renova-se com mais eficiência, transferindo para as províncias máquinas e impressoras de retiração manual enquanto experimenta as de movimento a vapor.[5]

Além da técnica, os artistas europeus inovaram a imprensa com a arte demonstrada na pintura, arquitetura e desenho. Da Itália, vieram os ilustradores Ângelo Agostini e Luigi Borgomainerio; da Espanha: Hastory, Casanova e Plácido Isasi; da França: Sebastien Auguste Sisson, Alfred Seelinger e Jacob Weingartner e da Alemanha Henrique Fleiuss. Em sua maioria, os ilustradores transferiram-se da corte portuguesa: Rafael Bordalo Pinheiro, J. R. Lobão, Alfredo Candido, João Alves do Vale de S. Pinto, Celso Hermínio, Vasco Lima e Julião Machado.

Não havia, no País, um mercado cultural simbólico, nem mesmo uma divisão concreta do trabalho intelectual, mas aos poucos a imprensa foi moldada pelas mãos desses estrangeiros e de intelectuais que acreditavam no mercado editorial e no poder desse veículo de comunicação como uma voz atuante que podia interferir no cenário social e político.

Inicia-se, a partir daí, a segunda fase da imprensa brasileira que sai do modelo artesanal precário para um estágio empresarial. A tipografia abandona o seu caráter artesanal para adequar-se a uma nova linha de produção e os raros leitores, diante das novas tecnologias, tornaram-se mais exigentes e os veículos de comunicação tendem a se sofisticar.

O primeiro avanço consiste na técnica litográfica, que se baseava na execução do desenho feito com lápis gorduroso e projetado às avessas sobre uma pedra calcária. Entre 1850 e 1860 a técnica cresceu cerca de 70% e foi adotada pelos profissionais que se dedicavam à atividade no Rio de Janeiro.

Com o tempo, a técnica foi substituída pela zincografia, que permitia que o desenho fosse executado sobre um papel especial com pena de ilídio e tinta autográfica. Em

[5] LUSTOSA, Isabel. op. cit. p.80.

seguida, o papel era prensado sobre uma placa de zinco e submetido a banhos graduados de água-forte que poupavam a superfície coberta de tinta.[6]

Em meio aos vários periódicos que nasciam, multiplicavam-se e não resistiam ao mal-de-sete-números[7], surgem as revistas[8], que se classificam em literárias, humorísticas, satíricas e científicas, entre outras categorias pouco citadas.

Nem sempre é possível diferenciar uma categoria de outra, pois em muitas revistas há a presença do humor, da literatura e das ilustrações. Um dos exemplos é notado a partir da produção humorística brasileira, sendo que a tendência nasce nos rodapés dos jornais semanais, dentro das histórias cômicas que jogavam com o burlesco, depois em efêmeros pasquins semanais, nas margens das obras dos próprios autores e, por fim, nas margens da própria produção escrita.

O humor e a literatura alcançam o âmbito das revistas ilustradas, que são carregadas de charges, ilustrações e textos leves e humorísticos, projetados a partir de modelos franceses, assim como a *Revue des Deux Mondes*:.[9]

> Afamada, assinada, adquirida, porém pouco lida. Ou melhor, consumida efetivamente por homens de letras. Sua configuração sólida, quase um livro, recheada de compenetrados artigos de gama diversificada de autores europeus, transformou-a em ícone do saber superior utilizado.[10]

Essa revista francesa tornou-se leitura habitual do imperador D. Pedro II e tinha no Brasil o maior número de assinantes fora da França. Em todo o mundo, ela consagrou-se como uma revista de qualidade entre as revistas ilustradas.[11]

---

[6] SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966, p.253.

[7] O "mal-de-sete-números" revela a dificuldade das revistas para se manterem no mercado, ou seja, devido aos recursos financeiros e tecnológicos adquiridos na época, as revistas mal chegavam ao sétimo número de publicação. Tal expressão alude ao tétano, doença que matava muitos recém-nascidos ao cabo de sete dias e era conhecida como "mal-dos-sete-dias".

[8] O termo "revista" deriva da palavra inglesa *review,* que foi utilizada pela primeira vez em 1705 com o sentido de "publicação periódica mais ou menos especializada". No século XIX, os dicionários da língua portuguesa o definem como título de certas publicações periódicas nas quais se divulgam artigos ou análise de determinados assuntos. Em geral, a revista é um veículo de comunicação publicado mensalmente e tem como sinônimos as palavras "magazine", "hebdomadário", "anais" e "boletins". Cf. OLIVEIRA, Ana Luiza M. Camargo. *Revistas em revista:* São Paulo (1890-1922). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp: Imprensa Oficial do estado, 2001, p. 40.

[9] A *Revue des Deux Mondes* é uma revista francesa que surgiu em 1831. Tal leitura foi consumida por leitores renomados: Machados de Assis, o próprio imperador D. Pedro II e Lima Barreto, que a guardava com os cuidados de um colecionador. Cf. OLIVEIRA. Ana Luiza M. Camargo.op. cit., p. 75.

[10] OLIVEIRA. Ana Luiza M. Camargo.op. cit, p.75.

[11] SODRÉ. Nelson Werneck. op. cit., p.175.

Por aqui, as revistas aderiram ao modelo e proliferaram-se por vários cantos, embora se concentrassem no Rio de Janeiro, um local onde havia o maior parque gráfico do país e agregava um número significativo de diferentes gêneros jornalísticos e literários. Segundo Elias Thomé Saliba. "No período imperial chegaram a circular cerca de sessenta revistas ilustradas no Rio de Janeiro, que misturavam, de forma peculiar, a charge com uma espécie primitiva de história em quadrinhos, numa produção extremamente rica e fértil."[12]

Após o nascimento da República, a imprensa adquiriu novas dimensões e inseriu, principalmente nas revistas, uma representação cômica da vida nacional. As revistas, de um modo geral, pretendiam atrair por sua diagramação os leitores existentes, inclusive os analfabetos, que poderiam apreciá-las através das ilustrações:

> Ao longo do século XIX, a revista tornou-se moda. Sem dúvida, essa tendência tinha uma explicação, referendada na Europa pela conjuntura propícia, definida pelo avanço técnico das gráficas, aumento da população leitora e alto custo do livro; favoreceu-a, definitivamente, o mérito de condensar, numa só publicação, uma gama diferenciada de informações, sinalizadoras de tantas inovações propostas pelos novos tempos. Intermediando o jornal e o livro, as revistas prestaram-se a ampliar o público leitor, aproximando o consumidor do noticiário ligeiro e seriado, diversificando-lhe a informação. E mais – seu custo baixo, configuração leve, de poucas folhas, leitura entremeada de imagens, distinguia-a do livro, objeto sacralizado, de aquisição dispendiosa e ao alcance de poucos.[13]

Esse fascínio do leitor brasileiro pelos padrões franceses era reflexo da tradição "francófila" que incorporava o uso do francês e consumia francamente a literatura francesa. O modelo francês influenciava a moda, a educação e o comércio brasileiro e por isso os periódicos cariocas aderiam ao formato, ilustração e conteúdo daquele "país modelo".[14]

As revistas ilustradas brasileiras surgem como uma nova fonte de informação por meio de uma linguagem mais atraente, ágil, destinada a obter uma comunicação mais eficaz. O projeto gráfico desenvolvido nessas revistas não era ingênuo; pelo contrário, trazia uma proposta gráfica pensada em termos visuais e conceituais. O diálogo entre a imagem e o texto possibilita uma comunicação imediata, capaz de atrair, inclusive, a população marcada pelo alto índice de analfabetismo.

---

[12] SALIBA, Elias Thomé. *Raízes do riso:* uma representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 38.
[13] OLIVEIRA, Ana Luiza M. Camargo. op. cit. p. 75.
[14] NEEDELL, Jeffrey. *Belle Epoque Tropical:* sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século. [*A tropical Belle Epoque:* elite culture and society in turn-of-century Rio de Janeiro]. Trad. Celso Nogueira. São Paulo: Cia das Letras, 1987, p. 230.

Principais revistas ilustradas cariocas em meados do século XIX[15]

Revista	Período de circulação	Proprietário	Ilustração
Lanterna Mágica	1844-1845	Araújo Porto Alegre	Rafael Mendes de Carvalho
Ilustração Brasileira	1854-1855	H. Fleiuss	Francisco Moreau
Brasil Ilustrado	1855-1876	-	Sébastien Auguste Sisson
Semana Ilustrada	1860-1876	H. Fleiuss	H. Aranha
O mosquito	1869-1877	Manuel Rodrigues Carneiro	Pinheiro Guimarães, Ângelo Agostini, Leopoldino Faria e Bordalo Pinheiro
Bazar Volante	1863-1866	A. Agostini	J. Mill
O Arlequim	1867	Próspero Ribeiro Diniz e Francisco de Paula BritoPrinci	J. Mill
Marmota na corte	1849-1852	Próspero Ribeiro Diniz e Francisco de Paula Brito	J. Mill
Marmota fluminense	1857	Próspero Ribeiro Diniz e Francisco de Paula Brito	J. Mill
A marmota	1857-1864	Francisco de Paula Brito	
Bat-ta-clan	1867-1871	-	J. Mill
Vida Fluminense	1889-1890	Agostini	Agostini
Psit!	1877	Bordalo	Bordalo
O Besouro	1878-1879	Bordalo	Rafael Bordalo Pinheiro
Revista Ilustrada	1878-1898	Agostini	Agostini, Pereira Neto, Hilarião Teixeira e Bento Barbosa
A Notícia Ilustrada	1880	Julião Machado	Julião Machado

A *Lanterna Mágica* (1844-1845) foi a pioneira entre as revistas ilustradas brasileiras. Publicada nas lojas de Paula Brito[16], à rua do Ouvidor, a *Lanterna Mágica* era luxuosamente impressa e distribuída aos seus assinantes aos domingos pelo valor de dois mil réis por trimestre. Seu conteúdo traria duas personagens importantes da época: Mrs. Belchoru

[15] SODRÉ, Nelson Werneck. op. cit.

[16] Francisco de Paula Brito foi um dos grandes empreendedores que dedicou seu trabalho às artes gráficas no Brasil. Em 1809 deu início a sua carreira empresarial com uma pequena tipografia. Com o tempo, abriu outras casas e lojas que se concentravam na publicação de livros e impressos (material de escritório, livraria e tipografia). Nas revistas ilustradas, Paula Brito encontrou um leque de oportunidades lançando-se em novos empreendimentos não tão lucrativos, mas, sobretudo, diversificado pelo interesse de redatores em lançar suas idéias editoriais em papel impresso. LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil.* Rio de Janeiro: José Olympio, 1963. p.845.

e Lavernu e tinha a orientação de Araújo Porto Alegre e as caricaturas de Rafael Mendes de Carvalho.[17]

Com o subtítulo "Periódico Plástico-Filosófico", *A Lanterna Mágica* apresenta-se de modo polêmico em suas primeiras páginas:

> Caríssimos leitores. Não é com o intuito de especular sobre a vossa amável bolsa, nem tampouco por amor desse vil metal, que os séculos apelidaram ouro, que vai comparecer ao tribunal das vossas vistas mais esta publicação (...) A *Lanterna Mágica* é filha de profundas convicções, é o teatro onde se representarão as principais cenas da nossa época, sem ressaibos de personalidades, e sem o intuito de fazer alusões a este ou aquele indivíduo: a cena das generalidades reinará no seu proscênio, e seus quadros representarão sempre os mesmos indivíduos, os mesmos atos revestidos somente do caráter que lhes der na oportunidade.[18]

Segundo Nelson Werneck Sodré, *A Lanterna Mágica* representou o primeiro avanço técnico na imprensa brasileira, além de proporcionar aos seus leitores uma crítica aos costumes da época, inclusive às mudanças ocorridas nos processos políticos.[19]

Em 1854 surge *A Ilustração Brasileira* sob a direção do alemão Henrique Fleiuss e com caricaturas de Francisco Moreau. Apenas oito números foram publicados naquele ano e, no ano seguinte, somente um no primeiro mês, sofrendo, conseqüentemente, do mal-dos-sete-números.

Em seguida aparece o *Brasil Ilustrado* (1855-1856), que trazia em suas páginas retratos e vistas brasileiras, ou seja, desenhos humorísticos de costumes sob a pena de Sébastien Auguste Sisson.[20]

A Semana Ilustrada (1860-1876), também publicada por Henrique Fleiuss, transformou-se num dos periódicos mais populares de sua época, sendo vendido a $500 o número avulso, aos domingos.

Nessa revista, Fleiuss serviu de porta-voz da monarquia que ditava as normas imperiais através das páginas de seu mais novo veículo de comunicação.

Em 1860, Fleiuss funda sua oficina de arte denominada Instituto Artístico, em conjunto com seu irmão Carlos Fleiuss e o litógrafo Carlos Linde. Três anos mais tarde, Pedro II assina um decreto para que essa mesma oficina fizesse parte do Imperial Instituto Artístico.

---

[17] SODRÉ, Nelson Werneck. op. cit., p. 179.
[18] LIMA, Herman. op. cit. p. 91.
[19] SODRÉ, Nelson Werneck. op. cit., p. 179.
[20] Ibid. p. 203.

Devido a essa estreita relação entre o intelectual e o poder público, a *Semana Ilustrada* transforma-se num projeto satírico-humorístico ofuscado pelas interferências monárquicas, uma vez que dependia financeiramente do poder.

A revista foi inspirada pela escola satírica européia de Horgarth e Rowlanson da Inglaterra do século XVIII e por Gustave Doré e Daumier no século XIX. A partir desses modelos, Fleiuss teve a idéia de criar uma dupla de personagens-símbolo da *Semana Ilustrada*: Dr. Semana e Moleque. O primeiro contemplou a face européia e representou na revista um personagem que contrasta o cômico e o sério: aplaude o bem e censura o mal praticado pela humanidade.[21]

Numa de suas páginas, em texto editorial, a *Semana Ilustrada* revela sua intenção:

> "Ríamos!" Dirão os editores, e com eles, o Dr. Semana, pois que o riso permite desmascarar esse teatro de aparência, "esse mundo movediço que se enfeita no espelho, e apregoa o seu valor extremo", mas que esconde "um lado vulnerável onde penetra o escalpelo da crítica". O ato de desmascarar - os outros, a si próprio, a sociedade, ou a "humanidade", como quer a *Semana Ilustrada* – sendo idéia cara à sátira, o propósito de trazer a público o "lado vulnerável de tudo" e de todos, tanto mais se intensifica, quando maior é a presença da imagem em vários setores da esfera social, na segunda metade do século XIX. Assim, o desmascaramento, se lembra a procedência do provérbio – divisa do periódico, ou seja, o teatro, cujo proscênio trazia, a partir do século XVII, a sentença latina como emblema, atualizada a intenção de castigar os costumes por meio do riso, é a *Lanterna Mágica* que se transforma em instrumento adequado à tarefa de Dr. Semana – "Passa a humanidade!" -, com maior garantia de "objetividade" e "neutralidade.".[22]

O segundo personagem-símbolo na revista de Fleiuss é o Moleque, um negro bem apessoado e capaz de ironizar a política da corte, de modo a representar a nota local. Tanto Dr. Semana quanto o menino escravo tendem a expressar temas diversos do cotidiano durante toda a circulação da folha carioca, que permaneceu atuante por 16 longos anos devido ao apoio externo da corte e aos lucros obtidos com as assinaturas, sem jamais denegrir a imagem imperial.

A *Semana Ilustrada* contou também com a ilustração de H. Aranha, Flumen Junior, A. Sielinger e Aurélio de Figueiredo.

---

[21] AZEVEDO, Silvia Maria. O Brasil nas imagens da *Semana Ilustrada* e *Ilustração Brasileira.* In: CAIRO, Luiz Roberto, SANTURBANO, Andréa, PETERLE, Patrícia, OLIVEIRA, Ana Maria D. de. (Org.). *Nas malhas da narratividade:* ensaios sobre a literatura, UNESP – Publicações, 2007, p.272.
[22] Ibid. p.273.

Além das ilustrações que se apropriavam de 4 das 8 páginas publicadas semanalmente a cada edição, na revista eram encontrados textos de vários escritores do período que adotavam pseudônimos.

Seus principais colaboradores eram Machado de Assis, Quintino Bocaiúva, Joaquim Nabuco e Bernardo Guimarães. Em especial, na Guerra do Paraguai, a *Semana Ilustrada* teve a participação dos correspondentes Joaquim José Inácio, Antônio Luís Von Hoonholtz e Alfredo d´Escragnolle Taunay.

Segundo a pesquisadora Karem Fernanda Rodrigues de Souza, a aplicação de um "personagem/narrador", encontrado tanto nos textos quanto nas próprias caricaturas da *Semana Ilustrada*, serve para expressar indiretamente a opinião de quem o publicou, sem interferir em sua imagem de homem social. Com o tempo, os escritores e artistas foram revelando-se a ponto de se perceber o quanto "este tipo de imprensa humorística ganhava *status* de seriedade – num gênero crescente – tanto no tratamento de seus temas quanto no público que atingia."[23]

Também Nelson Werneck Sodré comenta que:

> A *Semana Ilustrada* não era crítica, mas fazia campanhas como a instalação de rede de esgoto no Rio, abolindo-se o uso dos famigerados tigres. Amigo da casa imperial, que sempre prestigiou, como aos governos em geral, Fleiuss, grande desenhista e litógrafo, não era humorista nem crítico.[24]

Com isso, a revista sofreu agressões satíricas de chargistas como J. Mill, no *Bazar Volante*, Bordalo Pinheiro, n´*O Mosquito* (1869-1877), e Ângelo Agostini no *Arlequim* e *Vida Fluminense.*

A *Semana Ilustrada* viveu pouco mais de um ano, com algumas interrupções, e findou em 24 de novembro de 1865. Após essa revista, Fleiuss ainda propôs dois novos projetos editoriais: *A Ilustração Brasileira*, que tinha uma apresentação gráfica de qualidade, e em 1880 a *Nova Semana Ilustrada.*

Também de modo significativo, vale ressaltar a *Bazar Volante*, que se apresentava como um "bazar modelo" por sair da Litografia Imperial de Eduardo Rensburg

---

[23] SOUZA, Karen Fernanda Rodrigues de. *Ridendo Castigat Mores:* A *Semana Ilustrada* de Henrique Fleiuss e a formação da imprensa ilustrada no Brasil. Rio de Janeiro 1860 – 1876. Anais do XVII encontro Regional de História – O lugar da História. ANPUH/SP UNICAMP. Campinas, 6 a 10 de maio de 2004. CD – rom.

[24] SODRÉ, Nelson Werneck . op.cit., p. 205.

recheada de uma diversidade de "(...) coisas existentes, possíveis, imaginárias, e outras coisitas mais."[25]

O *Bazar Volante* tinha a cooperação artística de Joseph Mill e circulou de 27 de setembro de 1863 até 28 de abril de 1867. Contava com a colaboração de Henrique Aranha, A. Seelinger, Flumen Junius e Pinheiro Guimarães. A revista publicava charges políticas e de costumes, notas sobre teatro, charadas, além de literatura ligeira em prosa e verso.

Depois disso, passou a se chamar *O Arlequim* e contou com a colaboração artística de V. Mola. Em 1868, Ângelo Agostini[26] transformou-se noutro colaborador de *Arlequim,* pois abandonara São Paulo para dedicar-se aos periódicos cariocas.

Em seu primeiro número *O Arlequim* publica:

> O *Bazar* fecha hoje as suas portas. Seu proprietário cedeu ao *Arlequim* seus vastos salões, os quais vão passar por uma transformação apropriada ao uso que vai deles fazer daqui em diante. (...) *O Arlequim* é o filho predileto do *Bazar*, a quem este legou os seus teres e haveres como dizem as velhas. *O Arlequim* é a seiva que se renova, é o sol no oriente em manhã de primavera. Seu lápis é terrível, como uma seta, a sua pena é de Ateniense.[27]

A Marmota na Corte, por sua vez, foi publicada pela primeira vez em 7 de setembro de 1849 sob a direção de Próspero Ribeiro Dinis e Francisco de Paula Brito. Essa revista continha uma folha suplementar com um figurino litografado de Paris.

Em 21 de setembro de 1852, a revista passa a se chamar *Marmota Fluminense* e apresenta algumas inovações na Imprensa brasileira como a litografia e a gravura que a ilustrava, semelhante à técnica utilizada na Europa. *A Marmota na Corte* adota gravuras de qualidade sobre madeira e figurinos coloridos para atrair o público leitor.

De *Marmota Fluminense* a revista passa a se chamar simplesmente *Marmota.* Era breve e significativa e trazia como epígrafe: "dois vinténs a quem me quer".[28]

Outro atrativo das páginas da *Marmota* é a participação de Machado de Assis:

---

[25] LIMA, Herman. op. cit., p.98.

[26] Chegado ao Brasil da Itália em 1859, Agostini iniciou sua carreira em São Paulo, onde funda, com Luís Gama, o semanário *O diabo coxo* (1866-1867), que veio a ser substituído pelo jornal *O Cabrião* (1866-1867), fundado juntamente com Américo de Campos. Nesse período, Ângelo Agostini sofre perseguições políticas e muda-se para o Rio de Janeiro, onde funda a *Revista Ilustrada,* o *Mequetrefe* (1875), *Dom Quixote* (1895) e *A Vida Fluminense.* Também atua como colaborador em periódicos como *O Arlequim, O Tico-tico* e *O Malho.* In: SODRÉ, Nelson Werneck. op. cit., p.219.

[27] Ibid. p.100.

[28] SODRÉ, Nelson Werneck. op. cit. p.163.

> Em 1855, estreava na *Marmota,* timidamente, aos dezesseis anos, prestando homenagem ao jovem imperador, como era do bom tom na época, J. M. Machado de Assis. O jornal de Paula Brito anunciava romances e novelas anônimas, fabricadas aos montes para distrair o espírito das sinhazinhas e dos estudantes. Machado de Assis, órfão aos doze anos, fora levado à loja de Paula Brito pela necessidade de ganhar a vida. Ali perto, nas arcadas do teatro S. Pedro, vendia-se a literatura de cordel, a de maior circulação no tempo. Dali passaria à Imprensa Nacional, como aprendiz de tipógrafo, acolhido por Manuel Antônio de Almeida, que a dirigia. Continuava colaborando na *Marmota* e acumulava ali o serviço de revisão.[29]

Em 1875, o Rio de Janeiro pôde desfrutar do talento intelectual do português Rafael Bordalo. Nesse ano, Bordalo substitui Agostini na revista *O Mosquito* e modifica toda a estrutura gráfica do periódico: da capa de formato acadêmico europeu, utilizada por Agostini, à diagramação interna da revista, que introduziu a separação de matérias para modernizar conteúdos e dividi-los por vinhetas.

Outra inovação se dá pelo modo de inserir propagandas e anúncios comerciais nas principais seções da revista. Vale lembrar que Ângelo Agostini também criou algumas ilustrações de propaganda para suas revistas, mas isso não se compara ao feito de Bordalo, que ousou divulgar suas ilustrações de propaganda numa sociedade que caminhava timidamente para o consumo.

Em 1867, Bordalo já havia introduzido cores nas páginas da revista *Ba-ta-clan* e, posteriormente, em 1875, Agostini repete esse processo na *Vida Fluminense.* Essa técnica era interessante, embora fosse rudimentar: todo o desenho era colorido manualmente e só então litografado para a impressão. Um ano depois a técnica foi aperfeiçoada por Bordalo, que imprime o azul e o vermelho nas páginas de *Psit!* e *O Besouro,* fundadas por ele em 1877 e 1878 respectivamente.

A *Revista Ilustrada* (1876-1898), dirigida por Ângelo Agostini, tornou-se a grande revista da monarquia que dirigiu seu olhar para as questões sociais da época, privilegiando as campanhas abolicionista e republicana:

> [...] a 1º de janeiro de 1876, surgiu a sua *Revista Ilustrada,* um dos grandes acontecimentos da imprensa brasileira. Sua popularidade foi logo muito grande; aparecia aos sábados, vendida a 500 réis o exemplar, com as assinaturas anuais a 12$000 e 20$000, para a capital e para o interior, respectivamente. As assinaturas podiam ser tomadas na rua da Assembléia, 44, onde estava a sua oficina litográfica a vapor, ou à rua do Ouvidor, 65, na Livraria Garnier. A tiragem atingiu 4.000 exemplares, índice até aí não alcançado por qualquer periódico ilustrado na

[29] Ibid. p.163.

> América do Sul, regularmente distribuída em todas as províncias e nas principais cidades do interior, com assinatura por toda parte.[30]

Na primeira fase de circulação, que vai de 1876 a 1889, a *Revista Ilustrada* apareceu como um periódico independente, já que não aceitava anúncios e sobrevivia exclusivamente da vendagem dos números que editava e de serviços de litografia que prestava às demais publicações.

Ângelo Agostini manejou seu lápis como uma poderosa arma em prol da campanha abolicionista através da denúncia às torturas sofridas pelos escravos. O reconhecimento de sua importância editorial foi feito por Joaquim Nabuco, que deu à *Revista Ilustrada* o título de "Bíblia da Abolição dos que não sabem ler", e por Pires Brandão, que a chamou de "pedra da ara do altar da liberdade".[31]

Na *Revista Ilustrada,* Ângelo Agostini se autocaricatura e apresenta-se aos leitores como "Dom Beltrano", a fim de ordenar-lhes: " Vão, corram, observem bem o que se passa por aí e voltem a dar-me notícias de tudo quanto viram. O público fluminense é muito curioso e quer novidades mesmo quando não as há."[32]

Nos seus exemplares, a *Revista Ilustrada* cita vários periódicos e mantém com eles uma relação amigável. São eles: *Jornal do Comércio, O Globo, Diário do Rio, A Nação, Gazeta de Notícias, O Mosquito, O Fígaro* e *O Mequetrefe.*

No caso da amizade constituída entre a *Revista Ilustrada* e *O Mosquito* a relação termina melancolicamente assim que Agostini é substituído por Bordalo Pinheiro.

Ao ocorrer a troca, o novo editor realiza um processo de modernização do estilo editorial e inclui mudanças desde a capa e a diagramação dos textos até vinhetas e ilustrações das páginas com propagandas.

O artista português Rafael Augusto Bordalo Pinheiro, ao receber o convite de Manuel Rodrigues Carneiro, proprietário da revista *O mosquito,* extravasou seu anticlericalismo ao destacar a questão religiosa entre o Império do Brasil e a Santa-Sé.

Pereira Neto, Hilarião Teixeira e Bento Barbosa serviram de ilustradores para a revista de Agostini. As ilustrações assemelham-se às demais revistas daquele período: não possuíam uma estrutura de linguagem autônoma e necessitavam de textos para se

---

[30] SODRÉ, Nelson Werneck. op. cit. p. 217.
[31] Ibid. p. 218.
[32] *Revista Ilustrada*. Rio de Janeiro, 1º de janeiro de 1876. p.2.

apoiarem. No entanto, as ilustrações da *Revista Ilustrada* diferenciavam-se pela pluralidade de quadros e abundância de textos voltados ao debate de questões políticas.

Em seus primeiros números, o hebdomadário[33] de Ângelo Agostini contou com os colaboradores Medeiros e Albuquerque, Luís de Andrade, Artur Azevedo, Olavo Bilac, Gastão Bousquet, Vicente de Carvalho, Afonso Celso, Coelho Neto, Figueiredo Coimbra, Raimundo Correia, Alcindo Guanabara, Augusto de Oliveira, Guimarães Passos, Emiliano Perneta, Luís Rosa, Lafayette Silva, Alfredo de Sousa, Cruz e Sousa e Fontoura Xavier.

A partir de 1889, o editor Agostini viaja para a Europa e Pereira Neto assume a administração do periódico, iniciando a segunda fase da *Revista Ilustrada,* que se estende de 1889 a 1898. Nessa fase, a *Revista* apóia a República e abandona a caricatura.

Em 1894, o ilustrador português Julião Machado funda *A Notícia Ilustrada*, e em 1895 trabalha em parceria com Olavo Bilac na revista *A Cigarra* e, um ano depois, essa mesma dupla dirige a sucessora *A Bruxa.* Em 1898, Machado funda com Guimarães Passos a revista *Gil Braz.*

Em 1870, o sentimento de nacionalismo invade os periódicos e faz surgir a imprensa da abolição e da República. De 1880 até o final do século, o país é marcado pela crise da monarquia e pelas campanhas abolicionistas e republicanas, que invadem as páginas jornalísticas.

Segundo Alvaro Santos Simões Junior[34], a década de 80 foi marcada por jovens intelectuais que se engajaram no jornalismo, dentre eles, destacou-se o "grupo de José do Patrocínio" constituído pelos literatos Paula Nei, Luís Murat, Coelho Neto, Guimarães Passos, Emílio de Meneses, Pardal Mallet, Raul Pompéia, Pedro Rabelo e Olavo Bilac. Esse grupo tinha um caráter ideológico já que visava a uma política em prol da República e da Abolição.

A República se instala e com ela surge o choque de interesses políticos movidos por Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto. Tamanha intriga contribuiu para o fim do humor político e o desaparecimento parcial das revistas ilustradas.

A técnica industrial gerada no final do século possibilitou que as revistas cariocas abandonassem suas características artesanais para se tornarem uma nova empresa,

---

[33] O termo "hebdomadário" refere-se à publicação que aparece regularmente a cada semana. Cf. OLIVEIRA, Ana Luiza. op. cit. p.43.

[34] SIMÕES JR. Álvaro Santos. *A redefinição do trabalho intelectual no início do século XX*. In: PETERLE, Patrícia et. al. *Escritura e Sociedade: o intelectual em questão.* Assis: FCL-Assis-UNESP-Publicações, 2006, p.152.

capaz de transformar o "fazer literário" numa ferramenta de trabalho para a profissionalização dos jovens intelectuais daquele período. A novidade atraiu escritores para as redações jornalísticas e lhes garantiu uma função rentável e estável diante da precariedade daqueles que sobreviviam da criatividade de seus escritos.

Segundo Nelson Werneck Sodré, "os homens de letras buscavam encontrar no jornal o que não encontravam no livro: notoriedade, em primeiro lugar, um pouco de dinheiro, se possível." [35] Viver da atividade literária no Brasil tornava-se inviável economicamente a qualquer escritor e era vista não como uma profissão, mas exclusivamente como "devoção" ou simples "capricho de sonhadores".[36]

> No início da década de 1880, muitos dos jovens que faziam da literatura sua atividade principal sofriam na pele as conseqüências dessa desconsideração do trabalho literário. Compondo a primeira geração que tentava – muitas vezes sem sucesso – viver unicamente das letras, esses autores vêem seus sonhos esbarrarem na baixa remuneração oferecida pelo seu trabalho. Recebendo de 25 mil-réis a 35 mil-réis por crônica ou conto publicado – enquanto o aluguel de um pequeno apartamento no centro custava cerca de 100 mil-réis, e uma refeição para dois, 5 mil-réis -, esses escritores viam frustrada a expectativa de firmar no país sua profissão.[37]

Os valores financeiros atribuídos às obras literárias eram pouco significativos se comparados com o lucro adquirido com a publicação de textos em periódicos, visto que, além da rapidez com que esses textos eram produzidos por esses escritores-jornalistas, havia maior procura por editores de alma empresarial. A publicação de uma obra em livro não supria economicamente as necessidades básicas de um escritor-cidadão na sociedade carioca: *Helena*, publicada em 1876 por Machado de Assis, rendeu ao romancista apenas 600 mil-réis, bem como *Contos Possíveis,* em 1889, somou a Artur Azevedo pouco mais de 400 mil-réis.[38]

Em busca de melhores condições de vida, os escritores optavam pelos periódicos que lhes proporcionavam um meio lucrativo de profissionalização, prestígio social e um espaço que servia de amplo laboratório que, não raras vezes, foi utilizado para transportar suas melhores experiências para o livro.

Com a pena nas mãos e a "ideologia mercadológica" na cabeça, Aluízio Azevedo, Luís Murat, Coelho Neto, Pardal Mallet e Olavo Bilac conseguiram prestígio nas

---

[35] SODRÉ, Nelson Werneck. op. cit. p. 292.
[36] PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *O Carnaval das letras*: Literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX. 2 ed. rev. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004, p.36.
[37] Ibid.
[38] PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. op.cit. p.31.

páginas editoriais dos periódicos e tornaram-se funcionários do Governo do Estado do Rio de Janeiro em plena República.

Uma estratégia política inesperada desmorona os planos desses escritores-jornalistas. O Marechal Deodoro da Fonseca, acuado por escândalo financeiro, fecha o Congresso em episódio conhecido por Golpe da bolsa. Pouco depois, o vice-presidente Floriano Peixoto executa um contra-golpe e exonera dos cargos políticos todos aqueles que apoiavam o primeiro presidente da República.

Contrariados, esses intelectuais desenvolvem uma campanha contra Floriano Peixoto e acabam exilados para diferentes cantos do país.

Dois anos depois, ao sufocar a Revolta da Armada e a Revolução Federalista, Floriano Peixoto cede a presidência a Prudente de Moraes, que passou a representar os interesses dos grandes cafeicultores paulistas.

Assim, os intelectuais retornaram ao Rio de Janeiro a fim de retomar as carreiras jornalísticas interrompidas pela repressão política, sendo que essas carreiras foram impulsionadas pela expansão editorial da publicação das revistas e pelo número de leitores em expansão.

Em contracorrente, surgem no cenário carioca as revistas simbolistas *Rio-Revista, Galáxia, Tebaida* e *Vera Cruz*, que são projetadas pelos poetas Cruz e Sousa e B. Lopes, além de escritores e críticos como Gonzaga Dutra, Mário Perdeneiras, Bastos Tigre e Emílio de Menezes. Os lugares privilegiados do Rio de Janeiro foram tomados pelas rodas simbolistas.

Ao contrário dos parnasianos, que se multiplicavam em periódicos para obter um rendimento financeiro mais atrativo, os simbolistas mais radicais "não admitiam (ou não conseguiam, em virtude de os espaços estarem quase tomados por parnasianos) sacrificar os ideais estéticos pela possibilidade de viver da pena. Por abominarem a vulgaridade e zelarem pela sublime condição de poetas, dificilmente usariam a poesia como instrumento de propaganda como fez Bilac."[39]

A atenção do público leitor foi disputada pelos dois grupos, mas devido à desvantagem dos simbolistas, que dependiam de veículos efêmeros, os parnasianos venceram a tal batalha, pois tornaram-se populares nos periódicos de maior circulação e tiveram um reconhecimento provado pelo impulso na vendagem de livros:

---

[39] SIMÕES JR. Álvaro S. *Bilac em versos menores:* estudo crítico e histórico dos versos humorísticos de Olavo Bilac publicados na seção "O Filhote" da Gazeta de Notícias – 02 de agosto de 1896 – 28 de maio de 1897. Dissertação de Mestrado. Assis: FCL da UNESP, 1995, p. 33.

Capa da revista *Rio Revista*

> Que fizemos nós? Fizemos isto: Transformamos o que era até então um passatempo, um divertimento, naquilo que é hoje uma profissão, um culto, um sacerdócio; estabelecemos um preço para o nosso trabalho, porque fizemos desse trabalho uma necessidade primordial da vida moral e da civilização da nossa terra; forçamos as portas dos jornais e vencemos a inépcia e o medo dos editores...[40]

Após esse breve panorama das revistas ilustradas da segunda metade do século XIX, convém destacar que elas, embora estivessem ligadas a seu tempo e sua

[40] BILAC, Olavo. *Últimas conferências e discursos.* Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1927, p.78.

ideologia, não tiveram muitas seções fixas, se comparadas com as dos jornais, e os assuntos eram escolhidos com mais liberdade.

No entanto, boa parte dessas revistas ilustradas possuía uma crônica de abertura de caráter tradicionalmente programático que funcionava como um editorial que possibilita destacar a posição adotada pelo grupo editor diante dos fatos e assuntos relevantes:

> O indefectível editorial – em que o veículo expressa as suas opiniões – é um texto particularmente interessante de se analisar. Tendo como preocupação básica tratar de acontecimentos e temas do cotidiano, para comentá-los, baseia-se em um ideário relacionado ao contexto histórico em que o periódico circula. Aliando relato e comentário, o editorial funciona como um importante registro da época.
> Ao contrário dos artigos assinados (cujos autores costumam dispor de certo grau de autonomia para expressar posições) e das "notícias" (que não veiculam opiniões de maneira explícita), o editorial serve de intróito para cada novo número da publicação e expõe a sua linha político-ideológica. A cada novo número que vem a público, o editorial ilustra e reforça a tentativa da publicação em trazer o leitor sob sua influência.[41]

As crônicas nas revistas ilustradas, bem como as charges, eram condensadas de caricatura que visavam expressar de modo humorístico o retrato do país.

Assim, os cronistas podiam ampliar ou distorcer de modo depreciativo personalidades que se transformavam em personagens grotescos. Ao contrário da caricatura visual, a caricatura verbal não possui um efeito imediato e exige uma participação maior do leitor.

[41] CRESPO, Regina Aída. *Crônicas e outros registros*: flagrantes do pré-modernismo (1911-1918). Campinas: Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, 1990, p. 60.

Capítulo II

O PROJETO EDITORIAL DE BILAC:
AS REVISTAS ILUSTRADAS *A CIGARRA* (1895) E *A BRUXA* (1986-1897)

1. A revista *A Cigarra*

Bilac foi colaborador de vários periódicos de seu tempo, mas também se tornou um dos idealizadores da revista ilustrada *A Cigarra* e, sucessivamente, d´*A Bruxa.*

Em 1895, a revista *A Cigarra* é lançada pelo ilustrador português Julião Machado e pelo redator Olavo Bilac e administrada por Manoel Ribeiro Junior, o proprietário que confia a parte literária a O.B. e a artística a Julião Machado. Publicada semanalmente às quintas-feiras, ela proporcionava um grande número de ilustrações. Seu projeto gráfico visava a uma encadernação num volume de 420 páginas dos números do primeiro ano. *A Cigarra*

pretendia ser uma publicação ilustrada diferenciada no Brasil, de modo a atrair os escassos leitores da época:

A CIGARRA

Primeira página da primeira edição da revista *A Cigarra*. Rio de Janeiro, 9 de maio de 1895.

O título da revista de Manuel Ribeiro aludia à fábula de La Fontaine intitulada "A formiga e a cigarra".[42] As cigarras da revista eram representadas pelos artistas, literatos e jornalistas, enquanto as formigas da revista representavam os comerciantes e banqueiros da sociedade.

Tal afirmação pode ser claramente constatada a partir de uma charge, publicada na revista em 6 de junho de 1895, que revela, inclusive, nomes de artistas que simbolizavam a cigarra. A formiga era um símbolo dos comerciantes, políticos e diplomatas

[42] Eis a fábula de La Fontaine: "A cigarra, sem pensar/ em guardar,/ a cantar passou o verão./ Eis que chega o inverno, e então,/ sem provisão na despensa,/ como saída, ela pensa/ em recorrer a uma amiga:/ sua vizinha, a formiga,/pedindo a ela, emprestado,/ algum grão, qualquer bocado, / até o bom tempo voltar./ "Antes de agosto chegar,/ pode estar certa a senhora:/ pago com juros, sem mora."/ Obsequiosa, certamente,/ a formiga não seria./ "Que fizeste até outro dia?"/ perguntou à imprevidente./ "Eu cantava, sim, Senhora,/ noite e dia, sem tristeza."/ "Tu cantavas? Que beleza!/ Muito bem: pois dança agora..." No caso d´*A Cigarra*, jornalistas e literatos teriam um final mais vantajoso, visto que seriam sustentados por suas "formigas" durante toda a trajetória do periódico. In.: LA FONTAINE, J. *Fábulas de La Fontaine*. Trad. Angela Lago. Belo Horizonte: Itatiaia, 1992.

citados na charge, que serviam de apoio financeiro e davam garantia para a sobrevivência desse periódico.[43]

As condições de assinatura eram destacadas na primeira página da revista e seus valores eram altos em relação às condições de assinatura de outras revistas da mesma época e gênero. Enquanto o número avulso d´*A Cigarra* custava mil réis, a *Rio Revista* era vendida a 500 réis.

Segundo a própria revista, sua visão era empresarial; os editores estampavam suas intenções na primeira página do primeiro número:

> *A Cigarra* é um jornal ilustrado, que não tem programa nenhum e terá muitos assinantes. Esta cigarra vai cantar enquanto para isso houver forças; e as forças não faltarão enquanto o dinheiro chover dentro deste escritório, como já está chovendo.
> Amigos! O tempo dos românticos passou. Pode-se amar, ao mesmo tempo, o *calembourg* e o *patê de foie gras*, as facecias de *Gil Blas* de Santilhana e as apólices da dívida pública, os belos olhos de uma mulher e o seu dote. Nós estimamos a propriedade: no dia em que tivermos casa própria e uma tiragem de 200.000 exemplares, nem por isso nos consideraremos incompatibilizados com a Graça e a Alegria, fontes perpétuas do rejuvenecimento.[44]

A Cigarra visava ao lucro garantido por um novo investimento empresarial e era distribuída apenas nas principais bibliotecas e aos homens de letras em destaque no país. Para os que preferissem adquirir a revista gratuitamente, havia até uma estratégia comercial como forma de atrair novas assinaturas. "Há um meio cômodo, fácil, natural, delicioso de obter uma assinatura ilustrada no Brasil: é obter quatro assinaturas quites. Basta enviar à administração o importe das quatro assinaturas e o endereço dos quatro assinantes, para ter o direito de admirar de graça *A Cigarra"*.[45]

---

[43] Os nomes de artistas simbolizados pelas cigarras na charge são Machado de Assis, José do Patrocínio, Coelho Neto, Henrique Chaves, Martinho Garcez, Dermeval da Fonseca, José Mariano, Figueiredo Coimbra, Medeiros de Albuquerque, Thomaz Ribeiro, Arthur Azevedo, Salamonde, Guanabarino, Eugenio de Magalhães, Nilo Peçanha, Belmiro, Carlos Dias, Adelina Lopes d´Almeida e Francisca Júlia da Silva, entre outros. Para a galeria de comerciantes, políticos, financeiros e diplomatas, que eram representados pelas Formigas, a revista cita: Conde de Figueiredo, Prudente de Moraes, Piza e Almeida, conde Sebastião de Pinho, Mme. Guimarães, Manoel Ribeiro, Visconde de Guahy, Cândido Sotto Maior, Barão Drumond, madame Elisa Dreyffus, Silva Cotta A. de Siqueira, Visconde Ferreira d´Almeida, Freitas Brito, barão do Alto Mearim, Juca Florista, Celestino da Silva, Visconde de S. Luiz de Braga, Visconde de Carvalhães, Luiz Canedo, Azevedo Ferreira Cambyaso, Julio Braga, Paul Frontin, Carlos Sampaio, Barão d´Oliveira Castro, Leon Decaps, Francisco Portella e Luiz Rezende. In: *A Cigarra*. Rio de Janeiro, n.5, 6 jun. 1895, p.1

[44] *A Cigarra*. Rio de Janeiro, 9 de maio de 1895, p.2.

[45] Ibid. 27 de junho de 1895, p.1.

Desse modo, é possível perceber o propósito da revista regida pelas mãos empreendedoras de seus redatores, mesmo que esse novo investimento fosse irrisório se comparado com os avanços solidificados a partir do século XX.

Enquanto *A Cigarra* era lançada em maio de 1895 por Bilac, os simbolistas utilizavam-se da revista *Rio Revista* para combater os medalhões românticos, realistas ou parnasianos. Em seu editorial, a revista simbolista declarava:

> A *Rio-Revista* tem as suas páginas francas para todos os trabalhos que sejam o atestado de uma legítima organização artística e de uma percepção segura, minuciosa e nítida de arte.
> - Quanto aos trabalhos dos que se iniciam serão atendidas, para sua publicação, as causas que concorram para as folhas notadas no seu completamento, mas, desde que esses trabalhos revelem no todo uma individualidade artística possível de apuros.
> - Para o julgamento dos trabalhos enviados a esta *Revista*, está designada uma comissão de três membros, isentos de prevenções pessoais e de parcialidades ridículas e, muitas vezes, injustas, de grupo.
> - Mantida pela dedicação da maioria de seus colaboradores efetivos, a *Rio-Revista* não visa favores do público: fará o que estiver nos seus recursos para ser considerada pela seleção de seus trabalhos, e para se tornar simpática aqueles que fazem da Arte uma religião.[46]

No entanto, voltada simplesmente à própria ideologia e descartando uma visão mercadológica dos periódicos, a *Rio-revista,* assim como as demais revistas simbolistas, não conseguiu manter um sucesso editorial estável por recusar os anúncios publicitários, o que era demonstração do caráter marginal e inconformista desse grupo intelectual.

A Cigarra, por sua vez, manteve-se por vários meses, mas não foi poupada de um mal maior:

> Se por um lado, a resistência e a contestação à sociedade burguesa poderiam comprometer a sobrevivência dos periódicos simbolistas, por outro lado, a adesão incondicional aos valores burgueses não era garantia de longevidade. Na verdade, o obstáculo comum a ser vencido era o número modesto de leitores no Brasil.[47]

A idéia de uma revista ilustrada no Brasil foi inspirada em moldes franceses, principalmente pelo hebdomadário ilustrado *Gil Blas,* publicado em Paris a partir de 1891. A maioria das ilustrações no periódico era desenhada pelo suíço naturalizado francês Theóphile Alexander Steinlen (1859-1923). Entre os colaboradores destacavam-se Paul

---

[46] *Rio-Revista*. Rio de Janeiro, março de 1895, p.1.

[47] SIMÕES JR., A. S. Uma revista parnasiana: A Bruxa (1ª. série: 1896-1897). In: Primeiro Encontro Nacional de Pesquisadores em Periódicos Literários Brasileiros, 2003, Porto Alegre. *Periódicos literários*: anais das Jornadas e do Encontro Nacional. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica, 2003.

Verlaine (1844- 1896) na escrita de poemas e Aurélien School (1833-1902), Anatole France (1844-1924) e Marcel Prévost (1862-1941) na escrita de crônicas e contos.

Esse contato com os periódicos franceses foi provavelmente concretizado na viagem de Bilac, entre 1890 e 1891, à França, além de ser renovado graças aos exemplares que chegavam ao Rio de Janeiro. Assim também ocorre com o português Julião Machado, que visitou Paris em 1890, onde se adaptou às tendências francesas e adquiriu para sempre o *esprit gaulois.*

A - *A Cigarra* e o seu projeto gráfico

Apesar da semelhança entre *Gil Blas* e *A Cigarra*, a revista francesa publicava textos mais longos, enquanto a carioca era constituída de textos curtos acompanhados de vinhetas e outras páginas exclusivamente dedicadas à publicação de *portrait-charges* amplificativas e simplificativas[48]. Em cada número a revista destinava de 3 a 4 páginas somente para as ilustrações de Julião Machado, além dos desenhos que acompanhavam os demais textos publicados.

Das 272 páginas da revista publicadas de maio a dezembro de 1895, 102 delas foram destinadas exclusivamente às ilustrações. Contudo, essas ilustrações eram publicadas na primeira e na última página de cada edição, além das páginas 4 e 5, que compunham o centro da revista, formando, em algumas edições, uma única charge – uma espécie de pôster.

Em geral, a diagramação da revista dava destaque à seção "Crônica", publicada na página 2 e/ou 3, a seção "Política", na página 3 ou 4, seção "Teatros", publicada na 6ª ou 7ª página, além dos poemas e notas da redação, que eram distribuídos em qualquer outra página.

Segundo Mário L. Erbolato[49]:

---

[48] O *portrait-charge* é uma caricatura humorística que pode ser representada de dois modos: o primeiro de modo amplificativo e o outro de modo simplificativo. "Na maneira amplificativa, o artista se contenta em copiar fielmente *d´après nature* tudo o que, num rosto, é médio e conforme ao normal. Ao contrário, acentua fortemente tudo o que já é minúsculo ou mesquinho. Procede ao inverso do retocador de fotografia e, com zelo não menor do que o do retocador, agrava as imperfeições, em vez de atenuá-las. Quando adota a maneira simplificativa, o artista, na silhueta de seu *bonhomme* inscreve, sem exagerar, os traços característicos, mas só inscreve esses. Põe de lado todos os detalhes inúteis, todos os que não podem, de maneira alguma, concorrer para a semelhança." In: LIMA, Herman. op. cit.

[49] ERBOLATO, Mario L. *Jornalismo Gráfico.* São Paulo: Loyola, 1981, p.51-68.

> Diagramar é desenhar previamente a disposição de todos os elementos que integram cada página do jornal ou revista. É ordenar, conforme uma orientação predeterminada, como irão ficar, depois de montados e impressos, os títulos, as fotografias, os anúncios, os desenhos e tudo o mais a ser apresentado e outras especificações complementares.

Dessa forma, *A Cigarra* distribuía em suas páginas um padrão de representação gráfica que ligava harmonia e técnica, ou seja, o desenho e a escrita através das técnicas propícias ao periódico para a construção de sua identidade.

As ilustrações publicadas n´*A Cigarra,* embora estejam projetadas dentro das dimensões exatas dos espaços determinados da página como um arranjo visual gráfico, não são completas ou representam-se por si só; pelo contrário, elas embelezam devido às suas características imagéticas, mas não carregam uma carga emocional e informativa de uma ação ou de um fato qualquer de forma que seja possível dispensar outro tipo de informação; os desenhos de Julião Machado sempre são acompanhados de textos, títulos ou legendas.

Nesse espaço, Julião Machado ora homenageava, ora satirizava situações vivenciadas pelos políticos e homens de letras. Entre os homenageados, destacam-se José do Patrocínio, Tomás Ribeiro, Marques Guimarães, Aridião Durval, João Chagas, a atriz Olga Giannini, Mariano Pino, o tenente J. C. C. e o escultor italiano Virgilio Cestari, autor da estátua de Tiradentes em Ouro Preto. Os jornais *O Paiz* e a *Cidade do Rio* também foram lembrados com louvor.

Em contrapartida, foram publicadas nesse espaço muitas críticas a diferentes assuntos. O comércio, os banqueiros, o comportamento dos apreciadores da vida noturna, a ação policial nas ruas cariocas, os teatros e a política: tudo era motivo de inspiração para o lápis do ilustrador, inclusive grandes órgãos da imprensa como o *Jornal do Comércio*, *O Paiz* e a *Gazeta de Notícias*, que foram criticados pelo mau uso da sintaxe.

Segundo Herman Lima, Julião Machado foi exemplo de artista que se destacava pela beleza da composição e perfeição do acabamento. A esse respeito, cita um trecho do livro *Louvores*, de João Luso, sobre o ilustrador:

> Julião manejava o lápis, o nanquim, o guache, o pastel, com a mesma presteza e graça peregrinas. Às vezes levava de manhã à noite, preguiçando, a fumar, a reler páginas dos Goncourts, de Flaubert, de Eça de Queirós ou de Machado de Assis, e só no derradeiro instante, possível, quando a remessa da obra já começava a ficar atrasada – alta noite em certos casos, em outros já de madrugada, Julião depunha o livro, acendia mais um cigarro, abancava diante da vasta prancha imaculada. E geralmente, após alguns minutos ainda de indolência e rebeldia, aquela mão se galvanizava, se arremessava, se precipitava na mais intensa faina criadora. Debaixo do lápis ditosamente febril, surgiam as figuras logo animadas, falando e dizendo tudo o que tinham a dizer. Havia em muitos casos um pedaço de imagem, uma parcela de assunto ou a sua perfeita explicação. Julião tinha desses lampejos verdadeiramente superiores, esses raios de luz divina que abrangem um mundo de concepções e de emoções, como um relâmpago alumia o mais vasto panorama e todo o céu que o cobre. E quem o olhasse,

debruçado sobre a prancha, o cigarro entre o indicador e o máximo da mão esquerda, o lápis vibrando sobre a bela página nascente – podia ter a certeza de ver um homem absolutamente feliz.[50]

No sétimo número, datado de 20 de junho de 1895, aparece a colaboração do ilustrador Belmiro de Almeida, em meia página, que faz referência aos tipos da rua do Ouvidor com os seguintes versos: "Do câmbio emblema aparece/ do João Bruno a Cartolinha:/ quanto mais o câmbio desce/ tanto mais ela definha*".*[51]

Outra ilustração é publicada no dia 27 de junho, no oitavo número d´*A Cigarra*; recebe o título de "Fantasia de Inverno" e é assinada pelo pseudônimo "O Grog".

Ilustração: Belmiro de Almeida

Ilustração: Grog

Figueiredo Pimentel foi outro colaborador importante n´*A Cigarra,* de modo a transportar suas vinhetas, posteriormente, para a revista *A Bruxa.* Em boa parte das seções dessas revistas, os desenhos de Pimentel estavam presentes; "as crônicas de Olavo Bilac, na sua colaboração da *Cigarra* e da *Bruxa*, também são entremeadas de deliciosas

[50] LIMA, Herman. op. cit., p.29.
[51] *A Cigarra*. Rio de Janeiro. 20 de junho de 1895, p.2.

vinhetas de sua autoria, bichos, pássaros, gnomos e feiticeiras"[52] e davam um toque de sofisticação aos textos do parnasiano.

As cores verde, rosa, vermelha, laranja e amarela predominavam nas páginas d´*A Cigarra*, que variava a tonalidade e o efeito para ressaltar os desenhos, principalmente os desenhos duplos que recheavam a revista.

B - Notas da redação

Algumas notas eram publicadas geralmente no canto inferior direito das páginas da revista. Elas serviam para anunciar as futuras contribuições n´*A Cigarra*, a chegada de artistas ao Rio de Janeiro, a publicação de novos livros e outros periódicos e a realização de encontros de literatos de que participavam seus colaboradores e amigos parnasianos.

Os colaboradores anunciados pela *Cigarra* foram Júlio Reis, Coelho Neto, Belmiro de Almeida e Luis Murta, que publicaria um poema inédito denominado "Alma Dolente", e Ferreira de Araújo, que participaria com seu conhecido pseudônimo Lulu Sênior.

Vários fragmentos de obras foram citados pela revista, mesmo não sendo publicados por ela posteriormente.

Há uma nota em que é noticiado um jantar em comemoração ao lançamento da obra *Livro de uma sogra*, de Aluísio Azevedo:

> Fausto Cardoso, no último sábado, ofereceu a Aluísio Azevedo, em regozijo pela publicação do *Livro de uma sogra*, um banquete, no Globo. Jantaram ali, numa doce convivência, Aluisio, Machado de Assis, Ferreira de Araújo, Valentim Magalhães, Arthur Azevedo, Souza Bandeira, José Veríssimo e mais alguns homens de espírito. No dizer de Sr. Bartholomeu dos Martyres, foi jantar de muita vaca e riso. Não houve brindes. Em compensação, houve crítica literária, anedotas, confidências e alegria a rodo. *A Cigarra* não pôde comparecer. Mas, ainda assim, agradecendo o convite que recebeu, envia daqui saudações ao festejado romancista.[53]

Também foram contemplados nas páginas d´*A Cigarra*, o terceiro ano do *Correio da Tarde*, o quinto

[52] LIMA. Herman. op.cit., p.626.
[53] *A Cigarra.* Rio de Janeiro, 24 de maio de 1895, p. 7.

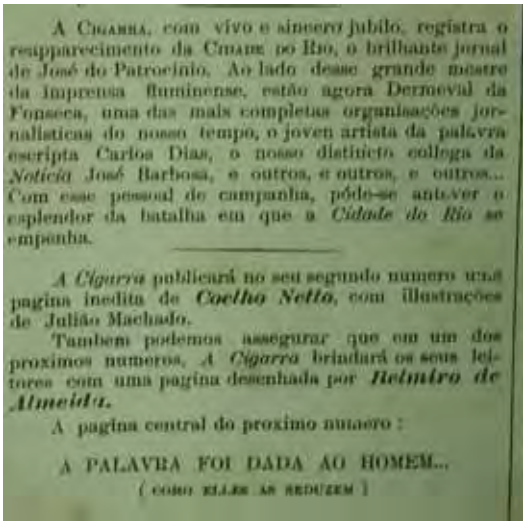
aniversário da companhia de seguro de vida A Educadora e o reaparecimento do jornal a *Cidade do Rio*, sob direção de José do Patrocínio.

Outras notas destacam-se pela ironia. É o caso do acidente ocorrido com o menor Antonio Ferreira Martins, noticiado anteriormente pela *Gazeta de Notícias* no dia 9 de maio de 1895:

> Ontem às 5 ½ horas da tarde, na rua de Santa Luzia, o menor Antonio Ferreira Martins, de 13 anos de idade, dirigindo um gracejo ao português Francisco Antonio Mesquita, no qual bateu levemente com uma bengala, foi por este gravemente ferido na cabeça com uma garrafa de leite que conduzia, o que o fez cair sem sentidos.
> O menor foi remetido para o hospital da Misericórida, sendo lavrado auto de flagrante contra o ofensor.
> Afinal provou-se que a culpa não foi do Francisco Antonio mas da garrafa de leite que ele conduzia e que tomou o freio nos dentes.[54]

Nessas notas da redação, o leitor era informado sobre os principais assuntos da semana, servindo de panorama político, cultural e social acerca da vida da elite carioca. Bem como as ilustrações de Julião Machado, tais notas alfinetavam e elogiavam personalidades do Rio de Janeiro, dependendo significativamente dos interesses da redação que lançava a revista como um produto financeiramente rentável.

[54] *A Cigarra*. Rio de Janeiro, 12 de dezembro de 1895, p. 7.



A CIGARRA, com vivo e sincero jubilo, regista o reapparecimento da CIGARRA do Rio, o brilhante jornal de José do Patrocinio. Ao lado desse grande mestre da imprensa fluminense, estão agora Dermeval da Fonseca, uma das mais completas organisações jornalisticas do nosso tempo, o joven artista da palavra escripta Carlos Dias, o nosso distincto collega da *Noticia* José Barbosa, e outros, e outros, e outros... Com esse pessoal de campanha, póde-se antever o esplendor da batalha em que a *Cidade do Rio* se empenha.

A Cigarra publicará no seu segundo numero uma pagina inedita de **Coelho Netto**, com illustrações de Julião Machado.

Tambem podemos assegurar que em um dos proximos numeros, *A Cigarra* brindará os seus leitores com uma pagina desenhada por **Belmiro de Almeida**.

A pagina central do proximo numero:

A PALAVRA FOI DADA AO HOMEM...

(COMO ELLES SE REDUZEM)

Nota extraída da página 7 do primeiro número da revista.

C - Outras seções fixas da revista

A revista mantinha três seções fixas: "A Política", "Teatros" e "Crônica", todas escritas por Olavo Bilac.

A seção "A Política" era assinada pelo pseudônimo L.F. até o número 25 do periódico. A partir de 31 de outubro a coluna passa a ser assinada por Marcial, um outro autor.

No primeiro número da revista, o cronista ressalta: "Atenção! De lápis em punho, e ouvido alerta, inauguremos esta crônica política."[55]

Nessa seção discutem-se política interna e externa, entre outros assuntos. Sobre o país, o cronista aborda as discussões dos deputados e se diz observador dos projetos aprovados pelos parlamentares, como alguém

[55] *A Cigarra.* Rio de Janeiro, 23 de maio de 1895, p.3.

que analisa de muito perto tais assuntos da política nacional:

> É o que se está dando na câmara e no senado. Os jornais, é verdade, começam a tomar a sério as discussões. Que tolice! Pensam que o discurso do deputado X foi pensado, medido, preparado de véspera? Não há tal! Aquilo foi uma clarineta que se desentupiu. Pensam que a oração do deputado Y foi dita com consciência do cantor que vê a sala cheia, a comê-lo com os olhos? Não há tal! Aquilo foi um tenor que garganteou nos bastidores.[56]

O cronista se diz contrário aos pensamentos arcaicos do povo que vive com os fantasmas do Sebastianismo. Um desses fantasmas é o próprio receio que as pessoas tinham em relação à vinda da República, a qual o cronista defendia em todos os momentos em que a mencionava.

Vale lembrar que o cronista utiliza "Sebastianópolis" para salientar o seu pessimismo diante dos costumes cariocas e inclusive para criticar os hábitos renegados por ele no mundo da política, da Igreja e da sociedade em geral. Quando a então Capital Federal é citada pelo nome próprio de Rio de Janeiro nota-se o apreço e amor pela cidade, que é vista então por uma perspectiva positiva.

No segundo volume da obra de Antonio Dimas intitulada *Bilac, o jornalista,* há um "Índice de sumários" com o resumo de todas as crônicas escritas por Bilac. No entanto, a seção "Política" não aparece quando o autor faz menção à *Cigarra*, da qual são citadas apenas as seções "Crônica", "Teatros" e outras menos importantes da revista. Na crônica escrita em 26 de setembro

[56] Ibid.

de 1895, o cronista indica sutilmente a autoria da seção:

> Quando reli a minha última crônica, fiquei espantado. Achei-lhe um ar solene de artigo de fundo, e pasmei, vendo que a minha velha pena, tanto tempo arredada da arena política, ainda era capaz de pingar sobre o papel tanta cousa séria... Que estilo! Que idéias! Que circunspecção! Que gravidade! Decididamente, volto a entregar-me de corpo e alma à política.
> Vem aqui a pêlo fazer uma declaração, pela qual muita gente espera.
> Não há leitor d´*A Cigarra* que não deseje saber quem é L.F. – Não direi quem sou: mas direi quem não sou. Quando o meu amigo Olavo Bilac me pediu que tomasse conta desta seção d´*A Cigarra,* ponderei-lhe que os meus cabelos brancos ficariam mal aqui. "*A Cigarra* é moça e jovial! que posso eu, já tão velho, fazer dentro dela?" – Mas, Bilac, que sabe, quando é preciso, adular e mentir, disse-me, entre dous abraços: "Deixe-se disso, doutor! *A Cigarra* é até capaz de dar mocidade à atriz Ismênia!" E, pois, entrei para *A Cigarra* onde, forçando a minha índole, tenho procurado ser alegre e moço... Infelizmente às vezes, como no passado número, o conselheiro Acácio, que há dentro de mim, surge com todo o seu dogmatismo rebarbativo, e todas as suas pesadas maneiras. E o meu amigo Bilac está pagando caro a impertinência com me obrigou a vir para aqui fazer de moço: as populações, não atinando com o meu nome, já dizem que *L.F.* é ele, - ele, Bilac. Coitado!
> Fiquem as populações sabendo que entre Bilac e L.F. há um abismo. Ele tem vivido a fazer versos e eu tenho vivido a fazer artigos de fundo. Não insultem o rapaz, não magoem o poeta. E, se querem saber o meu nome e completar as minhas iniciais, procurem um Almanaque Laemmert de 1889, que acharão o meu nome entre os deputados da penúltima câmara do império. E, dito isto, vamos ao Amapá.[57]

Na seção intitulada "Teatros", Olavo Bilac, sob o pseudônimo Puck, comenta muito mais os costumes cariocas do que prioritariamente o teatro. Tanto é assim que a mesma seção foi substituída no seu 21º número por um novo título: "Vida Noturna", para o que se apresentou a seguinte justificativa: "Esta seção andou errada, desde o seu começo, chamando-se "Teatros". Nem só os teatros enchem a noite para regalo desses animais exóticos, a que a sociedade dá o nome de notívagos. Não me pejo de dizer que pertenço a essa espécie animal.[58]

De acordo com Flora Süssekind, não havia ainda uma distinção clara

[57] *A Cigarra.* Rio de Janeiro, 26 de setembro de 1895, p.3.
[58] Ibid. p.7.

das funções de crítico, ensaiador ou promotor de espetáculos e, ainda segundo essa autora, a figura do "crítico especializado" surge no Brasil somente na década de 40 do século XX. O que era escrito n´*A Cigarra* se enquadra, portanto, como gênero híbrido, misto de crítica e de crônica.

> No caso de Bilac sequer se pode falar em crítica-crônica. O primeiro elemento da expressão, a crítica, se dilui por completo. E mesmo a crônica não trata propriamente de teatro, mas de como deveriam ser os trajes dos espectadores, as noites elegantes no Lírico e coisas do gênero. Nem se trata de crônica teatral, portanto. E sim de crônica mundana.[59]

D - Contribuições literárias na revista *A Cigarra*

A revista *A Cigarra*, além de ilustrada, pode ser classificada também como um periódico literário. Suas páginas eram constituídas de vários textos literários classificados em fragmentos de romances, canções, crônicas e poemas.

Os escritores que publicavam esses textos já que eram amigos íntimos do redator Bilac, já que muitas vezes a revista servia de espaço para a divulgação do trabalho desses artistas. Em outros casos, a revista cedeu espaço a textos simbolistas como os poemas "Sangrina", de B. Lopes, publicado em 19 de setembro de 1895, "Flor e fruto", de Figueiredo Coimbra, em 5 de dezembro de 1895, e "Estâncias dum louco" de Figueiredo Pimentel, também em 5 de dezembro do mesmo ano, e a narrativa "Os novos", de Cláudio Souza, publicada em 17 de outubro de 1895.

a - Prosa

A revista *A Cigarra* era contemplada com muitos textos vindos de colaboradores ocasionais. Esses textos eram contos, fragmentos de romance e crônicas.

---

[59] SUSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de Letras:* literatura, técnica e modernização no Brasil. São Paulo: Cia. das Letras, 1897, p.22.

Os escritores iniciavam um movimento voltado à profissionalização e ao reconhecimento dos direitos autorais. Dessa forma, as contribuições literárias tornaram-se remuneradas pelos jornais e vinculadas ao projeto ideológico dos grandes empreendedores.[60]

Um dos colaboradores desse periódico foi o escritor Coelho Neto, com 8 textos em prosa. Sua primeira contribuição se deu no segundo número com um fragmento do romance inédito *O rei fantasma,* estampado nas páginas 3 e 6 daquele número, com ilustrações de Julião Machado, conforme anunciado logo no primeiro número.

No dia 18 de julho de 1895, no 11º número, o conto "A folha de figueira" foi publicado nas páginas 6 e 7, sendo assinado, dessa vez, pelo pseudônimo Caliban.

Depois disso, os textos de Coelho Neto reaparecem no 17º número, no dia 29 de agosto, com o fragmento de *Deodoro, Cânticos* em 5 de setembro (n. 18), *Cancioneiro III e IV* em 12 de setembro (n. 19), *Cancioneiro V e VI* no dia 26 de setembro (n. 21), *Cancioneiro VI* em 3 de outubro (n. 22) e *Cancioneiro VIII* em 17 de outubro (n. 24). Coelho Neto assina todos eles com seu próprio nome.

Com a saída de Olavo Bilac, a colaboração desse escritor desaparece, deixando espaço para outras.

No número 7 da revista é publicado um fragmento do romance *Livro de uma sogra*, de Aluísio Azevedo. Numa edição anterior à publicação, *A Cigarra* ressalta a colaboração do escritor:

> No próximo número (n.8) publicaremos um admirável trecho inédito do ilustre romancista nacional Aluízio Azevedo. É um fragmento do seu novo romance *Livro de uma sogra*, atualmente no prelo, e ainda inteiramente desconhecido do público. Essa página inédita é admirável de observação e de estilo. Já vê o público que *A Cigarra* o está presenteando com a colaboração dos mais ilustres representantes da literatura e da arte do Brasil[61]

[60] SIMÕES JR., Álvaro dos Santos. Uma geração que sonhou viver da literatura. *Pós-História.* Assis, v.6, p.87.
[61] *A Cigarra.* Rio de Janeiro, 20 de junho de 1895, p. 1.

Após o elogio do romancista, o periódico afirma ter recebido vários exemplares de várias publicações daquele período e procura explicar o seu silêncio:

> Não temos por ora espaço que chegue para análise dos livros que nos são enviados. Mas, como Deus é grande e o favor público é o seu profeta, esperamos dentro em pouco ter inauguradas à larga, na folha aumentada, todas as seções indispensáveis à boa organização de uma publicação deste gênero.[62]

Em 25 de julho, no 12º número, a revista recebe novamente a colaboração de Anselmo Ribas com o conto "Idílio rústico" às páginas 3 e 6. O conto "Os anões feiticeiros" de Heitor Vasco, no número 18, também se destaca por ser voltado para as crianças da época.

Outro texto é denominado "Os novos", de Cláudio Souza, publicada no número 24.

A partir do 26º número, de 31 de outubro, sob a direção de José Barbosa e com a chefia de redação de Pedro Rabelo, são publicadas as seguintes narrativas: "Em Pleno", 31 de outubro (n. 26), assinada por Marcial, "Cravos Brancos", escrita em 21 de novembro (n. 29) por Próspero, "Iscariote" por Collatino Barroso, em 19 de dezembro de 1895.

Além disso, muitos simbolistas contribuíram em *A Cigarra* de forma sutil, não havendo propriamente um "bloqueio" à estética simbolista, embora as revistas privilegiassem a poesia parnasiana e grupos intelectuais cariocas com afinidades pessoais com o editor Bilac.

b - Poemas

Trinta e um poemas foram publicados no primeiro ano d´*A Cigarra*. Os autores desses versos foram Filinto d´Almeida, Manuel Duarte de Almeida, Arthur Azevedo, Olavo Bilac, Rodrigues de Carvalho, Sandes Gama, Marcial, Emílio de Menezes, Luís Murat, Rui Pardo, Guimarães Passos, Pedro Rabello, Álvares de Azevedo Sobrinho, Teixeira e Souza, Adelina Lopes Vieira e Damasceno Vieira.

O primeiro poema, intitulado "Nota Alegre", foi estampado no dia 23 de maio de 1895, na 3ª edição da revista, por Sandres da Gama.

---

[62] Ibid.

Entre os que mais colaboraram no periódico destacam-se Guimarães Passos com 4 poemas, "Iceberg" (10 out.), "Eu, pecador" (3 out.), "Misteriosa" (25 jul.) e "Salve rainha" (24 out.), e Pedro Rabello, também com 4 poemas, dois deles sob a rubrica "Do intermezzo" (21 out. e 31 out.) e os outros dois denominados "Frio" (26 dez.) e "Ténebras" (12 dez).

Em 30 de maio, na 3ª página, é registrado o poema "O Vinho", um dos últimos sonetos do poeta Dias da Rocha Filho, falecido naquele período na cidade de Paraíba do Sul. Logo abaixo dos versos, há uma nota sobre a família e uma homenagem ao poeta: "*A Cigarra* deve o original dessa formosa composição a um obséquio da família do malogrado moço, que tão fundas saudades deixou entre os seus companheiros de letras"[63]

Luis Murat também publica dois poemas inéditos n´*A Cigarra,* em 15 de agosto, no 15º número, intitulados "A minha irmã" e "Alma Dolente". Felinto d´Almeida publica "Balada Medieval".

Teixeira e Souza, por sua vez, remete à revista uma carta e um poema, que são publicados no dia 29 de agosto após a seguinte nota da revista:

> A esta linda carta, endereçada à A Cigarra, juntou o nosso ilustre amigo Teixeira os seguintes versos que inserimos agradecidíssimos, para maior glória da nossa boemia Cicada, que se enche de orgulho, vendo em tão belas rimas a ser celebrada a Nova Cigarra de Anacreonte.[64]

A única colaboração feminina em todos os números se deu pela presença do texto "Os velhinhos", de Adelina Lopes Vieira, no 23º número da revista, datado de 10 de outubro de 1895.

A partir do número 19, de 12 de setembro, a direção da revista é assumida por José Barbosa, a quem seria dirigida toda a correspondência literária e administrativa. Em outubro de 1895, Olavo Bilac é substituído por Pedro Rabelo na função de redator, mas continuou a assinar "Crônica".

Em nota estampada na primeira página, o periódico informa:

> Toda correspondência de redação deve ser dirigida a Pedro Rabello, diretor literário, e todas as reclamações, pedidos de assinaturas, propostas de agências nos Estados, e mais negócios relativos à gerência da *Cigarra* devem ser tratados com José Barbosa, diretor-gerente[65]

---

[63] *A Cigarra*. Rio de Janeiro, 30 de maio de 1895. p. 3.
[64] *A Cigarra*. Rio de Janeiro, 29 de agosto de 1895. p. 7.
[65] Ibid. p.1.

Dessa forma, Bilac abandona a revista no seu 26º número para assumir três meses depois *A Bruxa,* vista por ele como um novo projeto editorial.

2. A revista *A Bruxa*

Em outubro de 1895, Olavo Bilac, abandonou a revista *A Cigarra* para dirigir a revista *A Bruxa,* que constituía um novo projeto editorial, cuja responsabilidade voltava-se para o empresário João de Sousa Laje. Em seguida, Julião Machado aliou-se ao cronista e ilustrou a revista, agora com maior habilidade devido às experiências vivenciadas por ele em outros periódicos.

Além do nome, a revista carregava características diabólicas que são enraizadas na Idade Média. Segundo Herman Lima, os artistas daquele período transferiam em sua arte o espetáculo da natureza representado pelo realismo da vida material, ou seja, uma realidade que era hostilizada pela igreja. Com o tempo, essa estampa gótica tornava-se menos terrível e estende-se na Europa por toda parte, inclusive nas igrejas góticas:

> Todas as grandes igrejas góticas da Europa povoaram-se [...] de figuras infernais, grotescas ou macabras, segundo a época, morcegos, répteis, grifos, quimeras, hipogrifos, diabinhos, abrolhando pelas cornijas, pelas arquitraves, pelas fachadas, guardando os pórticos, guarnecendo os capitéis, invadindo os tetos e os altares, careteando entre os ornatos e florões ou à sorrelfa das figuras divinas, arteiros como o nosso saci-pererê, trágicos como as bruxas dos *Caprichos* de Goya, até mesmo gentis e prestimosos, quando golfavam pelas fauces de gárgulas a água dos céus acumulada nas arquivoltas dos telhados, alguns deles, como o famoso Diabo de Notre-Dame, valendo muita vez como detalhe mais impressivo na paisagem de pedra.[66]

Assim, desde o seu primeiro número, lançado em 7 de fevereiro de 1896, a revista adotou um estilo gótico que era identificado diretamente pelo nome da revista, nas vinhetas e gravuras, com a ilustração de bruxos, diabos, duendes e outras figuras infernais e, inclusive, nos pseudônimos utilizados por Bilac: "Lúcifer", "O diabo coxo" e "Belzebu", entre outros considerados satânicos. *A Bruxa* revela-se logo no primeiro número na primeira página com o intuito de apresentar-se e dizer para que veio e o que de seu público pretendia.

[66] LIMA, Herman. op. cit. p.46.

> Aqui onde me vedes, sou velha como a Humanidade. Quando o primeiro homem apareceu na terra, apareceu ao lado dele a primeira bruxa, para o enfeitiçar. Não tenho agora tempo nem espaço para vos dizer toda a minha história: lede *La sorcière* de Michelet, e ficareis sabendo quantas vezes fui perseguida, através dos séculos, pela intolerância dos homens, e quantas vezes, das cinzas das fogueiras religiosas renasci, mais forte e mais poderosa.
> Antigamente, era eu o espantalho do mundo. Quando se dizia – a Bruxa! – era como se dissesse – o Diabo! E a minha pessoa justificava esse terror, pela sua feialdade e pelas ações que obrava. Velha, velhíssima, com a pele enrugada como a pele de um elefante, coberta de andrajos, vivendo dentro de uma nuvem de fumaça de enxofre, e arrastando em pos por mim uma longa cauda de malefícios e de intrigas, era eu o espírito mau da vida, - filha primogênita d´*Aquele* que os arranjos, por Ordem do Senhor Deus, precipitaram do alto do Pecado. (...) Povo da cidade carioca! Esses tempos não voltam mais... A idade é outra. E outra é esta *Bruxa,* que hoje aparece, disposta a enriquecer à custa das tuas risadas, povo da cidade carioca!
> Hoje o ocultismo é uma cousa tão devassada como uma praça pública. (...)A Bruxa, que aqui vedes, não é velha, nem feia, nem desdentada, nem mal amanhada, nem má. Ouve missa, aos domingos, às 11 horas, em S. José; veste-se chez Dreyfus; espera ficar, através dos anos sem conta, eternamente bela e eternamente moça; e, condescendente com as paixões humanas, promete não negar os beijos e os sorrisos da sua boca a quem souber merecer o seu amor.
> Se a magoarem, vê-la-eis retomar o seu clássico aspecto de comedora de crianças. Aparecerá, como antigamente, embrulhada numa túnica remendada e podre, com olhos de hiena fuzilando entre falripas arrepiadas, comandando, com um simples aceno das molêtas sinistras, toda a sua comitiva de demônios e de espíritos perversos.
> Mas, é de crer que ninguém a force a essa transformação. E, assim, das suas antigas qualidades, *A Bruxa* apenas duas conservará: o amor da sedução e o amor da indiscrição. Seduzirá, sem recorrer às ervas maléficas, nem às invocações cabalísticas, nem às artes do Demônio: seduzirá com a sua sinceridade, a sua formosura, a sua alegria inalterável, - e os sonetos, e as crônicas, e os contos, e as fantasias, e as caricaturas, e os retratos, e toda a sua cega e incondicional paixão pela Arte. Não Arte guindada e complicada: mas arte pura, sóbria, verdadeira, sem arrebiques, sem bambinelas, sem breloques, ao alcance de todos. E será indiscreta... E dirá o que sabe... E imaginará o que não sabe... E enfeitiçará todo o Brasil...
> Que mais quereis? Amai-a, que ela vos alegrará o coração. E dareis por bem empregado o vosso amor, quando, saindo da leitura destas oito páginas leves, disserdes, com o espírito repousado e a boca aberta num sorriso: *A Bruxa* , como o Diabo, seu pai, não é tão feia como se pinta.[67]

A Bruxa chamava a atenção pelas ilustrações e pela maior agressividade de seus textos, se comparados com os d´*A Cigarra.*

De acordo com a tendência mais artesanal que empresarial, na qual se enquadravam as revistas ilustradas de seu tempo, a revista *A Bruxa* também adotou o formato tablóide com o número de oito páginas. Álvaro Santos Simões Junior explica a diagramação do hebdomadário:

---

[67] *A Bruxa.* Rio de Janeiro. 7 de fevereiro de 1896, p.1-2.

> A primeira e a última páginas, que formavam respectivamente a capa e a contracapa, ficavam tomadas por ilustrações, assim como a quarta e a quinta, que, por serem centrais, eram ocupadas por histórias em quadrinhos ou desenhos de grandes dimensões, precursores dos atuais pôsteres. A segunda, a terceira, a sexta e a sétima página, onde se dava o encontro das duas folhas que compunham cada número, ficavam reservadas para os textos verbais, que poderiam ou não ser acompanhados de pequenas vinhetas ou alguma ilustração eventual.[68]

A Bruxa publicava, na primeira página, um editorial acompanhado de alguma ilustração de Julião Machado e, em seguida, na segunda página, a seção "Crônica". As páginas 4, 5 e 8 traziam ilustrações de Julião Machado e as de número 3 e 7 eram destinadas às seções "Música", "O carrilhão da Bruxa", "Política", "Teatros", entre contos e poemas publicados esporadicamente. Herman Lima comenta uma prática inovadora de divulgação adotada por Julião Machado:

> Em 1896, de parceria com Olavo Bilac e João Laje, e graças a um pequeno capital fornecido pelo negociante Sr. Joaquim Carvalheira, fundou Julião Machado o hebdomadário de feição luxuosa e requintada, *A Bruxa.* Não houvera ainda no Rio nem no Brasil tão brilhante empreendimento no jornalismo de fantasia. Os cartazes d´*A Bruxa*, a guache e prata e ouro, expostos no original, sobre cavaletes, nas lojas chiques e nas confeitarias de luxo, causaram imensa sensação. Eram qualquer coisa no gênero Mucha, que então impressionava Paris, com a coleção dos *affiches* de Sarah Bernhardt – qualquer coisa menos caprichosa e detalhada como desenho, em compensação muito mais espontânea, vibrante e vigorosa. O seu efeito de vistosidade atraía, cativava, entusiasmava os trausentes. Onde algum deles estivesse enchia-se a rua! Um verdadeiro acontecimento. E com esse reclamo de tão nobre e ao mesmo tempo tão espetaculosa qualidade, alcançou *a Bruxa* uma vitória sem precedentes. As páginas de Julião, quer as que comportavam um só assunto, alegoricamente apresentado, quer as que se compunham de casos anedóticos diversos, eram admiradas e comentadas, como obras-primas da espécie. [69]

A - Ilustrações n´*A Bruxa*

Entre todos os seus atrativos, um dos que mais chamava a atenção na revista era o traço de Julião Machado, que se emaranhava em meio aos textos jornalísticos, publicitários e literários da revista.

As ilustrações ocupavam em média de 3 a 4 páginas de cada edição da revista e esporadicamente eram produzidas pelas mãos de outros ilustradores conhecidos daquela época.

---

[68] PATRIMÔNIO E MEMÓRIA. Revista Eletrônica do CEDAP – Centro de documentação e apoio à pesquisa, Assis, v.2, n.2, p.7-8, dez. 2006. Disponível em: < http://www. assis.unesp.br>. Acesso em 13 out. 2007.
[69] LIMA, Herman.op. cit. p.970.

As “grandes ilustrações”, citadas por Álvaro Simões, podem ser compreendidas como um cartaz, ou seja, um meio plástico que atinge um valor estético e pode servir, inclusive, como instrumento de propaganda-comercial. Sua extensão permite preencher uma página, uma coluna ou ainda um canto de periódico.

Uma particularidade vista na revista *A Bruxa* que se distingue d´*A Cigarra* é a quantidade de páginas de anúncios publicitários que contribuíam financeiramente para o novo projeto editorial. Tais anúncios eram publicados pelos próprios redatores ou caricaturistas da redação:

> O exercício de comicidade mais notável, que irá diferenciar esses humoristas de muitos de seus confrades da geração anterior, talvez possa ter se revelado nos textos para “anúncios” publicitários que, em geral, foram produzidos pelos humoristas. Como os anúncios ou *réclames* eram todos produzidos na redação dos jornais, era natural que grande parte desse grupo de humoristas exercesse também essa atividade, tanto na elaboração dos textos como na confecção de desenhos e caricaturas. Formados entre a cultura parnasiana e simbolista do soneto, portanto com todo um *savoir-faire* e alto domínio sobre os vocábulos, suas rimas e toda a complexa maquinaria verbal, esses humoristas são obrigados a desenvolver o talento verbal e lúdico, adaptando-se à concisão, à rapidez automática do anúncio e ao nó acústico do trocadilho.[70]

Esses *réclames* possuíam procedimentos de produção semelhantes aos das colunas humorísticas, de modo que os sonetos eram acoplados aos desenhos caricaturais.

Entre 2 e 4 páginas da revista eram destinadas aos anúncios publicitários, que eram acompanhados da assinatura do ilustrador Julião Machado. Essas páginas eram preenchidas por anúncios publicitários de restaurantes finos e alfaiatarias freqüentadas por uma camada seletivamente privilegiada da sociedade do Rio de Janeiro. Anunciaram na *Bruxa* a Alfaiataria Ortigão, o fotógrafo J. Gutierrez e o restaurante Petrópolis.

As lojas de roupas, chapéus e perfumes como a Casa das Fazendas Pretas, as perfumarias Ao Bogary e Miguel e Mme. Missik também são exemplos de anunciantes assíduos d´*A Bruxa* que destacavam a tendência da vida mundana inspirada no espírito francês da *Belle Époque.*[71]

> A grande voga dos reclamos acompanhados de desenhos alusivos deve-se, em grande parte, evidentemente, a Julião Machado. Já n´*A Bruxa* , de 1º de maio de 1896, apresenta ele a última página com sete anúncios de várias dimensões, texto e

[70] SALIBA. op. cit. p.81.

[71] Da coleção em papel da revista *A Bruxa,* que se encontra na Biblioteca Central da Unicamp no acervo de Obras Raras, não constam essas últimas páginas destinadas aos anúncios publicitários. Esses anúncios só foram identificados através da cópia em microfilme do pesquisador no Rio de Janeiro. Por isso, não foi possível identificar se essas páginas eram coloridas com o intuito de dar maior ênfase às empresas que mantinham financeiramente o periódico.

> desenhos executados com aquela mesma elegância de traço das suas charges do resto da revista. Muito comum, no passado, era a página dedicada pelo caricaturista a um espetáculo teatral ou ao aparecimento de um livro de algum confrade das rodas literárias, como era feito desde as primeiras visitas de Ernesto Rosi, da Duse ou de Sarah Bernhardt, a quem, fosse Agostini, Pereira Neto ou Rafael Bordalo Pinheiro, dedicavam, na oportunidade, páginas inteiras, sempre com algum retrato dos artistas, geralmente da mais bela execução.[72]

É evidente que *A Bruxa*, como projeto editorial, não se compara ao aspecto empresarial com que se definem as revistas do século XX, mas percebe-se um vestígio, embora tímido, de uma estrutura capitalista do mercado, ou seja, indícios de um suporte publicitário que serve para vender.

Outro fator indispensável para a sobrevivência da revista era a venda de suas edições a um preço elevado, se comparado com o valor das demais revistas existentes na época. As assinaturas anual e semestral custavam respectivamente 48$000 e 25$000, o que representava duas vezes mais do que um jornal diário, como a *Gazeta de Notícias,* que cobrava 28$000 pela sua assinatura anual e 14$000 pela assinatura semestral. O número avulso d´*A Bruxa* custava 1$000, ou seja, dez vezes mais do que a folha diária de Ferreira Araújo.

Sobre as revistas desse período, Muniz Sodré comenta:

> O interesse do editor é que ela se venda, assim como um sabonete ou uma roupa. Por isso, mais do que destinada a irrigar a opinião pública, a revista é feita para o entretenimento ou a evasão do consumidor. E a evasão exige que o repórter ou o redator escreva sempre coisas brilhantes e leves.[73]

Embora esses valores fossem excessivos, *A Bruxa* sobreviveu ao mal-dos-sete-números, um mal que condenava a maioria dos periódicos literários nascidos no século XIX por falta de recursos financeiros.

Ao todo, sessenta e quatro números foram publicados no período de 2 de janeiro de 1896 a 30 de junho de 1897, impulsionados por um tom de otimismo de seus idealizadores, mesmo com as palpáveis dificuldades que atingiam o seu setor financeiro que dependia das contribuições de seus anunciantes.

---

[72] LIMA, Herman. Op. cit., p. 698.
[73] SODRÉ, Muniz. *A comunicação do grotesco:* introdução à cultura de massa brasileira. Petrópolis, Rio de Janeiro: Ed. Vozes Ltda, 1973, p.45.

> - Como tem vivido? Isso é que só ela sabe! Como Senhora absoluta dos que a servem, tem exigido deles muito sacrifício e muita dedicação, mas esses não se lembram do quanto penam e suam, quando tratam de vestir, com luxo e com prodigiosos esbanjamentos de dinheiro e de carinho a sua amada Bruxa.[74]

No entanto, a publicação dos números d´*A Bruxa* torna-se instável, sua diagramação se modifica com o tempo, outros nomes acabam assumindo as colaborações e direção originais da revista, até que se define o seu desaparecimento definitivo.

Página de anúncios de *A Bruxa*

[74] OS DA BRUXA, Um ano de idade. *A Bruxa*. Rio de Janeiro, n.52, 5 fev. 1897, p.2.

B - Contribuições literárias

Um dos que mais colaborou literariamente para a revista foi o próprio redator Olavo Bilac, que mantinha as seções fixas de crônicas sob sua responsabilidade.

Para dar continuidade ao seu trabalho realizado n´*A Cigarra*, Bilac resgatou do antigo periódico as seções com o mesmo nome, denominadas "Crônica" e "A política". A seção "Teatros" publicada n´*A Cigarra*, que se destinava à crítica teatral carioca, deu origem à seção "Teatro", n´*A Bruxa*, que tratava do mesmo assunto.

Após esse resgate, novas seções foram incluídas na nova revista: "O Carrilhão da Bruxa", "Livros Novos" e "Música". As duas últimas surgiram no início da revista, mas foram abolidas posteriormente. Somente as antigas seções e "O Carrilhão da Bruxa" permaneceram até o fim do periódico.

Em contraste com o número de crônicas, apenas cinco poemas foram publicados pelo "príncipe dos poetas"; um deles é dedicado a Antonio Parreiras e os demais são intitulados "A Alvorada da carne", "Inania verba...", "Incontentamento" e "Última página".

Depois de Bilac, foram os amigos mais próximos do redator, Guimarães Passos e Coelho Neto, os que mais deixaram registradas suas contribuições literárias no periódico.

Guimarães Passos destacou-se com a publicação de dezoito textos, dos quais catorze foram assinados com o próprio nome do poeta, além da narrativa "O relógio", publicada em 19 de março de 1897. As demais colaborações foram assinadas com os pseudônimos "Guima", "Fortúnio" e "Puff".

Em seguida, Coelho Neto destaca-se n´*A Bruxa* com a publicação de vinte textos em que utiliza os pseudônimos "Caliban", "Furfur" e "Anselmo Ribas". Dois outros textos também são publicados e assinados pelo escritor: "Cancioneiro: As varas", publicado em 7 de fevereiro de 1896, e "Na Escola Normal de S. Paulo: Fantasia", datado de primeiro de maio do mesmo ano.

Com exceção das crônicas, que já faziam parte das seções fixas da revista, o trio literário constituído por Bilac, Guimarães Passos e Coelho Neto publicou sessenta e

cinco textos, que representam quarenta por cento de todas as contribuições literárias d´*A Bruxa*.

Trinta e nove textos narrativos foram publicados n´ *A Bruxa*, sendo vinte deles de autoria de Coelho Neto, seis de Valdomiro Silveira, três de Teófilo Barbosa e três de Machado de Assis. Julia Lopes de Almeida, Domingues de Albuquerque, Valentim Magalhães, Alberto de Oliveira, Guimarães Passos e Garcia Redondo colaboraram com apenas um texto cada um.

Uma novidade surgida na revista, que a diferencia da conduta exercida pela Academia Brasileira de Letras, foi a inserção de textos de escritoras. Além de Julia Lopes de Almeida, que publicou uma narrativa intitulada "As Rosas", em 5 de fevereiro de 1897, outras quatro escritoras publicaram poemas: Ibrantina Cardona, com a publicação de um poema, sem título, Julia Cortines com a publicação de "O Lago" e "O Crepúsculo", Elvira Gama com a publicação de "Carícias", Francisca Julia da Silva com a publicação de "Crepúsculo" e, por fim, Adelina Amélia Lopes Vieira com o poema "Anoitece". Ao todo, sete textos foram publicados por escritoras, sendo este um dado representativo, já que as mulheres eram consideradas o grande público leitor dos folhetins da época e, conseqüentemente, leitoras desse periódico.

Outros vinte e quatro textos publicados foram sátiras e textos humorísticos de Aluísio e Artur Azevedo, Guimarães Passos e Coelho Neto. Olavo Bilac foi o que mais publicou textos com esse teor exigido pelas revistas mundanas, utilizando os seguintes pseudônimos: "Fantasio", "Belial", "O diabo vesgo", "Puck" e "Lilith".

Contudo, os poemas líricos foram os textos mais publicados na revista, somando um total de oitenta e dois, ou seja, 56,5% dos cento e quarenta e cinco textos publicados na revista entre 1896 e 1897.[75]

Além dos já citados neste capítulo, foram publicados poemas de Cesário Alvim, Avelar Filho, Rodrigues de Carvalho, Felinto d´Almeida, Luís Delfino, Osório Duque-Estrada, Alves de Faria, Teotônio Freire, Ricardo Jaimes Freyre, Oscar da Gama, Alphonsus de Guimarães, Luís Guimarães Filho e Júnior, Artur Lobo, Jarbas Loreti, Valentim Magalhães, Lúcio de Mendonça, Emílio de Menezes, Luís Murat, Alberto de Oliveira, Figueiredo Pimentel, Raul Pompéia, Castro Rabelo, Silva Ramos, Dias da Rocha Filho,

[75] SIMÕES JR. Álvaro Santos. Uma revista parnasiana: A Bruxa (1ª série: 1896-1897). In: Primeiro Encontro Nacional de Pesquisadores em Periódicos Literários Brasileiros, 2003, Porto alegre. *Periódicos Literários*: anais das Jornadas e do Encontro Nacional. Porto Alegre: PUCRS, 2005. CD.ROM.

Antonio Sales, Alberto Silva, Julio César da Silva e Tibulo. Olavo Bilac aparece, ainda, como tradutor de fragmentos do texto "Romeu e Julieta" do escritor inglês William Shakespeare.

Embora o editor fosse uma das principais figuras do parnasianismo no Brasil, o propósito da revista não era, efetivamente, o de divulgar tal escola literária, ou de confrontar a nova escola surgida naquela época: o simbolismo, que foi representada por outras revistas literárias, como a *Rio-Revista*.

Prova disso é a participação de Francisca Julia, que publicou um poema simbolista intitulado "Crepúsculo" no dia 24 de abril de 1896, e a colaboração dos escritores simbolistas Figueiredo Pimentel, com o poema "D. Morte", em 13 de março de 1896, e do boliviano Ricardo Jaimes Freyre, com a publicação dos poemas "Castalia Bárbara", e 5 de fevereiro de 1897, e "Voz Extraña", publicado em 12 de fevereiro do mesmo ano.

Contudo, tanto n´*A Cigarra* quanto n´*A Bruxa*, Bilac contribuiu significativamente para os periódicos daquela época e para a História da Imprensa no País, de modo a se tornar, também, um dos grandes cronistas brasileiros do século XIX e XX.

Capítulo III
SEÇÃO "CRÔNICA"

1. "Crônica" e os caminhos percorridos para a sua construção

A seção "crônica" foi publicada, sucessivamente, na revista *A Cigarra* e n´*A Bruxa* e servia de porta-voz de seus idealizadores, numa linguagem regada a literatura e jornalismo, tal como o gênero se propõe.

Seu principal cronista foi Olavo Bilac que, na função de redator dessas revistas, pôde manifestar suas preocupações mundanas com a pena de um cronista narrador de seu tempo. O parnasiano publicou 77 crônicas nessa seção, das quais 25 encontram-se n´*A Cigarra*, com o pseudônimo "Fantasio", e 52 publicadas n´*A Bruxa* com a utilização de diferentes pseudônimos.

A partir de um "jogo de máscaras" construído pelo narrador, as crônicas são lançadas às páginas das revistas como fruto do acaso, sem que houvesse uma pretensão do próprio narrador. Na crônica datada de 20 de março de 1896, assinada por "O.B." na seção "Crônica" da revista *A Bruxa* lê-se*:*

> Não sei como, deixei-me ultimamente arrastar à prática do espiritismo. E, ontem, não sabendo escrever crônica, sentei-me solenemente junto à mesa em que costumo fazer as minhas invocações e, abrindo ao alcance da mão dois cadernos de papel almaço, fiquei à espera de que algum espírito superior, condoído da minha inopia intelectual, se prestasse a escrever, por mim, a crônica d´*A Bruxa.*
> Foram-se me cerrando os olhos e caí em catalepsia. Duas horas depois, quando tornei a mim, estavam quase consumidas as velas da serpentina, e estavam as folhas de papel cheias de garatujas. Quereis saber que espírito comparecera? O espírito de *Polichinelo...* Espantai-vos à vontade! Afirmo-vos que não minto. Copiei textualmente o que esse espírito folgazão compusera, e aqui vão ter os leitores o prazer de ler *uma crônica de Polichinelo.*

"O.B.", ao iniciar a crônica com esses parágrafos, confirma que ela surgiu meio ao acaso, como se tratasse de um conteúdo copiado de umas folhas de papel cheias de "garatujas", ou seja, um rabisco produzido por um "polichinelo".

Na voz desse "polichinelo", o narrador denuncia os maus tratos às crianças da época, que tinham de se vestir e se comportar feito adultos na sociedade e sofriam abusos sexuais. Ao finalizar a crônica, diz ao leitor que, apesar do acaso em que a crônica lhe surgiu das mãos, valeria a pena tê-la publicado.

Esse "acaso" também aparece na revista *A Cigarra*, cujo narrador se justifica ao escrever a crônica: "Fiz o que a pena queria, e fui para onde ela me levava – o que é a única cousa razoável que um cronista pode fazer."[76]

[76] *A Cigarra.* Rio de Janeiro, 29 de maio de 1895, p.3.

Constata-se nesse processo de construção da crônica um "espetáculo" proporcionado pelo próprio narrador, que sai do palco e invade a platéia, onde a própria crônica torna-se personagem central de si mesma. Insere-se, nesse momento, uma metalinguagem, uma crônica que narra o feitio de si mesma, o da própria crônica.

Dílson F. Cruz Jr., em *Estratégias e máscaras de um fingidor*[77] comenta:

> A violação das fronteiras enunciativas e a apresentação do discurso como espetáculo são reforçadas pelo fato de o cronista, com muita freqüência, passar a relatar ao leitor as dificuldades de seu ofício, tais como: encontrar um assunto, adequar as idéias ao espaço do jornal ou expressar um ou outro pensamento, por exemplo. A própria crônica e seu conteúdo passam, então, a ser vistos como o resultado do esforço do cronista para cumprir seu contrato com o jornal e não como um desejo de manifestar suas idéias. Os comentários do narrador como que perdem a legitimidade, pois existiriam apenas para cumprir formalmente um contrato. De outro modo: o cronista sempre soa artificial, como o ator que no palco diz que está representando e que faz questão de dizer que não é a personagem, mas que apenas faz o papel dela e que esta, mesmo sendo um criminoso ou um louco, deve ser ouvida.

> Essa máscara discursiva, ao mesmo tempo que faz da crônica um "gênero menor" surgido ao acaso, tenta induzir o leitor a crer no discurso inserido no texto através de uma suposta revelação de fontes das quais os assuntos foram extraídos.

Na crônica do dia 11 de setembro, no n.32 da revista, Diabo Coxo menciona a fonte para o assunto de sua crônica, logo nas primeiras linhas do texto: "Há dias, na *Cidade do Rio*, encontrei uma notícia encantadora. Vejamos se me não falha a memória, e se consigo reproduzi-la aqui, mais ou menos, em suas linhas gerais."[78] Noutra, a *Gazeta de Notícias* lhe trouxe a inspiração[79] ou ainda um jornal italiano de S. Paulo que anuncia a vinda de toda a população de uma aldeia vizinha de Nápoles.[80]

Em geral, as crônicas iniciam com os assuntos retirados de noticiários da época; o narrador, na maioria dos casos, revela o nome do jornal ou revista consultada, além da data em que a matéria foi publicada. Desse modo, com o intuito de mesclar o fato real com

---

[77] CRUZ JÚNIOR, Dilson Ferreira da. *Estratégias e máscaras de um fingidor.*São Paulo: Nankin editorial: Humanitas FFLCH/USP, 2002, p.226.
[78] *A Bruxa.* Rio de Janeiro, 11 de setembro de 1896, p.2.
[79] Ibid. janeiro de 1897.
[80] Ibid. 9 de abril de 1897.

a ficção, o cronista permite uma possível "verdade" daquilo que foi dito, como se a ficção viesse a ser um parasita do mundo real.[81]

> O enunciador não produz discursos verdadeiros ou falsos, mas constrói discursos que criam efeitos de sentido de verdade ou de falsidade, que *parecem verdadeiros*. O *parecer verdadeiro* é interpretado como *ser verdadeiro*, a partir do contrato de veridicção assumido.
> Dessa concepção de verdade discursiva decorre que a verdade ou a falsidade de um discurso não serve de critério para diferenciar-se dos discursos da História da ficção, o discurso político do da fábula ou do conto de fadas. Todos elaboram sua verdade e, isoladamente, a não ser que sejam mal construídos, são ditos verdadeiros ou, ao menos, que parecem verdadeiros[82]

O mundo ficcional utiliza o mundo real como pano de fundo para que o discurso, ou seja, aquilo que foi dito, expresse a sua "verdade".

No período em que publicou *A Cigarra* e *A Bruxa*, Bilac era um dos principais cronistas do país. Como homem atuante de seu tempo, extrai indícios do seu cotidiano para a produção das crônicas, elas surgem da realidade vivenciada por ele através de uma outra voz, a do narrador, embora ainda seja comandada pelo autor: Bilac.

> Assim, as idéias narradas podem não ser, necessariamente, do autor Bilac; os lugares, as datas e os periódicos citados podem não ser no todo correspondentes ao mundo real, mas são utilizados pelo narrador para que se atribua credibilidade à crônica narrada, para que da narração seja extraída a sua "verdade".

Outra característica própria da crônica é a "adesão estreita do objeto ao tempo", mencionada por Antonio Dimas no artigo "Ambigüidade da crônica". O tempo, segundo o autor, surge como: "(...) força constritora funcionando em dúplice direção: a que obriga à concisão e à brevidade e a que coage o autor a uma elaboração relativamente despoliciada, na medida em que é matéria para o jornal do dia seguinte".[83]

Pela própria pressa que a produção diária impõe e pela pressa do leitor de revista, as crônicas da seção não ultrapassam mais do que uma página e meia, onde expõem breves relatos da vida cotidiana do Rio de Janeiro. Nas crônicas, esse atropelo ao tempo é

---

[81] ECO, Umberto. *Seis passeios pelo bosque da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994
[82] BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria do Discurso*: fundamentos semióticos. 1. ed. São Paulo: Atual, 1988. p.94
[83] DIMAS, Antonio. *Ambigüidade da crônica*: literatura ou Jornalismo? In: *Littera*. Rio de Janeiro, nº 12, ano IV, set-dez. 1974. p.48.

reconhecido pelo narrador quando afirma: "Que seria porém de mim, que seria das outras seções d´*A Cigarra*, se eu fosse mencionar todos os quadros da Exposição? A minha admiração é grande, mas o texto da folha é pequeno. Fico por aqui."[84]

> Mas o tempo não afeta essas crônicas simplesmente na extensão de seus parágrafos ou na brevidade com que os fatos são relatados, o cronista, muitas vezes, faz com que seu pensamento distancie-se do seu corpo para voar para outro clima e para outra idade, na possibilidade de mesclar o passado e o futuro no presente em que a crônica é constituída.

Segundo Davi Arrigucci Jr., a palavra "crônica" procede do grego *chronos* e seu significado implica a noção de tempo. Desse modo, a crônica, aliada ao fator tempo, serve de relato permanente, constitui o testemunho de uma vida realizado por um narrador da História.

> Um leitor atual pode não se dar conta desse veículo de origem que faz dela uma forma do tempo e da memória, um meio de representação temporal dos eventos passados, um registro da vida escoada. Mas a crônica sempre tece a continuidade do gesto humano na tela do tempo.[85]

O tempo do discurso do narrador é linear, pois ele narra os fatos que desenrolam-se ao mesmo tempo, tornando o tempo da crônica pluridimensional.

Durante os acontecimentos que se desenrolam na crônica, o cronista vai moldando suas histórias e delimitando o seu tempo.

> Das fazendas cheias de imigrantes recém-chegados ao Brasil, o cronista retoma as antigas fazendas de escravos negros; as mulheres vaidosas levam-no pensar naquelas senhoras escravas domésticas de seus maridos por volta de 1850.

Essa "volta ao tempo" aparece como um *flashback*, onde o passado é recheado de saudosismo como se o "antes" fosse melhor do que o "agora" vivenciado pelo cronista.

N´*A Cigarra,* o cronista comenta:

---

[84] *A Cigarra.* Rio de Janeiro, 5 de setembro de 1895, p.2.
[85] ARRIGUCI JR., Davi.*Fragmentos sobre a crônica:* Enigma e comentário. Ensaios sobre literatura e experiência, São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p.43.

> Ainda assim, quantas cousas morreram, de que me lembro, não direi com saudade, mas com amargura...
> Com amargura porque, ao relembrá-las, sinto que já deixei alguma cousa perdida atrás de mim, alguma cousa que nunca mais encontrarei.
> Sete de Setembro é uma delas. Quando nasci, dizia-se esta data com respeito, com veneração, com amor. Havia uma sociedade que se chamava, patrioticamente, *Comemoradora da Independência Nacional,* e que festejava a data famosa com um grande luxo de bandeiras, um grande fulgor de luminárias e um grande estrondo de foguetes. Era no largo do Rocio. Hoje, creio eu, lá está instalada uma sociedade carnavalesca: *c´est le triste retour des choses d´ici bas.*[86]

Em todas as comemorações patrióticas, o cronista expressa esse saudosismo, a fim de denegrir o presente e exaltar o passado recheado de "bons costumes".

Do passado ao presente, o cronista reflete sobre o futuro e com ele o progresso: "Em princípio, sua concepção de progresso depende estreitamente da noção de avanço material e da capacidade humana de auto-superação tecnológica", como afirma Antonio Dimas.[87]

2. A autoria e seus disfarces na voz do cronista

Nenhuma das crônicas publicadas na seção "Crônica" foi assinada com o nome próprio do escritor Olavo Bilac e todas foram acompanhadas de pseudônimos.

Segundo o crítico R. Magalhães, o nome segue cada indivíduo do berço à sua sepultura e "por isso mesmo os pais estão obrigados a dar nomes aos filhos, registrando-lhes os nascimentos dentro de determinado prazo."[88]

Na literatura, o nome que acompanha a obra é, muitas vezes, importante até para a sua construção, com o intuito de desvendá-la através de sua origem. O leitor, ao se deparar com o texto literário, logo questiona: "de onde é que veio, quem o escreveu, em que data, em que circunstâncias ou a partir de que projeto"[89]

O autor instaura-se como uma peça indispensável que acompanha a obra. Ele propõe um "jogo ficcional com o leitor e procura sobrepor o enunciado literário ao dado

---

[86] *A Cigarra.* Rio de Janeiro, 12 de setembro de 1895, p.2.
[87] DIMAS, Antonio. *Tempos eufóricos*: Análise de Kosmos: 1904-1909. São Paulo: Ática, 1983, p.55.
[88] MAGALHÃES, JUNIOR R. *Como você se chama*: Estudo sócio-psicológico dos prenomes e sobrenomes brasileiros. Rio de Janeiro: Documentário, 1974. p.9.
[89] Ibid.

empírico, *desqualificando* a transparência da simples notícia"[90], o que resulta na criação de uma personagem dentro da crônica narrada.

O nome que assina um texto não é um simples elemento de um discurso, mas exerce um papel classificador dentro da obra: permite agrupar, delimitar, selecionar ou opor textos. Não se trata, unicamente de citação da fonte, mas da autoria que empresta "fiabilidade" às técnicas e aos "objetos de experimentação" adotados pelo escritor:

> [...] o nome do autor serve para caracterizar um certo modo de ser do discurso: para um discurso, ter um nome de autor, o fato de se poder dizer "isto foi escrito por fulano" ou "tal indivíduo é o autor", indica que esse discurso não é um discurso flutuante e passageiro, imediatamente consumível, mas que se trata de um discurso que deve ser recebido de certa maneira e que deve, numa determinada cultura, receber um certo estatuto.[91]

Umberto Eco[92] denomina esse "autor" de "autor-modelo": uma voz ou estratégia que ofusca o "autor empírico", ou seja, serve de máscara para o escritor real, o cidadão que dependia do trabalho jornalístico para saldar o aluguel de cada mês.

No caso da crônica, a autoria aparece como um fator ainda mais importante, já que em boa parte dos periódicos não se usavam títulos e manchetes para chamar a atenção, exibindo apenas o nome do autor para que o leitor fosse capaz de captar a voz ou um espírito que o colocasse numa relação emotiva com o mundo.[93]

Assim enquadra-se Olavo Bras Martins dos Guimarães Bilac que, na literatura, tornou-se Olavo Bilac e no jornalismo multiplicou-se em diferentes facetas.

Diante desses dados acerca da autoria e dos múltiplos nomes utilizados por Bilac para a devida seção, é necessário averiguar a seguinte questão: se "Crônica" era de fato tão importante nessas revistas, por que Olavo Bilac, como redator, não a assinou como em

---

[90] BRAYNER. Sonia. Machado de Assis: um cronista de quatro décadas. In: SETOR de Filologia da Fundação casa de Rui Barbosa. *A Crônica:* o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Editora da UNICAMP: Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992, p.413.
[91] MAGALHÃES, JUNIOR R op. cit. p.45.
[92] ECO, Umberto. Op. cit. p.26.
[93] RONCARI, Luiz. A estampa da rotatividade na crônica literária. *Boletim bibliográfico*. Biblioteca Mário de Andrade. São Paulo, v. 46, p.9-16, jan. – dez. 1985, p.14.

seus poemas mais conhecidos? Há uma distinção entre o uso de um ou e outro pseudônimo dentro da seção?

Como defensor do uso de pseudônimos, ele foi um dos que também aderiu à prática. O cronista utiliza muitos pseudônimos em vários periódicos nos quais serviu como colaborador, o que pode ser constatado no trabalho de J. Galante de Sousa, no artigo "Olavo Bilac e seus pseudônimos"[94] e na *Enciclopédia de Literatura Brasileira*, obra escrita em parceria com Afrânio Coutinho, e na obra de Antonio Simões dos Reis intitulada *Pseudônimos Brasileiros*: Pequenos Verbetes para um dicionário.[95]

As estratégias reveladas por Galante para decifrar o verdadeiro autor de determinado texto bilaquiano passam pela forma gráfica em que o pseudônimo aparece e pela comparação entre os locais e épocas em que foi usado. Em *A Cigarra,* de 20 de março de 1895, no sétimo número da revista, o pseudônimo "Fantasio" é assinado com o mesmo traço gráfico em que aparece a assinatura "Olavo Bilac" no poema "Terza Rima", em 13 de junho de 1895, na mesma revista. Considerando os estudos sobre o autor, a data de publicação, a revista e a função de Bilac como redator, cronista, jornalista e, esporadicamente, poeta nesses periódicos, pode-se afirmar que Bilac é "Fantasio" e que "Fantasio" é Bilac.

Olavo Bilac utilizou cerca de sessenta criptônimos[96] durante toda a sua carreira jornalística e literária. Em ordem alfabética, Galante menciona: "Acácio de Xênas", "Um Acadêmico", "Arquelim", "Asmodeu", "Astaroth", "Belial", "Belphegor", "Belzebuth", "Bib", "Biff", "Bob", "Conselheiro Acácio de Xênas", "D. Sancho", "D. Sorriso", "O Diabo Coxo", "O Diabo Vesgo", "Dom Santanás", "Dr. Sá Herpes", "El Gordito", "Fantasio", "Flaminio", "Flaminius", "Frascuello","Holback", "Jayme D´Athayde", "Juca", "L.F.", "L. Flamínio", "L. Flamínius", "Lilith", "Lúcifer", "Lúcio Flamínio", "Manduca", "Maneco Xêxas", "Manel Pachola", "Martins Guimarães", "Mephisto", "NemRoad", "O.", "O. B.", "Octávio", "Octavio Bivar", "Octavio D´Olival", "Olabival", "Olavo de Oliveira", "Olívio", "Olívio Bivar", "Oswaldo", "Pe-ho", "Phebo-Apollo", "Pierrot"[97], "Puck", "Puck & C.", "Pulcinello", "Quincas", "Sargento Mór", "Serapião Fagundes", "Tim", "Victor Leal" e "Y."

---

[94] SOUSA J. Galante de. Olavo Bilac e seus pseudônimos. In: *Machado de Assis e outros estudos.* Rio de Janeiro: Editora Cátedra. Brasília. Instituto Nacional do livro, 1979, p. 41-75.

[95] REIS, Antonio Simões dos. *Pseudônimos brasileiros:* pequenos verbetes para um dicionário. Rio de Janeiro: Zélio Valverde, 1941 (cinco séries).

[96] Segundo Mello Nóbrega, entende-se por criptônimo "todas as modalidades de ocultação autoral que assumam formas enigmáticas ou impassíveis de individualização Em outras palavras: consideramos criptônimos todos os seus recursos de escondimento ou dissimulação que assumam formas enigmáticas ou impassíveis de individualização; In: NOBREGA, Mello. *Ocultação e disfarce de autoria*: do anonimato ao nome literário. Fortaleza: Edições UFC, 1981.

[97] A utilização do nome "Pierrot" provocou desavenças entre Olavo Bilac e Raul Pompéia. Pompéia irritou-se com um tópico agressivo que aparece na coluna de *O Combate* assinado por Pierrot e reagiu com outra nota nas

Além desses pseudônimos comprovados em datas e periódicos, outros também foram atribuídos a Bilac, mas não há uma comprovação consistente para o devido apontamento. São eles: "Simão" e "Piff-Paff". Outros como "Conde de Monte Pinho", "Floreal", "Marcos", "Flick", "Toc", "Til", "Gato Preto", "Jack", Job", "Juvenal", "Olívio Oliveira" e "Salamandra" foram extraídos da biografia escrita por Eloy Pontes.[98]

Dentro da revista *A Cigarra,* Olavo Bilac assinou seus textos como "Fantasio", "Puck" e com as iniciais "O.", "B.", "O.B." e "X".

"Fantasio" foi a assinatura que mais apareceu na seção, somando 25 crônicas n´*A Cigarra* e 14 n´*A Bruxa*. Em seguida aparecem as iniciais "O.B." com 17 crônicas, "O Diabo Coxo" e "O Diabo Coxo" com 6 crônicas cada um, "Mefisto com 3 crônicas,"Lúcifer" com 2 crônicas e "Belial", "Belfegor", "Lusbel" e "Otávio Bivar" com apenas 1 crônica cada um. Exceto "Fantasio", os textos das demais foram publicados somente n´*A Bruxa*.

A assinatura "Belfegor" foi utilizada por Bilac na revista *A Bruxa* nas seções "Livros Novos", "Política", "Carrilhão da Bruxa" e "Crônica" no primeiro ano do periódico. Segundo J. Galante de Sousa, o "Belfegor" de Bilac não pode ser confundido com o "Belfogor" adotado por Filinto de Almeida n´*O Diabo da Meia Noite* (Rio de Janeiro, 1880-1883).[99] Em "Crônica", o pseudônimo aparece no dia 30 de outubro de 1896, na edição de número 38 da revista.

O pseudônimo "Belial" assina apenas uma crônica datada do dia 15 de maio de 1896 na edição de número 15. N´*A Bruxa* o pseudônimo só aparece na seção "A Política" e "Crônica". Para Werner Kaschel[100], "Belial" significa "sem valor", "imprudente", "pessoa má, sem valor".

O criptônimo Diabo Vesgo foi utilizado por Bilac na revista *A Bruxa* e, posteriormente, n´*O Mercúrio,* no Rio de Janeiro em 1898 e aludia ao conhecido defeito físico do poeta, tratando-se de um caso interessante de auto-derrisão.

N´*A Bruxa*, o cronista assinou a seção "Crônica", "O Carrilhão da Bruxa" (4 de dezembro de 1896 e 19 de março de 1897), "Teatro" (18 de dezembro de 1896) e algumas notas intituladas "Carlos Gomes" (2 de novembro de 1896), "A Pedra" (13 de

---

"Lembranças da Semana" contra o parnasiano, resultando disso um duelo pelo suposto mal-entendido. BROCA, Brito. In: *Teatro das Letras*, p. 134.

[98] SOUSA J. Galante de. op. cit.. p. 71.

[99] Ibid. p. 48.

[100] KASCHEL, Werner. *Dicionário da Bíblia de Almeida.* Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

novembro de 1896) e "Sonho" (26 de fevereiro de 1897). A maioria delas faz críticas severas à política daquele período, mas sem comprometer a leveza e o humor próprio da crônica.

> Este Diabo Vesgo, encarnado em vários pseudônimos, escrevendo em vários jornais, já se tem esfalfado inutilmente, - quantas e quantas vezes! – em chamar a atenção dos que nos governam para esse mal, em pedir um pouco de piedade para a pobreza inocente (...)"[101]

O "mal", mencionado acima, refere-se à obsessão política e às articulações realizadas pelos homens políticos daquele período.

Na seção "Crônica", a rubrica foi utilizada seis vezes. Em 1896, O Diabo Vesgo aparece na "Crônica" apenas no número 44 (11 de dezembro) e no especial de Natal que agrupou os números 46 e 47 numa mesma edição. No ano seguinte, o criptônimo serviu de assinatura para as crônicas de números 54 (19 de fevereiro), 56 (5 de março), 57 (12 de março), 59 (2 de abril) e "O Diabo Coxo" assinou as crônicas da seção n.23 (10 de julho de 1896), n. 24 (17 de julho de 1896), n. 25 (24 de julho de 1896), n. 27 (07 de agosto de 1896), n.32 (11 de setembro de 1896) e n. 34 (25 de setembro de 1896). Nessas crônicas o narrador revela suas características físicas e psicológicas: possui "olhos satânicos", "cabeça de diabo" e "pés de cabra".

Suas características atribuídas nas crônicas assemelham-se às de "Diabo Vesgo", de forma satânica. O narrador se qualifica como um "enviado extraordinário do inferno" e confessa, numa das crônicas, ter-se dirigido a um jantar do governo destinado a homens públicos: "Não fui convidado, mas compareci. Deu-me Satanás a faculdade de me

[101] *A Bruxa*. Rio de Janeiro, 4 de dezembro de 1896, p. 6.

tornar invisível, e, pude, sem ser percebido, pela valetalha do palacete da rua do Bispo, penetrar nessa bela residência (...)[102]

Com essa postura de "diabo espião" ele se torna uma mescla de homem e diabo, pois possui características infernais mescladas com as dores e indagações humanas: "Eu, como diabo que sou, acredito nessas coisas". De tudo sabe, mas vive a trabalhar como um "mouro, para ganhar o suado pão de cada dia"; era, em suma, era um pobre-diabo por adquirir seus trinta anos de idade e, desta forma, considerar-se um inválido.

Lúcifer aparece nas principais seções da revista *A Bruxa,* entre 1896 e 1897, e assina "Crônica" nas edições de n.53 (12 fev. 1897) e 55 (26 fev. 1897). O pseudônimo é um nome usado no cristianismo para referir-se ao diabo, aquele que possui um poder divino por si só ou como o "primogênito de Deus". Vindo do latim, representa o "portador da luz". Como criptônimo, é enquadrado nos considerados "mitônimos", ou seja, nomes mitológicos, clássicos ou folclóricos. Também Werner Kaschel o classifica como "fonte de luz" e, segundo alguns biblistas, refere-se ao rei da Babilônia e serve de referência a Satanás.

A crônica assinada por Lusbel, publicada no número 36 da revista, foi uma das poucas que receberam um título em toda a seção e teve o nome de "O Divórcio". Em nenhuma outra crônica dessa seção Bilac voltou a utilizar o pseudônimo "Lusbel".

O "Mefisto" de Bilac surge n´*A Bruxa* nas seções "Crônica"e "Política" e na *Revista da Semana.* Em "Crônica", Mefisto assina as crônicas dos números 31, 33 e 42; e em todas elas, o tema principal é a política e nelas o autor classifica-se como "cronista político".

A assinatura "Octavio Bivar" foi utilizada por Bilac n´*A Bruxa*, em 14 de maio de 1897 e, no *República*, em 15 de fevereiro de 1897. Segundo Galante de Sousa[103], o pseudônimo foi identificado por Martins Fontes em *Boemia Galante* (p.53), mas sem quaisquer indicações de local ou época. Provavelmente, "Octavio Bivar" tem semelhança com "Olívio Bivar", que foi utilizado por Bilac ainda quando era colaborador da *Gazeta Acadêmica,* do Rio de Janeiro em 1884.

---

[102] *A Bruxa*. Rio de Janeiro, 10 de julho de 1896, p.2.
[103] SOUZA, J. Galante de. op.cit., p. 60.

A - Fantasio e O.B.

As iniciais O.B. e o pseudônimo "Fantasio" foram as assinaturas mais utilizadas por Olavo Bilac na seção "Crônica". N´*A Bruxa*, das 52 crônicas publicadas na seção, 17 delas, (32.6%), foram assinadas por O.B. e 14 (26,9%), por "Fantasio". Na revista *A Cigarra* todas as crônicas da seção publicadas por Olavo Bilac foram assinadas pelo pseudônimo "Fantasio".

Esse predomínio das duas rubricas não é aleatório, pois se trata de assinaturas utilizadas freqüentemente por Bilac não só nas revistas em estudo, mas em toda a sua trajetória jornalística. As iniciais "O.B." foram utilizadas pelo escritor para assinar diversas crônicas dos periódicos *A Semana*, *Cidade do Rio, A Rua, Correio do Povo, Gazeta de Notícias, A Notícia* e *Kosmos*. Já "Fantasio", além dos periódicos já citados, serviu de assinatura para *A Cidade do Rio, Almanak da Gazeta de notícias, A República, O Filhote e Revista Ilustrada.* [104]

Antes de uma análise comparativa entre as crônicas assinadas por "Fantasio" e "O.B." é necessário destacar a origem da personagem "Fantasio" e os caminhos percorridos por Olavo Bilac para a construção de seu narrador personagem.

Ao contrário dos românticos, que se inspiravam em personagens ingleses e italianos, "Fantasio" foi inspirado na personagem francesa que leva o mesmo nome, de Alfred de Musset.

Fantasio era um jovem extravagante e, ao saber que o bobo da corte havia morrido no dia anterior, teve a idéia de se vestir de "bobo" para entrar no palácio do rei da Baviera.

Após o sucesso de seu plano, Fantasio pôde se infiltrar na corte com a ingenuidade dos poderosos que se distraíam com ele.

> Ando de um lado para o outro lado, neste palácio – continua ele – como se sempre o tivesse habitado. Há pouco encontrei o rei, que não teve, sequer, a curiosidade de olhar para mim. Depois da morte de seu "bobo" oficial, haviam-lhe dito: Sir; aqui está outro! Não foi preciso mais! Posso fazer o que bem entendo sem que me detenham com a menor observação. Sou um dos animais domésticos do rei da Baviera e, se quiser, enquanto conservar minha bossa e minha cabeleira, poderei viver aqui até minha morte, gozando a vida, sem ter com que me preocupar.[105]

[104] SOUZA, J. Galante de. op.cit., p.59.
[105] MUSSET, Van. Fantasio. In: PHILLIPE, Van. *Musset.* Classiques Larousse, sd., p.32.

"Fantasio" de Bilac assemelha-se à inspiração francesa, pois se faz de "bobo da corte" abrasileirado que observa atentamente a elite carioca no final do século: ele critica, revela, acusa e elogia os casos cotidianos da vida do Rio de Janeiro sem que a realeza desse palácio, nesse caso os homens públicos e políticos da capital do país, censure o discurso produzido em suas crônicas. E de maneira despropositada, "Fantasio" caminha pelas ruas de um reino carioca a fim de encontrar notícias para a sua crônica:

> Aonde irás hoje, Fantasio? A que ocupação entregarás os teus ouvidos e os teus olhos, antes da amargurada hora do trabalho? Em que ponto do Rio de Janeiro poderá um homem cheio de alegria passar uma hora tranqüila, longe dos discursos patrióticos e das explorações políticas? E, já: vestido, pronto a sacudir as pernas vagabundas pelas ruas de Sebastianópolis, torno a perguntar a mim mesmo, com o charuto entre os dentes: "Aonde irás hoje, Fantasio?"[106]

Durante todo o seu percurso na seção "Crônica", "Fantasio" vai se construindo como um personagem típico carioca:

> O dever do cronista é ir a toda parte. Desempenho-me tão bem dessa obrigação que não sei mesmo onde descubro tempo para escrever. Já várias pessoas dizem que tenho o dom da ubiqüidade. Sou visto, ao mesmo tempo, na rua do Ouvidor e no Corcovado, no incêndio da *Luz Esteárica* e no benefício da Palmira, nas pedras da fortaleza da laje na aléia de palmeiras do Jardim Botânico. Identifiquei-me tanto com a vida do Rio de Janeiro que ela é hoje a minha própria vida, e eu sou todo o Rio de Janeiro. Não sei quem inventou o *homem-multidão:* creio que foi Poe Eu sou o homem – Rio de Janeiro.[107]

E diante desse "homem-Rio de Janeiro", "Fantasio" é construído crônica a crônica, d´*A Cigarra a Bruxa*, levando o leitor imaginário, diante de um acordo estabelecido pela própria narrativa, a crer na existência desse homem:

---

[106] *A Cigarra.* Rio de Janeiro*,* 5 de setembro de 1895, p.2.
[107] *A Cigarra,* Rio de Janeiro, 10 de outubro de 1895, p.2.

> Ai! pudesse eu ter também a minha estátua!
> Sobre uma placa, no pedestal, gravariam o meu nome – *Fantasio* em letras góticas. Durante todo um primeiro século, os homens leriam esse nome com admiração. Verdade é que, tendo-o lido, perguntariam uns aos outros, com pasmo, quais as cousas notáveis que esse *Fantasio* andou fazendo pelo mundo. Pouco importaria! o grande caso é que haviam de ler o meu nome...
> Passado, porém, um século em virtude de um terremoto, de uma revolução, ou de qualquer outro cataclismo social ou material, - a minha estátua rolaria por terra, e ficaria sepultada no pó. Correriam sobre isso mais dois, mais três, mais cinco séculos. E ao cabo desse tempo todo, os homens de então, casualmente cavando o solo, encontrariam a minha imagem, e esfregariam as mãos de contentes, alegrados pelo achado precioso. E vendo-me feio, narigudo, ridículo, perguntariam assombrados: - "Quem terá sido este macaco?"
> Mas, talvez não! O que é mais provável é que um arqueólogo de então me levaria para um museu, e escreveria, convencido de ter achado o ídolo de um povo extinto, um opúsculo grave e recheado de situações, com este ou qualquer outro título análogo: "O deus *Fantasio* estudado à luz ciência do século XXXIV."[108]

Além de construir esse personagem para a seção, Bilac também publicou nela dois únicos poemas, encontrados nos números 50 e 61 da revista *A Bruxa*, com o pseudônimo "Fantasio".

Os únicos poemas publicados na seção são acompanhados pelo pseudônimo "Fantasio" e não com o nome do autor. Essa construção de um personagem-narrador serve de máscara para que o narrador exponha suas idéias sobre o seu tempo, sem que sua imagem de homem social seja danificada. É como se essa máscara trouxesse um equilíbrio ao escritor, a capacidade de distinguir o homem Bilac de uma voz crítica surgida de suas crônicas, como se "Fantasio" lhe servisse de armadura que o protegesse, dando-lhe uma aparente segurança para falar de vários assuntos.

"O.B.", diferentemente do pseudônimo "Fantasio", aborda vários assuntos de modo menos irônico. Nas quatorze crônicas publicadas por "O.B." na seção, o cronista expõe subjetivamente as experiências vivenciadas por Olavo Bilac, fazendo com que a voz do cronista seja misturada à autobiografia do autor.

Ao citar as experiências realizadas no Instituto Sanitário, o cronista enfatiza seus trabalhos como estudante de psicologia experimental: "Eu, por mim, não respondo. Escrevendo estas cousas, só me lembro do tempo em que, possuído da ambição de servir a ciência, estudava psicologia experimental."[109]

O cronista, neste exemplo, enfatiza ainda mais a subjetividade com o pronome "eu", acompanhado da expressão "por mim", como se quisesse dizer que é Bilac

[108] *A Bruxa*, Rio de Janeiro, 8 de maio de 1896, p.3.
[109] *A Bruxa*, Rio de Janeiro, 7 de fevereiro de 1896, p.2.

quem fala por trás da voz do cronista. Essa associação é realizada porque o escritor, antes de se tornar um literato, foi estudante de medicina e vivenciou as práticas da medicina de sua época.

Outro exemplo ocorre quando o cronista se irrita com os policiais que se preocupam mais com o suicídio de uma garota de 16 anos do que com aprisionar os gatunos que invadiam as ruas cariocas.

Nesse fragmento é possível identificar um tom de seriedade na voz do cronista de modo direto, sem as ironias habituais utilizadas em outras crônicas da seção.

A ironia de "Fantasio" desaparece, dando voz atuante a "O.B.", que pode ser entendido como o próprio Bilac.

Segundo o pesquisador Antonio Dimas[110], há uma diferença distinta entre "O.B." e "Fantasio", visto que as iniciais identificam o poeta como "intelectual sustentatório da euforia vigente"[111] por ocasião do Bota Abaixo, enquanto "Fantasio" é um dos pseudônimos favoritos, "que carrega no bojo o convite à imaginação e ao descompromisso com o real histórico"[112].

Portanto, "Fantasio" e "O.B." são distintos: ao assinar com suas iniciais, Bilac redige textos atentos às modificações locais com teor opinativo. Sob o pseudônimo "Fantasio", elabora textos que funcionam como exercício literário através de uma linguagem mais elaborada e menos comprometida com o propósito de enfatizar os seus pensamentos e experiências pessoais.

3. Os assuntos de "Crônica"

Olavo Bilac comentou uma pluralidade de assuntos na seção "Crônica": relacionamentos conjugais, acontecimentos sociais, literatura, política, entre outros que se agregam e retratam a vida da elite carioca. Assim como na revista *Kosmos*, n´*A Bruxa* e n´*A Cigarra* Bilac também explorou, de modo opinativo, um "diversificado catálogo de assuntos" inspirados na tendência francesa denominada *Art Nouveau.*[113]

Desse catálogo de assuntos, a dissertação faz um recorte dos principais assuntos abordados pelo cronista nesta seção, tratando-se meramente de uma amostra do que

[110] DIMAS, Antonio. *Tempos eufóricos*: Análise de Kosmos: 1904-1909. São Paulo: Ática, 1983, p.75.
[111] Ibid., p.82
[112] Ibid., p.77
[113] DIMAS, Antonio. op. cit. p. 5.

foi comentado, já que os assuntos são inúmeros e não seria possível destacar a todos com intensidade.

A – Mulheres e as particularidades da vida social carioca

Um dos assuntos destacados por Olavo Bilac a vida conjugal e as particularidades da vida mundana tão valorizada naquele período.

> Tais relacionamentos são abordados através de um olhar sensível que faz da mulher o assunto e a visão predominante em boa parte dessas crônicas.

A revista *A Cigarra* dependia de colaboradores literários e financeiros e de um número considerável de leitores para sua sobrevivência. Embora 20% das mulheres soubessem ler e escrever, contra 29% dos homens alfabetizados, eram elas as principais leitoras da época. Tanto era assim que as revistas destinavam a elas o espaço intitulado "folhetim", no qual eram publicadas variedades e assuntos corriqueiros que se adequassem a um suposto perfil feminino.

O cronista Olavo Bilac, aproximando-se dessa tendência seguida pelos veículos de comunicação de seu tempo, também se preocupou em dirigir-se a esse público feminino, além de inseri-lo em seu trabalho jornalístico.

Ao retratar o seu cotidiano, caracterizado pelos costumes e pensamentos da elite carioca, inspirados na *Belle Epoque,* a figura feminina sempre esteve presente em suas crônicas a partir de diferentes vertentes: na da beleza exterior, emaranhada ao modismo parisiense, ao matrimônio e à sexualidade. Tal é a importância dessa referência feminina que, logo na primeira crônica da seção, publicada no primeiro número da revista, *Fantasio* destina sua prosa às mulheres da Rua do Ouvidor, no Rio de Janeiro. O cronista dedica-se aos acessórios utilizados pelas mulheres e aos traços dos rostos e às curvas femininas, remetendo-se à beleza. "As asas de leques palpitando amorosamente", "os chapéus tufados de rendas e de plumas" e "os sapatinhos lépidos" acabam configurando e valorizando a beleza externa, enquadrando-a no cenário urbano das ruas cariocas.

Em meio a esses detalhes, as características físicas também são reveladas pelo cronista. Ao admirar os retratos das donzelas espalhados no saguão da Photografica Brazileira, ele comenta:

> Há por aquelas paredes carinhas gordas e ridentes, de queixos redondos, em que se adivinham covinhas aveludadas, sepulturas de beijos, cheias de pó de arroz; faces finas e fidalgas, de olhos dominadores e lábios frios; rostos espertos, cheios de uma frescura de quatorze anos, em que o esplendor fecundo do outono dá uma beleza repousada e firme. Ah! Os retratos também não falam, bem sei! Mas, em dias de chuva, é preciso que os olhos da gente se contentem com o que acham..[114]

Toda essa imagem da "beleza angelical" citada nas crônicas, aos poucos, se mescla com uma imagem diabólica, em que a figura feminina chega a agredir os olhos de quem a admira como um "bando de demônios trêfegos" que entontece e alucina os homens. O cronista, em sua postura masculina, se diz amante das mulheres e complementa: "Ah! quem tivera, senhoras do meu destino, donas do meu passado, do meu presente e do meu futuro! Cem olhos para olhar-vos, cem almas para adorar-vos, cem vidas para servir-vos!"[115]

Seu olhar é tão centrado na mulher que ele deixa assuntos importantes para o país a fim de dirigir-se exclusivamente a ela: Quero hoje, senhoras minhas, dedicar toda esta crônica aos vossos interesses, como já ao louvor e à vossa adoração dediquei toda a minha vida – tão pequena (ai de mim) para tão grande amor!"[116]

Essa adoração não se limita a uma única mulher, pois o gênero é representado no plural; sejam elas loiras ou morenas, as mulheres são vistas como muitas, comparadas a um "rio da beleza humana".

Outro assunto que enfatiza a mulher na seção "Crônica" é o casamento. Na publicação do vigésimo quinto número da revista, o narrador expõe suas idéias sobre o assunto:

> Minhas senhoras! vou dizer-vos uma cousa que vos espantará: creio que a única cousa que um homem e uma mulher podem razoavelmente fazer, quando se amam, é casar, sem querer saber do que pensam Michelet e Balzac, - casar como todo o mundo casa, dormindo em um só leito ou em leitos separados, conforme é este ou aquele costume da terra em que casaram. Filósofos, poetas e romancistas não endireitam o mundo: o mundo é torto, e torto será por toda a eternidade.[117]

Na seqüência da crônica, Fantasio afirma que o tédio conjugal é a principal causa para as discussões domésticas. No entanto, mesmo com esse empecilho, o cronista

---

[114] *A Cigarra*. Rio de Janeiro, 9 de maio de 1895, p.2.
[115] Ibid.
[116] Ibid.
[117] *A Cigarra*. Rio de Janeiro, 24 de outubro de 1895, p.2.

ainda dá créditos ao matrimônio, aconselhando as pessoas a se casarem: " Não é verdade, minhas senhoras, que esta é a melhor opinião sobre o casamento?"[118]

Na crônica do número 59, Diabo Vesgo menciona um caso amoroso em que um rapaz apaixonado mata a si e a sua amada ao saber que jamais se casaria com ela. Por isso o cronista comenta em tom poético:

> O amor é sempre uma ferocidade: mesmo no amor feliz, contentado, correspondido, o beijo anda perto da dentada; a suprema carícia do gozo é brutal; tem rugidos de raiva e arranhões de cólera. Quem ama, fere, maltrata, mata. Só os amores linfáticos, moles, inexpressivos, *água morna,* são incapazes de brutalidade. Amavas, e quiseste matar. Nisso, foste humano: não pensastes no que fazias, e foi a própria natureza quem te armou o braço![119]

Em outra crônica, na quinta edição da revista, o cronista destaca os três santos mais importantes do mês de junho, entre os quais Santo Antonio,"que mete-se entre as onze mil virgens, desde o dia primeiro do mês e, presidindo esse congresso de Puras, começa a deferir os requerimentos que lhe enviam da terra as moças ávidas de casamento".[120]

Depois de vários discursos sobre a propagação do casamento, a mulher é destacada no âmbito da infidelidade. Ao noticiar o julgamento de um marido que assassinou a esposa por ela ter cometido adultério, o cronista afirma que, assim como o júri não poderia condenar o marido, homem traído também não poderia tirar uma vida humana. Para isso, Fantasio justifica:

> Sem dúvida, o homem que, num momento de cólera, lança mão de um revólver e prostra sem vida a mulher infiel, não está em si: não há pior delírio que o ciúme! Mas... e ela, fraca de inteligência, sem educação moral, sem experiência da vida, sem força de caráter, talvez sem amar o marido, talvez sem nunca o ter amado, - vê um outro homem, ama-o, entrega-se-lhe alucinadamente, e não tem perdão! Oh! não me oporei nunca a que se perdoe uma alucinado de ciúme. Mas, porque não perdoou ele também a alucinada de amor?[121]

Ainda na mesma crônica ele continua favorável à vítima, mencionando que a mulher peca porque tem os seus nervos desequilibrados, a alma leviana, por sua incompleta

---

[118] Ibid.
[119] *A Cigarra*. Rio de Janeiro, 2 de abril de 1897, p.2.
[120] Ibid., 6 de junho de 1895, p.2.
[121] *A Cigarra.* Rio de Janeiro, 6 de junho de 1895, p.2.

compreensão moral: "Que culpa tem ela de que o único homem a quem deveria amar não tenha satisfeito o seu ideal?"[122]

Ao se lembrar da "honra" do marido, o cronista contesta o "direito de matar", contrariando os "deveres do casamento", as "obrigações sociais" e os "contratos conjugais" estabelecidos pela sociedade. Segundo ele, "todos os preconceitos do mundo não valem a vida de uma criatura".[123]

Na crônica intitulada "O Divórcio", publicada no número 36 da revista *A Bruxa*, o assunto tratado na crônica é polêmico, pois, além de ser contrário aos princípios religiosos da Igreja, ainda culpa o padre como um inimigo do divórcio e um grande obstáculo a toda idéia radical lançada pela consciência humana.

A Igreja, por sua vez, apropria-se do homem para adequá-lo aos moldes estabelecidos por ela.

Segundo o cronista o divórcio é uma medida de interesse social. Há de ter o seu dia, como o teve a abolição dos escravos e a dos privilégios dinásticos, elementos tão corrompidos como os que a Igreja há dois mil anos com rara habilidade explora.[124] Há um confronto entre os dogmas religiosos católicos e a consciência humana aliada a uma lei.

A objetividade predomina na crônica, que debate rigorosamente o poder da Igreja sem meias palavras:

> Quereis limitar o direito humano ao estreito âmbito do vosso cânon? não o conseguireis! O que a igreja tinha de dar já deu. Hoje, não passa de uma superfetação no domínio geral do direito, que se esteia em fórmulas mais amplas e que fez da natureza humana a fonte perene das suas investigações chegando a conseqüências lógicas, proclamou a autonomia individual e fez dela um dos pontos mais sugestivos do estudo da psicologia e da história.[125]

O casamento, naquele tempo, pode ser considerado um "instrumento com o qual as famílias da elite procuravam se proteger da ruína econômica".[126]

A Igreja contribuía, dessa forma, para que essa prática fosse habitual na elite carioca, já que a amizade entre os membros eclesiásticos e as famílias era sólida e poderia trazer benefícios à entidade religiosa, que aliava a boa conduta moral à imagem social de uma família bem estruturada.

---

[122] Ibid.
[123] *A Cigarra*. Rio de Janeiro, 16 de maio de 1895, p.2.
[124] *A Bruxa.* Rio de Janeiro, 9 de outubro de 1896, p.2.
[125] Ibid. Rio de Janeiro, 9 de outubro de 1896, p.3.
[126] NEEDELL, Jeffrey D. op. cit. p.145.

> Nesse período, a mulher é vista simplesmente como um "utensílio de casa", privada de educação e de conhecimento do mundo exterior, tendo como função principal a de amar e de agradar seu marido exclusivamente. Quando a mulher rompe seus valores com a realização de um adultério, ela é severamente julgada pelas leis e, sobretudo, por uma sociedade machista.

Talvez um dos assuntos mais sérios que envolveram a mulher nas crônicas de Fantasio seja o caso da negra Isaltina que, aos sete anos, preferiu o suicídio a conviver com as agressões físicas e morais das pessoas que dela cuidavam. Esse episódio é narrado no último parágrafo da crônica, publicada no vigésimo primeiro número d´*A Cigarra;* o cronista afirma:

> Pobre menina! nem essa liberdade te deixaram! era preciso que morresse lentamente, não por tua vontade, mas pela vontade de quem te possuía... E era preciso que, depois de morta, ainda te cuspissem sobre a cova de mártir todas essa injúrias e todos esses impropérios!"[127]

Ainda na mesma crônica, a mãe negra também é mencionada como sinônimo de humilhação e exploração humana:

> A mãe foi escrava: conheceu de perto as inefáveis doçuras do vergalho de couro cru, e pôde apreciar, com perfeito conhecimento de causa, que não há no mundo cousas mais agradáveis do que um bom tronco, um bom par de algemas, e um bom pulso de feitor de fazenda. Quando veio a abolição do cativeiro, essa negra deu-se ao luxo de ter uma filha. Que desaforo! Ah! cadela! Se não fosse o maldito 13 de maio, haviam de mostrar-te se negra pode ter filhos!..[128]

De forma irônica, o cronista ainda culpa Deus, que emprega o seu tempo em fazer crueldades: matou a mãe negra e deixou Isaltina, a filha, sozinha no mundo.

Ao todo, onze das vinte e cinco crônicas publicadas remetem direta ou indiretamente à figura feminina.

---

[127] NEEDELL, Jeffrey D. op. cit. p.145.
[128] FANTASIO. *A Cigarra*. Rio de Janeiro, 19 de setembro de 1895, p.2.

A voz do cronista "Fantasio" se iguala, em alguns casos, ao olhar da imprensa feminina daquele período, que trata da mulher em temas restritos, tais como a maternidade, a beleza e a doçura feminina. É criado um "mundo da mulher" para que ela fique dentro dele e não ouse sair, ou seja, para que não se interesse por assuntos mais importantes pertencentes ao "mundo masculino".

A mulher é vista como um ser supérfluo, alheia a um espaço feminino que se limita a exigir jóias, vestidos e acessórios aos pais ou maridos. Até mesmo quando *Fantasio* exalta o caso da menina Isaltina, seus olhos não se voltam para a menina, ou para a mãe, mas para uma causa abolicionista, trazendo essas figuras como meros exemplos. A história tem dado à mulher um espaço demarcado pelas representações e ideais masculinos e, mesmo quando o cronista apóia a atitude da mulher adúltera, o cronista desqualifica com adjetivos, menosprezando sua inteligência, deixando claro, nas demais crônicas, que ela deve permanecer no casamento, cumprindo o seu papel de mãe.[129]

Desse modo, o "olhar bilaquiano" não difere do pensamento da sociedade daquele período, pois se fixa na família como entidade que contribui para a organização social de princípios e valores tradicionais.

B – Literatura e a geração boêmia

> A literatura também mereceu destaque nessa gama de assuntos abordados por Olavo Bilac. Das vinte e cinco crônicas da seção "Crônica", publicadas por Olavo Bilac na revista *A Cigarra*, apenas três se referem à crítica literária e à literatura, especificamente. Essas crônicas são datadas de 11 de julho, 1º de agosto e 19 de setembro de 1895.

Na décima edição da revista, Fantasio discorda da roupa preta que as jovens vestiam, já que a cor representa o luto:"Oh! a cor preta! Uma mulher só deveria ter o

[129] BUITONI, Dulcélia Helena Schroeder. *A mulher de papel:* a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira. São Paulo: Edições Loyola, 1981.

direito de se vestir de negro depois dos sessenta anos, nessa idade em que o corpo já é um frangalho e a alma uma ruína."[130]

Esse comentário serve de ilustração para que o cronista destaque o trabalho de Francisca Julia da Silva e o seu livro *Mármores*. Ao revelar que leu tal obra, o cronista destaca o estilo utilizado pela poetisa, que o surpreende:

> Quando li, há pouco mais de um ano, os primeiros versos de Francisca Julia, surpreendeu-me o seu estilo. Havia ali a demonstração de um culto estranho da Forma, - culto que não tem muitos sacerdotes (ai de nós!) nos dias de hoje. Em regra os escritores, que estão agora florescendo, cuidam que, para dar progresso à língua portuguesa, basta inventar palavras como quem inventa boatos. Quanto mais estapafúrdia a palavra, mais bela! – é a profissão de fé dos novos. E a gente lê cousas capazes de dar arrepios de medo a um frade de pedra!
> Em Francisca Julia, surpreendeu-me o respeito da língua portuguesa. Não que ela transporte para a sua estrofe brasileira a dura construção clássica: mas, a língua doce de Camões, trabalhada pela pena desta meridional, - que traz para a arte escrita todas as suas delicadezas de mulher, toda a sua faceirice de moça, - que nada perde da sua pureza fidalga de linhas. O português de Francisca Julia é o mesmo antigo português, remoçado por um banho maravilhoso de novidade e frescura.[131]

Depois disso, ainda complementa que, nos versos de Francisca Júlia, não existem o falso pudor e a monótona lamúria, como nos versos de outras poetisas, que são "versos livres de véus hipócritas, transplantando um grito de saudade e de angústia".

Assim como os gramáticos, Olavo Bilac destaca o culto à língua portuguesa e ao estilo com que os textos são escritos, bem como demonstra Wilson Martins em sua *Crítica literária no Brasil*:

> Resolve-se o problema estilístico de um ponto de vista gramatical pelas medidas nem sempre coerentes do purismo, do catecismo; bom escritor é o que escreve "certo" e escreve certo quem se limita a repetir, sem violá-las, as construções sintáticas e o vocabulário dos "clássicos" da língua[132]

Desta forma, constata-se que a crítica literária encontrada nas crônicas de Bilac enquadra-se uma crítica voltada a um policiamento gramatical, que se mantém no puro plano verbal. Essa crítica reflete o pensamento da própria obra bilaquiana, visto que, por se tratar de uma das figuras mais representativas do parnasianismo, valoriza o estilo com que são apresentados seus versos.

---

[130] FANTASIO. *A Cigarra.* Rio de Janeiro, 1895, p. 2
[131] *A Cigarra.* Rio de Janeiro, 11 de julho de 1895, p. 2.
[132] MARTINS, Wilson. *A crítica literária no Brasil.* São Paulo-SP: Departamento de Cultura, 1952, p.48.

Também na crônica publicada no dia 1º de agosto, o cronista critica a dependência econômica e cultural do país. Para ele, o brasileiro valoriza mais a cultura de outras nações do que a cultura brasileira.

Olavo Bilac introduz na crônica apontamentos sobre os grandes poetas do Brasil que estavam esquecidos pelos jovens da época. Ao ilustrar esse pensamento, lembra-se da comemoração do centenário de Basílio da Gama naquele período: "Não é preciso que a mocidade festeje Basílio da Gama com estilo: basta que o festeje com entusiasmo. Os grandes poetas do Brasil são esquecidos, com um desamor que dói"[133]

Nessa reflexão, Olavo Bilac assemelha-se ao crítico impressionista Nestor Vitor, um contemporâneo do jornalista, que também menciona o descaso que os jovens daquele período tinham com os escritores nacionais. Para Nestor Vitor, embora o Brasil esteja incluído entre os países ocidentais, aqueles cujo senso histórico é valorizado, o "órgão histórico" brasileiro ainda é muito embrionário, não havendo, portanto, valorização nesse sentido.

> Já não quero falar dos que se foram: os nossos próprios contemporâneos ora ainda vivos, quase que são conhecidos apenas no que representam neste instante. A quem já vem figurando de mais longe não se leva em conta o que ele foi, o que ele valeu ontem, porque tudo já está esquecido. Somos do "presente puro", de que falava Goethe, e somos por ignorância do que passou. Aos moços, parece, afigura-se que um velho já nasceu velho, como eles, agora abrindo os olhos, o encontram. Procurá-lo na sua figura juvenil pelos documentos que ele deixou atrás, é de mau gosto, é de passadismo. [134]

Após mencionar o autor de *O Uruguai*, a crônica ressalta Gonçalves Dias e ainda o descaso com que os jovens tratavam a obra do poeta: "Apanhem-me aí um moço, ao acaso. Afirmo que esse moço conhece mais intimamente as *Flores do Mal* de Baudelaire que o *I-Juca-Pirama* do nosso divino Gonçalves Dias"[135]

Segundo o cronista, Gonçalves Dias, embora seja considerado o primeiro poeta brasileiro, é o menos conhecido e amado pela sua geração, sendo ele conhecido somente pelos seus *Cantos*.

---

[133] *A Cigarra.* Rio de Janeiro, 1 de agosto de 1895, p.2.
[134] VITOR, Nestor. Cruz e Sousa. *Obra crítica de Nestor Vitor.* (Dir. Thiers Martins Moreira). Rio de Janeiro-RJ: MEC- Casa Rui Barbosa, 1969, 3v. p. 158.
[135] *A Cigarra.* Rio de Janeiro, 1 de agosto de 1895, p.2.

Para Bilac, ninguém lia as obras de Basílio da Gama, mas lia-se Guerra Junqueiro, e mesmo com as suas "fraldulagens espaventosas", este seria o poeta popular do Brasil.

Sobre a comemoração do centenário de Basílio da Gama, o cronista alerta para que ela seja festiva nas penas dos críticos de seu tempo, "com ou sem estilo", "com versos certos ou versos errados".

Assim como os demais críticos de sua geração, o cronista destaca a necessidade de se produzir no país conceitos de crítica, arte, história literária e literatura brasileira a partir da valorização das obras e dos escritores nacionais.

Os críticos do século XIX buscavam a superação dessa condição nacional e lutavam por um pensamento próprio, pelo interesse de obras e autores brasileiros e por uma identidade definida a partir da internalização dos elementos nacionais. Daí o apelo do cronista para a produção de uma crítica literária voltada para o centenário de Basílio da Gama, ou seja, dedicado ao resgate da memória nacional, à valorização da produção literária no país.

Posteriormente, relevando insatisfação com os rumos do país, Bilac comenta a necessidade de Aluísio Azevedo submeter-se a conclusa para obter o cargo público a que fazia jus pela obra produzida:

> Em outro qualquer país, quem se chamasse Aluízio Azevedo, e tivesse escrito a *Casa de pensão*, *O mulato*, *O homem*, *O Cortiço*, *O livro de uma Sogra* (oh! Magalhães! vem esse livro ou não vem?), *Os Mistérios da Tijuca,* a *Filomena Borges*, os *Demônios*, e outros tantos livros em que o ilustre moço tem gasto a mocidade e a saúde para honrar o Brasil, - quem tivesse na sua fé de ofícios tantos títulos de recomendação à gratidão e ao amor de seus compatriotas, não careceria de fazer concurso para mostrar o que sabe...[136]

Assim, finaliza a crônica apelando ao ministro das Relações Exteriores, que também era um homem de letras, para que olhasse para Aluízio Azevedo, já que ninguém mais seria capaz de representar com dignidade o nome brasileiro, "(...) do que este trabalhador infatigável, cujo talento tem o esplendor do nosso céu e a fecundidade sagrada e perpétua do nosso solo"[137].

Ao iniciar a crônica de 19 de setembro de 1895, Bilac cita o trecho

[136] *A Cigarra.* Rio de Janeiro, 1 de agosto de 1895, p.2.
[137] Ibid.

bíblico que trata do pecado original. Como castigo à mulher que desobedeceu às ordens divinas, Deus concedeu a ela o dever de ser uma sogra e explica, a partir desse aspecto, o ódio que todos sentem pela da sogra, essa figura feminina perseguida pelos familiares e pelos poetas satíricos. Essa introdução apenas serviu para que o cronista ressaltasse *O livro de uma sogra*, de Aluísio Azevedo como o redentor de todas elas:

> Mas, não há maldição perpétua. O tempo apaga tudo. Era justo que as sogras tivessem um redentor. Tiveram-no. É um homem bonito, não muito alto, não muito baixo, antes gordo que magro, possuidor de um par de olhos formosos e de uma pena que tem escrito mais de duas mil páginas admiráveis e fortes. Esse homem, que nasceu em S. Luís do Maranhão, recebeu na pia batismal o nome de Aluísio Azevedo.[138]

O cronista insere nessa história as profecias e dádivas concebidas a Azevedo pelas fadas, que lhe previam o futuro. Ao invés de ser um pintor, para transplantar a beleza feminina nas telas, ele seria um escritor, que receberia "todos rios da paixão humana", de modo a reproduzir o mundo.

> E como escritor redimirá às sogras! Para confusão dos genros, reabilitará as sogras caluniadas, em um livro singular e piedoso, que será posto à venda na heróica e leal cidade de S. Sebastião, na terceira semana do mês nono do ano de mil oitocentos e noventa e cinco[139]

Após destacar a obra, o cronista inicia um discurso sobre a forma do livro. Para ele, a forma encontrada em *O livro de uma sogra* não é a mesma que serviu de molde aos outros livros do escritor intitulados *O Cortiço* e *Casa de Pensão*, embora o processo seja o mesmo, pautado na observação e em análise.

O que difere essa obra das demais é que, nas outras, Azevedo abrangia grandes massas humanas e não fixava a atenção apenas em um personagem, de modo que ele não estudava o homem ou a mulher, mas atentava-se à vida de um modo geral. No *Livro de*

---

[138] *A Cigarra.* Rio de Janeiro, 19 de setembro de 1895, p.2
[139] *A Cigarra.* Rio de Janeiro, 19 de setembro de 1895, p.2.

uma sogra, essa atenção é voltada toda à sogra, ou seja, para uma alma feminina, distinguindo-se pelo foco narrativo.

No meio da crônica, em vez de destacar outros assuntos, o cronista justifica a temática a que se dedica:

> Esta crônica não pode analisar o livro novo de Aluízio. Estou aqui para dizer o que houve de notável durante a semana, e não para fazer crítica literária.
>
> Mas que houve durante a semana? Houve boatos e suicídios. Mas, os boatos deram em nada; e, quanto aos suicídios, por que tratar deles? Todos nós nos matamos mais ou menos; depois, quem se mata por estar farto de viver, não se mata para fazer falar de si: por que dar ainda a vida efêmera de uma referência na crônica a quem deu à vida o safanão de supremo nojo; com que a gente se livra de uma preocupação importuna? Volto à reabilitação das sogras.
>
> Por que, se não posso insistir nesta seção *d´A Cigarra* sobre o valor literário da obra de Aluízio, posso insistir sobre o valor moral da obra de reabilitação das sogras, a que ele meteu ombros. Que importa que os genros se rebelem contra mim? Nunca fiz caso de opinião dos homens, só a opinião das mulheres me preocupa.[140]

Bilac, ao finalizar, destaca o valor das mulheres, tanto das quarentonas, como das mais jovens, com menos de trinta, e a relação da mulher com o "sogrismo": "O sogrismo é uma contingência fatal na vida da mulher. Quem não é ou não foi sogra, sê-lo-á mesmo porque há para mulher causa pior do que chegar a sogra: é ficar para tia"[141]

Os genros, que falam mal das sogras, ele os condena, revelando que dos cem homens que falam mal de suas sogras, noventa e nove deles são sustentados por elas. Bilac conclui abençoando Aluísio por se tornar o "redentor das sogras".

Nessas publicações, o cronista menciona o resgate do nacionalismo, ou seja, de uma busca da valorização do nacional. A memória, inclusive, aparece como um dos pontos que o cronista enfatiza para que esse resgate acontecesse.

O cronista faz apontamentos sobre vários autores de seu período; cita o centenário de Basílio da Gama, as obras de Aluísio Azevedo, Francisca Julia da Silva e Gonçalves Dias. Sobretudo, prima pelo culto à língua portuguesa e "escrever certo", de acordo com as construções sintáticas e o vocabulário dos clássicos.

Também na revista *A Bruxa*, o assunto é destacado nas crônicas publicadas em janeiro de 1897 e 12 de março do mesmo ano. Nelas, o cronista enfatiza a importância de os homens de letras clamarem por espaço social:

---

[140] Ibid.
[141] Ibid.

> Por estas e outras razões, é que a classe dos homens de letras se deve empenhar em que a próxima festa de José de Alencar tenha o maior brilho. É força rasgar a muralha Chinesa de que estamos cercados. Afirmemo-nos! Tomemos o nosso lugar ao sol! Respeitando nós a nós mesmos, conquistaremos o respeito do público. E, quando tivermos conquistado isso, os que nos exploram, os que especulam com o nosso trabalho hão de ir com menos sede ao pote.[142]

Contudo, é possível, por meio dessas pinceladas de crítica literária identificar os valores assumidos pelo poeta e a presença desses valores nos traços de seus poemas parnasianos, embora ele nunca teve a pretensão de produzir crítica, mas apenas o intuito de divulgar obras de amigos ou de outros autores que tivesse a mesma afinidade literária.

C – Problemas sociais e política externa

No início dos anos 1890, os problemas de abastecimento de água, de saneamento e de higiene agravaram-se na cidade carioca, o que deu espaço à proliferação de doenças como a febre amarela e a varíola.

Em 1891, a taxa de mortalidade cresceu consideravelmente. Em cada mil habitantes 52 pessoas morriam por essas epidemias e até 1896 essa taxa permaneceu em torno de 35 mortes para cada mil habitantes. Esse quadro assustava a população do Rio de Janeiro, principalmente no verão, quando a cidade tornava-se perigosa devido ao calor excessivo.[143]

Cinco das crônicas publicadas na revista *A Bruxa* serviram para ressaltar a febre amarela como uma epidemia daquele período, além de destacar os avanços da ciência e a conduta de laboratórios e profissionais da área.

Para salientar a epidemia, "Belial" inicia a crônica expondo dados demográficos sobre a cidade carioca:

> Ainda há poucos minutos, estava eu lendo, no *Brasil Médico*, o último boletim do serviço demográfico da cidade do Rio de janeiro. Durante a última quinzena de abril, morreram aqui 1622 pessoas, e nasceram 726. Quedei, horrorizado e pálido, relendo esses algarismos fatais.[144]

---

[142] *A Bruxa.* Rio de Janeiro, janeiro de 1897, p.3.
[143] CARVALHO, José Murilo de. *Os Bestializados*: o Rio de Janeiro e a república que não foi, São Paulo, Cia. das Letras, 1987, p.19.
[144] *A Bruxa.* Rio de Janeiro, 15 de maio de 1896, p.2.

Sua maior preocupação era com o fato de que, naquele tempo, a população do Rio de Janeiro era de 650.000 habitantes. "Nascendo por ano poucas pessoas, temos esta proporção ridícula: em 1000 habitantes, 27 nascimentos. Há cousa mais desoladora?"[145]

De modo irônico, "Belial" condena os cariocas que diminuíram seus instintos amorosos para se tornarem políticos, jogadores, industriais e ganhadores de fortuna como na França.

Em contraste a diminuição da população carioca, o cronista enfatiza o aumento da mortalidade agravada pela febre amarela, Na voz de "O Diabo Vesgo", o cronista anuncia: "vou clamar de modo alto o meu reconhecido bom senso, cuidando de cousas sérias"[146]. Essas "cousas sérias" nada mais são do que as mortes causadas pela febre amarela. Em seguida, denuncia a existência de uma máfia gerada pela classe médica que se alia à classe farmacêutica, o que demonstrava a fragilidade e a corrupção da saúde pública no Brasil.

"O Diabo Vesgo" afirma que a "amiga" não apareceu naquele ano, 1897, para o desgosto dos médicos e da sociedade:

> A febre amarela mata, assola, dizima a população, mas a população já está tão habituada a vê-la chegar todos os anos com a pontualidade de um credo, - que neste espantoso verão, inconsolável e despeitada, chora a falta dessa amável pirexia, ornamento da civilização, elemento do nosso bem estar, alicerce das nossas comodidades.

Os médicos, bem como a população, também sentem falta da epidemia, segundo o cronista, visto que a classe médica, aliando-se à classe farmacêutica, depende das moléstias para a sua subsistência.

Também na primeira crônica d´*A Bruxa,* datada de 7 de fevereiro de 1896, "O.B." denuncia o Hospital de S. Sebastião, que realizava tratamentos experimentais em homens pobres com a aprovação, inclusive, do Instituto Sanitário. O cronista ironiza: "Quem manda aos pobres que tenham febre amarela? Pois já lhes não bastava a moléstia da pobreza?"

Além desses problemas sociais, as relações externas estabelecidas pelo Brasil também eram salientes na voz do narrador. Muitos países foram citados nas crônicas da seção como nações civilizadas que firmavam diversos acordos políticos com o Brasil.

---

[145] Ibid.
[146] *A Bruxa.* Rio de Janeiro,19 de fevereiro de 1897.

Na maioria das vezes, o Brasil é ridicularizado pelas comparações feitas pelo cronista que o tornam menor diante dos avanços tecnológicos e dos hábitos culturais de outros países.

Em meio a inúmeras vinhetas de Julião Machado, a crônica de número 23 contém vários trechos em francês, uma língua que é tida, na concepção do cronista, como "a língua diplomática".

A crônica anunciou um almoço diplomático oferecido por Carlos de Carvalho, ministro das Relações Exteriores.

Sobre o tal jantar, o Diabo Coxo faz o seguinte relato:

> Serviu-se o macuco, serviu-se a *Salade brésilienne.* Abriu-se o *champagne.* Fizeram-se outros discursos. E eu, sempre dentro da *Tour Malakoff,* pensava: - Como? Pois, estando aqui o ministro da França, o ministro da Itália, o ministro da Inglaterra, - não se dirá uma palavra sobre a questão da Metropolitana, sobre a questão do Amapá, sobre a questão da Trindade? Pois não ouvirei aqui uma só frase indiscreta que possa ser transmitida aos seis mil assinantes d´*A Bruxa*?
> Ai! meus amigos! não ouvi nada! Sei apenas que, ao fim do almoço, cada diplomata guardou no bolso, com o menu, a bandeirinha de sua nação, que tinha diante do prato. Todas as bandeirinhas brasileiras ali ficaram atiradas.
> Todas? Não! Quando os convivas se retiraram, eu, saindo de dentro da *pièce montée,* verifiquei com espanto que faltavam três desses belos retângulos de papel verde e amarelo. E pensei:
> - Quem seriam estes três amigos do Brasil? Quais, dentre tantos diplomatas, nos teriam dado a honra de guardar, como uma relíquia, essas três miniaturas do pavilhão do Brasil?
> Fui-me à chácara, onde o sr. Carlos de Carvalho andava mostrando ao corpo diplomático as suas jaqueiras, mangueiras, e jabuticabeiras.
> E –oh! que nem sei de nojo como o conte! – vi que os ministros da Itália, da França e da Inglaterra estavam palitando os dentes com as três hastes das três bandeirinhas que faltavam![147]

Ao mesmo tempo em que zomba de seu próprio país, o cronista o defende e implora à sociedade para que não se iluda com os encantos de outras nações.

No entanto, dentre essas nações citadas, a França é uma exceção, pois simboliza o ideal brasileiro. Assim como cita Otávio Bivar ao comentar que na Europa, no dia em que se comemora a Festa do Trabalho, no Rio de Janeiro é celebrada a Festa de José de Alencar. Há um paradoxo com o "lá", simbolizando a Europa, e o "aqui", que se refere ao Brasil.

> Lá a primavera, que, aos primeiros raios do sol, funde a neve, e arranca das almas o desespero, e acorda dentro deles o amor (...) Lá, a mesma alegria triunfal, que se

[147] *A Bruxa.* Rio de Janeiro, 10 de julho de 1896, p.2.

> derrama pela copa dos castanheiros, vai cantar no barulho das rodas das máquinas e acordar, dentro do coração de cada trabalhador, até então preocupado apenas com a escravidão do seu dever, o desejo de ser como as feras, que cruzam livremente as matas e como os besouros, que livremente zumbem no ar.[148]

E complementa:

> Aqui não temos, verdadeiramente, nesta Pátria da Primavera Perpétua, uma data que corresponda a essa: aqui o Trabalho (pelo menos esse esfalfante e assassino trabalho material que, na Europa, envelhece os espíritos prematuramente, e prematuramente alquebra os corpos), aqui o trabalho não carece de um dia convencional de descanso e de liberdade. Mas já temos imitado tanta cousa ruim da Europa, que não é de revoltar imitemos dela, ao menos, uma cousa boa.[149]

Há uma distinção entre o "aqui", referindo-se ao Brasil, com "lá", que trata da França. Segundo Álvaro Santos Simões Jr.,

> O deambular do poeta pelas ruas e becos cariocas não pode ser comparado ao flanar pelos bulevares parisienses de Constantin Guys (1895-1982), a quem Baudelaire chamou de "pintor da vida moderna". Não era possível a Bilac ser como ele um *observador apaixonado* do mundo, pois se via obrigado a caminhar olhando para o chão a fim de evitar os traiçoeiros buracos e moitas de capim e desviar-se de coretos, quiosques e poças d´água. Ao contrário do artista francês, que procurava o contato estimulante da multidão, o poeta carioca abominava locais como praça do Mercado, marcada pela aglomeração dos negros e mestiços da cidade. Bilac não encontrava na antiga Capital Federal "a eterna beleza e a espantosa harmonia", que Guys contemplava embevecido em Paris. Para o amigo de Baudelaire, flanar era uma atividade extremamente prazerosa que, no final da jornada, o animava a fixar no papel ou na tela as belas imagens que seu olhar colhera na cidade. Para o poeta parnasiano, ao contrário, deambular pelo Rio de Janeiro era uma necessidade penosa, pois não encontrava naquela cidade certas características valorizadas por sua estética: equilíbrio, ordem, fluência e perfeição plástica; exasperado com a realidade circundante, só lhe restaria expressar sua indignação em versos impregnados de ironia.[150]

Como um mosaico, o cronista explora muitos assuntos que são narrados comodamente nas primeiras páginas dessas revistas que não reuniam grandes discussões, mas importavam-se com a distração do leitor.

N´*A Gazeta de Notícias*, por exemplo, o próprio parnasiano explica essa pluralidade de assuntos:

---

[148] *A Bruxa.* Rio de Janeiro, 14 de maio de 1897, p.2.
[149] Ibid.
[150] SIMÕES JR., Álvaro Santos. *A sátira do parnaso.* op. cit. p.282.

> É impossível deixar de misturar, nesta resenha da semana, o profano com o sagrado. Os cronistas são como os bufarinheiros, que levam dentro de suas caixas, rosários e alfinetes, fazendas e botões, sabonetes e sapatos, louças e agulhas, imagens de santos e baralhos de cartas, remédio para alma e remédios para os calos, breves e pomadas, elixires e dedais. De tudo há de conter um pouco, esta caixa da Crônica: sortimento para gente séria e sortimento para gente fútil, um pouco de política para quem só lê os resumos dos debates no Congresso, e um pouco de carnaval para quem só acha prazer na leitura das seções carnavalescas.
>
> Aqui está a caixa do bufarinheiro, leitor amigo: mete dentro dela a tua mão e serve-te à vontade. Não fui eu quem a encheu de tantas coisas desencontradas e opostas. Eu sou apenas o retalhista, o varejista dos assuntos. Quem me enche a caixa é a Vida, a fornecedora dos cronistas, a Vida que nunca foi coerente nem metódica, a Vida que tem sempre um milhão de contradições em um só minuto do seu curso acidentado e contraditório (...)[151]

No entanto, essa caixa denominada "Crônica" voltava-se ao público centrado na classe social privilegiada, como uma voz que era fruto dessa mesma classe. Por isso, a vida das classes menos favorecidas era eventualmente citada e quando isso acontecia, a citação tornava-se ridícula ou piedosa, como se fosse formulada por um cronista que olha de cima para baixo com desdém. Afinal de contas o leitor não poderia ser incomodado numa seção tranqüila feito "Crônica".

4. Linguagem e estilo

Nem só da diversidade de assuntos sobrevivem as crônicas de Bilac; elas se destacam, inclusive, pelo modo com que foram escritas através de um estilo próprio que denunciava, atrás da voz do cronista, as mãos engenhosas de um poeta.

Em muitas crônicas, a pluralidade de assuntos se rende à singularidade com que a crônica é construída, a partir de um estilo que se assemelha ao conto por tratar de um único assunto do início ao fim. O mosaico desaparece para que o cronista fixe o olhar em determinado assunto e ressalte as suas impressões.

> Nisso, o cronista deixa de narrar os acontecimentos da velha capital, afasta-se e dá lugar ao poeta, alternando-se entre "informar" e "encantar" o leitor.
>
> As palavras, embora fossem empregadas num gênero regado à informalidade, são um instrumento persuasivo para a condução das idéias de Bilac. A crônica deveria ser digerida

[151] OLAVO BILAC. *Gazeta de Notícias.* Rio de Janeiro, 4 de fevereiro de 1904.

> pelo leitor de forma saborosa, emaranhada aos signos que comovessem ou ao menos chamassem a atenção.

O cronista podia brincar com as palavras, pois sabia que o público leitor limitava-se à classe privilegiada; era constituído de cidadãos minimamente civilizados que, portanto, entenderiam suas intenções em meio aos recursos estilísticos.

Em algumas crônicas, por exemplo, o cronista cita o *Gênesis* bíblico como texto de fundo para suas paródias:

> Creio que a tradição bíblica do pecado original foi alterada depois de Moisés. Um amigo meu, versado em ciências ocultas, profundo conhecedor de todos os mistérios da Kabala, discípulo de Elifas Lévi e Papus, homem que confabula com o além-túmulo, e que, como Swendenborg, sabe o que se passa no seio de Júpiter, afirma-me que os versículos 13 e 16 do *Gênesis* estão errados. Segundo esse investigador de cousas complicadas, o verdadeiro texto é este:
> "13. E o Senhor Deus disse para a mulher: "Por que foi que te arriscaste a ter uma filha?" E ela respondeu: "A serpente me enganou e eu comi o fruto". 16. E o Senhor Deus disse para a mulher: "Eu multiplicarei os teus trabalhos e os teus partos. Tu em dor parirás filhos e filhas, e estarás sob o poder de teu marido, e ele te dominará. E para que sejas castigada, teus filhos e filhas casarão e terás genros e noras. E será sogra!".[152]

Esse fragmento é uma paródia elaborada a partir do texto bíblico encontrado em *Gênesis* no capítulo 3, versículos 13 e 16, citados na própria crônica.

No versículo 13 é citado: "O senhor Deus disse à mulher: 'Por que fizeste isso?' – 'A serpente enganou-me – respondeu ela – e eu comi'.[153]

O pronome demonstrativo "isso" não condiz com a idéia de a mulher "ter uma filha", como é proposto pela crônica, mas refere-se apenas ao "fruto proibido" que foi comido por ela sem a autorização divina.

Segundo Linda Hutcheon, "a paródia consiste em substituir elementos dentro de uma dimensão de um dado texto de maneira que o texto resultante fique numa relação inversa ou incongruente com o texto que nele se inspira."[154] Em se tratando da paródia desta crônica, não há uma relação de inversão de idéias capaz de negar ou ser incompatível com o que foi dito no texto original; pelo contrário, tem a finalidade de incorporá-lo, conservando a estrutura lingüística, e dar a ele uma nova roupagem por meio do conteúdo.

---

[152] *A Cigarra.* Rio de Janeiro, 19 de setembro de 1895, p.2.
[153] BÍBLIA SAGRADA. São Paulo: Editora Ave Maria: São Paulo, 1997, p.51.
[154] HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da paródia* [A theory of parody]. Ensinamentos das formas de Arte do século XX. Trad. De Teresa Louro Pérez. Lisboa: Ed. 70, 1989. p.48

No versículo 16 está escrito: "Disse também à mulher: 'Multiplicarei os sofrimentos de teu parto; darás à luz com dores, teus desejos te impelirão para o teu marido e tu estarás sob o seu domínio.'[155]

Ao parodiá-lo, o cronista mais uma vez não tem a pretensão de zombar do texto original, ele apenas completa com o acréscimo de que a mulher, ao tornar-se sogra, aumentaria ainda mais o seu castigo.

É justo ressaltar que Bilac não teve a pretensão de satirizar ou ridicularizar o texto bíblico, mas simplesmente o utilizou como ponto de partida da defesa das sogras frente à postura de genros e anedotistas que as perseguem com rancor. Contudo, a paródia construída na crônica é, simultaneamente, uma re-criação e criação em que a crítica aparece apenas como uma exploração ativa da forma.

Numa só crônica é possível identificar vários recursos estilísticos, assim como na crônica publicada por "Belial"[156] quando trata da febre amarela: "A grande mortalidade explica-se naturalmente pelos bons serviços que nos presta a amiga febre amarela."

Nesse fragmento, o narrador utiliza a ironia, uma figura de pensamento que apresenta o termo "bons" ao invés de dizer "maus serviços" que a epidemia causava na época, ou seja, coloca o termo em sentido oposto ao usual para obter um efeito crítico. Além disso, dirige-se à febre amarela como uma "amiga", contradizendo o que a doença verdadeiramente representa.

A metáfora também aparece na mesma crônica: "o beijo deixa de ser uma simples carícia platônica para começar a ser uma semente humana". Desse modo, a figura de linguagem empregada consiste em dar um novo significado ao termo, havendo uma comparação entre "carícia platônica" e "semente humana" em que o beijo transita.

"Belial" realiza também um paradoxo ao afirmar que "O Brasil, quanto menos dinheiro tem, tanto mais dinheiro gasta", propondo uma idéia contrária num só pensamento.

Um recurso estilístico que se tornou importante para a personificação da revista *A Cigarra* foi a prosopopéia. Na crônica da edição n.18, o cronista comenta:

> (...) e, para não falar em mais ninguém, lá estava toda *A Cigarra*, sentindo-se bem naquele meio alegre em que havia tanto talento como quatrocentos diabos e a que a

[155] BÍBLIA SAGRADA. Op. cit.
[156] *A Bruxa.* Rio de Janeiro, 15 de maio de 1896.

> presença de meia dúzia de senhoras bonitas dava um último toque de graça e de perfume.

O cronista utiliza a figura de pensamento denominada prosopopéia ou personificação aliada a uma comparação. A revista *A Cigarra* surge na crônica como um ser inanimado que possui sentimentos humanos ao sentir-se bem "naquele meio alegre."

Em outras crônicas, o nome da revista também é mencionado como se ela fosse um personagem: "Suspende o teu vôo, *Cigarra,* e paira por um momento, compadecida e meiga, sobre a cova desta criança."[157]

Na crônica da mesma revista, de número 11, a personagem *A Cigarra* se revolta com os redatores da revista por publicarem nela assuntos voltados à política:

> Mas, *A Cigarra* não me obedeceu e falou:
> "Pois é a política! É a política! Que mal fiz eu a vocês para que me tirassem das altas galhadas verdes, meu berço e meu túmulo, onde eu nasci e morria cantando, nascida do verão e morta com ele? Deram-me vida nova, obrigaram-me a ficar cantando em pleno inverno, salvaram-me da morte... Mas arremessaram-me à política... Por quê? Por que me deram vocês a imortalidade, se tinham de prostituir a minha voz, obrigando-a a cantar sobre um pântano? Cruéis! A Vida de um dia no cimo ondeado de uma floresta, desfeita em perfumes como um incensário, vale mais que a vida de um século dentro de um atoleiro!

Essa personificação torna-se ainda mais coerente quando se encontra aliada às ilustrações de Julião Machado, como se vê na representação d´*A Cigarra* na capa da revista no dia 31 de outubro de 1895, quando ela se despede de Olavo Bilac como seu redator.

[157] *A Cigarra.* Rio de Janeiro, 26 de setembro de 1895, p.2.

A Cigarra. Rio de Janeiro, 31 de outubro de 1895.

A personagem nessa ilustração de Julião Machado está apreensiva com a saída de Olavo Bilac, tem lenços nas mãos e está sentada, como se pudesse chorar. A imagem, nesse caso, tem função representativa quando imita a aparência do ser ao qual se refere, ou seja, a revista caracterizada como uma mulher.

O uso de clichês como recurso para atrair a atenção do leitor também foi empregado nessas crônicas, o que resulta num um emaranhado de chavões.

Em muitas das frases construídas pelo cronista incluem-se simples "série usual" ou "unidade fraseológica", constituídas quase sempre por um substantivo mais um adjetivo"[158] que salientam a intenção do narrador.

[158] GARCIA, Othon M. *Comunicação em Prosa Moderna*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1988, p.114.

Um bom exemplo para destacar esse recurso estilístico nas crônicas aqui estudadas é a relação que o cronista tem com o Rio de Janeiro. Na crônica d´*A Bruxa*, publicada no dia 15 de maio de 1896, "Belial" condena e lamenta o estado da velha capital: "E, pois que ninguém ama, ninguém nasce. Calamitosos tempos! Desgraçada cidade".

É feita uma união do substantivo "tempos" ao adjetivo "calamitosos" e "cidade" à "desgraça", sucessivamente.

Esse tom enfatizado por esses clichês não é usual quando o cronista refere-se ao Rio de Janeiro; este nome designa a "cidade querida" e expressa a adoração pela cidade.

Esse amor é estendido especificamente à rua do Ouvidor, que se torna cenário para muitas de suas crônicas nas quais "Fantasio" refere-se como um "rio de beleza humana".

Os clichês servem para diferenciar o Rio de Janeiro afrancesado do flanar "suja e amada cidade de S. Sebastião" formada por uma população considerada perigosa, que morava, na maior parte, nas ruas centrais da Cidade Velha. É o que revela José Murilo de Carvalho:

> Esta população poderia ser comparada às classes perigosas ou potencialmente perigosas de que se falava na primeira metade do século XIX. Eram ladrões, prostitutas, malandros, desertores do Exército, da Marinha e dos navios estrangeiros, ciganos, ambulantes, trapeiros, criados, serventes de repartições públicas, ratoeiros, recebedores de bondes, engraxates, carroceiros, floristas, bicheiros, jogadores, receptadores, pivetes.[159]

S. Sebastião, na visão do cronista, representa um Rio de Janeiro destacado pelos problemas sociais e econômicos vivenciados pela sociedade, o que o torna um cenário avesso ao sonho de civilização de modelo europeu.

Os clichês "amigo leitor", "mulheres amadas", "santo Deus" e "divino mestre" são alguns dos leitores-modelos criados pelo narrador, uma "espécie de tipo ideal que o texto não só prevê como colaborador, mas ainda procura criar."[160]

Segundo Rodrigues Lapa, na *Estética da Língua Portuguesa,*

> O emprego abusivo de clichê caracteriza quase todos os principiantes em trabalhos de estilo. Essas séries vocabulares ficaram-lhe no ouvido, através de más leituras, de caráter romântico, muitas vezes. Por preguiça mental enxertam esses grupos na redação, que adquire um jeito pretensioso e falso, e o diminui, é claro, de força

[159] CARVALHO, José Murilo de. op. cit. p.18.
[160] ECO, Umberto. op. cit. p.15

> expressiva. O estilo é uma permanente criação pessoal. Não aconselhamos o estudioso a evitar por completo as séries usuais, o que seria aliás difícil; é também verdade que, em certos contextos, um escritor de marca pode dar-lhes vida nova; mas prevenimo-lo contra o emprego assíduo do clichê, muleta ridícula dos preguiçosos, duma trivialidade insuportável.[161]

No entanto, o modo com que os interlocutores são destacados nas crônicas não são clichês aleatoriamente dispostos no texto, pois partem de um poeta que, na função de cronista, é conhecedor dos vocábulos mais primorosos da língua portuguesa. Ele utiliza desses recursos para revelar sua intenção, tornando o jogo do cronista ainda mais atrativo.

Em suma, essas crônicas publicadas por Bilac revelam características própria crônica que se sobressai pela fugacidade, pela aparente frivolidade que é por isso rotulada pela crítica como um gênero menor. No entanto, elas merecem um espaço digno na história da Literatura Brasileira por se tratarem de um material rico e escrito por um dos principais cronistas do final do século XIX e no início do século XX.

[161] RODRIGUES LAPA, M. *Estilística da Língua Portuguesa.* 10 ed. Coimbra: Coimbra Editora, 1979. p.92.

Considerações finais

A contribuição jornalística de Bilac foi extensa e durou quase vinte anos. Nessa trajetória, o cronista e redator publicam seus textos na revista ilustrada *A Cigarra* e, posteriormente, n´*A Bruxa*.

Entre os diferentes trabalhos produzidos por Bilac nessas revistas, a seção "Crônica" tornou-se a mais exaltada por se tratar de um editorial, ou seja, o porta-voz de seus idealizadores.

N´*A Cigarra,* sob o pseudônimo de "Fantasio", o cronista exalta as mulheres da rua do Ouvidor, que eram ao mesmo tempo personagens e leitoras dessa seção. Outro assunto em destaque foi a política interna e externa, que eram enfatizadas de modo ameno, sem a intenção de agredir homens públicos e suas leis.

A literatura também foi assunto para algumas dessas crônicas da seção, nas quais Bilac destaca com freqüência seus amigos literatos e suas respectivas obras, uma geração boêmia emaranhada à literatura. Além de problemas sociais e policiais que também ilustraram as páginas das revistas ilustradas.

A diferença entre uma revista e outra é que na primeira o pseudônimo "Fantasio" prevalece, enquanto n´*A Bruxa* o cronista se divide aleatoriamente em vários pseudônimos. Essas vozes geralmente assumem características de personagens satânicos que transitam como personagens na elite carioca.

No entanto, o cronista, nas duas revistas, sempre revelou a intenção delas, que era vender seus exemplares com o auxílio de seus patrocinadores. As revistas são

produtos comerciais que ansiavam em atrair muitos leitores, ou seja, mais clientes através de textos leves e humorísticos emaranhados às ilustrações satíricas de Julião Machado.

Tanta n´*A Cigarra* quanto n´*A Bruxa*, o propósito da seção "crônica" era divertir o leitor, aliada aos demais textos leves e humorísticos e as ilustrações satíricas de Julião Machado.

Assim como os poemas bilaquianos, as crônicas são dignas de estudo e merece um espaço amplo na história da literatura e do jornalismo no Brasil. Atualmente, pesquisadores importantes dedicam-se à pesquisa dessas crônicas e possibilitam na história um outro olhar para Bilac, olhar esse não exclusivo para os poeta, mas também para o cronista.

As crônicas da seção "Crônica" das revistas *A Cigarra* e *A Bruxa* constituem um pequeno recorte na imensidão dos textos jornalísticos de Bilac. Outros mais estão à espera de estudiosos que aproximem as crônicas bilaquianas do leitor atual.

As crônicas de Bilac são ricas e merecem atenção e não podem ser esquecidas nos rolos de microfilmes ou em papel que aos poucos vão sendo corroídos pelo tempo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A Bruxa. Rio de Janeiro, 1896-7. Hebdomadário.

A Cigarra. Rio de Janeiro, 1895. Hebdomadário.

AMARAL, Amadeu. *O elogio da mediocridade*: estudos e notas de literatura. São Paulo: HUCITEC/Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1976.

_____. Um soneto de Bilac. Conferência realizada em Jaú, no Jaú Clube, em 25/08/1920. In: _____. *Ensaios e conferências*. São Paulo: HUCITEC/Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1976. p. 41-65.

_____. *História da Literatura Brasileira* (séculos XVI – XX). São Paulo: Ática, 1961.

AMORA, Antonio Soares. *História da Literatura Brasileira* (Séculos XVI-XX). São Paulo: Ática, 1961.

ANTELO, Raúl. *Literatura em revista.* São Paulo: Ática, 1984. (ensaios, 105).

ARRIGUCCI JR., Davi. Fragmento sobre a crônica. In:_____. *Enigma e comentário:*ensaios sobre literatura e experiência. São Paulo: Cia. das Letras, 1987. p. 51-66.

ARROYO, Leonardo. *Olavo Bilac.* 2 ed. revista e ampliada. São Paulo: Melhoramentos, 1952.

AVERBUCK, Lígia (org.). *Literatura em tempo de cultura de massa.* São Paulo: Nobel, 1984.

AZEVEDO, Silvia Maria. O Brasil nas imagens da *Semana Ilustrada* e *Ilustração Brasileira.* In: CAIRO, Luiz Roberto, SANTURBANO, Andréa, PETERLE, Patrícia, OLIVEIRA, Ana Maria D. de. (Org.). *Nas malhas da narratividade:* ensaios sobre a literatura, UNESP – Publicações, 2007

BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica:* história da imprensa brasileira. 4 ed.rev. e aum. São Paulo: Ática, 1990.

_____. *Jornalismo, informação, comunicação.* São Paulo: Livraria Martins, s/d.

BÍBLIA SAGRADA. São Paulo: Editora Ave Maria: São Paulo, 1997.

BILAC, Olavo. *Ironia e piedade*. 2 ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1921.

_____. *Poesias.* 28 ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1964.

_____. *Conferências Literárias*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1912.

_____. *Últimas conferências e discursos*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1924.

BOSI, Alfredo. *O pré-modernismo.* São Paulo: Cultrix, 1966.

BOSI, Ecléia. *Cultura de massa e cultura popular:* leituras de operárias. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

BRAYNER, Sonia. Machado de Assis: um cronista de quatro décadas. In: SETOR de Filologia da Fundação Casa de Rui Barbosa. *A crônica*: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 407-417.

_____. *História do modernismo brasileiro.* 4 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974. vol. 1 – Antecedentes da Semana de Arte Moderna.

BROCA, Brito. O noivado de Bilac. In: _____. *Pontos de referência.* Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura [1962]. p. 69-73.

_____. *A vida literária no Brasil – 1900.* 3 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975 (Documentos Brasileiros, v 108).

_____. *Naturalistas, parnasianos e decadentistas:* vida literária do realismo ao prémodernismo. Campinas: Editora da Unicamp, 1991.

_____. O anônimo e o pseudônimo na Literatura Brasileira. In: _____. *Horas de Leitura.* Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1957.

BUITONI, Dulcélia helena Schroeder. *A mulher de papel:* a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira. São Paulo: Edições Loyola, 1981.

CAMINHA, Adolpho. Poeta e cronista. In: _____. *Cartas literárias.* Rio de Janeiro: Aldina, 1895. p. 185-192.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: SETOR de Filologia da Fundação Casa de Rui Barbosa. *A crônica:* o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 13-22.

_____. A vida em resumo. In: _____. *Brigada ligeira e outros escritos*. São Paulo: Ed. da UNESP, 1992. p. 137-143.

_____. Radicais de ocasião. In: _____. *Teresina etc*. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1980. p.77-86.

_____. *Literatura e Sociedade:* estudos de teoria e história literária. 8 ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

CARDOSO, Marília Rothier. Moda da crônica: frívola e cruel. In: SETOR de Filologia da Fundação Casa de Rui Barbosa. *A crônica:* o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p.137-151.

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas*: o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

_____. *Os bestializados:* o Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

CARVALHO, Affonso de. *Bilac*: o homem, o poeta, o patriota. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1942.

CAVALCANTI, Oscar Macedo de Hollanda. *O artista da forma e da beleza:* estudos sobre vida e obra de Olavo Bilac. Porto Alegre: Oficinas gráficas da Escola de Engenharia de Porto Alegre, 1925.

CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim:* o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da *belle époque*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

_____. *Cidade Febril:* cortiços e epidemias na Corte Imperial. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

CITELI, Adilson. *Linguagem e persuasão.* São Paulo: Ática, 1985.

COSTA, Emília Viotti da. *Da monarquia à república.* 7 ed. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

COSTA, José Fernandes. *Elogio Acadêmico de Olavo Bilac*. Lisboa: Livraria Aillaud e Bertrand, 1919.

COUTINHO, Afrânio (dir.). *A literatura no Brasil.* 2 ed. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana, 1968. v. 6.

COUTINHO, Afrânio. Prefácio da Primeira Edição. In: COUTINHO, Afrânio (dir.). *A literatura no Brasil.* 3 ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói: UFF, 1986. v. 1. p. 4-59.

_____. Prefácio da Segunda Edição. In: COUTINHO, Afrânio (dir.). *A literatura no Brasil.*Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana, 1968. v. 1. p. XI-LXI.

COUTINHO, Afrânio & SOUSA, José Galante de (dir.). *Enciclopédia de literatura brasileira.* 2 ed.rev. ampl., atual. e il. sob a coordenação de Graça Coutinho e Rita Moutinho. São Paulo: Global Editora; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional: Academia Brasileira de Letras, 2001. 2 vol.

CRESPO, Regina Aida. *Crônicas e outros registros*: flagrantes do pré-modernismo (1911-1918). Campinas: Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, 1990.

CRULS, Gastão. *Aparência do Rio de Janeiro*: notícia histórica e descritiva da cidade. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1949. (coleção Documentos Brasileiros).

DEL BRENNA, Giovanna Rosso (org.). *O Rio de Janeiro de Pereira Passos*: uma cidade em questão II. Rio de Janeiro: Index, 1985.

DIMAS, Antonio (org.). Introdução. In: BILAC, Olavo. *Vossa Insolência*: Crônicas. São Paulo: Cia. das Letras, 1996. p. 09-19.

_____. *Bilac, o jornalista.* Tese de Livre Docência. São Paulo: FFLCH da Universidade de São Paulo, 2000.

_____. *Bilac, o jornalista***.** São Paulo: EDUSP, 2006. 3 vol.

_____. *Tempos eufóricos* (análise da revista *Kosmos*: 1904-1909). São Paulo: Ática, 1983.

_____. Ambigüidade da crônica: literatura ou jornalismo. In: *LITTERA*: Revista para professor de português e de literaturas de língua portuguesa. Ano IV nº 12 – Setembro/Dezembro-1974. Rio de Janeiro: Grifo Edições, 1974. p.46-51.

DINES, Alberto. *O papel do jornal:* tendências da comunicação e do jornalismo no mundo em crise. Rio de Janeiro: Editora Artenova, 1974.

ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficcção.* São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

EDMUNDO, Luiz. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. 2 ed. ilustrada. Rio de Janeiro: Conquista 1957. 5 vol.

ELTON, Elmo. *O noivado de Bilac* (com a correspondência inédita do poeta à sua noiva D. Amélia de Oliveira). Rio de Janeiro: Edição da Organização Simões, 1954.

ERBOLATO, Mario L. *Jornalismo Gráfico.* São Paulo: Loyola, 1981.

FONTES, Martins. Olavo Bilac, poeta cômico. In: _____. *O colar partido*. Santos: B. Barros, 1927. p. 181-259.

FORTUNA, Felipe. Quando Bilac fez rir. In: _____. *A escola da sedução*: ensaios sobre a poesia brasileira. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1991. p. 09-21.

FREIRE, Américo. *Uma capital para a República:* poder federal e forças políticas locais no Rio de Janeiro na virada para o século XX. Rio de Janeiro: Revan, 2000.

GOLDSTEIN, Norma (org.). *Olavo Bilac.* Seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico. São Paulo: Abril Educação, 1980.

GOMES, Eugenio. A propósito de um soneto de Bilac. In: _____. *Prata da casa*: ensaios de literatura brasileira. Rio de Janeiro: Editora A noite, 1953. p. 61-64.

GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as cidades, as cidades*: literatura e experiência urbana. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

GOMES, Sônia de Conti. *Bibliotecas e sociedade na Primeira República.* São Paulo: Livraria pioneira, s/d.

GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura.* Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1968.

GUERRA, Álvaro. Olavo Bilac. In: _____. *Introdução ao estudo literário.* Contendo a biografia e estudo crítico dos mais notáveis literatos brasileiros representativos de sua época. São Paulo: Melhoramentos, s/d. p. 163-177.

HARDOY, Jorge Henrique (Dir.). *La urbanización en América Latina.* Buenos Aires: Editorial del Instituto, 1969.

HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da paródia* [A theory of parody]. Ensinamentos das formas de Arte do século XX. Trad. de Teresa Louro Pérez. Lisboa: Ed. 70, 1989.

JAGUARIBE, Beatriz. *Fins de século:* cidade e cultura no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

JORGE, Fernando. *Vida e obra de Olavo Bilac.* Introdução de Menotti Del Picchia. São Paulo: Editora Mc Graw-Hell do Brasil, 1977.

LAJOLO, Marisa. *Usos e abusos da literatura na escola.* Bilac e a literatura na República Velha. Rio de Janeiro: Globo, 1982.

LÍBERO, Nelson. *Olavo Bilac:* o homem e o amigo. Palestra feita em 11 de abril de 1960, no Museu de Arte de São Paulo. São Paulo: Anhambi, 1960.

LIMA, Alceu Amoroso. *Olavo Bilac*: Poesia. Rio de Janeiro: Agir, 1959 (nossos clássicos, 2).

_____. Olavo Bilac. In: _____. *Primeiros estudos.* Rio de Janeiro: AGIR, 1948. p. 81-92. (obras completas, 1).

_____. *O jornalismo como gênero literário.* São Paulo: Edusp, 1990.

LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil.* Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.

LIMA, Luiz Costa (org.). *Teoria da cultura de massa.* Rio de Janeiro: Editora Saga, 1969.

LOBO, Eulália Maria Lahmeyer. *História do Rio de Janeiro* (do capital comercial ao capital industrial e financeiro). Rio de Janeiro: IBMEC, 1978. 2 v.

LUSTOSA, Isabel. *O nascimento da imprensa brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003

MACHADO NETO, Antônio Luís. *Estrutura social da República das Letras* (Sociologia da vida intelectual brasileira – 1870-1930). São Paulo: Editora da USP, Editorial Grijalbo, 1973.

_____. *Da vigência intelectual:* um estudo de sociologia das idéias. São Paulo: Grijalbo, 1968.

MAGALHÃES JR., Raymundo. *Olavo Bilac e sua época*. Rio de Janeiro: Ed. Americana, 1974.

_____. *Como você se chama:* Estudo sócio-psicológico dos prenomes e sobrenomes brasileiros, 1999.

MANHEIM, Karl. *Sociologia da cultura*. Trad. Roberto Gambini. São Paulo: Perspectiva; Editora da USP, 1974.

MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*. São Paulo: Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1978. v. 4 (1877-1896).

MELO, José Marques de. Implantação da imprensa no Brasil. In: _____. *Sociologia da imprensa brasileira* – A implantação. Petrópolis: Vozes, 1973. p. 84-151.

MENEZES, Raimundo. *Emílio de Menezes* – o último boêmio. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1946.

MEYER, Marlyse. *Folhetim:* uma história. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

_____. Voláteis e versáteis. De variedades e folhetins se fez a chronica. In: SETOR de Filologia da Fundação Casa de Rui Barbosa. *A crônica*: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 93-133.

MICELI, Sérgio. *Poder, sexo e letras na República Velha* (estudo clínico dos anatolinos). São Paulo: Editora Perspectiva, 1977.

MILLIET, Sérgio. *Diário Crítico de Sérgio Milliet.* 2 ed. Introdução de Antonio Candido. São Paulo: Martins Editora, 1981. v 2 – 1944.

MOISÉS, Massaud. A crônica. In: _____. *A criação literária:* prosa. São Paulo: Cultrix, 1982.

MONTALEGRE, Duarte de. *Ensaios sobre o parnasianismo brasileiro* – seguido de uma breve antologia. Coimbra: Coimbra Editora, 1945.

MONTEIRO, Mario. *Bilac e Portugal*. Lisboa: Agência Editorial Brasileira, 1936.

NEEDELL, Jeffrey D. *Belle Époque tropical:* sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século. [*A tropical Belle Époque*: elite culture and society in turn-of-hecentury Rio de Janeiro]. Trad. Celso Nogueira. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

NEVES, Fernão. *A Academia Brasileira de Letras*: notas e documentos para a sua história (1896-1940). Prefácio de Afrânio Peixoto. Rio de Janeiro: Publicações da Academia Brasileira, 1940.

NEVES, Margarida de Souza. Uma escrita do tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas. In: SETOR de Filologia da Fundação Casa de Rui Barbosa. *A crônica*: o

gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 75-92.

NÓBREGA, Humberto Galeano de. *Olavo Bilac*. Rio de Janeiro: Co-editora Brasílica, 1939.

NOBREGA. Mello. *Ocultação e disfarce de autoria:* do anonimato ao nome literário. Fortaleza: Edições UFC, 1981.

OLIVEIRA, Ana Luiza M. Camargo de. *Revistas em revista*: imprensa e práticas culturais em tempos de República (1890-1922). Tese apresentada ao Departamento de História da FFLCH da Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 1997.

OLIVEIRA, Ana Maria D. de. et al. (Org.) .*Nas malhas da narratividade:* ensaios sobre a literatura, UNESP – Publicações, 2007.

PACHECO, João. O realismo (1870-1900). In: _____. *A literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, s/d. (Roteiro das grandes leituras, v. 3).

PAES, José Paulo. O *art-nouveau* na literatura brasileira. In: _____. *Gregos e baianos*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985. p. 64-80.

PATRIMONIO E MEMÓRIA. Revista Eletrônica do CEDAP – Centro de documentação e apoio à pesquisa. Assis, v.2, n.2, p.7-8, dez. 2006. Disponível em: <http://www.assis.unesp.br> . Acesso em 13 de out. 2007.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *O Carnaval das letras*: Literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX. 2 ed. rev. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade:* visões literárias do urbano. 2 ed. Porto Alegre: editora Universidade/UFRS, 2002.

PHILLIPPE, Van. *MUSSET:L'HOMME ET L'OEUVRE*.Classiques Larousse, s.p., s.n.s.d.

PONTES, Eloy. *A vida exuberante de Olavo Bilac.* Rio de Janeiro: José Olympio, 1944. 2 vol.
_____. *Olavo Bilac:* Bom Humor. Rio de Janeiro: Editora Casa Mandarino, s.d.

RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar:* a utopia da cidade disciplinar (Brasil 1890-1930). 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

RAMA, Angel. *A cidade das letras.* São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

REIS, Antonio Simões dos. *Pseudônimos brasileiros:* pequenos verbetes para um dicionário. Rio de Janeiro: Zélio Valverde, 1941. (cinco séries).

RESENDE, Beatriz. *Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

RODRIGUES LAPA, M. *Estilística da Língua Portuguesa*. 10 ed. Coimbra: Coimbra Editora, 1979.

RONCARI, Luiz. A estampa da rotativa na crônica literária. *Boletim Bibliográfico*. Biblioteca Mário de Andrade. São Paulo, v. 46, p. 09-16, jan. – dez. 1985.

SÁ, Jorge. *A crônica.* 3 ed. São Paulo: Ática, 1987. (série Princípios).

SALIBA, Elias Thomé. *Raízes do riso*: uma representação humorística na história brasileira da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio. São Paulo: Cia das Letras, 1998. v.3.

SEVCENKO, Nicolau (Org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998. v 3.

_____. *A revolta da vacina:* mentes insanas em corpos rebeldes. São Paulo: Editora Scipione, 1993 (coleção História em aberto).

_____. *Literatura como missão*: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 2 ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.

SILVA, Hélio. *A República não esperou o amanhecer*. Ed. ilustrada. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

_____. *O primeiro século da República.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

SIMÕES JR., Alvaro S. *A sátira do Parnaso*: estudo da poesia satírica de Olavo Bilac publicada em periódicos de 1894 a 1904. Assis, 2001. Tese (Doutorado em Letras). FCL, UNESP.

_____. *A Sátira do Parnaso:* estudo da poesia satírica de Olavo Bilac publicada em periódicos de 1894 a 1904. Assis: UNESP, 2007.

_____. *Bilac em versos menores:* estudo crítico e histórico dos versos humorísticos de Olavo Bilac publicados na seção "O Filhote" da Gazeta de Notícias – 02 de agosto de 1896 - 28 de maio de 1897. Dissertação de Mestrado. Assis: FCL da UNESP, 1995.

_____. A contribuição de Bilac para a crônica brasileira. *O eixo e a roda.* Belo Horizonte, v 9/10, p. 239-250, 2004.

_____. Do cárcere ao exilo: percalços do cronista Bilac (1892-1894). In: *Estudos de literatura comparada*. Assis: FCL-Assis-UNESP-Publicações, 2005.

SODRÉ, Muniz. *A comunicação do grotesco:* introdução à cultura de massa brasileira. Petrópolis, Rio de Janeiro: Ed. Vozes Ltda, 1973.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1966.

SOUSA. J. Galante de. *Machado de Assis e outros estudos*. Rio de Janeiro: Editora Cátedra; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1979.

SOUZA, Karen Fernanda Rodrigues de. *Ridendo Castigat Mores:* A Semana Ilustrada de Henrique Fleiuss e a formação da imprensa ilustrada no Brasil. Rio de Janeiro 1860-1876.

anais do XVII Encontro Regional de História – O lugar da História. ANPUH/SP UNICAMP. Campinas, 6 a 10 de maio de 2004. CD – rom.

SUSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de Letras:* literatura, técnica e modernização no Brasil. São Paulo: Cia. das Letras, 1897.

TEIXEIRA, Níncia Cecília Ribas Borges. *Imagens Literárias Urbanas:* Machado de Assis e Lima Barreto, o Rio de Janeiro escrito a quatro mãos. Tese (Doutorado em Letras). Assis: FCL da UNESP, 2005.

A CIGARRA

HEBDOMADARIO illustrado por *Julião Machado*

Redacção de *Olavo Bilac*. Direcção de *José Barbosa* –

Propriedade de *Manoel Ribeiro*

ANNO I — Rio de Janeiro, Quinta-feira, 10 de Outubro de 1895 — N. 23

A CIGARRA

Chegou, de volta da Europa, o nosso collega, director do «Jornal do Commercio», Dr. José Carlos Rodrigues, a quem a *Cigarra* dá as boas—vindas.

Continúa a percorrer o Estado de S. Paulo, a serviço d'esta empreza, o Sr. João de Souza Lage, que *A Cigarra* vivamente recommenda aos seus collegas da imprensa paulista.

Devemos desde já prevenir o publico de que, a começar de 1 de Janeiro de 1896, suspenderemos a venda avulsa d'*A Cigarra*, que, assim, sómente será distribuida aos seus assignantes. Estes terão, comtudo, direito á acquisição de numeros atrasados, de que porventura careçam, no caso de terem desfalcadas as suas collecções.

Fazemos esta declaração com tamanha antecedencia, para que a todo o tempo não se queixem de nós as pessoas que ainda não tiveram o bom gosto de assignar *A Cigarra*.

Os da *Cigarra* abraçam José do Patrocinio pelo seu anniversario passado a 8 do corrente.

Capa da revista ilustrada *A Cigarra*

Chronica

O dever do chronista é ir a toda a parte. Desempenho-me tão bem d'essa obrigação, que não sei mesmo onde descubro tempo para escrever. Já varias pessoas dizem que tenho o dom da ubiquidade. Sou visto, ao mesmo tempo, na rua do Ouvidor e no Corcovado, no incendio da *Luz Stearica* e no beneficio da Palmyra, nas pedras da fortaleza da Lage e na alêa de palmeiras do Jardim Botanico. Identifiquei-me tanto com a vida do Rio de Janeiro, que ella é hoje a minha propria vida, e eu sou todo o Rio de Janeiro. Não sei quem inventou o *homem-multidão*; creio que foi Poe. Eu sou o homem—Rio de Janeiro.

Assim, no domingo passado, fui ao Hospicio Nacional de Alienados. Já sei que o facto de eu lá ter ido não vos espanta; naturalmente o que vos espanta é que, depois de lá me haverem deixado entrar, me tenham deixado sahir. Mas, lembrae-vos da anedocta celebre:

Um homem, visitando o Hospicio, encontrou um louco amavel com quem travou conversação. Perguntou-lhe: «ha muitos loucos aqui?» ao que o alienado respondeu: «poucos, meu amigo, poucos! aqui só mora o estado maior: o grosso do exercito vive lá fóra...»

***

E, assim, fui ao Hospicio. Havia lá uma curiosa exposição industrial: cousas todas feitas pelos loucos, industria de malucos, trabalho de alienados. Pois, em verdade, vos digo que são cousas mais bem feitas do que as minhas chronicas. Teem pelos menos uma revelação de mais equilibrado juizo. Transformar um pedaço bruto de páo, n'uma linda cesta, polida, artistica, aberta em flôres caprichosas, é obra mais sjuizada que transformar uma centena de palavras soltas, sem sentido, em uma dusia de phrases, em que as palavras, depois de unidas, teem ainda menos sentido do que quando soltas. Mas, não estou a divagar mais: vamos ao assumpto da chronica.

***

Fui ao Hospicio, e vi a exposição, e applaudi a iniciativa da administração, e felicitei o director, e disposto a sahir, porque a minha obrigação de tudo ver não me permitte demorar a visita em cousa nenhuma. Quando cheguei ao jardim, encaminhei-me para o portão. E, nisto, um homem sympathico, que passeava, com as mãos nas costas e um cigarro apagado no canto da bocca, cumprimentou-me affavelmente, e pediu-me fogo.

Accendeu o cigarro, agradeceu-me o obsequio, e perguntou-me:

— Então, gostou da exposição?

Olhei, desconfiado, o meu interlocutor. Tenho ouvido contar tantas historias de loucos que parecem homens de juizo, que conversam sem malquice com a gente, e que, de repente, mostram com estardalhaço o que são!... Por isso, olhei o meu interlocutor, desconfiado. Era um homem corpulento, velho, cara cheia de bondade e de pés de gallinha, um raro fulgor de intelligencia no olhar penetrante, um sorriso complacente e amigo a flôr dos labios. Vestia, com decencia, sobrecasaca preta abotoada, collarinho alto moderno, plastron largo. Mas notei que parecia estar mal dentro d'essas roupas de hoje: não estava á vontade. Depois havia na sua physionomia qualquer cousa muito velha, muito passada, que fallava de seculos mortos e de gerações desapparecidas. Não sei porque, por um d'esses pressentimentos que se não explicam, comprehendi que ia assistir a uma cousa phenomenal. Pressago, bateu-me o coração dentro do peito. O homem repetiu a pergunta:

— Gostou da exposição?

— Gostei... Realmente ninguem diria que loucos possam capazes de trabalhar assim...

— Tem razão! tem razão! Os loucos hoje estão de tal modo desmoralisados, que, quando se vê um louco trabalhador, fica-se espantado... Antigamente, os loucos trabalhavam muito. Olhe: quando, em 1506, eu me formei em theologia na universidade de Bolonha...

— Como? — perguntei eu, aterrado.

— Quando, em 1506, eu me formei em theologia na universidade de Bolonha...— repetiu elle, com calma.

***

Voltei-me desvairadamente para todos os lados, procurando fugir. Mas o meu interlocutor tomou-me o braço, e disse-me, com o seu sorriso compadecido e bom:

— Não fuja! Bem vejo que me está tomando por louco! Olhe, meu amigo, se eu lhe disser quem sou, creio que quem fica louco é o senhor...

Escancarei os olhos, e disse, tremulo de medo:

— Mas, então, o sr. formou-se em 1506?

Elle abanou a cabeça:

— Quer saber quando nasci? Nasci em 1467, em Rotterdam. Tenho, portanto, quatrocentos e vinte e oito annos.

— Mas quem é o senhor?

— Sou o Erasmo!

— Hein?

— Sou o Erasmo! o Erasmo Didier! o Erasmo do *Elogio da Loucura*! Fui padre, fui professor, viajei toda a Europa, servi Jacques IV da Escocia, Carlos Quinto, Fernando da Hungria, Segismundo da Polonia, Francisco I, Henrique VIII (grande malluco este! casou oito vezes!) o papa Clemente VII, um mundo inteiro! Imagine o meu amigo quanto loucos não conheci eu n'essa longa vida accidentada! Escrevi o meu *Elogio da Loucura*, e morri. Quando cheguei á presença do Padre Eterno, Elle ordenou-me que voltasse ao mundo para purgar os meus peccados, durante mais dez gerações, e condemnou-me a viver com loucos. Estou ao mesmo tempo em todos os manicomios do mundo. Sou o Erasmo Didier! o Erasmo do *Elogio da Loucura*!

***

Eu, acabrunhado e maravilhado, estava chato de assombro, chato, chato, como se sobre mim houvesse desabado o Zimborio da Candelaria. Em torno de nós, o sol flammejava nas ramarias do Jardim do Hospicio. Perto, o mar reboava. Que mysterio! pois não era mesmo que eu tinha diante de mim um homem que já morrera havia quatro seculos? Erasmo! o grande Erasmo!...

E Erasmo sciumara. De repente, ergueu a cabeça:

— Pois é o que lhe digo! a loucura está desmoralisada! Veja bem! Antigamente, quando um homem enlouquecia, dava para fazer cousas que assombravam o mundo e o cobriam. Dante era louco e... Já vejo que se espanta com poder. Então, não crê que Dante fosse louco? pois Lombroso, outro maluco, não provou que todo o homem de genio é louco? Vamos adiante! Dante era louco, e escreveu a Divina Comedia; Napoleão era louco e revolucionou o mundo. Hoje, é muluquice para que dá? Dá quando muito para fazer discursos revolucionarios nos cemiterios e para arranjar uma demissão sinha... Já não ha malucos que prestem, meu amigo!—quer saber? creio que hoje, em toda a terra, só ha um agitado que mereça estudo: é aquelle imperador Guilherme da Allemanha... Aquelle sim! ao menos, tem originalidade... E, com estas adeus! Vou a Bicêtre saber como passam as malucos francezes... Passe bem!

Apertou-me a mão com força, e ia retirar-se. Mas detive-se:

— Diga-me, sempre: quem é o senhor? onde poderei encontral-o, quando quizer continuar esta palestra?

— Sou *Fantasio*, d'*A Cigarra*. Quando quizer, Ouvidor 113...

***

D'esta vez foi elle quem ficou espantado.

— Que? O sr. é jornalista? Cestado!...

E afastou-se de mim com medo. E já da porta, gritou:

— Tome cuidado! tome cuidado! a mania do jornalismo é a peior das loucuras! olhe que quem lhe diz isto é o autor do *Elogio da Loucura*!

Desappareceu. Fiquei apertado, olhando as arvores. Depois, vim escrever esta chronica. E o que lhes posso agora dizer é que não me sinto de todo bem do juizo. Creio que estou ficando louco. Até já tive vontade de fazer um soneto jacobino contra o vice-presidente da Republica...

Fantasio.

Segunda página da revista *A Cigarra*

Temos prorogação! Temos subsidio! (E tanto melhor, porque *A Cigarra* tem a honra de contar, entre os seus assignantes benemeritos, a fina flôr do nosso parlamento!) Temos politica até 3 de novembro!

Data pessima! data nefanda! N'esse proximo dia 3 de novembro, celebrar-se-ha o anniversario do celebre golpe de estado com que o marechal Deodoro cortou as duzentas e não sei quantas cabeças da Hydra Parlamentar. Entre os que, n'essa epocha fatidica, foram para o ostracismo, figuravam alguns d'estes mesmos senhores deputados, que ainda hoje promovem a felicidade geral da nação a setenta e cinco mil reis diarios. (Bem empregados! bem empregados! porque, emfim, quasi todos os Srs. Deputados e Senadores têm o bom gosto de destinar á assignatura annual d'*A Cigarra* quarenta e oito mil reis!) Este anno não ha receio de que o Presidente da Republica dissolva o Parlamento. O Parlamento tem, é verdade, respingado algumas vezes, contrariando a vontade presidencial,— mas tem respingado com modos, com decencia, sem grandes e afrontosos excessos de linguagem e de acção. De maneira que, quando chegar o dia 3 de novembro proximo, os Srs. Deputados e Senadores se dissolverão no pleno goso do seu mandato, apenas com o fim de irem gosar, na doce pacatez da provincia, um ocio brando, um reposo fecundo, um socego reparador das forças perdidas.

X

O mesmo succederá a esta secção d'*A Cigarra*. Eu, L. F., irei tambem dormir sobre os louros colhidos n'esta ardua campanha jornalistica. Estou, portanto, escrevendo as minhas ultimas chronicas d'esta era parlamentar.

Aproveitemos o pouco tempo que ainda nos resta, ó minha penna! Cantemos a gloriosa bancada Rio Grandense,— essa illustre bancada que é a mais feroz, e, ao mesmo tempo, a mais bella da Camara!

X

N'estas questões da pacificação e da amnistia, a bancada rio-grandense tem sido de uma intransigencia que bem merece analyse. A convicção com que ella insiste pela condemnação e pelo exterminio dos adversarios do Sr. Julio de Castilhos dá que pensar.

E' preciso, de facto, que o Sr. Castilhos goze de bem pouca sympathia real no estado que governa, para que, de modo decisivo, sobre a sua permanencia no poder possa influir a absolvição de algumas centenas de homens desarmados, fracos, sem prestigio e sem disciplina. Quem se sente forte tem o perdão facil. Só se aniquilla o inimigo que realmente é de temer, pelos recursos de que póde dispor. Os jacobinos da Camara, do Senado, da imprensa e da rua, quando aqui chegou a noticia da celebração da paz, não falaram em pacificação: falaram em *submissão dos rebeldes*. Se elles se submetteram, claro é que o fizeram porque se sentiam já moral e materialmente vencidos. Então, a que vem o susto da jacobinada? Que mal haverá em deixal-os livres, sujeitos apenas á prudente vigilancia, sob a qual todo o governo, embora forte, tem o dever de manter os seus subordinados suspeitos de vicio revolucionario?

Então, porque falla a jacobinada de eliminar de uma vez os submettidos? Só é cruel quem é fraco! Só é sanguinario quem tem medo!

X

Quanto ao caso da amnistia plena ou restricta, vem aqui a pello umas considerações importantes. A bancada rio-grandense foi o centro da reacção contra a emenda do senado. Diz-se ainda que é ella o centro da reacção contra o proprio projecto Glycerio, que apenas concede amnistia restricta.

Eu sou o primeiro a achar que é uma imprudencia consentir que o sr. almirante Custodio venha para aqui commandar a esquadra nacional.

Não ha duvida que, considerando bem, e fallando com franqueza, o projecto Glycerio é perfeitamente razoavel e é o que mais justo parece. Não é de certo o melhor meio de acabar com o militarismo e com a indisciplina das classes armadas,— este de estar constantemente perdoando as revoltas militares.

Mas o parlamento amnistiou crimes peiores que o de indisciplina, quando approvou todos os actos praticados pelos agentes do Marechal de Ferro, durante a revolta. A indisciplina é um grande crime,— de accôrdo. Mas os fuzilamentos em massa, as crueldades de toda a sorte, o esbanjamento do dinheiro da nação, e outras deliciosas consequencias que decorreram dos muitos estados de sitio ultimos, são — é preciso confessal-o — crimes um pouco maiores.

Por isso é que a amnistia plena devia ser dada aos revoltosos, uma vez que não foi negada aos outros.

X

Não a quiz a bancada rio-grandense. Dizem mesmo que esse grupo de gaúchos, (tão bonitos, mas tão ferozes!) não quer amnistia de qualidade nenhuma. Quer que os rebeldes, em homenagem ao alto poder de Julio de Castilhos, se suicidem todos, mostrando assim uma submissão completa e definitiva ao Senhor do Rio Grande do Sul.

Ora, pois! a bancada está fazendo um papel de amigo urso.

Depois de berrar durante tres annos que Castilhos tinha forças para, por si só, esmagar a Revolução; depois de ver que o proprio Governo Federal, apezar de todas as suas tropas e de todas as suas munições, só por modos brandos e conciliatorios conseguiu a suspensão da lucta,— a bancada rio-grandense continúa a bradar que só Castilhos é forte, que só Castilhos é amado e respeitado no seu Estado, que só Castilhos góza das sympathias do seu povo,— e, entretanto, tem medo de um punhado de homens desarmados... Ai! bancada da minh'alma! O que tu estás provando é que Castilhos só governa ainda o Rio Grande do Sul porque o Governo federal o sustenta!

X

Até a proxima quinta-feira. Mas não quero despedir-me sem declarar em altas vozes que no dia 13 d'este mez vou votar em

JOSÉ DO PATROCINIO

para deputado pelo 2º districto. E declaro mais que todos os que me leem devem tambem votar n'esse candidato.

L. F.

Terceira página da revista *A Cigarra*

Quarta página da revista *A Cigarra*

Quinta página da revista *A Cigarra*

OS INCOMPREHENDIDOS

Se eu fosse Presidente da Republica...

ICE BERG

Esperança! No derradeiro dia,
Após noites e ventos, ceus e mares,
Nas ondas — branca flôr dos nenuphares, —
Acha o naufrago aquillo que queria.

Exhausto, abraça, trepa, galga, e a fita
Crêola do bloco monta... Adeus, pezares!
Adeus, morte! e a esperança dá-lhe cagares,
Ri o misero á morte que o vigia.

Salvo! Mas onde a praia? O sol que o beija,
Infame! sobre a gondola de neve
Os mesmos raios, perfidos, dardeja...

Cresce o mar, porque o gelo foge... Emfim,
Que longa morte o desgraçado teve!
— E ha corações que vão matando assim.

Guimarães Passos.

Buenos-Ayres, 1895.

ET TA SŒUR ?

Um periodico d'esta capital, que se publica em francez e que só muito tarde pudemos ler, dirige ao desenhista da *Cigarra* algumas linhas que pretendem ser-lhe desagradaveis, porque a *Cigarra* no seu numero ante-penultimo teve a ousadia de dar á estampa um soldado francez, a commentar, sobre os rochedos do Amapá, a entrada dos *1:500 exploradores de ouro*.

A legenda escripta em francez nada tem de offensivo, nem á Marselheza, nem á Torre-Eiffel, nem aos monstros do periodico, que, parece, já exgotaram a provisão do famoso *esprito gaulez*, trazida dos boulevards. Entretanto zangaram-se, por terem o patriotismo muito á flôr da pelle (á flôr do - pêllo -, leia-se) e pouco faltou para que nos mandassem os seus padrinhos.

Ora, para evitar complicações... pouco diplomaticas — a *Cigarra* lembra que tem a honra de não ser exclusivamente feita para os monstros do periodico francez, e que o publico que ella se préza de ter, conhece a differença que existe entre a troça que não molesta e a graçola pesada, embora gaulleza.

Seria pueril accreditar que o desenhista da *Cigarra* trouxe egoistamente dos boulevards de Paris todo o *esprito gaulez* que por lá existia no seu tempo.

Ai! não, carros monstros — ainda por lá ficou muito!

Ainda esta longe o tempo em que os francezes deixarão de perguntar uns aos outros:

— *et ta sœur ?*

A CIGARRA

Sexta página da revista *A Cigarra*

OS VELHINHOS

Pobres dos velhinhos! Porque são velhinhos,
vivem a sonhar
com a sôpinha quente, com o frouxel dos ninhos,
gozam... em sonhar...
Com voz tremulante chamam os netinhos,
que andam a cantar,
pelos trigaes louros, pelos ribeirinhos,
brincam a cantar.

Com os olhos cerrados a avózinha reza
noites e manhãs;
e cabe-lhe o rozario, que nas mãos lhe pesa,
todas as manhãs...
Balem cordeiros soltos na devêza,
passam aldeans..
e a avózinha branca, cheia de tristeza,
vendo as aldeans,

moças fortes, rubras como as madrugadas,
cujo fresco rir
mostra trinta e duas perolas nevadas,
que encantado rir!
— a velhinha meiga, com as mãos enrugadas,
para as attrahir,
faz signaes de bençams.. e ellas, namoradas
deixam-se attrahir.

— Vinde, filhas! vinde! vinde ouvir historias,
lendas milagrosas de condões e glorias!

— Conta-nos de amores! conta-nos de amores!
dize o teu passado de ventura e dôres!

— Amores, filhas, são sarçaes de espinhos duros,
envolvendo de todo uma celeste flôr:
para se lhe chegar aos penetraes escuros,
oh dôr! oh dôr!
passa-se a juventude, e é incta a vida inteira,
e desfallece a flôr sem que, da morte á beira,
se lhe respire o olor!
Sangra o peito rasgado, a cabeça embranquece,
treme de frio o ser que nenhum raio aquece,
oh dôr! oh dôr!
e a ver brincar ao sol os trefegos netinhos,
percorre, em pensamento, os andados caminhos
da infancia no esplendor,
da mocidade alegre, a mocidade em flôr...
Quanta illusão azul em urze transformada!
quanta roza em botão sem pena especinhada!
oh dôr! oh dôr!
Ai! saudades do amor! Ai! saudades do amor!

E tremem da avózinha as mãos aos céos erguidas,
e correm-lhe na face as lagrimas doridas,
contas de outro rozario, e que lentas resvalam
pelos sulcos da edade, onde mais alto falam
que as bentas, ao Senhor!

E as raparigas rubras, com o olhar choroso,
já não vão a rir.
— Ai! se o amor dos moços fosse mentiroso!
— E se a flôr murchasse sem ter visto o espasso! —

Já não sabem rir!
Cantam passarinhos ao cahir do dia,
vira a madresilva, sôa a Ave-Maria.

Pobres dos velhinhos! Porque são velhinhos,
vivem a sonhar
com a sopinha quente, com o frouxel dos ninhos,
gozam... em sonhar.
Ao beijar as faces dos gentis netinhos,
recordando amores, a chorar carinhos,
morrem... a sonhar.

Adelina Lopes Vieira.

Musa! Porque inda vaes ao largo do Rocio
Bocejar, de theatro em theatro vasio?
Foi-se o Frégoli! Foi-se a Tiozzo! A Füller (Ida)
Foi-se! E, em largo tropel, aos trambolhões, fugida,
Foi-se a *troupe* do Frank, — cavallos e palhaços...
A que triste platéa has-de levar os passos,
Musa? Restam-te agora apostrophes e prantos:
Ou a Emilia Adelaide, ou a Ismenia dos Santos...

Nem sequer ouvirás Palmyra n'*A Cigarra*;
Souza Bastos de novo no *trôlólô* se agarra;
E, para restaurar as enchentes que tinha,
Ressuscita o *Tim-Tim* e *Os dias de Clarinha*...

Musa! a noite melhor, a noite que me chama
E' a do beijo, a do amor, a do somno, a da cama!

Fuck.

Sétima página da revista *A Cigarra*

Oitava página da revista *A Cigarra*

A BRUXA

HEBDOMADARIO

SOUSA LAGE & C.
RUA DA QUITANDA 56 1º andar

JULIÃO MACHADO — OLAVO BILAC

ANNO I — Rio de Janeiro, Sexta-feira, 6 de Março de 1896 — N. 5

A BRUXA

Será *A Bruxa* publicada todas as sextas-feiras. Cada anno completo da publicação formará um volume de 416 paginas, de illustrações e texto.

A Bruxa vae publicar por estes dias um supplemento illustrado a tres cores — *a apotheose do carnaval de 1896* — que será gratuitamente distribuido aos seus assignantes.

Este supplemento só será vendido avulso, na *Livraria Moderna* — Ouvidor 54 — de accôrdo com o contracto feito entre a empreza d'*A Bruxa* e o Sr. Domingos de Magalhães.

No proximo numero começaremos a publicar uma capa de annuncios illustrados por Julião Machado.

Se os leitores d'*A Bruxa* quizerem fazer alguma chic, não têm mais do que dirigir-se á rua da Quitanda — 56, 1º andar.

Toda a correspondencia litteraria d'*A Bruxa* deve ser dirigida a *Olavo Bilac*.

UNHAS E DENTES

Primeira página d´A Bruxa

2 A BRUXA

SEXTA FEIRA

CHRONICA

Do alto das Fangueiras

Oh! ficar assim, aqui, para tudo e sempre, vendo lá em baixo, estendida á beira d'agua ou descendo as collinas, com a casaria branca se destacando do fundo verde escuro da vegetação, — a alta e amada cidade de S. Sebastião!...

Do seio do mar, saltam vultos negros de rochedos; ha navios que sahem, ha navios que entram, — tão pequeninos, que a vista mal os percebe, como insectos, na immensa extensão das aguas calmas; ortálas de uma estreita fita de prata, desenham-se as praias curvas, nitidas, caprichosamente recortadas; do largo tabuleiro da parte edificada, destacam-se e sobem finas e brancas, na doce luz da tarde, as torres das egrejas; em sulcos emmaranhados, confusos, cruzando-se, cortando-se, unindo-se, separando-se, apparecem as ruas da velha séde carioca; e um mudo silencio solemne reina lá em baixo; o ouvido apenas escuta aqui o farfalhar do vento nas arvores que estão perto; na sua immobilidade e na sua mudez, a cidade parece morta...

Mas, não! fixando bem o olhar, veem-se, nas ruas mais largas, um pontinho negro que se move: é um bonde. Lá vem outro, mais outro... E a gente sorri, pensando que aquellas casinhas de alfinetes que se arrumam ahi cheias de uma multidão que conversa, que discute, que se apaixona, que briga, que faz e desfaz boatos, que amarra e desamarra intrigas... Conflictos de alfinetes!...

E a gente se lembra, com uma indizivel delleza, de que não ouve o que por lá se diz, — nem as calumnias dos máus, nem os motejos dos ironicos, nem as bravatas dos arrogantes, nem as palavras frouxas dos timidos... E lembra-se ainda de que, vistas de perto, aquellas casinhas são sujas; e de que aquellas praias, tão bem desenhadas, são na realidade uma successão de atoleiros; e de que aquella orla clara de espuma é um turbilhão de cisco, de limo, de algas, de immundicies; e de que aquellas ruas tão mal calçadas, esburacadas, tortas; e de que...

Ah! de quanta cousa se lembra a gente, quando, do alto das Paineiras, vê lá em baixo, estendida á beira d'agua, descendo as collinas, com a casaria branca se destacando do fundo verde escuro da vegetação, a fria e amada cidade de S. Sebastião!

Infelizmente, mesmo aqui, na serra altissima, tenho de pensar no que vae lá por baixo.

E lembro-me d'aquella sardonica classica, que o leitor encontrará no padre Manoel Bernardes, — se tiver coragem para ir buscar nesse mattagal archaico. Como um homem se lamentasse amargamente da mesquinhez da sua sorte, um philosopho levou-o a um terraço elevado, de onde se descortinava todo o povoação, e disse-lhe estas rouxas profundas: «Desgraçado! vês aquellas casas que se acastellam umas sobre as outras? vês aquelles tectos que se succedem?—pois imagina quantos soffrimentos ha dentro d'aquellas casas! calcula quantas lagrimas lervem sob aquelles tectos! e dize se a tua dor não se consola, com o saber que milhões de outras dores eguaes ou maiores estão por ahi além palpitando sem remedio!»

A mim, nenhum philosopho me mostrou a casaria branca que, ao claro sol de março, fulgurava no amplo seio de Sebastianopolis.

O que me fez lembrar as dôres que ha dentro das casas e as lagrimas que fervem debaixo dos tectos, foi uma carta que reli, aquella hora doce, entre o barulho do vento nas arvores da serra, e o riso comedido de uma familia ingleza, que beberricava *brandy and soda*.

Triste carta! Carta de mulher infeliz, carta de mulher casada, pedindo-me que defenda n'esta columna d'*A Bruxa* a idéia do divorcio.

Como são frequentes essas cartas, agora! Não ha um jornalista que as não receba todos os dias. Ha tanta gente que espera do divorcio um remedio para a sua tremenda escravidão!...

E começei á pensar sobre o caso...

Discute-se o divorcio em toda a imprensa. Não ha jornal que não tenha trazido para a campanha o seu contingente de argumentos favoraveis ou contrarios á idéia. Os meus venerandos collegas do *Jornal do Commercio* o que se batem de um modo original. Todos os dias, publicam noticias de jornaes estrangeiros, referindo o numero de casamentos desmanchados em varios paizes, depois da decretação da lei do divorcio. E como o numero é, de facto, formidavel, ha quem pergunte se a lei do divorcio não virá positivamente arruinar a sagrada instituição da familia.

Eu entendo pouco d'estas cousas. Mas, ou me engano muito, ou o singular argumento do *Jornal*, em vez de desprestigiar a propaganda, vem, ao contrario, mostrar que a decretação d'essa lei tão combatida é de uma necessidade flagrante.

Que prova o facto de apparecerem milhares de pedidos de divorcio, assim que elle é permittido? Prova apenas que havia milhares de casas infelizes, penando e chorando sob o jugo vergonhoso de uma cauga insupportavel!

Ai! casas que vos alinhaes, descendo as collinas, ou estendidas á beira d'agua! só Deus sabe quanta amargura occulta está dentro de vós, sob esses tectos, que d'aqui, do alto da serra, vejo calados, e quietos, e impenetraveis, e impassiveis!...

O. M.

Segunda página d´*A Bruxa*

Já ninguem duvida de que o homem seja um producto do meio em que vive. As amplificações e applicações que se podem fazer d'esse aphorismo são innumeras. Uma d'ellas é esta: O caracter da população de uma cidade é producto directo do aspecto das suas ruas. A maior ou menor largura da rua, a sua maior ou menor limpeza, o seu calçamento, a architectura das suas casas, — tudo isso influe poderosamente sobre a alma do cidadão. Quem mora no becco do Fisco não pode ter as mesmas ideias de quem mora na praia de Botafogo.

Isto vem a proposito das experiencias de um novo systema de calçamento que se fizeram na rua de S. Pedro. Comprehendeis bem a influencia que, sobre a civilisação de um povo póde ter o calçamento das ruas em que elle passa?

De manhã, sae um homem de casa, depois da ducha fria, corajosamente disposto a ir ganhar a vida, e caminha para a luta, para a grande batalha diaria. O cambio está máu, os negocios estão máus, a politica está má, tudo está máu. Mas é preciso comer, e morar, e beber; e lá se vae o batalhador... A caminho, vae olhando o chão que pisa. Porque tereis notado que, no Rio de Janeiro, todo o mundo olha para baixo. Já se disse mesmo que o carioca parece estar sempre buscando com os olhos a sepultura. O facto é que, eu, ha tantos annos vivendo na rua do Ouvidor, se acaso ainda hoje levanto os olhos para o alto das suas casas, vejo cousas que me espantam, e que nunca dantes vira.

No Rio de Janeiro, todo o mundo olha para baixo. E finalmente, o curso das ideias do homem, que vae á conquista de pão, tem de ser regulado pelo aspecto do calçamento que olha e pisa.

O nosso geral calçamento, de parallelipedos mal feitos, pesados, de arestas duras, dá ideias tambem duras e pesadas. Quem, ao longo de uma rua da cidade, vae por espaço de dez minutos, contemplando esses feios blócos de pedra suja, fica absolutamente incapaz de ter uma ideia fina, subtil, engenhosa. Ao contrario, em Paris, nos grandes *boulevards*, o aspecto das ruas calçadas a asphalto e *bitume*, lisas, planas, brilhantes, alegra a alma, dilata o pensamento, alarga o espirito, e dá logar a uma effervescencia de ideias claras, nitidas, fulgurantes.

A Bruxa, no passado dia 27, foi tambem á rua de S. Pedro assistir á experiencia do Pavimento Sanitario do Dr. Simão da Cruz, e de lá voltou encantada. Se a ideia pega, se toda a cidade, livrando-se dos granitos e tomar parallelipedos, se calçar d'aquella fórma, — nascerá em breve um povo alegre e engraçadinho, porque *a alegria da cidade depende exclusivamente da fórma das calçadas que ella pisa.*

Podia-me *Lucifer* que attendesse aqui, em seu nome, ao amavel A. A. que, n'O *Theatro da Natureza*, respondeu a commentarios feitos n'o *Theatro da Bruxa*. Disse *Lucifer* que «o amor de leitura, da instrucção, das bellas lettras, das sciencias e das artes, só pode existir em um povo que já se tenha desenvolvido e aperfeiçoado politicamente, commercialmente e industrialmente.» Isto parece incontestavel. Mas ella é d'opinião que A. A. objecta: «por esta theoria, *A Bruxa*, que é um periodico essencialmente artistico, não deveria ter razão de ser; deveria sahir o seu apparecimento para a epocha feliz da execução de todas as cousas praticas.» Perdão, A. A.! *A Bruxa* não é um periodico essencialmente artistico: *A Bruxa* é uma *chronica illustrada*. Julião, que dirige as paginas de desenho, não se emfia de composições de lantejoula, ou de estatuas, ou de quadros: enche-as de exemplos de actualidade; e Balzac, que dirige o texto, abre mais espaço á chronica e ao registro da vida fluminense, que ao conto e á poesia. O periodico essencialmente artistico, que se fundasse no Rio de Janeiro, com a despeza formidavel que a *Bruxa* tem, só conseguiria, ao cabo de um anno, isto: metter os proprietarios no Asylo dos Mendigos.

Mas, adiante! *Lucifer* não se oppõe a que se fundassem cinco ou cem ou mil theatros municipaes ou não municipaes com actor Martins ou sem actor Martins. *Lucifer*, convidado a dizer quaes são as causas da decadencia do theatro nacional, declarou apenas que não pode haver decadencia de uma cousa que não existiu, não existe, e ah! de não! não existirá tão cedo. Quanto ás tentativas, que ellas se façam á larga! *Lucifer* não tem nada com isso! Sómente, *Lucifer*, como eu, como *Fantasio*, e como muita gente pratica, acha que a Prefeitura Municipal, antes de fundar um Theatro, devia mandar limpar as ruas da cidade. *Ecco!* Primeiro a barreira e depois a decoração...

Apezar de diabo, sou caridoso. Amo essas nobres casas em que se dá pão, ensino e remedios aos que vão nascer ticos. E' por isso que recommendo vivamente aos leitores d'*A Bruxa* um grosso volume que acabo de receber: «Apontamentos para a historia da Sociedade Portugueza de Beneficencia, mandados colligir pelo Sr. Antonio Gomes de Avellar.» O producto de venda d'esse livro vae ser applicado aos hospitaes da *Beneficencia*. E' preciso que o publico o compre: elle está á venda nas casas das ruas: Candelaria 26, Mercado 8, Ourives 79, Sete de Setembro 23, e S. Bento 16.

Oscar Monteiro teve uma bella ideia, organisando o seu magnifico *Almanak Historico — Litterario do Estado de S. Paulo*, que já está em segunda edição. E' um magnifico trabalho.

Terceira página d´*A Bruxa*

À RODA DO DIVORCIO

— A mamãe diz que começa a achar muito singular a tua attitude e que não sabe porque é que retardas o teu pedido official...

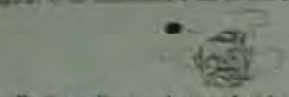
— Mas eu não retardo, meu anjo, não retardo! Estou apenas á espera de que passe nas camaras a lei do Divorcio...

— percebe? Um processo de Divorcio é a mesma cousa que um processo de fallencia... fraudulenta em que a mulher se não é a «ancora» é com certeza a «massa fallida» — Percebe?

Quarta página d´A Bruxa

Quinta página d´A Bruxa

A MORTE



Eu já vos disse: molestias não faltam, e pelo por barato! o urgente agora pode morrer à vontade. Morte para todos os paladares — amarella, na bathetica morena, Violenta, a Senhor Wenceu, pensada, de tysica, tuberculosa, de varrela, romantica, a Ambrosina — como quizerem, ou vamos.

Oh! amadio filho! oh! meu golpinho comprido!

E querem saber quanta gente bateu a bota no anno passado? — 18.220. A tuberculose levou a palma, levou comsigo 2.434; outros sessenta por cêl, e mortos, mas pallidos leitor, mortos, descreveu 1.147. Mil, cento e quarenta e sete creanças, graças á sinistra Abel Parente, novorum mortuo!

Com franqueza, vale a pena nascer morto? Por isso vos digo: antes morrer que viver.

Se pensaes commigo e com aquella voz prophetica da camara, e tão vos espicha o cantiléo, e não vos chama aos pellos a febre amarella, escolhei genero de morte seguro. Não vos fieis na alcool: a bebida, no anno transacto foi quem chuchou menos vidas. Entre dentro mil, levou só 36 pares pergados, que lá foram cambalhotando para o Caes, e aos tramboltões apresentaram-se a S. Pedro, que talvez nessa hora não visse ninguem.

E notae que, as provenram 39 bebedos, não foi a cachaça que os matou: matou-os a falsificação da cachaça. Bebida legitima é puro elixir de longa vida. E se não, vêr:

Ha, que muito em voga á porta, uma vez estava n'uma venda em Bagé; chovia que era um pavor, quando, de repente, param carregados a porta dois gauchos; apeiam-se, entram, sentam-se e pedem aguardente de canna.

Não vos esperdiço, se eu vos disser que um delles era o conselheiro Gaspar e era o outro o general Osorio...

Sabe mal a bebida, E diz o general:

— Já pensaste como falsificam hoje as bebidas? Por isso é que elles fazem mal.

— Todas elles verdadeiras ou falsas, são um veneno, — retrucou o conselheiro.

— Estás enganado...

— Como?

— Antigamente, quando a pinga era legitima,— continuou o general, — as bebedas morriam de velhas: hoje os moços morrem de bebedas!

Vêl, uma mais outra ou duas combinadas, e estou de accordo. Só bebido, se gostas morrer: ainda se chamam vão os assassinos mortos.

Raul Pederneiras.

PÓ DAS PRAÇAS

Uma hora da madrugada:

Uma após outra, para fóra da estação do derradeiro trabalho as carroças cor de poeira, sob a chamma de um lampeão unico, mortiço, plantado em meio do terreiro do deposito.

Rodam sem rumor, no chão de terra fofa, e sahem de vagar como lentas aranhas monstruosas, cahindo aprumadas da sombra do portão sobre a calçada, com uma illusão mentirosa de traços.

Duas, cada uma para a sua banda, dispersam-se pelo largo todo, levando solemnemente o vertilho tremulo de ferros.

As ruas dormem, no silencio. As arvores afastam-se, emmaranhando brutalmente o silencio desse repouso.

Em um momento dado, sob cada uma dellas, como se lhe fugisse o rumor das rodas, começa a crescer, das calçadas um corrupio denso de pó.

Começam a fumicinhar as ribeiras escuras fluidas ao rez-do-chão carroças. Os ultimos passageiros dos bondes, os ultimos transeuntes a pé, os alegres pensionistas das carruagens de cinco arreiado, os retardados dos theatros e das ceias de alta noite, tossindo, praguejando, fechando os olhos, vêem as grandes sombras rodantes com o tremor sonoro de ferragens, e, em cima, fantasticamente, meio apagadas no nimbo do pó vastas vagas figuras humanas em gesto de guiar uma besta sonnolenta.

Um desses mysteriosos fantasmas da limpeza publica é o João, meu ex-copeiro, um bruto insolente que eu me vi obrigado a pôr na rua, rebelde por natureza, bate as vezes por incoherencia, imprecador como um dynamitista, socialista como um philosopho, e estupido como uma porta.

Por que evoluções da linha da sua vida passou elle de meu antigo copeiro á cathegoria de condiscipulo de varredouras, não sei ao certo.

Quem o conhecesse, porém, sinebroso, com as suas ramificações de politica reaccionaria, membro da *Liga dos pobres* com uma *educação technica de republica de estudantes*, não custaria a comprehender como elle tambem a revolução de exhibe-se assim, na solidão daquelle officio, duplamente obscura pela poeira e pela poeira.

Naturalmente, andou a ser pedinchão, ratoneiro, rocheiro de bando, *limitrophe* de esquina, vigia de carruela de lixo, guarda capitalista, *propheta* fabricador de rodas, de cravo, emmassador de pão, *avara* de circo, comparsa de scena, burro sem rabo, capanga, espião de policia, cousa de nada,— todas as profissões ao seu alcance, que não são poucas.

Nenhuma serviu, porque eram de obediencia e humildade, ou porque eram de serviço aos homens, aos ricos, á sociedade odiada.

Appareceu-lhe um dia a occasião de pulgar o banco de ferro de uma varredeira... Era uma posição. Alli podia fazer a vida, alli podia fazer o mal aos outros. Alli podia dominar. A treva era o seu reino, e ferro era o seu throno. Podia abrir azas ao seu odio, distribuindo-o com a ponta aguçada sobre o mundo.

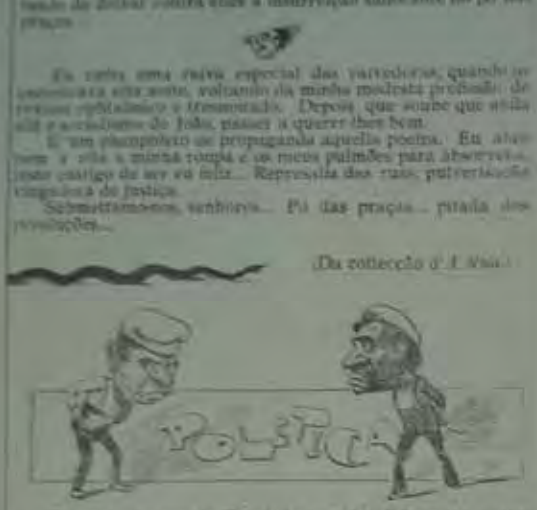
Ninguem lhe dava ordens alli: a besta obedecia-lhe sob o chicote surdamente e ferve. Lapa! lapa!... e a poeira avermelha, como a dilatação do seu poder, para a terra e para o ceu.

De volta das lestes, os ricos passavam... Sufocal-os-hia com a ponta do seu cabo!

Os astros brilhavam quasi: e ouvia vozes das madrugadas fadigas... Tinham os astros!...

Ultimamente casou. Uma tarrafa de apanhar alli sobre sobre muros de cortiço, garrafas, que ponha pequenos e bando chiarros, que elle vio em ella a cadeira, lembrança de uma companheira, a que o divorcio levado da mão. Vinha duas horinhas que passavam descalços e duas pequenas que pareciam bonecas.

Sexta página d´*A Bruxa*



(Da collecção d'*A Bruxa*)

Cacilda.

FLORICULTURA OFFICIAL

A MELOMANIA DA E. F. C. DO B.

Queixa-se *O Paiz* de que os apitos usados nas locomotivas da † *Central* † tenham modulações bizarras, altas horas da noite. Ah! querido Collega! Aquillo são pequenos ensaios! Esperemos pelos apitos-harmonicos que a † *Central* † mandou construir para aproveitar as aptidões musicaes dos seus machinistas. A † *Central* † tem estudado conscienciosamente a influencia das bandas marciaes nos regimentos em marcha...

Oitava página d´A Bruxa

RESUMO DAS CRÔNICAS:

***A CIGARRA* (1895) – SEÇÃO: "CRÔNICA" – ANO 1**

PSEUDÔNIMO: FANTASIO

Número 1
9 de maio de 1895 – páginas 3 e 7

A primeira crônica da seção é dedicada às mulheres, na qual o cronista afirma que Maio é o mês das flores e das mulheres.

Fantasio, indiferente aos acontecimentos noticiados sobre o país e o mundo, atenta-se somente para a Rua do Ouvidor, destacada por ele como uma radiante viela por onde passa "*o rio da beleza humana"*.

Número 2
16 de maio de 1895 – páginas 2-3

Dois assuntos são destacados na crônica: a substituição de escravos negros por imigrantes alemães, italianos e chineses nas roças brasileiras e sobre um casamento escandaloso noticiado pelos principais jornais do Rio de Janeiro.

Por fim, há um confronto entre esses assuntos, visto que na roça as almas são mais simples e os costumes são claros, não havendo tantas complicações como na cidade.

Número 3
23 de maio de 1895 – página 2

A ignorância é demonstrada a partir de dois exemplos: a simplicidade de alguns camponeses chineses, que desconheciam a invasão do Japão na China, e um hóspede, no interior de Minas Gerais, que não sabia que D. Pedro II não era mais o imperador do Brasil.

Número 4
30 de maio de 1895 – páginas 2-3

O cronista compara a prática do esporte na Grécia Antiga com a prática desenvolvida no seu tempo.

Antes, o esporte era visto como forma de aperfeiçoamento físico, enquanto que em 1895, ele profissionalizou-se.

Número 5
6 de junho de 1895 – páginas 2-3

Nesta crônica, Fantasio destaca Santo Antonio, que é o casador das moças, São João, considerado o precursor de Jesus e São Pedro, o porteiro do céu. Para ele, esses são os santos mais alegres do calendário e também os mais aclamados pelos devotos.

Número 6
13 de junho – páginas 2-3

O cronista faz uma crítica sobre a má qualidade do ensino, principalmente após a abertura da Faculdade Livre de Direito que permitia a formação de estudantes precoces.

Número 7
20 de junho de 1895 – páginas 2-3

O cronista recebe uma carta solicitando sua sugestão para o nome da nova capital: Cabrália, Brasília ou Goiás.

Fantasio, não aprovando nenhum dos nomes destacados, sugere Vera Cruz ou Pinsonia e deixa explícita sua admiração pela velha capital que estava situada no Rio de Janeiro.

Número 8
27 de julho de 1895 – páginas 2-3

A crônica sugere que as mulheres se vistam bem, de forma luxuosa, mesmo que desobedeçam a seus pais e maridos.

Número 9
4 de julho de 1895 – página 2

Fantasio aproveita a vinda de um grande tele pata ao Rio de Janeiro para criticar os prestidigitadores e ilusionistas que perdiam o seu prestígio naquela cidade.

Número 10
11 de julho de 1895 – páginas 2-3

A crônica destaca a obra *Mármores*, de Francisca Júlia, é ressaltada por conter versos sem falso pudor sem a monotonia apresentada nos versos de outras poetisas de seu tempo.

Número 11
18 de julho de 1895 – páginas 2-3

A política é apontada pela Cigarra como uma infecção daquele período.

Em seguida, o cronista cita, em tom nostálgico, Coelho Neto, Aluisio Azevedo, Luís Murat, Guimarães Passos e Pardal Mallet como seus velhos companheiro de geração, destacando as dificuldades surgidas ao chegarem aos trinta anos e as ameaças vindas do Clube da Morte.

Número 12
25 de agosto de 1895 – páginas 2-3

Fantasio critica o trabalho da polícia secreta do Rio de Janeiro. Embora houvesse um investimento considerável nesse setor, os gatunos na cidade não paravam de aumentar.

Número 13
1 de agosto – página 2

Fantasio aponta para a dependência política do país, noticiando o empréstimo de seis milhões de libras da Inglaterra para o Brasil e a ocupação dos ingleses da Ilha da Trindade.

Essa dependência é estendida para o setor cultural da nação, já que havia um descaso dos brasileiros pela própria cultura e uma exaltação das demais.

Número 14
08 de agosto de 1895 – páginas 2

Fantasio comenta os problemas de se ver e ouvir na política e a necessidade dos olhos para ver mulheres bonitas na rua do Ouvidor.

Número 15
15 de agosto de 1895 – páginas 2-3

Fantasio compara as mentiras impregnadas na vida social com as notas falsas de dinheiro encontradas no Rio de Janeiro.

Número 16
22 de agosto de 1895 – página 2

O cronista destaca as festas de Nossa Senhora da Glória e se diz atuante dessas crenças para purgar os seus crimes políticos.

Número 17
29 de agosto de 1895 – páginas 2-3

Fantasio condena um júri popular que condenou um marido traído. Para ele, o júri não tinha o direito de julgar alguém, assim como o homem não tinha o direito de matar a esposa, considerando as leis humanas uma farsa.

Número 18
5 de setembro de 1895 – páginas 2-3

Numa visita à Escola de Belas Artes onde assistira a um *vernissage,* um novo hábito social da cidade, o cronista cita grandes figuras da intelectualidade do momento que estavam

presentes no local: Artur Azevedo, Aluísio Azevedo, Coelho Neto, Machado de Assis, José Veríssimo, Belmiro de Almeida, Rodolfo Bernardelli, Henrique Bernardelli, Amoedo Parlagrecco, Valentim Magalhães e Filinto de Almeida.

Número 19
12 de setembro de 1895 – páginas 2-3

Em tom nostálgico são relembradas as comemorações de sete de setembro e as festividades tradicionais que deixavam de acontecer com tanta exaltação naquele período.

Número 20
19 de setembro de 1895 – páginas 2-3

Os boatos e suicídios ocorridos naquela semana são ignorados na crônica para que Fantasio destacasse o livro de Aluísio Azevedo intitulado *Livro de uma sogra.*

Número 21
26 de setembro de 1895 – páginas 2-3

É relatada a história de Isaltina, uma criança negra, que, aos sete anos, se suicida por não suportar os maus tratos que lhes são concedidos.

Número 22
3 de outubro de 1895 – páginas 2-3

A crônica elogia o espírito de ordem e disciplina da Argentina, que pretendia recensear seus cavalos, servindo de exemplo para o Brasil.

Número 23
10 de Outubro de 1895 – página 2

Fantasio visita uma exposição industrial no Hospício Nacional dos Alienados, onde encontra um paciente, identificado como Erasmo Didier, que lhe conta suas histórias em seus mais de quatrocentos anos.

Número 24
17 de outubro de 1895 – páginas 2-3

Dois assuntos são destacados na crônica. O primeiro deles refere-se ao esporte Tiro-aos-pombos, praticado no jardim zoológico e o segundo, sobre os privilégios da polícia dado ao gatuno Dr. Antonio, que circulava livremente pelas ruas do Rio de Janeiro.

Número 25
24 de outubro de 1895 – páginas 2-3

Fantasio mostra as vantagens e desvantagens do casamento, descartando as teorias impostas pelos filósofos e poetas e aponta o tédio como o pior mal da relação.

RESUMO DAS CRÔNICAs:

***A BRUXA* (1896-1897) – SEÇÃO: "CRÔNICA"**

Número 1
07 de fevereiro de 1896 – páginas 2-3
O.B.

O cronista critica as práticas realizadas no Hospital de São Sebastião e no Instituto Sanitário que utilizavam pessoas pobres como cobaias em suas experiências.

Número 2
14 de fevereiro de 1896 – páginas 2
O.B.

O.B. critica a postura da polícia que se preocupa mais com o suicídio de Ambrosina, suspeita de lesbianismo, do que com os gatunos e assassinatos bárbaros das noites cariocas.

Número 3
21 de fevereiro de 1896 – página 2
O.B.

O.B. comenta sobre os fatos ocorridos no carnaval.O primeiro se dá com uma jovem que, após aproveitar o carnaval, entra na igreja na quarta-feira de cinzas para livrar sua alma dos pecados.
O outro fato é sobre o funeral de uma virgem que passava na rua do ouvidor coberto de confete.

Número 4
28 de fevereiro de 1896 – página 2
O.B.

O cronista narra uma conversa que teve com dois catraieiros sobre o naufrágio de uma barca na baía de Guanabara, ocorrido meses antes.

Número 5
06 de março de 1896 – página 2
O.B.

O.B. reflete sobre os problemas que cercam o casamento e o divórcio que deveria ser visto como uma necessidade.

Número 6
13 de março de 1896 – página 2
O.B.

O.B. compara a trajetória política do ministro da fazenda Rodrigo Alves com a descida do câmbio.

Número 7
20 de março de 1896 – página 2
O.B.

O cronista denuncia o rigor com que as crianças são educadas e os maus tratos sofridos por elas.

Número 9
03 de março de 1896 – página 2
O.B.

O.B. propõe covas especiais para as virgens, separadamente dos homens, para que elas possam preservar a pureza mesmo depois da morte.

Número 10
10 de abril de 1896 – página 2
O.B.

O cronista faz reflexões sobre a lei de imprensa portuguesa e brasileira daquele período.

Número 14
08 de maio de 1896 – página 2
O.B.

O.B. comenta sua visita ao consultório de eletroterapia do Dr. Simões Correia, de modo a enfatizar os avanços da medicina.

Número 15
15 de maio de 1896 – página 2
Belial

A crônica aponta para a diminuição da natalidade e o aumento da mortalidade no Brasil.

Número 16
22 de maio de 1896 – página 2
Fantasio

O carrasco oficial de Madri morre e vários candidatos se apresentam para ocupar o seu cargo, entre eles um padre.

Número 17
29 de maio de 1896 – página 2
Fantasio

Fantasio cita a estatuomania, um hábito que as cidades têm de fazer estátuas de homens importantes da sociedade. Esse hábito é denominado pelo cronista de “Vida de Bronze”, ou seja, uma maneira de substituir a vida espiritual pela grandeza das obras que eternizam a humanidade por uma vida artificial fundida em bronze.

Número 18
05 de junho de 1896 – página 2
O.B.

O cronista compara os loucos dos hospícios com os loucos espalhados pelo Rio de Janeiro que assumem cargos de médicos, políticos, jornalistas, advogados, negociantes e professores na sociedade.

Número 19
12 de junho de 1896 – página 2
O.B.

Nesta crônica, O.B. cita as vantagens e desvantagens dos países de civilização branca e ocidental.

Número 21
26 de junho de 1896 – página 2
O.B.

O.B. ressalta com entusiasmo o livro *Afrodite,* do francês Pierre Louys.

Número 22
03 de julho de 1896 – página 2
O.B.

A crônica trata do caso de uma moça que ficou 22 meses no Hospício dos Alienados ao saber que havia sido trocada por outra pelo namorado.

Número 23
10 de julho de 1896 – página 2
Diabo Coxo

Diabo Coxo infiltra-se num almoço oferecido pelo Ministério das Relações Exteriores.

Número 24
17 de julho de 1896 – página 2
Diabo Coxo

Diabo Coxo narra a história de um jovem de 18 anos que esfaqueou um senhor negro que tomava café num botequim.

Número 25
24 de julho de 1896 – página 2
Diabo coxo

O cronista pedi aos brasileiros para que não se desdobrem às celebridades estrangeiras.

Número 26
31 de julho de 1896 – página 2
Fantasio

Fantasio critica a postura da polícia que impediam os vendedores de flores a trabalharem na rua do Ouvidor e o envolvimento dos policiais com o jogo do bicho.

Número 27
07 de agosto de 1896 – página 2
Diabo Coxo

O presidente da República, Prudente de Morais, visita o Hospício Nacional de Alienados, onde conversa com um dos pacientes. Nessa conversa, o internado comenta que estava ali exatamente por ter governado um país acompanhado de ministros corruptos.

Número 28
14 de agosto de 1896 – página 2
O.B.

O.B. comenta sobre a fragilidade do Brasil em relação à Inglaterra e a Itália.

Número 29
21 de agosto de 1896 – página 2
Fantasio

Fantasio compara o Norte criativo, devido ao frio permanente, com o Sul tolerante, devido a alta temperatura.

Número 30
28 de agosto de 1896 – páginas 2-3
O.B.

O.B. conta uma parábola sobre um país rico que perdeu sua riqueza devido a discórdia de seu povo.

Número 31
04 de setembro de 1896 – página 2
Mefisto

Mefisto comenta os noticiários que trataram da relação tensa estabelecida entre o Brasil e a Itália.

Número 32
11 de setembro de 1896 – página 2
Diabo Coxo

A crônica trata da relação amigável entre a polícia e os gatunos do Rio de Janeiro e a fragilidade das leis no Brasil.

Número 33
18 de setembro de 1896 – página 2
Mefisto
Mefisto critica a postura do presidente da República, Prudente de Moraes, com a imprensa brasileira.

Número 34
25 de setembro de 1896 – páginas 2-3
Diabo Coxo
Diabo Coxo reflete sobre o preconceito racial demonstrada por Moraes Barros em carta publicada na *Notícia.*

Número 36
09 de outubro de 1896 – página 2
Lusbel
Lusbel condena a postura da igreja católica que é contrária ao divórcio.

Número 38
30 de outubro de 1896 – página 2
Belfegor
Belfegor denuncia a fragilidade da Vigilância Sanitária do Hospital Nacional de Alienados.

Número 39
06 de novembro de 1896 – página 2
Fantasio
Fantasio reflete sobre o caso da rainha Lilinokalani que perdeu o trono e sujeitou-se a ser exibida em espetáculos americanos. Também comentou sobre a monarquia no Brasil.

Número 40
13 de novembro de 1896 – página 2
Fantasio
Fantasio compara as mulheres de 1850, que serviam seus maridos, com a mulher brasileira de 1896 que é civilizada e veio ao mundo para ser bela, para amar e gastar dinheiro.

Número 41
20 de novembro de 1896 – página 2
Fantasio
O cronista enfatiza a necessidade de se criar uma Sociedade Protetora da Infância, pois muitas crianças são maltratadas.

Número 42
27 de novembro de 1896 – páginas 2-3
Mefisto
Mefisto anuncia a nomeação do Sr. Bernardino de Campos ao Ministério da Fazenda.

Número 43
04 de fevereiro de 1896 – páginas 2-3
O.B.

O.B. alerta para que não se deve jamais reviver o que foi vivido, pois não haverá o mesmo deslumbramento.

Número 44
11 de dezembro de 1896 – página 2
Diabo Vesgo

Diabo Vesgo narra a história de Antonio Conselheiro que atira em sua própria mãe.

Número 45
18 de dezembro de 1896 – página 2
Fantasio

Fantasio critica os funcionários públicos e os qualifica como empregados de vida sedentária.

Número 46-47
25 de dezembro de 1896 – página 2
Diabo Vesgo

Diabo Coxo ironiza os que acreditam que o Ano Novo que começa seja capaz de levar a surdez, a mudez, a paralisação e a cegueira.

Número 48
Janeiro de 1897
Fantasio

Fantasio comenta as imbecilidades daqueles que freqüentam o Palácio do Itamarati.

Número 49
Janeiro de 1897
Fantasio

Fantasio ressalta a importância dos homens de letras do País que são desconhecidos pela população e explorados pelos editores e donos de jornais.

Número 50
Janeiro de 1897
Fantasio

Em versos, Fantasio divulga a inauguração da linha circular E. F. Central do Brasil.

Número 51
Janeiro de 1897

Fantasio

Fantasio aconselha senhoras sobre relacionamentos amorosos.

Número 53
12 de fevereiro de 1897 – página 2
Lúcifer

O cronista conte sobre a casa mal assombrada na rua José de Alencar, no centro do Rio de Janeiro. Para ele, ninguém quer acreditar em almas do outro mundo, colocando a culpa dos barulhos vindos da casa nas ratazanas que lá situam.

Número 54
19 de fevereiro de 1897
Diabo Vesgo

Diabo Vesgo destaca, ironicamente, a ausência da febre amarela no Rio de Janeiro e crítica os médicos e farmacêuticos.

Número 55
26 de fevereiro de 1897
Lúcifer

O cronista comenta sobre as alianças feitas pelos cristãos da França, Itália, Inglaterra, Alemanha e Rússia com o intuito de atacar a Grécia.

Número 56
05 de março de 1897– página 2
Diabo Vesgo

O cronista revela não amar as festas populares,pois ela aglomera multidão irresponsável e suada.

Número 57
12 de março de 1897 – página 2
Diabo Vesgo

O Diabo Vesgo parabeniza o escritor Coelho Neto pelo seu estilo sóbrio na concepção e na composição, capaz de elevar o nome e o País.

Número 59
02 de abril de 1987 – página 2
Diabo Vesgo

A crônica comenta o caso de um rapaz que atirou em sua amada, por tê-lo trocado por outro, e em seguida atirou em si mesmo e morreu. Ela conseguiu escapar da morte.

Número 60
09 de abril de 1897 – página 2
O.B.

O.B. comenta uma notícia vinda de um jornal italiano de que 569 pessoas de uma aldeia dos arredores de Nápoles estariam emigrando para São Paulo.

Número 61

23 de abril de 1897 – página 2
Fantasio
Fantasio compõe um poema sobre a beleza feminina.

Número 62
14 de maio de 1897 – página 2
Otávio Bivar
O cronista contrasta os operários da Europa e do Brasil, visto que aqui não há amparo nem para os operários do pensamento.

Revista: *A Cigarra* - Seção "Crônica"
n.1 – 9 de maio de 1895 - p. 3 e 7
Fantasio

Todo o mundo diz que maio é mês das flores. Já sei. Mas que valem flores? Flores nascem aí, a cada canto da cidade, em terreiros de estalagens como em parques de palácios, em grandes vasos de faiança nobre como em sujas telhas de trapeiras reles. Flores não falam, flores não amam, flores não beijam, flores não enganam, como mulheres... E mês das mulheres é que Maio é, - este mês em que, no Rio, começa a gente a sentir a delícia infinita de viver e a ânsia infinita de amar.

Ao meio-dia, de arrabaldes longínquos começam os bondes a transportar para a rua do Ouvidor bandos de demônios trêfegos, dando aos beijos do sol *toilettes* em que um vivo arco-íris se desdobra, asas de leques palpitando amorosamente, chapéus tufados de rendas e de plumas, tremendo e ofegante no ar como grandes pássaros cativos. Mês das mulheres... Todos os armarinhos, às três da tarde, se enchem de um quente aroma feminino, que entontece e alucina; sapatinhos lépidos, dentro de cujos ninhos macios se agitam pequeninos pés impacientes, batem, saracoteiam entre as cadeiras desarrumadas; nos balcões, sob o olhar tantálico dos caixeiros, as peças de seda rugem, machucadas por mãos que valem mais que todos os teares da China e do Japão; quando e quando, duas amigas se reconhecem: então, as sedas caem desprezadas, e há pela sala o vago rumor de beijinhos rápidos... E os caixeiros alongam olhos famintos... Meu Deus! Os manicômios devem estar cheios de caixeiros de armarinho, levados à loucura pela embriaguez fulminante desse espetáculo!

Mês das mulheres é que Maio é!

Eu cronista desta folha em que o lápis voluptuoso de Julião Machado vai tratar com tanto carinho as curvas dos corpos dessas encantadoras inimigas do meu sexo, quero dar-lhes esta primeira crônica. Também, não tenho feito outra cousa, nestes primeiros dias de maio, senão olhá-las. Houve na semana passada manhãs frias e nevoentas, tardes enfarruscadas, retalhadas de bátegas de água: e a rua do Ouvidor ficou triste... apenas marmanjos patinhando na lama, com os narizes roxos engrossados pelo coriza, e os pescoços duros congestionados pela angina. Mas não desesperei: não achando mulheres na rua do Ouvidor, fui à rua de Gonçalves Dias, e deixei-me ficar no saguão da Photographica Brazileira, a namorar os retratos. Há por aquelas paredes carinhas gordas e ridentes, de queixos redondos, em que se adivinham covinhas aveludadas, sepulturas de beijos, cheias de pó de arroz; faces finas e fidalgas, de olhos dominadores e lábios frios; rostos espertos, cheios de uma frescura de quatorze anos em que, sob a formosura acabada da mulher, percebe-se ainda a inocência e a travessura da criança; e – por que não as mencionar também? – faces cheias e animadas, de quarentonas, frutos sazonados a que o esplendor fecundo do outono dá uma beleza repousada e firme. Ah! os retratos também não falam, bem sei! mas, em dias de chuva, é preciso que os olhos da gente se contentem com o que acham...

E a chuva passou. Agora o céu vai talvez sorrir por todo o mês na sua glória de esmalte novo. Há noites, polvilhadas de estrelas, de um frio que chama o sangue às faces, vai forçar as freqüentadoras do lírico ao uso das mantas nobres, dos largos capuzes, sob cuja espuma alvíssima de rendas e de peles os olhos brilham com um novo fogo. E... Mas não tenho interesse nenhum em dizer que outras cousas suaves e deliciosas trarão consigo as tentadoras noites de maio...

Digo-vos somente que vou ficar fora da política, dos negócios, de tudo. Podem todos os Traipus do Norte e do Sul cair com fracasso e reerguer-se com lustre! Podem as ruas

alargar-se ou não, à vontade dos partidários do recuo ou dos partidários do *statu quo!* Que os noticiários arfem, carregados de casos de adultérios, de sangue, de roubo, de guerra! Que os cabos telegráficos se reforcem e desenferrujem, transmitindo notícias espantosas, greves, terremotos, crises, revoluções, amores escandalosos de Oscar Wille e lord Alfred, constipações do rei da Espanha, pneumonias do duque de Orleans, torcicolos de Fênix Faure, reumatismo de Muley Pachá, carraspanas do Grão Mugol, crises histéricas do imperador Guilherme, indigestões da rainha Victória. Que a Europa se conflagre! que a Ásia se deixe inundar! que a África, torrada à seca, se desfaça em pó! Que tenho eu com o resto do mundo? O mundo para mim é a rua do Ouvidor, radiante viela por onde passa, em ondas que cantam, o rio da beleza humana!

Maio é o mês das mulheres! Ah! quem tivera, senhoras do meu destino, donas do meu passado, do meu presente e do meu futuro! cem olhos para olhar-vos, cem almas para adorar-vos, cem vidas para servir-vos!

São duas horas. E eu a perder tempo! – Julião! vê aquela morena que ali vai... uma nuvem de aromas rola em torno dela, acompanhando o hino de seu passo leve... E aquela, Julião! e aquela loura, cuja boca se abre e ofusca, como uma rosa sanguínea... E aquela... e aquela... e aquela... E todas elas! e todas elas! Ai! vida dos meus pecados! para que precisa o Rio de Janeiro de tanta mulher bonita!?

Revista: ***A Cigarra*** **- Seção "Crônica"**
n.2 – 16 de maio de 1895 - p. 2-3

Fantasio

Meu Deus! para que o paginador d´A Cigarra não se queixe de mim, tenho de soltar a rédea ao estilo e escrever esta crônica a toda a brida, em 13 de maio, num dia feriado, no doce dia em que se comemora a redenção de toda uma raça.

Fosse eu um homem menos dado ao cumprimento do dever e estaria a esta hora, longe daqui, em qualquer fazenda do interior, vendo no terreiro afestoado de folhagens de mangueiras e cheio da palpitação das flâmulas festivas, desenrolar-se a cobra viva de um *batuque* de pretos, esse *colillon* dos pobres trabalhadores da roça. Mas que digo eu? No Brasil já não há *batuques*, como já não há escravos... Os próprios pretos raros, que ainda nos restam, disfarçam cuidadosamente a escuridão da pele, sob camadas prudentes de pó de arroz. Hoje as roças estão cheias de alemães rubros, de italianos cabeludos e de chins amarelados. Nos dias de festa, os colonos brancos dançam ao som de filarmônicas roucas, umas valsas macabras que estão tão longe, ai! de mim! do encanto primitivo e simples do *batuque*, essa melancólica dança bárbara, em que os pretos, com os pés nus, sacudidos à cadência triste do *chique-chique,* esqueciam as amarguras do eito, batendo freneticamente a terra, essa mesma terra em que as suas pobres mãos se magoavam e rasgavam, e em que o seu pobre sangue caía, em borbotões, espirrando à ponta dos chicotes de couro cru!... Não há mais *batuques*! não há mais escravos! E é mesmo de crer que em nenhuma fazenda se comemore o Treze de Maio, porque, em geral, os fazendeiros ainda não perdoaram a essa data a perda do comércio negro, que ela lhes causou.

E se não há mais *batuques*, consola-te, alma aflita de cronista! Não lucrarias muito com um passeio às fazendas, e melhor é que passes este dia de glória nacional entregue a meditações graves.

Vejamos! Eu bem poderia demorar a atenção em casos políticos... Poderia falar do Lírico, arriscando críticas antecipadas sobre a grande *troupe* que aí vem, trazida pelo Sr. Freitas Brito, e que, a augurar pela procura que tem tido a assinatura aberta na bela Ourivesaria dos belos Couceiro & Brito, vai ter espetáculos concorridíssimos... Poderia desfazer-me em elogios sobre a formosíssima revista *O Major,* do meu querido amigo, também major, Arthur Azevedo. Poderia... Mas, perdoai-me! O caso do casamento escandaloso que, ao cabo de vinte e um anos de realizado, ainda não era o que se pode chamar um verdadeiro casamento, - atrai a minha pena, como um sanguessuga, chupando-me toda a crônica.

Um escândalo grande, numa tempestade de comentários, desabou sobre a cidade, quando se espalhou por ela à estupenda notícia. Houve homens que, tapando olhos e ouvidos, pediram à terra que se abrisse para engoli-los, Senhoras de idade**,** ao bafo desse pavoroso sucesso, acenderam velas a Santa Bárbara, e tremeram longamente, como árvores ao sopro de um tufão.

Um jurisconsulto do meu conhecimento ponderou: - "É preciso reformar o processo do matrimônio! Ninguém compre vinho sem primeiro prová-lo!" E consta-me que o Dr. Viveiros de Castro, com um gesto largo de desespero, bradou: "Ó manes de Lacassagne e de Forri porque não demorei eu mais um pouco a publicação dos meus *Atentados ao pudor*?!..."

Refletindo bem sobre o caso, com o escrúpulo e a atenção que me merecem estes complicados problemas sociais, acho que não há razão para tanto barulho. De que se queixa esta senhora, ó povos alarmados?! Destrinchemos a questão...

Houve um tempo em que a fortuna me sorriu. Vi-me senhor de um pequeno capital (não se espantem!) e entreguei-o a um homem hábil, pedindo-lhe que o fizesse render. Ao cabo de três anos, não achei mais nem o rendimento, nem o capital, nem o homem. Foi então que (isto é a pura verdade, almas incrédulas!) vendo-me pobre, dediquei-me a este ignóbil ofício de escrever crônicas. Claro é que tenho o direito de me queixar do depositário infiel, não é assim?

Mas a senhora, que é um dos principais personagens deste drama doméstico, não está nas mesmas condições. Unindo-se a um homem sério, entregou-lhe o seu capital. Ao cabo de vinte e um anos, o homem, com uma lealdade que não teve o meu depositário, entrega-lhe o capital intacto e perfeito, tão intacto e tão perfeito como quando o recebeu a face de Deus e dos homens... De que se queixa a senhora?

Não se pode queixar de não receber juros, porque, quando entregou o capital ao depositário, não lhe pediu que o fizesse render. De que se queixa então?

Dir-me-hão talvez que sofismo, e que esse capital é um daqueles, que a gente tem muito gosto em perder. Mas, perdão! eu, filantropo e filósofo, não posso admitir que se ponham capitães pela janela fora. Nomeiem-me já um curador para essa perdulária senhora! O Estado é o tutor nato dos menores e dos loucos. Como? Tolerar-se-á que, com a sua queixa, uma senhora abra tão deplorável precedente?

De que se queixa esta senhora, ó povos alarmados?! Queixa-se de ter posto o seu capital em uma caixa econômica, e de o receber sem alteração, tendo-o durante anos reservado dos vários perigos que, em geral, correm os capitais desse gênero – perigos sérios como o de incêndio, o de extravio, e mesmo o de arrombamento! Que necessidade!

Decididamente, o mundo anda de pernas para o ar! Volto à minha idéia primeira: porque não fui passar este dia na roça? Na roça, ao menos, as almas são simples e os costumes são claros... Não se vêem por lá estas complicações...

Revista: ***A Cigarra*** **- Seção "Crônica"**

n.3 – 23 de maio de 1895 - p. 2
Fantasio

> Bem aventurados os ignorantes, porque deles serão as felicidades da terra!
> E só lhes prometo essas, porque já a Santa Madre Igreja lhes assegurou, com palavras que não voltam atrás, a posse futura das outras, as do céu, as da convivência com o Senhor Deus, as que somente se alcançam quando a alma, livre do estado de sítio da vida, começa a fruir as delícias e as garantias da anistia da morte.

Ah! ignorar tudo! Ser como o caramujo, que, - enquanto as tormentas da existência se desencadeiam e estrondam sobre a sua frágil carapaça, - fecha-se dentro dela, com uma indiferença de deus, e dorme feliz, alheado de tudo, no seio da sua inocência e da sua suprema ignorância.

Imaginai que acabam os meus olhos de cair sobre esta pequena e sugestiva notícia: "Segundo um jornal inglês, há muitos milhões de chineses que ainda não sabem que uma guerra cruenta se deu entre a China e o Japão." ... Imaginai comigo a felicidade desses milhões de homens amarelos, metidos no centro da Ásia, entregues pacificamente ao trato dos arrozais, com o corpo exclusivamente dado as fadigas da lavoura e a alma dada exclusivamente à meditação das palavras de Confúcio, vivendo na absoluta ignorância das cousas do Ocidente, mergulhados na contemplação de grandes ídolos extravagantes, não cogitando do que, pelo resto da face da terra, fazem homens de sobrecasaca e chapéu alto, e senhoras enluvadas, e soldados municiados, e poetas arrebentados, e políticos loquazes, e cronistas de fígado impertinente... No litoral, o Pavor andou, de cidade em cidade, de porto em porto, marchando à frente dos batalhões e das frotas de guerra do Mikado. Soldados chineses, - tal era o medo que os avassalava diante do inimigo, - degolavam-se, o Imperador da China num acesso de fúria, encolerizado pelas vitórias do Japão, esbofeteou a Imperatriz; e a Imperatriz acabrunhada pela dura afronta dessa tapona conjugal, suicidou-se; os mandarins, com os rabichos arrepiados de susto, davam a alma e a sabedoria ao diabo; os cruzadores, chineses, despedaçados a avalanches de metralha, iam para o fundo do mar; a figura de Yamagata, aumentada pelo fulgor da legenda que o acompanhava, cobria com a sua formidável sombra toda a Manchúria; e por fim, as tropas do Japão ditaram à China as condições aviltantes de uma paz vergonhosa... Mas, no interior da China, muitos milhões de homens amarelos, de olhos amendoados amortecidos pelas visões do ópio, ignoram ainda que todas essas calamidades tenham desabado, numa praga cerrada, sobre a terra sua... Oh! Felizes! Felizes os ignorantes!

De uma vez no interior de Minas, lá muito para dentro, numa cidade primitiva em que os intendentes municipais, em dia de festa, ainda envergam pesadas casacas verdes com botões grossos de latão, encontrei um homem sereno, de doce figura e de calmo viver patriarcal, que me deu hospitalidade, recebendo-me, como Abraão, à porta da sua casa rústica, e lançando-me gravemente a sua benção, com um gesto largo e nobre da mão espalmada no ar. Por esse tempo, a revolta custodiana enchia esta adorada cidade de S. Sebastião de uma nuvem de balas *koropacheck* e de uma nuvem de polícias secretas: e eu andava, pelas serras libérrimas, procurando também gozar um pouco de divina e suave ignorância, a que a Igreja promete a bem aventurança do reino do céu.

E, posto à mesa em companhia de meu hospedeiro, diante do prato de barro tosco em que as couves e dos feijões fumegavam, na sala humilde, dentro do grande silêncio daquela roça apartada – comecei logo a sentir que a Igreja não mente, porque, sem pensar no que longe dali se passava, uma paz inefável, mais do céu que da terra, me inundou o coração.

De repente, estrepitou à portada o tropel de um cavalo. Era mais um viajante que pedia hospedagem. Reconheci logo, sob aquele guarda pó espalhafatoso, um caixeiro-viajante. Entrou, abancou-se, e desatou a comer e a falar, com uma grande abundância e queixos e uma notável pobreza de senso. Disse que a esquadra revoltada ia bombardear o Rio... chegava de lá... aquilo estava um horror!... O nosso hospedeiro abria para o homem uns olhos dilatados e pálidos; a sua longa barba patriarcal tremia, como sacudida por um vento de espanto. E não se podendo conter, perguntou:

- Mas, então, querem botar abaixo o nosso imperador?

O *cometa* teve uma risada escarninha: " - Qual imperador, homem! Há mais de quatro anos que não temos disso por lá!"

O patriarcal gemeu: "Não temos mais imperador!... " e ficou acabrunhado, chato, como se sobre ele o teto houvesse desabo com vigamentos e tudo.

Ó doce! Ó soberana! Ó sempre virgem ignorância! Que me custava, a mim, que sou da mesma carne e dos mesmos ossos que formavam o corpo de Santo Antão, ir para o recolhimento de uma Tebaida qualquer mergulhar a alma, cansada de tantos boatos e de tantas intrigas, na fonte pura de um esquecimento perpétuo!...

Vede bem se há tormento igual a este, ó alma, ingênuas, que já estais no Reino do Senhor, e que, lá em cima, entornais olhares desdenhosos para o que de miserável se agita neste vale de complicações!...

A gente vive por aqui a esperar de hora em hora um estado de sitio, uma guerra, um *krak.*

> Na câmara, já se clamou em altos brados que é preciso fazer a guerra não sei bem a quem. A guerra!... Que dirás tu dessa opinião, no dia em que os clarins chamarem a postos todos os filhos desta pátria, no dia em que me vires de Coblain a tiracolo e lira dependurada na casuarina que fica em frente à nossa casa, pronto a ir derramar o meu rico sangue por um paradoxo, que dirás tu doce amada, cujos olhos quebrados de amor não podem passar sem os meus beijos, cujos ouvidos ávidos de louvores, não podem passar sem os meus versos?... A guerra! O cambio a 0, a libra a 240$000! E ter de ouvir tudo isso, e, - entre dois abraços e entre dois gemidos, à noite, à hora em que mais doces se trocam as confidências de amor – tremer, julgando já ouvir a porta o bater imperioso da patrulha do recrutamento!...

Oh! Não ignorar que todas essas cousas andam no ar, vê-las, cheirá-las, palpá-las, e ter de vir para a rua do Ouvidor com uma grande rosa no peito e uma grande indiferença no rosto, e um ar de quem acha que tudo vai muito bem...

Porque não nascemos nós no interior da China, amada minha?! Eu plantaria arroz e tu bordarias pára-ventos fantásticos; e, à noite, à meia luz de uma lanterna maravilhosa em que disforme dragões e pássaros disformes se cruzassem, dormiríamos tranqüilos, nos braços um do outro, sonhando!...

Enfim, como não há outro remédio, amemo-nos assim mesmo! Vamos! Um beijo para começar! Que valem boatos? Outro beijo! Que importa a guerra? Outro beijo! que temos nós com tudo isso? Outro beijo!... Outro beijo! Pois que essa guerra aí vem, deixa-me fazer provisão de beijos para a campanha, enquanto os outros fazem provisão de coragem e de cartuchos!...

Revista: *A Cigarra* - Seção "Crônica"
n.5 – 6 de junho de 1895 - p. 2-3
Fantasio

Dentro da alma de cada um de nós, - mesmo dentro de certas almas alpestres e duras como as rochas inacessíveis, - há uma flor pequenina que não morre nunca, a flor de ouro do Sonho. Vergastem-na os sóis da puberdade, sacuda-a o fecundo trabalho outonal da idade madura; sitiem-na com as suas cadeias de gelo as tristezas do inverno, - a crisântema do Sonho não morre. E quando a gente se quer fazer prática, procurando cerrar os olhos ao devaneio, para não perder de vista o lado chato da vida, - a florzinha de ouro tem um riso escarninho:

"Desgraçado! não conseguirás sepultar-me sob a aluvião indecente das tuas baixezas. Arroja-te à política: faze do teu caráter um saltimbanco, afestoa-o de guizos, enfarinha-o, arremessa-o à arena suja, para gáudio da galeria, expõe-no à venda numa rotula devassa! Atira-te às especulações! Come ouro, Moloch da Bolsa! Estorce-te e arrebenta de uma indigestão de libras esterlinas! Procura dar pasto aos teus vícios, no leito das mais baixas ou das mais altas mulheres, na borra dos vinhos e no sarro ascoso do fumo e do ópio! Mergulha a tua carne fraca no bamburra da vida! Vive! E emporcalha-te, miserável! – No fundo da tua alma, eu ficarei, sempre-viva, dando um toque da graça divina à tua imortalidade!"

E ah! que doce mês para o sonho é este mês das fogueiras e do frio! Os três santos de junho, - Santo Antonio, o casador das moças, S. João, o precursor de Jesus, e São Pedro, o porteiro do céu, - são os mais alegres da folhinha. Por uma gentileza fidalga, (porque é preciso notar que no céu, mais do que na terra, a boa educação é uma qualidade muito apreciada) os três barulhentos padroeiros de junho deixam passar, antes da sua, a festa da suave Maria. E,

quando Maio sucumbe, quando sobre as festas marianas os órgãos deixam cair, como uma chuva de flores, as suas últimas notas festivas; quando confessadas e comungadas, as virgens com o olhar banhado de glória pelo reflexo do corpo do Senhor que as visitou, celebram na última procissão, vitoriosa e branca, a suprema graça da Mãe de Jesus, - então, Santo Antonio, S. João e S. Pedro acordam, e tomam conta do céu e da terra.

E agora o vereis!

Santo Antonio, um meridional carinhoso e alegre, nascido na cidade de mármore e granito, plantada sobre os cães do Sudré à beira mar, - Santo Antonio, tão amigo das crianças que, depois de ver Jesus morrer aos trinta e três anos, pediu-lhe que tornasse a ficar pequenino para que ele o pudesse trazer sempre ao colo, - Santo Antonio mete-se entre as onze mil virgens, desde o dia primeiro do mês, e, presidindo esse congresso de Puras, começa a deferir os requerimentos que lhe enviam da terra as moças ávidas de casamento.

Oh! Que trabalho! Que trabalho! Há tanta rapariga solteira neste vale de celibatários! O cambio está tão baixo! os viveres estão tão caros! há tão pouca gente que se anime a fazer família! Os requerimentos chegam no céu aos milheiros, às enchentes, aos bilhões de bilhões de remessas . Em cada repique de sino que sobe da terra, vão, equilibrados nas asas cantantes das badaladas, turbilhões de votos ardentes, de pedidos aflitos, de exigências. Todas as moças querem marido!... E Santo Antonio, numa dobadoura, não tem mãos a medir. Algumas das suplicantes, cansadas de esperar, passam uma corda pelo pescoço duma efígie do santo e arremessam-na ao fundo escuro e frio de um poço... Mas, Santo Antonio, suado e ofegante, entre as suas onze mil virgens, não tem tempo para se zangar com essa impertinência.

E as onze mil virgens, entre risadas claras (ah! ninguém imagina que claro, que vibrante, que harmoniosíssimo som têm as risadas do céu!), dizem, para gracejar com o Casto Lisboeta: “Bom santo! Bom santo! Vê que favor te fizemos nós, ficando no céu! Vê que ventura o não precisar a gente de marido nesta abençoada mansão! Aqui estamos onze mil solteiras que não te importunamos, bom santo!”

E Santo Antonio, (que alegre Bem-Aventurado que é aquele meridional!) ri também: “Ao trabalho, meninas! Ao trabalho! Olhem que celebro este ano o meu centenário e quero dar à terra uma porção extraordinária de maridos!”

S. João, esse desde o dia primeiro, põe todo o céu de pernas para o ar. Quando o Padre Eterno, na sua cátedra de vapores de ouro e prata, cochila, cansado e velho, acabrunhado ao peso da sua eternidade, - o Precursor vai ansiosamente perguntar-lhe ao ouvido: «Senhor! Quando chega o meu dia, Senhor?” - E o Senhor estremunhado: “Cedo chegará, João, descansa!” E o discípulo: “Ah! Senhor! quando chegar o meu dia ficarei tão contente, que arrasarei o mundo! E Deus fica murmurando consigo mesmo: “Eu te ensinarei, Exaltado!”

S. João vai dali a todos os Santos, dizer-lhes os projetos que afaga, e contar-lhes como, com pirotecnia maravilhosa, conflagrará para celebrar o seu dia, a morada dos Homens. E quando Sr. Prudente lhe diz que esse projeto é sanguinário, o Precursor lhe retôque com desprezo:

“Cala-te para aí, pacato! Tu és como um prudente da terra, que bem quer a paz, mas não a faz!”

Chega afinal a véspera do grande dia. O Senhor, que bem sabe de quanto João é capaz, procura, nas sua infinita Sabedoria, o meio de salvar a terra da explosão da alegria do Beato. E obriga-o a ler de fio a pavio toda a coleção da *Revista de Instituto Histórico.* S. João adormece, como um santo de chumbo, e só acorda daí a 48 horas, quando o seu dia passou: Acorda, esfrega os olhos, consulta a *Folhinha Laemmert* que está pregada numa das paredes do céu, e fica desesperado: "Senhor! Senhor! que crueldade a vossa! Pois está escrito que nunca verei o meu dia, senhor?"

E o Senhor, com um riso malicioso que lhe ilumina as barbas brancas, diz, com bonomia: "Paciência, João! Saberás que o melhor da festa é esperar por ela, Exaltado!"

S. Pedro, esse tem uma alegria mais calma e, sobretudo, menos ameaçadora para os habitantes da terra.

O Pai da Igreja, - vendo que os homens, apesar de toda a sua maldade original, não o esquecem e arruínam-se em balões, em bichas da China, em batatas e carás, para glorifica-lo – faz a vista grossa para os pecados do mundo... Assim todos os santos, no primeiro dia de junho, dizem logo: "Vai entrar este mês muita gente para aqui!" É que o Velho Santo fica de uma condescendência sem limites. Quando um maçom bate à porta do céu, S. Pedro procura dar à face um ar de indignação e brada: "Pois você tem a coragem de querer entrar no céu, herege? Não entra, pedreiro-livre! não entra, patife!" E da-lhe as costas, mas deixa a porta aberta... por descuido. O maçom entra e, quando dá por ele, já o vêm com asas de escumilha nos ombros tocando cítara ao lado de Santa Engrácia.

Dizem que foi no mês de junho que Lovelace, graças a essas vaidades de S. Pedro, conseguiu entrar na Mansão da Luz. O grande Santo deixou-o passar, perdoou-lhe os pecados, purificou-o, e disse-lhe entre dois sorrisos: "Agora, veja lá o que vai fazer, seu devasso! Olhe que aqui dentro há virgens a dar com um pau!... Se faz qualquer asneira.... Lembre-se do exemplo de Abeilard..."

Como não hão de os três santos de junho amar este mês em que a terra consome fortunas em pólvora e papel de cor, para se recomendar à sua proteção e à sua benevolência?

Há quem diga que os santos, que brincam com os planetas como nós brincamos com as bolas de bilhar, não chegam a ver os balões radiantes que mandamos ao céu enfurnados pela fumarada do piche.

Tolos! Em verdade vos digo que os três Padroeiros da Pirotecnia dão mais atenção aos nossos aeróstatos de papel que ao Anel de Saturno e aos Satélites de Júpiter. Cada um faz o barulho que pode: Deus faz barulho com as trovoadas, e nós com as cartas de bichas; a intenção é que é tudo, neste particular como em todos os outros.

Depois, é tão bom imaginar que as nossas preces não se perdem! É tão bom sonhar que, realmente, há santos alegres que não odeiam o mundo...

Sonhos de junho! Flores de ouro das almas! Abri-vos e fulgurais, pondo o corretivo de um pouco do aroma celeste sobre as emanações mefíticas da estrumeira da vida!...

Revista: *A Cigarra* - Seção "Crônica"
n.7 – 20 de junho de 1895 - p. 2-3
Fantasio

Dizem que esta folha tem cometido a gravíssima falta de não se ocupar bastante com as altas questões, que de perto entendem com a grandeza moral e material do Brasil. Não dizem isto em voz alta. Dizem-no à socapa, traiçoeiramente, querendo intrigar *A Cigarra* com a posteridade. Entretanto, em outra coluna da folha, todas as quintas-feiras o meu colaborador L. F. (iniciais que mal disfarçam o nome ilustre de um ilustre escritor, que foi várias vezes eleito deputado durante o regime passado) costuma escrever sobre A Política estiradas e gravibundas ponderações, que suam patriotismo e irradiam bom senso... Mas, ao fundar *A Cigarra*, nós já sabíamos que não nos faltariam detratores. Que importa? um verso de Schiller nos consola: "quando os cães ladrarem à tua passagem, fica sabendo que ladram só porque passas a cavalo!"

Dizem que *A Cigarra* se desmancha em risos estrídulos, quando a pátria se desmancha em sustos e lágrimas... Quereis ter a prova de que não descuramos os interesses vitais da República? Lede-me.

Há dias recebi a seguinte carta, impressa em forma de circular:

"Exm. Sr. – Para que V. Exa. Se digne responder: 1.º Está de pleno acordo com as disposições do artigo 3º e seus parágrafos, da Constituição Federal, que preceitua sobre a mudança da capital da União para o planalto central do Brasil? 2.º Qual das denominações prefere para a capital projetada *Cabrália* ou *Brasília,* como já tem sido indicada? 3.º Julga aceitável a denominação Goiás? 4.º Se nenhuma das acima, qual a que entende dever ser dada, como mais expressiva, sob o ponto de vista etnográfico, e como mais estética quanto à sua construção filológica? Queira V. Exa. endereçar a sua resposta à redação do *Diário de Notícias*, subscrita ao signatário – Henrique Silva".

Sei que vários cavalheiros, como eu diretores da opinião pública, receberam igual convite. E, agora, vede: eu poderia responder ao signatário da consulta em carta particular, privando assim o público da inefável delícia de ser edificado com as minhas luzes... Mas, ao contrário, vou responder pela *Cigarra*, em público e raso, pondo assim o meu voto e a minha opinião ao alcance do critério dos nossos inúmeros assinantes.

Neste simples fato de se ocupar *A Cigarra* com o magno problema da mudança da Capital Federal, já vai a afirmação do muito que nos merecem os interesses públicos, - não acham? Outro homem fosse eu, menos cheio de patriotismo, e trataria da mudança da capital do Japão ou da mudança da capital da Senegâmbia...

Mas, ainda não é tudo. Se eu não sentisse arder dentro de minha alma, - constantemente alimentada pelo azeite sacro do nativismo – a lâmpada inapagável do amor da pátria, tomaria a deliberação de ir procurar o meu interlocutor Henrique Silva, para lhe dizer mais ou menos, o seguinte:

"Amigo Henrique! Bem sei que você é goiano, e que ama Goiás, e que julga de transcendental importância este caso de mudança de capital. Bem sei também que sou brasileiro, e que amo o Brasil, e que de importância transcendental julgo o supracitado caso. Mas, enfim, não foi você quem descobriu o Brasil... Nem eu, amigo, nem eu! Dizem uns que foi Cabral, dizem outros que foi *Pinson*: o meu caro e ilustre Capistrano, que, na matéria, é autoridade incontestável e incontestada, resolve a pendência, dizendo que *foram os espanhóis que descobriram o Brasil, porque Cabral viu terra mais de meiado de Abril, e Pinson a viu em fevereiro; diz que essa é a solução cronológica; mas que, sociologicamente falando, os descobridores do Brasil foram os portugueses.* Mas, amigo Henrique, o que é certo é que o descobridor não fui eu! Ora, quem descobriu o Brasil que o ature... Acho melhor que você mande os seus quesitos a Cabral ou a Pinson, e que deles exija a solução do magno problema...."

Pois bem! Não cometerei tamanho crime. Responderei a Henrique, com vários compêndios em cima da mesa e com a mão na consciência.

Mas, começarei pelo segundo quesito, deixando o primeiro para o fim.

Se prefiro *Cabrália* a *Brasília* ou *Brasília* a *Cabrália*? Não prefiro nenhuma, senhor!

Cabrália por que? A dever o nome da nova capital rememorar a glória do descobridor, mais aceitável seria o hediondo nome de *Pinsonia*, pelas razões a que acima aludi. Já a América assim se chama impropriamente, com injustiça grande para a glória de Colombo.

Se julgo aceitável a denominação de *Goiás*? Nunca, senhor!

> Goiás é um nome que condecora todo um Estado e um Estado grande, imenso, feracíssimo, riquíssimo, poderosíssimo. Se é preciso absolutamente dar um nome à cidade, porque lhe dar um nome velho? Novos nomes a novas cidades, senhor! Já a jovem capital de Minas, em Belo Horizonte, por uma grande tolice governamental, chama-se... Minas! Minas, capital de Minas, - que horror!

Qual então a denominação que prefiro?

Nada mais fácil do que descobrir belos nomes, belos e adequados. *Pascoália* seria formosíssimo. Quando a frota cabralina avistou a terra brasileira, celebrava-se a bordo a festa da Páscoa, - festa da concórdia e do amor. *Pascoália* não ficaria bem como denominação a grande cidade, em que todas as raças confraternizarão pelo trabalho?

Outra idéia: por que não ressuscitar o velho nome de *Vera Cruz,* em má hora abandonado pelo de Brasil?

Consta-me que o general Couto de Magalhães, consultado há tempos sobre esta mesma questão, propôs um nome indígena, arrevesado e feio, que não me ficou preso à memória: felizmente, porque ainda me lembro de que era uma palavra medonha... como tudo quanto é caboclo.

E vamos ao quesito primeiro.

Se estou de acordo com o art. 3º da Constituição? Mas, está claro! eu estou de acordo com toda a Constituição, do primeiro artigo ao último, - mesmo porque a falta do meu acordo não conseguiria mudar-lhe, já não digo uma linha, mas uma simples, uma desgraçada, uma pobre entrelinha... Por não estar de acordo com a Constituição, anda uma porção de gente no sul a saltar cochillas e a comer pólvora: não tenho jeito para essas cavalarias altas. Estou de acordo, sim, senhor!

Se o planalto da Formosa é lindíssimo, se estão tratando de lá fazer uma cidade-modelo, se é preciso povoar e desenvolver o interior do Brasil, - como não hei de querer que se mudem para o coração de Goiás os deputados, os amanuenses, os senadores, os chefes de secção, os contínuos e os ministros de Estado? Ah! Eu sou tolerante! A moderação e o amor da justiça e da razão são os tapetes que forram o fundo do meu caráter. Carioca da gema, nascido em plena e viva rua do Ouvidor, não cuideis que o planalto da Formosa me faça inveja. Mesmo sem câmaras, sem palácio da Presidência e sem amanuenses, o meu Rio de Janeiro não teme a concorrência da vossa Cabrália ou Pascoália ou Vera Cruz ou Goiás.

Tereis palácios de mármore, parques de luxo, avenidas, e boulevards, carruagens e restaurantes... Mas, ó infortunados! Não tereis o mar, e não tereis as nossas mulheres mais elegantes da América.

Ide-vos todos para a vossa Formosa: deixa-me a mim com a minha Feia. Amo-a assim mesmo amo as suas ruas finas, torcidas e sujas com intestinos, amo as suas imundices e os seus vícios, os seus horrores de cortesã precoce, a sua futilidade, a sua paixão pelo mexerico e pelo boato, os seus arrebiques de gaiteira, os seus medos, os seus calçamentos esburacados, as suas casas ignóbeis e curas, - amo-a sobre todas as cidades, e sobre todas as cousas, - pelo mar que a beija e pelas mulheres que a enchem!

Que tenho eu com a Cabralia ou Brasília ou Pachoalia? Não deixarei, por essa nova amante, toda vestida de novo, ensaiada para as festas e os prazeres da vida, - a minha velha amante, filha de Mem de Sá, bela matrona ardente e apaixonada, tão conhecida dos meus olhos e do meu coração, - e em cujo colo me caiu o umbigo, ao nascer, e em cujo colo peço a Deus que me caia o corpo, à hora da morte.

Ah! Estou de pleno acordo com o art. 3º da Constituição, Sr. Henrique! Mude-se a Capital para Goiás ou para o Amazonas: tanto melhor para a pátria, que ficará possuidora de mais uma grande e deslumbrante cidade. Mas, não contem com a minha presença por lá! Daqui, do seio do meu amado Rio de Janeiro, não sairei nunca mais, senão... para a Glória.

Vou dormir. Tenho a consciência à larga e o coração inundado de júbilo. Acusavam-me de ligar pouca importância aos interesses da terra natal, e vinguei-me, dedicando a esses interesses uma página compacta.

Das almas nobres a nobreza é esta!

Revista: *A Cigarra* - Seção "Crônica"
n.9 – 4 de julho de 1895 - p. 2
Fantasio

A presença de um grande telepata nesta cidade devia ser atualmente aproveitada por quantos se interessam, no Rio de Janeiro, pelas ciências ocultas. Não sei bem como é o nome de cavalheiro que por aí anda a penetrar os pensamentos alheios. É um nome russo, cuja terminação em *off* já trás em si um grande mistério, como tudo quanto é russo.

O tempo dos prestidigitadores e dos ilusionistas passou. Antigamente a platéia fluminense contentava-se com pouco. O ilusionista apresentava-se com as mangas arregaçadas, a casaca folgada, - de modo a poder conter sob as suas abas fortes algumas dúzias de surpresas e de ilusões, - e começava a discursar diante do público atônito, numa língua arrevesada, em que os barbarismos se atropelavam, e que auxiliava grandemente, por pouco compreensível que era, às habilidades do prestimano. O homem pedia um chapéu, sacudia-o no ar com fúria, olhava fingindo espanto o seu bojo, e desatava a tirar de lá um turbilhão de cousas várias – pombos que batiam asas assustadas no ar pesado da sala, tontos cegados pela luz, atordoados, pelo zum-zum do povo; fitas intermináveis, de várias cores, desdobrando-se num arco-íris vivo; caçarolas, cheias de peixes fritos, bocais de vidro em que peixinhos vermelhos rabeavam; laranjas, crianças vivas, - que sei eu? Todo um mundo... Apareceu aqui um, (como se chamava mesmo? Tinha eu os meus doze anos de idade...) apareceu aqui um que, de dentro de uma pobre e magra cartola, chegou a tirar um grande homem gordo, apenas um pouco menos gordo que o senador Abreu. As platéias deliravam. Havia por essas maravilhas um entusiasmo louco.

Onde vai esse tempo, santo Deus!... As platéias no Brasil educaram-se prodigiosamente, e estão hoje franca e definitivamente civilizadas... Se bem que ainda não saibam ler, escrever e contar. Não sabem ler...Mas, isso que importa? O que faz a civilização das massas não é o derramamento da instrução primária: é o desenvolvimento da esperteza.

E a esperteza hoje em dia está consideravelmente desenvolvida no Rio de Janeiro. Dir-me-ão que isso não é verdade, porque ainda há gente, filha daqui, mais que muito

habituada a conviver com gatunos e bilontras, e que, apesar disso, é diariamente vítima do arqui-estafado e do ultra-conhecido *conto do vigário*.

Mas isso é mais uma prova do que digo. Não é de admirar que ainda haja quem acredite no conto do vigário: o que admira, o que assombra, o que levanta os créditos da esperteza nacional é haver ainda quem o ponha em prática, em novas variantes, com recursos engenhosos, dando-lhe vernizes que o restauraram, aproveitando para edifícios originais esse velhíssimo processo, que já era naturalmente conhecido dos gatunos do tempo de Mem de Sá, - nosso venerabilíssimo avô.

Nós somos agora de uma esperteza espantosa. Os meninos, quando nascem, já olham maliciosamente para as parteiras, com olhos cheios de perguntas indiscretas. Pois, ainda há pouco tempo, não nasceu no Brasil uma criança, que, quatro horas depois de vinda ao mundo, já falava como qualquer de nós?

Por causa justamente desse desenvolvimento da malícia e da finura das massas, é que já ninguém suporta os prestidigitadores.

Agora os oculistas, os telepatas, os sugestionadores, os remexedores dos segredos alheios, - esses fazem um sucesso fenomenal, cativam-nos a atenção, monopolizam-nos os aplausos.

Oh! Esses homens, grandes e poderosos como Deus, que a léguas de distância, pelo telegrafo imaterial da vontade, transmitem ordens, curam moléstias, descobrem crimes, desnudam consciências, - pondo a alma dos outros em fraldas de camisa, à fresca, sem pudor, sem recato!...

Como não há de o poço admirá-los sem restrições, se eu mesmo, eu, descrente como um rochedo, tremo diante deles, vagamente atemorizado por esse poder sobre-humano?! Mas, esses perscrutadores do espírito humano fazem-me ainda mais inveja do que medo. Que bom deve ser poder mergulhar o olhar, pelo olhar de uma mulher querida, até o fundo do seu pensamento, até o fundo do seu amor!

Vê se me entendes, tu que daqui a pouco lerás esta crônica...

Enfim, este sujeito, meio italiano, meio russo, que por aí anda a fazer sugestões, talvez me possa dizer que não lhe dá ventura essa faculdade de adivinho. Há tanta cousa na alma de uma mulher! Para que hei de eu ter vontade de conhecer os teus pensamentos ocultos, bela esfinge que os Édipos da psicologia moderna interrogam em vão? Se eu conhecesse todas as tuas perfídias, todas as tuas pequeninas maldades, - teriam por acaso mais sabor os teus beijos, seria eu mais feliz?

Não! Fiquem os charlatães do hipnotismo com as suas feitiçarias... Não quero que me ensinem o meio de conhecer o fundo dos pensamentos alheios. Para me desconsolar, para me dar o nojo da vida, já me basta saber eu o que há no fundo do meu próprio pensamento...

Revista: *A Cigarra* - Seção "Crônica"
n.10 – 11 de julho de 1895 - p. 2-3
Fantasio

Ainda uma vez, vai esta crônica deixar de parte o sexo mau, o sexo pretensioso e brutal, que, por amor da política, quebra cabeças atualmente, nas conturbadas ruas desta cidade. Homens, meus irmãos, ficai-vos com as vossas paixões! Atolai-vos nelas, até o pescoço! E que Deus vos perdoe o crime de dar tão mau emprego aos dias poucos que a Natureza vos deu para o Amor, e para a Arte.

Prefiro aproveitar o resto da minha existência, mergulhando na doce contemplação das cousas que não são desta época maldita. Que me importa que as idéias dos outros, todas suando sangue e clamando vingança e cóleras, andem a chocar-se barulhentamente? A minha idéia ainda por outras bandas...

Tempos abomináveis! As mesmas mulheres desta rua do Ouvidor, que são o maior encanto da minha alma e dos meus olhos, andam agora de luto... Oh! A cor preta! Uma mulher só deveria ter o direito de se vestir de negro depois dos sessenta anos, nessa idade em que o corpo já é um frangalho e a alma uma ruína. A cor negra! Mas os próprios cemitérios são verdes, da cor da esperança... Os ciprestes não são negros... não são negras as lápides que cobrem a podridão da morte! os próprios claustros, - esses cemitérios de vivos – são brancos, brancos como a Candura, brancos como a Alegria!

Que é que é negro na Natureza? Creio que Deus desmancharia o mundo, com um gesto de enfado e de nojo, se se tivesse esquecido de dar à Noite a ampla faixa branca da Via-láctea... Reparai bem! mesmo quando as noites se enturvam, quando as estrelas se apagam abafadas pelos bulcões da tormenta, quando não há luar, - os pirilampos cá embaixo se encarregam de retalhar a treva. A natureza tem horror ao negro, como tem horror ao vácuo. E dizer que há mulheres que se vestem de negro! Minhas senhoras! Não há razão nenhuma que justifique essa abominação! Uma mulher só se veste de negro quando morre, ou quando fica velha... O que é uma outra maneira de morrer.

Mas, onde estou eu? Não era para verberar o luto das fluminenses que eu fugia da convivência dos homens. Era para falar de um belíssimo livro, que acabo de achar sobre a minha mesa de trabalho, nesta fúnebre manhã... Lá embaixo, passam tropas, a passo lento, arrastadas à cauda de marchas fúnebres. A multidão remexe-se, toda vestida de negro. Uma grande melancolia pesa sobre a cidade.

Mas, folheando o volume dos *Mármores,* de Francisca Julia da Silva, fecho a alma as tristezas da rua, e lá me vou embalando na correnteza destes versos, eras em fora, caminho da idade de ouro, em que, na alma, do mais rude dos homens, o amor do belo viçava, como uma planta sagrada.

Quando li, há pouco mais de um ano, os primeiros versos de Francisca Júlia, surpreendeu-me o seu estilo. Havia ali a demonstração de um culto entranhado da Forma, - culto que não tem muitos sacerdotes (ai de nós!) nos dias de hoje. Em regra os escritores, que estão agora florescendo, cuidam que, para dar progresso à língua portuguesa, basta inventar palavras como quem inventa boatos. Quanto mais estapafúrdia a palavra, mais bela! – é a profissão de fé dos novos. E a gente lê cousas, capazes de dar arrepios de medo a um frade de pedra!

Em Francisca Júlia, surpreendeu-me o respeito da língua portuguesa. Não que ela transporte para a sua estrofe brasileira a dura construção clássica: mas, a língua doce de Camões, trabalhada pela pena desta meridional, - que traz para a arte escrita todas as suas delicadezas de mulher, toda a faceirice de moça, - nada perde da sua pureza fidalga de linhas. O português de Francisca Julia é o mesmo antigo português, remoçado por um banho maravilhoso de novidade e frescura.

Depois, os seus versos não têm o falso pudor e a monótona lamuria, que, em geral, se encontram nos versos de mulheres que por aí aparecem. Francisca Julia canta a antiga Beleza, desnudada ao sol, fulgurando, livre de véus hipócritas. De quando em quando, uma estrofe sua, como um grito de saudade e de angústia, saúda os tempos gloriosos da Hélade; e ela pede a sua musa:

"Transporta-me, de vez, numa ascensão ardente,
À deliciosa paz dos Olímpicos Lares,
Onde os deuses pagãos vivem eternamente,

E onde, num longo olhar, eu possa ver contigo
Passarem, através das brumas seculares,
Os poetas e os heróis do grande mundo antigo!"

Digam-me: parecem versos de moça?

Ai! Meninas que passais a vida a esfregar as teclas dos pianos moles! senhoras que vos entregais à política, fundando e organizando batalhões para a defesa da República! – Por que não vos entregais antes, como esta moça paulista, ao trato fino e consolador da Arte?

Dir-me-eis que a Arte entristece, e que esta moça, com o ganhar o segredo da Metrificação e do Estilo, ganhou apenas uma tortura. Quem sabe? A Arte entristece quando, forçada e atormentada, é uma busca ansiosa do Ideal, uma vontade louca de devassar o eterno Mistério... Mas a Musa de Francisca Júlia, (ela mesma a chama *Musa impassível)* não tem essas aspirações neuróticas. A recordação da beleza de Vênus, a leitura de meia dúzia de versos de Homero, a contemplação de meia dúzia de relevos da escultura grega, bastam para lhe dar a alegria de viver. Que quer ela? Quer admirar a Formosura perpétua pela Arte.

"Branca e hercúlea, de pé num bloco de Carrara,
Que lhe serve de trono, a formosa escultura.

Vênus, túmido o colo, em severa postura,
Com seus olhos de pedra o mundo inteiro encara...”

Arte calma, arte consoladora, essa. Pois se mesmo agora, a mim, que estou metido nestas agitações políticas, acaba ela de me dar um par de horas de êxtase e ventura!...

Obrigado, Francisca Júlia!

Revista: *A Cigarra* - Seção “Crônica”
n.11 – 18 de julho de 1895 - p. 2-3
Fantasio

As pessoas amáveis (e quantas senhoras entre elas!) as pessoas amáveis que têm pedido notícias da minha saúde – receios as de que o Clube da Morte haja liquidado este cronista – devo agradecer com o coração nas mãos. Não! Ainda não morri. Ainda aqui estou, abraçado à minha amada *Cigarra!*

Pobre, fraca, sobressaltada *Cigarra!* Quantos sustos, quantas amarguras lhe temos nós todos causado, eu, o Julião, o Manoel, o L. F. e o Puck!

Ainda ontem, estávamos nós, melancolicamente postos derredor da nossa mesa de trabalho, – quando ela, a espantadiça *Cigarra,* chegou ruflando as suas asas transparentes, recortadas de retículas de prata e ouro, e, pousando sobre o nosso grande tinteiro de cristal, ficou a olhar-nos tristemente, com os seus pequeninos olhos amorosos.

E, logo, o Julião, mirando-a, teve um gemido:

- Coitadinha! É do frio... Também como pode esta pobrezinha andar cantando, por um rude inverno como este?

O Manoel deu-lhe a beijar a ponta do dedo:

- Que tens tu, filha?

E ela, de asas colhidas ao longo do corpo, olhava-nos e calava-se. Então, tive uma inspiração:

- Já sei, minha tímida! É a nossa política que te assusta, não? Cala-te! Não me digas que sim nem que não! Vejo pelos teus olhos que adivinha. Cala-te, vou-te provar que...

Mas, *A Cigarra* não me obedeceu e falou:

“Pois é a política! é a política! Que mal fiz eu a vocês, para que me tirassem das altas galhadas verdes, meu berço e meu túmulo, onde eu nasci e morria cantando, nascida do verão e morta com ele? Deram-me vida nova, obrigaram-me a ficar cantando em pleno inverno, salvaram-me da morte... mas arremessaram-me à política... Por que? porque me deram vocês a imortalidade, se tinham de prostituir a minha voz, obrigando-a a cantar sobre um pântano? Cruéis! A vida de um dia no cimo ondeado de uma floresta, desfeita em perfumes como um incensário, vale mais que a vida de um século dentro de um atoleiro!

Ai! Vida minha! Quem me dera a ingenuidade das cigarras! Esses pobres bichinhos imaginam ainda que possa alguém, bicho ou homem, viver hoje em dia sem pensar nas desgraças que cortem! Como se um viajante, perdido por noite negra de tormenta, sob um céu desmanchado em cachoeiras e trovões; vendo em torno de si os troncos seculares das árvores estalarem aos embates formidáveis dos raios, - pudesse fechar olhos, ouvidos e pensamento a esses furores, para rimar um soneto doce!...

- Que remédio descobriríamos hoje, bastante forte, que nos premunisse a alma contra a infecção da política? E como não há de a gente perturbar-se com o que vê e com o que ouve, se não há mais garantia nenhuma, nem para o Sonho nem para a Vida?

És político? Não vás à rua do Ouvidor que te quebram a cabeça! – Não és político? Não vás à rua do Ouvidor que te quebram a cabeça! Que és tu? Podes ser o que quiseres: não vás à rua do Ouvidor, que te quebram a cabeça!

Quem há que, nesta loucura geral, conserve a inteligência lúcida, a alma alegre e escoimada de paixões?

Pois, quando uma floresta arde, que remédio tem o pequenino arbusto, que viça dentro dela, senão arder também, senão também crepitar, estalar, estorcer-se e morrer?

Além disso, como poderia qualquer um nós, para fugir da política, aninhar-se no Sonho? O Sonho repele as almas velhas. A nossa geração já passou a sua idade de ouro, e só dificilmente descobre agora nos lábios um sorriso para saudar a natureza, e uma estrofe no coração para cantar as mulheres.

Lembras-te tu, Coelho Neto? Alma de fogo, que, para iluminar as tristezas da vida, te abrias em clarões de imagens e de estilo, – dos bons tempos em que não trocarias por todas as riquezas da terra o teu casaco surrado e os teus períodos de ouro? Lembras-te tu, Aluízio Azevedo, dos tempos em que atravessavas a vida, de olhos e ouvidos cerrados ao barulho e ao espetáculo do mundo, porque a tua alma, carregada de sonhos, vivia fechada consigo mesma, concentrada no grande trabalho da gestação da tua obra? Lembra-te tu, Luiz Murat – poeta do amor e da tristeza! – dos tempos em que, com os pés na terra e a cabeça nas nuvens, só tinhas olhos para a contemplação do teu ideal que fugia? Lembras-te tu, Guimarães Passos, - boêmio fugido de uma página de Mürger, – dos tempos em que, com a boca transbordando de rimas puríssimas e os sapatos cheios de remendos, passavas pela rua do Ouvidor, embrulhado na tua pobreza como num manto de rei? Lembras-te tu, doce Pardal Mallet, (se é que lá onde estás ainda te consentem à alma a memória dos dias felizes do nosso amor de irmãos), lembras-te tu dos tempos em que, como um paladino antigo, Dom Quixote amantíssimo, saías a campo, em defesa de todos os humildes, tendo a dourar-te a cabeleira desgrenhada a mesma luz do céu que te inundava o coração? – Onde a nossa fé, onde a nossa alegria desses tempos?...

Então, sim! Podiam os tronos desabar, podiam massacrar-se os partidos, que nós, quando nos dignávamos olhar para a terra, só a julgávamos merecedora de uma pilhéria.

Com uma frase, julgamos um século.

Com um *calembour*, rezávamos o *De profundis* a um ministério.

Com um trocadilho irreverente piparoteavamos uma religião.

E éramos os senhores do mundo!

Mas, para os que ainda vivem, os trinta anos chegaram, com as suas responsabilidades, com as suas ambições, com os seus egoísmos, com os seus desenganos. E, ai de nós! Nesta pátria em que as meninas de dez anos já têm filhos, ter trinta anos é ser velho!

Como há de um velho merecer o agasalho do Sonho?

Que queres tu, *Cigarra?* Perdoa-nos a irreverência com que atolamos na vasa fétida da política as tuas leves asas de tarlatana fúlgida! Exposta ao público, ficas escrava dele. E o público não ama os insetos que voam: ama os que rastejam. O público quer política. Quer que discurses: pouco importa que discurses bem ou mal: o essencial é que discursos, com uns grandes ares de pai da pátria apaixonado, atrabiliário, espalhafatoso. Lhe fores dar páginas artísticas, em que a pena de Julião, embebida no póle das flores e nas tintas do crepúsculo, se entregue a todos os caprichos da sua fantasia ardente, - o público mandará que vás fazer arte para a Zululândia ou para o diabo que te carregue, - a ti e a todos nós. Sacrifica-te ou morre!

Mas não! Não morras, não morras! Mesmo do fundo do atascal das lutas de partido, a tua voz cantará a primavera e a aurora, as soalheiras do verão, a nostalgia do cair da tarde, a melancolia das matas úmidas e perfumadas... Ficarás pura, filha minha, dentro da tua prostituição; e, como a flor que Rolla esmagava na sua última noite, poderás dizer, quando ressurgires para a Virgindade:

«J´ai jetté loin de moi, quand je me suis parée,
Les elements impurs qui souillaient ma fraicheur!»

Não morras, *Cigarra!* Que eu também, apesar do Clube da Morte, ainda estou vivo. Creio mesmo que ainda estão vivos todos os vinte e sete mártires inscritos no livro negro do Clube.

Ah! É que decididamente matar é uma cousa difícil! E pelo menos muito mais difícil que morrer....

Revista: ***A Cigarra*** **- Seção "Crônica"**
n.12 – 25 de julho de 1895 - p. 2

Fantasio

Il faut qu´une porte soit ouverte ou fermée. Isto, antigamente, era uma grande verdade. Hoje é uma tolice.

Quantas afirmações, como essa, pompeiam, firmemente plantadas no campo das conquistas humanas, durante todo um século, e, abaladas e derruídas no século seguinte, lá se vão perdidas, sem remédio...

Hoje, para os amáveis gatunos do Rio de Janeiro, que têm nestes anos a sua idade de ouro, - Não há portas fechadas nem abertas.

Hoje, o gatuno é um ente imponderável, imaterial, como *os gnomos* da lenda: cavalgando uma gazua também imaterial que, entre parêntesis, é apenas um símbolo, porque eles, não carecendo de abrir as portas, não precisam de gazua) os gatunos introduzem-se pelos buracos das fechaduras, sem ruído, e fazem o que querem, dentro dos domicílios.

O cidadão, quando acorda e reconhece que está roubado, não deixa de se indignar contra o roubo, mas também não deixa de admirar a perícia e a limpeza com que o cobiçador da propriedade alheia realizou o seu plano.

Valha-nos isso! Já é uma consolação o saber a gente que deve a sua desgraça a inimigos inteligentes.

O meu amigo e tio Orozimbo dizia-me um dia que preferia dez ladrões a um burro. E contou-me isto:

"Uma noite entrou-me no jardim um salteador. Levou-me algumas plantas de valor, mas nem me sujou as alamedas nem me arrebentou os canteiros. Pois, na noite seguinte, como, por descuido, ficasse aberto o portão, um burro, que andava solto pelas ruas, achou de bom gosto fazer uma visita ao meu jardim: estraçalhou canteiros, esmigalhou plantas, estourou a couces os bancos de ferro, e deu-me um prejuízo extraordinário."

Pois bem! Os gatunos de hoje podem ser insaciáveis, ousados, gananciosos, mas burros e grosseiros é que não são. Pelo contrário, têm uma delicadeza tocante; nem acordam a gente! E é preciso confessar que isso é altamente cômodo: antes perder a fortuna que perder uma noite de sono.

Quanto a mim, toda essa reforma radical por que passou a nobre corporação dos ladrões, - outrora tão barulhentos e insolentes, hoje tão amáveis e respeitadores do sono alheio – é devida à polícia.

"À polícia?"

À polícia, sim, a polícia!

Já sei que este povo ama descompor e desprestigiar as autoridades atribuindo-lhes todas as desgraças, pondo-lhes às costas todo o peso e toda a responsabilidade das calamidades públicas. O defeito é da raça, de toda a raça latina. Nesta palavrosa e tumultuosa raça latina, o amor da disciplina e do respeito à lei morreu há muito: a característica da raça é a indisciplina. E essa característica acentuou-se consideravelmente em nós, latinos da América. A primeira exclamação que brota dos lábios de um cidadão, diante de qualquer intervenção de autoridade, é esta: *não pode!*

Verdade é que a autoridade vai podendo e vai fazendo o que quer. Mas o povo vai gritando que a autoridade não pode, não pode, não pode...

Isto faz lembrar a lenda cabocla do Compadre Sapo. Conhecem? Pois, se não conhecem, perdoem-me mais esta digressão, e leiam:

Compadre Sapo estava tomando fresco no meio da estrada quando um boi possante veio a passar por ele. E o boi, com uma delicadeza pouco freqüente em bois, disse:

- Compadre Sapo! Saia daí, por favor, que não desejo pisá-lo.

Compadre Sapo, neo-latino como era recalcitrou:

- Não pode! Não pode passar, que não deixo!

- Compadre Sapo! Não me zangue, pelo amor de Deus...

E, aqui, o sapo disparou contra o boi uma tão tremenda descompostura, que nem mesmo a paciência do boi Ápis a suportaria com calma.

E o boi, pondo a pata sobre o compadre Sapo, começou a esmagá-lo. Mas compadre Sapo, sufocado, gemia sempre: não pode! não pode! não pode!

Então, um caboclo, que passava, perguntou:

- Que é isso, compadre Sapo?

E compadre Sapo, já quase morto, ainda coaxou:

- Deixe-me, compadre caboclo, deixe-me, que eu estou aqui sustentado uma opinião!

E morreu...

Voltemos ao assunto. É à polícia que devemos o providencial aperfeiçoamento e a providencial civilização da corporação dos gatunos. Porque, com a sua vigilância, conseguiu ela amedrontá-los, obrigando-os a se transformarem em *gnomos* impalpáveis, em silfos invisíveis, em *djins* incorpóreos. Que queria mais a indisciplina da raça latina?

Queria que a polícia exterminasse de fato, física e moralmente os ladrões? Mas, se não houvesse mais ladrões, não haveria mais polícia, desgraçados! E os estrangeiros diriam de nós com desprezo:

- Ah! Aquele Brasil é um país tão relés, que nem possui polícia...

Ainda agora mesmo, fiquei sabendo, pela leitura de um jornal, que, só com a polícia secreta do Rio, gastou o governo, durante o mês passado, sessenta e seis contos seiscentos e sessenta e seis mil seiscentos e sessenta e seis réis... Ora, essa polícia secreta é a que amedronta os ladrões, porque a outra, fardada, armada, cheia de galões de ouro, dá muito na vista e não faz nada.

Pois bem: imaginando que, por mês, cada agente secreto ganhe termo médio, 150$000, chegamos à conclusão de que temos na polícia secreta quatrocentos e quarenta e quatro agentes e mais algumas parcelas, quero dizer: mais um quarto de agente ou mais meio agente, talvez.

Compreendeis? Não achais maravilhoso que com tão pequeno pessoal possa a polícia obrigar os ladrões a respeitarem o sono do cidadão, roubando-o sem barulho?

Por mim, confesso que acho isso prodigioso. Porque repito: antes perder uma fortuna que perder o sono.

Revista: *A Cigarra* - Seção "Crônica"
n.13 – 1º de agosto de 1895 - p. 2
Fantasio

Por que é que as semanas não hão de ter a sua cor própria e característica?

O nefelibatismo francês deu cor às vogais: o a é branco, o i é vermelho, etc., etc. Um alemão acaba de dar cor às notas de música, construindo um aparelho, que pinta, mas que positivamente *pinta* as partituras.

Pensando bem, acaba a gente reconhecendo que isso é menos paradoxal do que parece. De resto, segundo Nordau, o paradoxo é uma verdade incubada. Ou, falando mais claro: o paradoxo é um embrião de verdade.

Tenho para mim que as semanas possuem positivamente a sua cor própria. Uma semana santa é roxa; uma semana de carnaval é cor de vinho; uma semana de natal é verde; as quatro semanas de maio são azuis, com ramagens de ouro, como o manto de Nossa Senhora...

Toda a semana passada foi verde e amarela como a nossa bandeira: e esta semana que corre vai pelo mesmo caminho, molhando-se nas mesmas tintas.

Nós só julgamos a vida pela impressão que os acontecimentos fazem em nossa alma: o patriotismo fez com que estes últimos dias corressem aos nossos olhos com uma cor auriverde.

Tivemos primeiro o empréstimo de 6.000.000 de libras. A influência das grandes somas é tal, tão soberano é o prestígio dos milhões, que todos nós estremecemos de alegria, quando soubemos que devíamos mais essa maquia gorda aos capitalistas de Londres. Já sabíamos todos que nenhuma dessas libras viria dar um arzinho de sua graça à praça do Rio de Janeiro. Sabíamos que todas elas ficariam por lá, bem acondicionadas no seio cauteloso das burras londrinas: as libras têm medo da febre amarela.

Mas, ainda sabendo disso, exultamos. Sabíamos mais e sabemos que, quanto mais empréstimos se fazem, mais cara fica a vida, mais impostos paga quem trabalha: mas, continuamos a exultar. O ouro inglês, com o seu amarelo fulvo, casa-se tão bem ao opulento verde da nossa natureza!

Depois, passada essa primeira explosão de alegria auriverde, tivemos outra. E essa outra foram ainda os nossos amigos ingleses que no-la deram, dando-nos o caso da ocupação da Trindade. Nós todos, alarmados pelo perigo, procuramo-nos, através das nossas dissensões, dos nossos ódios, e achamos-nos, e reconhecemo-nos, e unimo-nos. E aquela bandeira brasileira que andou pelas ruas à frente dos bandos populares deu-nos bem a cor destes dias felizes, de revivescência patriótica, de primavera nativista.

Mas, todos esses sucessos são da competência do meu vizinho. L. F.: não preciso da política para provar que a semana passada teve e que a semana presente tem as cores nacionais.

Basta falar do centenário de Basílio da Gama. Não sei se o festejerão dignamente. Receio mesmo que versos de pé quebrado e períodos de sintaxe despenteada profanem a doce comemoração do cantor do Uruguai.

Que importa? Nós já não estamos em 1830. Não podemos crer, com o assombroso romântico da *Mademoiselle de Mapin*, que uma rima pobre seja mais feia que um vício contra a natureza. Não é preciso que a mocidade festeje Basílio da Gama com estilo: basta que o festeje com entusiasmo.

Os grandes poetas do Brasil são esquecidos com um desamor que dói.

Apanhem-me aí um moço, ao acaso. Afirmo que esse moço conhece mais intimamente as *Flores do Mal* de Baudelarie que o "I-Juca Pirama" do nosso divino Gonçalves Dias.

Gonçalves Dias, que é o primeiro poeta brasileiro, é menos conhecido e o menos amado. Quem o conhece bem, conhece-o pelos seus *Cantos*: quase ninguém lê os seus dramas. Ainda há poucos dias, conversava eu com um homem de letras, a propósito do Teatro Nacional do ator Martins. Falávamos da peça com que a companhia pretende estrear. E, como eu lembrasse que se devia representar um drama de Gonçalves Dias, o homem de letras abriu os olhos com espanto:

- Que drama, homem? Gonçalves Dias escreveu algum drama?

Basílio da Gama é outro desconhecido. Ninguém o lê. O sr. Guerra Junqueiro, com as suas frandulagens espaventosas, é ainda o poeta popular do Brasil.

Venha, portanto, a comemoração do poeta do Uruguai, com estilo ou sem estilo, com versos certos ou versos errados, com o estro de fogo de Murat ou o estro de manteiga do dr. Bonsucesso, com os períodos de mármore de Machado de Assis ou os períodos de pinho bichado de ... Basta! Não quero desgostar ninguém. O que quero é que se festeje Basílio.

Para não sair do terreno literário, quero também falar de Aluísio Azevedo, O seu concurso para cônsul do Brasil veio acentuar aos meus olhos a cor patriótica da semana. Mallet, que amava Aluísio como um irmão mais moço pode amar um irmão mais velho, disse-me um dia, pouco antes de morrer: "Tenho tão pouca confiança nesta gente e nesta terra, que já sei que Aluísio nunca será aproveitado por governo nenhum; saber escrever nesta terra é uma mácula original de que a gente nunca mais se livra: não há benzina que a tire".

Em outro qualquer país, quem se chamasse Aluísio Azevedo, e se tivesse escrito a *Casa de Pensão*, *O Mulato*, *O Homem*, *O Cortiço*, *Livro de uma Sogra* (Oh! Magalhães! vem esse livro ou não vem?), *Os Mistérios da Tijuca*, a *Filomena Borges*, *Os Demônios*, e outros tantos livros em que o ilustre moço tem gasto a mocidade e a saúde para honrar o Brasil, - quem tivesse na sua fé de ofício tantos títulos de recomendação à gratidão e ao amor de seus compatriotas, não careceria de fazer concurso para mostrar o que sabe...

Mas, enfim, foi preciso fazer concurso, e ele o fez, brilhantíssimo. Resta agora que a sua nomeação venha. O ilustre ministro das Relações Exteriores, que é um homem de letras, e que acaba agora mesmo de firmar a reputação do seu talento e do seu patriotismo com a luminosíssima discussão do caso da Trindade, lembrar-se-á de que ninguém com mais honra para todos nós é capaz de representar em qualquer parte o nome brasileiro, - do que este trabalhador infatigável, cujo talento tem o esplendor do nosso céu e a fecundidade sagrada e perpétua do nosso solo.

Revista: *A Cigarra* - Seção "Crônica"
n.14 – 8 de agosto de 1895 - p. 2-3
Fantasio

Por um dia fresco e luminoso da semana passada, fui ao Instituto Benjamin Constant. Inauguraram-se as novas oficinas do caridoso asilo e tinham organizado uma sessão literária e musical para solenizar a inauguração.

A casa, alta e branca, fica diante do mar, - diante de um largo mar sereno. Os infelizes que o Instituto Benjamin Constant agasalha não podem ver o céu imenso que se desdobra sobre as imensas águas, - mas aos seus ouvidos retumba dia e noite a voz das ondas e aos seus pulmões chega ao ar livre e puro da barra.

Não sei porque perturba e comove contemplar aqueles sessenta e tantos cegos, cuja vida laboriosa, toda dedicada ao estudo e à arte, corre mansamente diante daquele grande horizonte, - grande como a infelicidade deles, mas grande também como a caridade e o carinho com que os trata o diretor do Instituto.

Não sei quanto tempo fiquei pensando nisto, de pé, encostado a uma das janelas do salão de honra, enquanto o diretor, dirigindo-se ao presidente da República, expunha-lhe as suas esperanças, os melhoramentos que já são executados, a falta de recursos com que luta aquele estabelecimento de caridade, - num tempo em que tanto dinheiro gasta o Estado com a guerra do Sul.

Arrancou-me a essa meditação o concerto. Dois cegos, velhos ambos, executam, em piano e órgão, uma barcarola. A melodia suavíssima subia, dilatava-se, transbordava para o mar, através das janelas. Que doce é a fisionomia do cego, quando a música lhe embala a alma! A face eleva-se, as órbitas vazias parecem seguir o vôo das notas, em que o espírito, sedento da luz que não conhece, caminha para o céu.

À saída do Instituto, quando me vi cá fora, e vi o sol, e via a gente que passava, e vi a água arrufada ao vento, tive um suspiro de alívio. Dostoïewsky, o cruel romancista do *Crime e castigo,* diz numa terrível página epiléptica: "e saíram, levando no coração esse estranho sentimento de satisfação, que mesmo o homem menos egoísta não pode deixar de sentir à vista da desgraça alheia." Ah! Nós não somos todos egoístas, perversamente egoístas! Quando vemos um cego, que Deus ainda não o inflingiu.

Vinha eu; pois pensando isso, e, gozando da vista que Deus me deu. E parece que Deus, esse editor a quem damos a responsabilidade de quanto nos sucede por culpa nossa ou por culpa do destino, quis castigar o meu egoísmo.

E foi o caso que comecei, de passo em passo, a ver e a ouvir misérias, como se Deus me quisesse provar que não é grande ventura ter ouvidos e olhos para as cousas da terra. Primeiro, foi uma crença que vi, a porta de uma estalagem, - pequenina, maltrapilha, anêmica, com os ossos furando a pele suja, - esbordoada por uma megera.

Depois um homem que passava, com o nariz roído por um carcinoma; e o desgraçado ria e falava bem nutrido, bem vestido, amando a vida assim mesmo, apesar daquela irreparável miséria física.

Depois, uma velha mulher, toda de negro, - um reles vestido de luto, desbotado e sujo, verde nas costuras: o seu corpo magro tremia dentro daquela roupa miserável, sacudido de um tic doloroso; uma desgraçada, doente, já no fim da existência, e ainda de lágrimas, de dores, de vexames, de afrontas tragadas, de fome e de vergonha.

Passava um *bonde*. Meti-me nele. Logo depois, dlin! Dlin! Subiu um sujeito gordo, suado, bruto, pisando todo o mundo, maltratando o cocheiro, descompondo o condutor. Sentou-me ao meu lado e a primeira coisa que fez foi tirar a bota para desafogar o pé, mostrando a meia de cor equivoca. Meu Deus! Depois do espetáculo da miséria humilhada, o espetáculo da grosseria triunfante, da má criação vitoriosa, da estupidez insolente!

Dei as costas ao bruto e fechei os olhos, - decidido a ficar cego e já achando menos infelizes aqueles infelizes, que deixara no Instituto, confinados na sua vida calma, toda de trabalho e de arte.

Mas, de que me serviu fechar os olhos? Começaram os ouvidos a funcionar. Dois cavalheiros conversavam atrás de mim. Ouvi porque não havia meio de não ouvir: não estava disposto a tapar os ouvidos como fechara os olhos.

- Qual amnésia! Dizia um – a única cousa que o governo tem a fazer é perseguir aqueles bandidos como se perseguem cães danados!

- Não! Dizia o outro – Isso não são idéias de homem civilizado! Pois o senhor acha digno do nosso nome de povo sério que se leve por diante o morticínio, no sul, e a degola, e o saque, e a multidão dos cadáveres, e o incêndio, e todos os horrores da guerra civil?

- Acho sim, senhor! Tudo isso é muito natural! Toda guerra civil é cruel. Esses horrores são inevitáveis...

- São inevitáveis, enquanto dirá a guerra! Mas, para isso mesmo, é que a paz é necessária. Faça-se a paz, para que os horrores cessem!

- Qual a paz, nem qual nada! O que é preciso é exterminar aqueles bandidos! Olhe! Eu amo meu pai! Pois bem! Se meu pai fosse federalista, juro-lhe que seria capaz, eu mesmo, de degola-lo, sem hesitar!

Neste ponto, voltei-me e abri os olhos, para ver o rosto de quem falava assim. Era um rosto de mocinho pálido, de olhos meigos e azuis e boca serena: enquanto ele dizia aquilo, um sorriso de anjo lhe errava entre os lábios.

Mas o *bonde* chegava à cidade. Comprei os jornais da tarde. Homicídios, roubos, sete desastres na central, suicídios, artigos políticos abeberados de ódio e fel, descomposturas, morfinas, - calamidades... Fui à rua do Ouvidor. Mendigos exibindo chagas hediondas, janotas falando mal da vida alheia...

Fiquei acabrunhado. E pensei: - E é para ouvir e ver tudo decididamente, mais felizes do que eu são aqueles cegos que deixei, que não sabem o que vai por aqui, e que entregues ao fabrico das suas escovas e ao trato dos seus instrumentos de música, pairam sobre as misérias da vida, só tendo olhos para as cousas do céu... Ira! Para que diabo não sou eu cego?!...

Mas nesse momento, passou por mim, atravessando a rua do Ouvidor com um passo de rainha, uma soberba mulher dentro de uma cheirosa nuvem de mocidade e de saúde. O ouro da sua cabeleira esplendida ao sol, como um capacete de fogo. E como que as pedras ofegavam apaixonadamente quando as suas pequeninas botas de couro da Rússia as batiam, leves e cantantes. Segui-a longo tempo com a vista e murmurei:

- Foi para isso que Deus me deu os olhos! Que importa eles que tenham de ver tanta miséria se podem, de vez em quando, repousar amorosamente na contemplação de uma mulher bonita?

E fui consolado tomar um sorvete. Por que, não sei se já lhes disse isto! – as cogitações filosóficas põem-se a garganta arder!...

Revista: ***A Cigarra*** **- Seção "Crônica"**
n.15 – 15 de agosto de 1895 - p. 2-3
Fantasio

A polícia continua a chegar, numa chuva que não tem fim, notas falsas de cem e de duzentos mil réis.

A princípio, um negociante recebeu uma nota de cem mil réis, trocou-a, e, quando reconheceu que era falsa, desmaiou: esteve às portas da morte, com seis médicos a cabeceira. E toda a cidade, alarmada, comentou o caso, durante essas vinte e quatro horas fatais.

Mas, nas vinte e quatro horas seguintes, apareceram mais duas notas falsas. No terceiro dia, oito notas. No quarto, dezesseis. No quinto, trinta e duas. No sexto, sessenta e quatro. No sétimo... Uma chuva, uma verdadeira chuva!

Já não têm conta as cédulas que não valem nada. Todos os jornais as expõem espetaculosamente nas suas vitrines; ainda ontem, fui achar um homem estatelado, a porta da *Gazeta* murmurando: «que pena que sejam falsas!»

Também, o alarma publico passou. A gente habitua-se a tudo quanto é falso.

As dentaduras postiças incomodam muito na primeira semana. Na semana seguinte, já a gente come tão bem com os dentes de hoje, como comia com os dentes de ontem.

Por que, pois, não há de o dinheiro falso, com o tempo, ficar valendo tanto como o verdadeiro?

Hoje, em qualquer casa de comércio, em qualquer banco, é comum ouvir-se isto: - O contador é chamado pelo seu superior:

- Quanto há em caixa?

- Sessenta contos.

- Contou bem?:

- Sim, senhor! Há dez contos em notas verdadeiras e cinqüenta em notas falsas.

- Como? Dez contos em notas verdadeiras? É impossível! Vá fazer nova verificação.

Daí a dez minutos, volta o empregado:

- Já verifiquei! Dez contos em notas verdadeiras.

- Que desmoralização para a nossa casa! Ponha-me já na rua essas notas! Não quero essa pouca vergonha debaixo do meu teto!

Anteontem, estava eu na joalheria Luiz de Rezende, quando entrou a baronesa K. Examinou detidamente as últimas jóias chegadas, decidiu-se por uma esplêndida *riviere* de rubis, abriu a carteira e apresentou ao vendedor oito contos em notas de quinhentos.

O vendedor, depois de examinar as notas:

- Oh! minha senhora! pagará depois! pagará depois!...

- Mas para que, senhor, se tenho aqui o dinheiro?

- Perdão, senhora baronesa: essas notas são verdadeiras! escandalosamente, impudentemente verdadeiras! Pagará depois, quando tiver notas falsas!... Prefiro fazer-lhe crédito!

E assim vai a vida, a nossa vida de hoje, que é toda falsa, e, por isso mesmo, deliciosa.

Confesso que aprecio imenso essa situação dos nossos negócios. Podem espantar-se à vontade! – eu gosto do que é falso.

Abomino a Natureza. Amo a Arte. Prefiro a rua do Ouvidor à floresta da Tijuca. Acho detestável uma mocinha de quinze anos, quando a vejo embrulhada num desgraçado vestido de chita rala. Acho adorável uma sexagenária, quando a vejo embrulhada na vaga neblina cheirosa e cara das rendas de Malines e de Alençon.

O meu amor do artifício vai mesmo até este ponto: só tolero as mulheres que se pintam. Gosto de vê-las, carregadas de grossas camadas de tinta – esplêndidas paisagens vivas – provando que a Natureza pode ser vencida e excedida pela Arte. Oh! que belas! que belas!

Essas variegadas senhoras, que parecem ter saído das mãos do Henrique Bernardelli ou do Parreiras!

E já repararam como ficam bem, nas senhoras elegantes as anquinhas calipigianas? Estou mesmo em dizer que o alicerce da beleza é... o chumaço.

Abaixo o verdadeiro! Platão disse em má hora que o belo é o esplendor da verdade.

Que horror e que tolice! Meditem sobre isto: apanhem uma minhoca – notem que a minhoca é uma das poucas cousas verdadeiras da terra! E ponham na ao sol: ela esplenderá. No entanto, quem há que diga que é bela essa verdade esplendida?

O falso é a revolta digna e nobinte da criatura contra o criador. Deus faz o homem míope: que faz o homem? Compra um pince-nez bicôncavo e corrige Deus!

O governo faz dinheiro verdadeiro. Que faz o governado? Revolta-se contra esse monopólio odioso, compra uma maquina litográfica e faz concorrência ao governo!

Como isto cliva a gente no próprio conceito!

Dir-me-ão que quem desse modo faz concorrência ao Tesouro Nacional em vez de ir para o Panteão, vai para a Detenção.

Pois sim! Mas, isso que tem? Já se sabe que não tem limites a injustiça humana!

Na idade mitológica, Prometeu, - que é símbolo do ideal do Homem, - achou que era um grandessíssimo desaforo ter Júpiter o monopólio do fogo celeste. Com o auxílio da benemérita Palas, subiu ao céu e roubou o fogo. Júpiter urrou. Mandou chamar Mercúrio, - que nesse tempo era como quem diz hoje um polícia secreto, - e ordenou-lhe que amarrasse o ousado ao Cáucaso. Um abutre ficou encarregado de roer dia e noite o fígado do Benfeitor dos Homens.

Mas veio Hercules e libertou o semi-Deus, e todos os poetas da terra desataram a glorificar Prometeu, mártir do seu Ideal.

Que importa, pois, que a Polícia amarre os falsificadores de notas no Cáucaso da rua Frei Caneca? A Posteridade vingará essa afronta.

Abaixo o verdadeiro! A verdade só vive bem no fundo do seu poço tradicional. Cá fora, a este vivo sol de agosto, vive bem a Mentira, - formosa rapariga, fonte de todo o gozo, nascente de toda e beleza manancial de toda a felicidade...

Revista: ***A Cigarra*** **- Seção "Crônica"**
n.16 – 22 de agosto de 1895 - p. 2
Fantasio

Como foi mesmo? Não tenho aqui à mão o meu amigo Mello Moraes Filho. Além disso, não posso agora deixar o trabalho, e, através da chuva hedionda que cai, marchar até o Arquivo Público, a fim de perguntar a esse paciente investigador das tradições populares do Rio de Janeiro as origens da festa de Nossa Senhora da Glória.

Como foi mesmo? Há um romance de José de Alencar em que esse caso é miudamente contado. Mas não é preciso saber como teve origem essa festa genuinamente fluminense a que toda a população carioca fielmente acorre há meio século.

Eu, - carioca como ninguém, e como ninguém amando os usos da minha cidade amada, - fui também, na quinta-feira passada, fazer uma visita piedosa à linda capela do Outeiro, toda branca sobre o morro verde, dominando, como uma benção, não só toda a casaria de em torno, como toda a paisagem, - a cidade, os cais em que os bondes se arrastam,

e o largo mar azul, coalhado de navios de guerra e de mercancia, de lanchas, de batelões, de escalares, e semeado, aqui e ali, de fortalezas e ilhas, - a das Cobras primeiro, Villegaignon a gloriosa!, a Fiscal depois, ostentando (a idiota!) a ignomínia da sua arquitetura disparata, e, lá para a entrada da barra, a pequena Laje... Oh! A grande Laje! A espantosa laje, senhora ilha do meu especial cuidado, porque nela já purguei, durante meses, **OS MEUS CRIMES POLÍTICOS (*)...**[162]

Subi piedosamente a ladeira atapetada de folhagens de mangueira. Cá embaixo, no largo, todo afestoado de bandeirolas festivas, deixei o coreto garrido, em que uma banda de música tocava.

De lado a lado da ladeira, íngreme, mendigos chaguentos imploravam esmolas. Como é triste ver uma perna engrossada de elefantíases ou um nariz roído de cancro, numa ladeira enfeitada cheia de povo endomingado, que faz alarde da sua saúde e das suas roupas de luxo!...

Vários romeiros levavam pernas, narizes, braços e cabeças de cera. Doce usança das *promessas!* Quem sofreu leva a Nossa Senhora a memória dos seus sofrimentos convertida em cera, que, convertida em velas, alumiará o altar da Meiga Consoladora, ardendo diante dela como, abraçada de fé, arderia a própria alma do ofertante!

A quando e quando, passava por mim uma criança bem vestida, mas descalça, magoando no cascalho miúdo e cortante os pezinhos brancos. Outra sorte de promessa...

Em cima, no adro espaçoso, a multidão se apertava. O mar ao longe, agitado e escuro, roncava. Um céu baixo e negro pairava sobre a ermida, - um céu de chuva. Mas, no alto da torre, o sino grande, circulado de flores, badalava, numa grita clara e pausada; e em torno dele, sinos pequenos; como vassalos em torno de um senhor, acompanhavam o seu clamor solene com um clamor álacre, fino, repetido, alegre, num vozear de crenças.

Não sei que doçura me invadiu de repente esta alma – tão suja de descrenças e de desesperos! – quando, entrando o pórtico, me vi dentro da capela; e vi as flores que pendiam da abóbada, cobriam os candelabros, guirlandavam as tribunas, e a inundavam o púlpito; e vi, dentro de um milhão de luzes, a senhora Gloriosa, mãos espalmadas para a benção, olhando a multidão que se agitava recolhida, como um oceano mudo...

A chuva caiu. Não quis o céu, naquela meiga tarde de quinta-feira, que o povo pudesse enxuto prestar homenagem à sua querida Padroeira.

Mas, até dez horas da noite, o povo patinhou na lama, escorregou nas pedras da ladeira, esmagou-se e atropelou-se no adro. E quem passava cá embaixo via agitar-se aquele mar negro de guarda-chuvas molhados e lustrosos, ondeando, morro acima e morro abaixo, subindo com a ânsia de visitar a Milagrosa, ou descendo com o consolo de a ter visto e de ter depositado aos seus pés uma esmola para a sua cera e uma oração para a sua glória.

Que é isto? Estou ouvindo risadas.... É algum leitor incrédulo que chasqueia do meu misticismo... Ah! Ride à vontade! Dentro de um coração de cronista chocam-se absurdamente crenças e descrenças, esperanças e ceticismos, ilusões e desilusões. Deus perdoa um século de pecados por um minuto de verdadeira fé.

---

[162] Peço ao compor que escreva isto: *Os meus crimes políticos* – em tipo grosso. Eu exijo que a Posteridade saiba que já fui criminoso político.

Revista: *A Cigarra* - Seção "Crônica"
n.17 – 29 de agosto de 1895 - p. 2-3
Fantasio

Oh! Os maridos que matam!

Na semana passada, um deles compareceu ao júri, e saiu de lá, absolvido e livre. Eu, se fosse jurado, teria feito o mesmo que os outros fizeram: teria mandado em paz o homem, - mas unicamente porque não acredito na justiça da terra.

É uma das cousas que não compreendi nunca: como um homem, operário ou capitalista, sábio ou ignorante, tratante ou honrado, vai sentar-se ali, num lugar de jurado, depois de um almoço confortante, em pleno trabalho de digestão feliz, e julga-se serenamente habilitado a dar o seu voto solene em causas que quase nunca estudou, a cujo desenvolvimento não presta cinco minutos de atenção aturada, entorpecido como está pela digestão ou pela noite passada num baile ou numa orgia.

Se algum dia me chamassem a cumprir esse dever de cidadão, eu pagaria todas as multas imagináveis, sujeitar-me-ia a ir purgar no fundo de um cárcere o meu procedimento anti-patriótico - mas não iria nunca dizer ali a palavra tremenda de que depende a sorte de um homem, meu igual, meu irmão.

Eu jurado! Eu, tão carregado de pecados e de más ações, eu tão enlameado na enxurrada da vida, eu, tão *homem* e, portanto, tão injusto e tão mau, - eu, - como se em mim se pudesse encarnar e fixar esse ideal sobre humano da justiça, - contribuir com uma palavra para decidir a sorte de um homem, para arremessá-lo ao fundo de uma penitenciária...

Que idéia pode fazer o jurado – dono de venda, que furta no peso dos gêneros, – da justiça? Que idéia pode fazer da justiça o jurado – azevieiro, que comete adultérios e seduz meninas? Que idéia pode fazer da justiça, o jurado – *homem*, vingativo, rancoroso, caluniador, interesseiro, hipócrita?

"Eu, por mim, sou passavelmente honesto; e poderia, apesar disso, acusar-me de crimes tão graves, que deveria desejar nunca ter nascido! Sou orgulhoso, cruel, ambicioso..." – diz Hamlet a Ofélia. Ingênuo Hamlet! Com esses defeitos achava-se até indigno de viver. E qualquer sujeito, que possui um milhão de outros defeitos mais sérios, julga-se capaz de ser juiz das paixões humanas!

É por isso que, sem ser príncipe da Dinamarca, nunca eu teria a coragem de aceitar o papel de jurado. Mas, se o aceitasse, absolveria sistematicamente todos os acusados, o gatuno como falsário, o testa de ferro como o parricida, - porque preferiria mil vezes dar um malfeitor à comunhão social do que dar à minha própria alma a sombra mais leve de um remorso possível. Já vêem que não escrevo esta crônica para maldizer do júri que absolveu um marido-assassino, na semana passada: eu teria também absolvido.

Mas, há uma observação a fazer: concordo com a absolvição, mas não concordo com os carinhos de simpatia e de piedade de que o cercou a opinião pública – "Oh! um infeliz, um alucinado! Um mártir da sua honra!"

Um infeliz – de acordo. Amava e foi traído. Não há infelicidade maior. Mas um homem, por ser infeliz, não tem o direito de tirar a vida a ninguém. Um infeliz, de acordo! Mas, por que dar todas as lágrimas a essa infelicidade, e negá-las à outra, à maior, à infelicidade da que morreu para pagar uma falta tão humana, tão simples, tão digna de perdão?

Um alucinado? Sem dúvida! Mas não era também uma alucinada de amor a desgraçada que não soube resistir às tentações do adultério? Sem dúvida, o homem que, num momento de cólera, lança mão de um revólver e prostra sem vida a mulher infiel, não está em si: não há pior delírio que o do ciúme! Mas... e ela, fraca de inteligência, sem educação moral, sem experiência na vida, sem força de caráter, talvez sem amar o marido, talvez sem nunca ter amado – vê um outro homem, ama-o, entrega-se-lhe alucinadamente, e não tem perdão!

Oh! não me oporei nunca a que se perdoe o alucinado de ciúme. Mas, por que não perdoou ele também a alucinada de amor?

Um mártir da sua honra? Ah! isso não, tenham paciência! Digam: um mártir do seu egoísmo...

Notem bem que não há nestas palavras – mártir do seu egoísmo – o desejo de deprimir o caráter do matador. O egoísmo não é um crime, não é um defeito, não é um

sentimento reprovável, porque é humano, profundamente humano. O altruísmo perfeito é um sonho. O mais altruísta dos homens é um monstro de egoísmo.

Digam – um mártir do seu egoísmo! Em primeiro lugar, que é a honra? Então uma mulher desonra um homem só porque deixa de amá-lo? Não me venham falar de deveres do casamento, de obrigações sociais, de contrato conjugal! – todos os preconceitos do mundo não valem a vida de uma criatura!

Depois, este caso de honra conjugal já não pode aproveitar a defesa nenhuma. Tanto assim, que não há júri que absolva um marido criminoso de morte, - atendendo a que ele tinha o direito de desagravar a sua honra conjugal. O júri faz o que fez a semana passada: absolve o acusado, - *atendendo a que ele, no momento do crime, não estava no uso pleno das suas faculdades mentais*.

E matar a mulher que peca! Que culpa tem ela, a infeliz, com seus nervos desequilibrados, com a sua alma leviana, com a sua incompleta compreensão da moral, - que culpa tem ela de que o único homem a quem deveria amar não tenha satisfeito o seu ideal?

Decididamente, o assunto é triste, e o que é pior – é grave.

Que quereis? Ninguém é senhor dos assuntos. Eu, se pudesse, teria polvilhado do ouro puro da alegria e da sátira esta página. Em vez disso, enchi-a de cousa lúgubres e pedantes.

Não importa! Fiz o que a pena queria, e fui para onde ela me levava, - o que é a única cousa razoável que um cronista pode fazer. Repito que, se fosse jurado, teria também absolvido o digno e infeliz homem, que, ciumento e exaltado, infringiu o preceito bíblico, manchando as mãos no pobre sangue de uma vítima dos seus nervos e da sua sorte má. Tê-lo-ia absolvido lá, como o absolvo aqui, do fundo da alma, - tolerante como sou, e compadecido de todas as alucinações do homem.

Mas, por que a não absolveu ele também?

Vá que não absolvesse, que lhe não perdoasse.... Mas que a deixasse viver, com a sua desgraça, com o seu remorso, com os seus erros, com os seus pecados!

Revista: *A Cigarra* - Seção "Crônica"
n.18 – 5 de setembro de 1895 - p. 2-3
Fantasio

Sábado. Acordo, com a alma cheia de sol. Sabeis que não há sábado sem sol? Não há. Mesmo quando não há sol no céu, há sol dentro da alma da gente, neste doce dia de sábado, - doce para os católicos, porque é o dia de Nossa Senhora, - doce para os colegiais, porque é o dia da saída, - doce para os operários, porque é o dia do pagamento.

Acordo, pois, com a alma cheia de sol, e, debaixo da ducha fria, pergunto a mim mesmo, com uma ansiedade forte: «Aonde irás hoje, Fantasio? A que ocupação entregarás os teus ouvidos e os teu s olhos, antes da amargura da hora do trabalho? Em que ponto do Rio de Janeiro poderá um homem cheio de alegria passar uma hora tranqüila, longe dos discursos patrióticos e das explorações políticas?» E, já vestido, pronto a sacudir as pernas vagabundas pelas ruas de Sebastianópolis, torno a perguntar a mim mesmo, com o charuto entre os dentes: «Aonde irás hoje, Fantasio?»

Nisto aparece-me o carteiro. É um velhinho amável que vem todas as manhãs trazer-me a correspondência, dando-me, com o mesmo sorriso afável, as cartas cheias de letras amadas, vindas das mãos perfumadas de uma criaturinha querida ou das mãos leais de um amigo, e as cartas formidáveis, cheias de cólera de algum jacobino furioso ou da santa indignação de um criado de confeitaria ferido nos seus brios...

Aparece-me o carteiro. Deseja-me afavelmente um bom dia, e entrega-me um envelope largo. Que será? Traz a assinatura do meu belo Bernardelli Rodolpho: "Em nome do

júri da Exposição, tenho a honra de convidar-vos a assistir ao *vernissage* que...” Oh! delícia não sonhada! Corro à Escola de Belas Artes...

Vernissage é cousa que não houve no sábado, nas duas belas salas em que os nossos pintores expõem agora o produto do seu nobre e fecundo trabalho de todo um ano. Convidar a imprensa para o *vernissage,* que é uma moda francesa, moda boa e razoável, meio de dar aos jornalistas a ocasião de uma visita *avant-la-lettre* à Exposição. Não se enverniza cousa alguma, nesse dia. Os quadros já lá estão envernizados, catalogados, colocados com método e bom gosto nos seus respectivos lugares, prontos a provocar a admiração dos visitantes. É uma moda francesa. Que tem isto? Prefiro essas delicadas modas francesas às nossas modas brasileiras, que consistem em comer com a faca, em provocar conflitos nos dias de regozijo público, e em discutir as cousas mais serenas da vida a pau e a tiro.

Quando cheguei à Escola de Belas Artes, já uma pequena quantidade de gente boa estava de boca aberta diante dos quadros. E que gente! Lá estava Lulu Sênior, gordo e extasiado dando aos olhos o repasto saboroso daquelas paisagens vivas, daquelas carnes quentes, daquelas águas, daqueles céus, daquelas árvores, daquelas mulheres palpitando nas telas; lá estavam Artur e Aluízio, - dois irmãos pelo sangue e pelo talento; lá estava Coelho Neto, passeando pelo salão a sua face felina; lá estava Machado de Assis, olhando tudo com aquele seu sorriso singular, meio feito de bondade, meio feito de ironia; José Veríssimo, brasileiro como ninguém, extasiado diante de uma tela de Almeida Junior; Belmiro de Almeida, com a cabeça vivíssima, espetada nos seus colarinhos de légua e meia de altura; Marques Guimarães confiando amorosamente a sua barba de seda; os dois Bernardelli, Rodolfo e Henrique, muito cercados de gente, muito abraçados, muito beijados, como dois sujeitos queridíssimos que são; Amoedo, muito felicitado pela beleza de seu *Passeio Matinal;* Parlagrecco, o *egrégio,* muito falador, indo de grupo a grupo, como uma carocha em tempo de chuva; Valentim Magalhães e Felinto de Almeida, *brasdessus bradessaus,* como nos bons tempos da velha *Semana;* e, para não falar em mais ninguém, lá estava toda *A Cigarra,* sentindo-se bem naquele meio alegre em que havia talento como quatrocentos diabos, e a que a presença de meia dúzia de senhoras bonitas dava um último toque de graça e de perfume.

Comecei então a admirar a exposição.

Os três trabalhos que prendem longo o olhar são: nas salas de pintura, *a aurora de 15 de novembro,* grande tela alegórica de Belmiro, e *A Redenção de Cham* de Broccus; e, na sala de escultura, a *Moema* de Rodolfo Bernardeli. Que belo o quadro de Belmiro! a concepção, ousadíssima, teve uma execução brilhante: as figuras têm um soberbo vigor de desenho e de colorido. – *A Redenção de Cham,* de Broccus, alia a uma rara delicadeza de idéia uma verdade assombrosa de execução. Ao centro, uma mulata, recém-mãe, olha embevecida o filhinho trêfego, mulatinho quase branco A esquerda, a avó da criança velha preta retinta, levanta as mãos para o céu: e, à direita, o pai, luso branquíssimo e robusto, coça o queixo, e sorri triunfante, com orgulho, muito convencido de que foi um milagre o que fez em transformar em branco o que era preto. – Da *Moema* de Bernardelli que hei de eu dizer? Quando aquilo estiver feito em mármore, Rodolfo poderá gabar-se de ter dado ao Brasil uma obra que imorredoura e gloriosa. Sobre o mar que ondula, (que vida, que movimento tem aquelas ondas de gesso!) a nua Moema vai boiando, boiando... Desnastrando-se-lhe a flor das águas, paralisada pela morte, tem uma imortabilidade dolorosa. A figura bóia sobre o ventre: o dorso é modelado por mão de mestre e de grande mestre; e sob as vagas, adivinham-se as

pernas... Que obra! Rodolpho chegou ao apogeu do seu talento: está em pleno outono artístico, em pleno período de fecundidade e de maturidade... Bravo, mestre! Bravíssimo, Rodolfo!

Esta crônica é escrita no mesmo dia da *vernassage,* às pressas, porque na segunda-feira deve estar paginado o texto d´A Cigarra. Não me é, pois, possível dizer de todos os quadros, mesmo porque não tenho ainda à mão o catálogo. Henrique Bernardelli expõe vente e nove quadros admiráveis. As suas florestas são pintadas com um calor verdadeiro, e as suas figuras têm um estudo assombroso: mas, já todo o mundo sabe que esta família é uma família de mestres. Vejam só o próprio Bernardelli Felix que lindas telas expõe!... Almeida Junior, o poderoso pintor paulista, apresenta-nos também este ano um trabalho abundante e admirável. Almeida é talvez o mais *nacional* dos nossos pintores. *Coisinha na roça* parece-me uma obra-prima.

Preciso ainda falar de Amoedo, que contribuiu largamente para o sucesso da exposição, com *Passeio Matinal, Rato do Sul,* o retrato que tem no catálogo o n 21, etc.; de *Wemgartner,* que, entre muitas telas, expõe uma pequenina fantasia adorável, *Druida;* de Aurélio, cujas paisagens e cujas *panneaux* decorativos foram vivamente apreciados; das naturezas mortas de Baptista e Alexandrino; de Diana Cid, pintora do meu especial amor, triunfadora da exposição do ano passado, e que nos dá agora, além do mais, um retrato espantosamente belo: - face triste e pálida, sobre fundo escuro em que sobem vagamente grandes lírios roxos... Já falei de Broccus e Belmiro: mas não quero deixar de me referir, do primeiro, à *Feiticeira;* e, do segundo, a *Efeitos de Sol e Cega,* duas telas preciosíssimas.

Que seria porém de mim, que seria das outras seções d´*A Cigarra*, se eu fosse a mencionar todos os quadros da Exposição? A minha admiração é grande, mas o texto da folha é pequeno. Fico por aqui.

Revista: *A Cigarra* - Seção "Crônica"
n.19 – 12 de setembro de 1895 - p. 2-3

Fantasio

Sete de Setembro...

Posso afirmar a quem me lê que ainda não sou velho. Nem tantos anos passaram já sobre a minha cabeça, que eu possa, como um saco cheio de moedas, ser um homem cheio de recordações. Ainda assim, quantas cousas morreram, de que me lembro, não direi com saudade, mas com amargura...

Com amargura porque, ao relembrá-las, sinto que já deixei alguma cousa perdida atrás de mim, alguma cousa que nunca mais encontrarei. Sete de Setembro é uma delas. Quando nasci, dizia-se esta data com respeito, com veneração, com amor. Havia uma sociedade que se chamava, patrioticamente, *Comemoradora da Independência Nacional,* e que festejava a data famosa com um grande luxo de bandeiras, um grande fulgor de luminárias e um grande estrondo de foguetes. Era no largo do Rocio. Hoje, creio eu, lá está instalada uma sociedade carnavalesca: *c´est le triste retour des choses d´ici bas.*

Lembro-me bem de que, na alvorada deste dia retumbante, um parque de artilharia, colocado no morro de Santo Antonio, fazia um grande barulho, anunciando ao mundo que a brava gente brasileira não se esquecia de que mais um ano passara sobre a sua condição de povo livre. No jardim do Rocio, armava-se um coreto em frente à estátua de Pedro I. E, até horas altas da noite, uma banda de música ali ficava saudando o primeiro imperador.

Ele, muito duro, sobre o seu cavalo de bronze, não cessava de agitar a *carta constitucional* sobre as cabeças da multidão que enchia o jardim. Os jacarés, as onças e os

caboclos que cercavam a estátua olhavam espantadamente aquilo tudo, sem compreender porque tanta gente fazia tanta festa aquele cavaleiro duro.

À medida que a noite avançava, o entusiasmo crescia. Capadócios, de chapéu de palha e lencinho vermelho ao pescoço, vinham chegando, pintando pontas sarrentas de cigarros baratos. De repente, um assobio estrídulo soava. Havia uma grita enorme: "*São os nagoas! são os nagoas!"*

Eram os Nagôas! Gingando, chegava a malta célebre de capoeiras. Daí a pouco, outro assobio: são os *guaiamus!* São os *guaiamus!*

Eram os Guaiamus! Era a outra malta, inimiga fidalga da primeira.

Os dois exércitos acampavam, olhando-se. Depois, a uma ordem simultânea dos dois chefes, abalavam, entrechocavam-se. A polícia intervinha. Em menos de cinco minutos, o jardim ficava juncado de refles, de cacetes, de chapéus. O sangue corria. Navalhas brilhavam, com relâmpagos, com relâmpagos rápidos. As senhoras, que das janelas das casas estavam contemplando o conflito, julgavam necessário intervir, e, para aumentar a confusão da batalha, concorriam com uma farta messe de ataques histéricos. E d. Pedro I, muito duro sobre o seu cavalo de bronze, não cessava de agitar sobre a turba multa conflagrada a carta constitucional.

Serenado o conflito, a banda militar recomeçava a esfalfar os seus trombones e a arrebentar os seus bombos, e os vendedores de empadas e de sorvetes recomeçavam a circular... Por que tinha brigado aquela gente? Para se divertir. Ah! Os senhores com certeza já não se lembram do esplendor que tinham outrora as festas da Independência no largo do Rocio!

Tudo isso passou. Em primeiro lugar, a alegria auriverde de 7 de setembro já não tem razão de ser. Temos agora uma outra alegria mais nova, a de 15 de Novembro, também auriverde, mas acrescentada com uma bola azul, vinte e uma estrelas, uma faixa branca, e quinze letras verdes.

Em segundo lugar, Pedro I está desmoralizado. Em vão continua ele, ali plantado, muito duro sobre o seu cavalo brônzeo, a agitar a famosa carta de alforria. Já ninguém o toma ao sério. E até já houve quem quisesse, num assomo de antimonarquismo feroz, arrancar dali a estátua: creio que só não levaram a efeito a jacobina idéia, pela grande dificuldade que há em deslocar aquele colosso de metal.

Depois, já não há capoeiras. O coronel Sampaio Ferraz deu cabo neles, logo depois do advento da República, privando-nos assim da instituição que herdamos de nossos pais e não legaremos a nossos filhos.

E, por último, o largo do Rocio também está desmoralizado. Mondaram-lhe o arvoredo, e destruíram-lhe as moitas verdes, provavelmente por causa das famas equívocas, que corriam sobre a criminosa complacência desses recessos, cheio de sombra e mistério.

Por todas essas razões, já não há festas de 7 de Setembro positivismo lançou mão da gloriosa data e deu-lhe uma seriedade de comemoração religiosa, que não se compadece muito com a irreverente alegria das comemorações populares. Não há mais 7 de Setembro.

Na véspera, eu ainda nutri a esperança de que a comemoração deste ano teria uma novidade.

Tinham os jornais dito que o Sr. Presidente da Republica no dia 7, passaria revista geral a todas as tropas da guarnição. Adiantaram mesmo o pormenor de que S. Ex. passaria por diante das tropas, em carruagem descoberta. Exultei. Pela primeira vez no Brasil, desde que o Brasil é Brasil, íamos ver um chefe de Estado, paisano como eu e como eu desapercebido de honras militares, passar revista aos exércitos da República. Que diabo! Exultei, porque isso teria para mim a significação de uma vitória do elemento civil. Mas, ai de mim! O Sr. Presidente da República não quis fazer o que faziam Carnot Perier, e o que faz Felix Faure: o Sr. Presidente da República deixou-se ficar no quartel general, de cujas janelas viu a desfilada das tropas, e quem a estas passou revista foi o Sr. marechal ministro da Guerra.

Assim foi frustrada a minha esperança. A comemoração de 7 de Setembro passou fria, fria, fria, sem uma nota nova, sem qualquer cousa que rompesse a vulgaridade das salvas de artilharia e dos embandeiramentos em arco.

Assim passam as datas! *Brava gente brasileira* de que fala o hino de Francisco Manoel! Outra gente, igualmente brava e igualmente brasileira, veio tomar o teu lugar na veneração dos povos!...

Revista: *A Cigarra* - Seção "Crônica"
n.20 – 19 de setembro de 1895 - p. 2-3
Fantasio

Creio que a tradição bíblica do pecado original foi alterada depois de Moisés. Um amigo meu, versado em ciências ocultas, profundo conhecedor de todos os mistérios da Kabala, discípulo de Eliphas Lévi e Papus, homem que confabula com o além túmulo, e que, como Swendenborg, sabe o que se passa no seio de Júpiter, afirma-me que os versículos 13 e 16 do Gênesis estão errados. Segundo esse investigador de cousas complicadas, o verdadeiro texto é este:

"13. E o Senhor Deus disse para a mulher: por que foi que te arriscaste a ter uma filha? E ela respondeu: A serpente me enganou, e eu comi o fruto – 16. E o Senhor Deus disse para a mulher: Eu multiplicarei os teus trabalhos e os teus partos. Tu em dor parirás filhos e filhas, e estarás sob o poder de teu marido, e ele te dominará. E para que sejas castigada, teus filhos e filhas casarão, e terás genros e noras. E serás sogra!"

Esse foi o castigo da mulher. E assim se explica o ódio que todo o mundo tem às sogras, e o pavor que elas incutem aos homens que procuram matrimônio, e a perseguição que lhes movem os anedotistas, e o frechamento de rimas venenosas com que a têm martirizado todos os poetas satíricos da criação...

Mas, não há maldição perpétua. O tempo apaga tudo. Era justo que as sogras tivessem um redentor. Tiveram-no. É um homem bonito, não muito alto, não muito baixo, antes gordo que magro, possuidor de um par de olhos formosos e de uma pena que tem escrito mais de duas mil páginas admiráveis e fortes.

Esse homem, que nasceu em S. Luiz do Maranhão, recebeu na pia batismal o nome de Aluísio Azevedo. Mas, antes, já tinha recebido no berço as profecias e as dádivas das fadas, que, avocadas no momento da sua vinda ao mundo, deram-se pressa em vaticinar-lhe o futuro.

Uma delas disse: "Será belo! Fará andar à roda muita cabeça de mulher bonita, e na chama dos seus olhos muita mariposa ansiosa virá queimar as asas imprudentes!"

Outra, meneando a cabeça: "Dar-lhe-ei cousa melhor! Dar-lhe-ei o talento de transplantar para a tela as mulheres belas que amar! Será pintor!"

Disse a terceira: "Não será pintor! Será escritor! A sua alma abrir-se-á, como um estuário vasto, para receber todos os rios da paixão humana! Dirá todos os sofrimentos e todas as alegrias da vida, descerá aos abismos de todos os corações, e a sua Obra será um largo espelho mágico, em que todo o mundo se verá reproduzido!"

E iam retirar-se, quando na alcova apareceu a própria mãe Eva, a própria mulher primeira, que foi a primeira sogra, e disse: "E como escritor, redimirá as sogras! Para confusão dos genros, reabilitará as sogras caluniadas, em um livro singular e piedoso, que será posto à venda na heróica e leal cidade de S. Sebastião, na terceira semana do mês nono do ano de mil oitocentos e noventa e cinco!"

E assim foi que Aluísio Azevedo, tendo escrito muitos livros, escreveu este *Livro de uma Sogra,* que acaba de sair à luz, e que eu acabo de ler de um trago.

Seria inútil procurar neste romance de *Aluísio,* a mesma forma que serviu de molde ao *Cortiço* e *Casa de Pensão.* O processo é o mesmo, - de observação e de análise. Mas, nos outros livros, o estudo do autor abrangia grandes massas humanas. De maneira que, mesmo quando estudava Amâncio, Magda, Pombinha e todos esses personagens sem conta, que amam, sofrem, intrigam, conspiram, vivem e morrem no caleidoscópio gigante da sua obra, via-se que o autor não se demorava a fixar a atenção numa só alma, desfibrando-a escrupulosamente, submetendo a à lente de um exame minucioso. Nessas obras, o que se estudava não era um homem, uma mulher, mas a Vida, imenso conjunto de vidas inumeráveis... Aqui no *Livro de uma sogra,* é uma alma de mulher, uma alma só, grande e meiga, que se estuda...

Esta crônica não pode analisar o livro novo de Aluísio. Estou aqui para dizer o que houve de notável durante a semana, e não para fazer crítica literária.

Mas que houve durante a semana? Houve boatos e suicídios. Mas, os boatos deram em nada; e quanto aos suicídios, por que tratar deles? Todos nós nos matamos mais ou menos; depois, quem se mata por estar farto de viver, não se mata para fazer falar de si: por que dar ainda a vida efêmera de uma referência na crônica a quem deu a vida o safanão de supremo nojo; com que a gente se livra de uma preocupação importuna? Volto à reabilitação das sogras.

Porque, se não posso insistir nesta seção d´ *A Cigarra* sobre o valor literário da obra de Aluísio, posso insistir sobre o valor moral da obra de reabilitação das sogras, a que ele meteu ombros. Que importa que os genros se rebelem contra mim? Nunca fiz caso de opinião dos homens. Só a opinião das mulheres me preocupa.

Há tempos, como eu me metesse a louvar o encanto das quarentonas, e a seriedade com que elas amam, e o sabor delicioso dos seus beijos outonais, e a paixão convencida com que sabem pôr toda a sua alma num olhar, e todo o universo dentro de um abraço, - todas as mulheres menores de trinta anos, não podendo conter um movimento de cólera, franziram a testa e deixaram cair sobre a minha cabeça culpada uma saraivada de remoques. Fiquei condenado a passar pela rua do Ouvidor, sem receber o mais indiferente dos comprimentos de

moça. Não me suicidei, só porque previ que a zanga não podia durar muito. Mulher bonita não odeia. Há mãos tão belas que não servem para amaldiçoar.

Desta vez, não creio que a minha apologia das sogras provoque a cólera das noras. O *sogrismo* é uma contingência fatal na vida da mulher. Quem não é ou não foi sogra, sê-lo-á. Mesmo porque há para a mulher uma cousa pior do que chegar a sogra: é ficar para tia.

Abençoado sejas tu, Aluísio! Eu, se algum dia casar, faço questão de que minha mulher tenha mãe. Que não tenha pai! Mas que tenha mãe! Que Belo, ter em casa três mulheres: uma já velha, aureolada de cabelos brancos, tronco sagrado de que rompeu o galho verde e carinhoso, que nos deu a alma cansada a sombra doce do amor! a segunda , galho verde desse tronco, de onde rebentou uma flor em que vemos reviver todo o perfume da nossa alma antiga! A terceira, flor desse galho, flor de carinha brejeira e mãos de veludo, flor que nos arranca o bigode, que nos diz desaforos, que nos abre o céu num beijo, e que nos faz cair de joelhos e crer em Deus, quando deixa cair dos lábios divinos as duas sílabas da palavra mais doce! *Papai!*...

Oh, por que falar mal das sogras? Olhai: de cem homens que falam mal das respectivas sogras, noventa e nove são genros sustentados por elas.

Abençoado seja Aluísio, Redentor das Sogras!

Revista: *A Cigarra* - Seção "Crônica"
n.21 – 26 de setembro de 1895 - p. 2-3
Fantasio

Há um assunto tão triste, para esta crônica tão alegre! Suspende por um momento o teu vôo, Cigarra, e paira por um momento, compadecida e meiga, sobre a cova desta criança, que, de todas delícias e de todos os encantos que enchem a vida, só conheceu a delícia da paulada e o encanto do pontapé.

Nasceu na roça, em Macaé, de ventre negro.

A mãe foi escrava: conheceu de perto as inefáveis doçuras do vergalho de couro cru, e pôde apreciar, com perfeito conhecimento de causa, que não há no mundo cousas mais agradáveis do que um bom tronco, um bom par de algemas, e um bom pulso de feitor de fazenda. Quando veio a abolição do cativeiro, essa negra deu-se ao luxo de ter uma filha. Que desaforo! Ah! Cadela! Se não fosse o maldito 13 de maio, haviam de mostrar-te se negra pode ter filhos!...

Mas, já não havia escravidão, e a negra tomou a liberdade de ter uma filha, que se chamou Isaltina. Deus, porém, que quase sempre, não tendo mais que fazer, emprega o seu tempo em fazer crueldades, matou a velha negra. E Isaltina ficou só no mundo.

Uma senhora caridosa, que, nos depoimentos policiais, figura com o nome de D. Joaquina, disse consigo: "Como há de esta criança ficar sozinha em Macaé? Nada Vamos fazer jus à bem-aventurança do céu, levando esta menina para o Rio de Janeiro, e entregano-a a uma boa família qualquer, que lhe dê o pão e o ensino!"

E assim veio a pequena Isaltina para o Rio de Janeiro. E é sobre a sua cova humilde, *Cigarra!* Que desejo paires por um momento compadecida e meiga, - sobre essa pequenina cova, em que ela, livre da bondade suprema da gente deste mundo, está serenamente apodrecendo...

A boa família, em cujo seio carinhoso veio Isaltina viver, encarregara-se de lhe dar pão e ensino. Não sei se lhe deu pão bastante: o que sei é que lhe deu ensino demais. Tanto ensino e tão bom, que, em pouco tempo, a pequena, já conhecendo perfeitamente a vida,

deliberou morrer... E morreu. Mas a polícia, que tem o péssimo costume de meter o nariz na vida alheia, - quis saber que espécie de ensino davam a Isaltina, e chegou à conclusão de que o método pedagógico empregado era contundente demais.

Daí o inquérito policial, que está fazendo tanto barulho.

Li com toda a atenção o depoimento da meiga e carinhosa senhora, a quem a polícia deliberou pedir contas da vida e da morte de Isaltina.

Isaltina era uma peste má. Tanto, que a boa senhora tendo-se comprometido a dar-lhe ensino e pão, "Logo dia depois de tê-lo feito arrependeu-se, porque a menor Isaltina era o gênio irascível: e, dominada de maus sentimentos, exasperava-se à menor observação que se lhe fazia e, sempre de mau humor, proferia frases inconvenientes e atrevidas, rasgava as próprias roupas, batia-se pelo chão, atirava-se de encontro ao fogão, etc."

A polícia teve a inépcia de perguntar à senhora porque, sendo tão má a criança, não tratou de desfazer-se dela, entregando-a a um asilo qualquer, ou a qualquer juiz de órfãos. Que tolice! Se a doce educadora tivesse feito isso, que valor teria o seu sacrifício diante de Deus? Quando tomou a peito dar ensino à criança, a educadora bem sabia que, quase sempre, a caridade é mal recompensada. Por bem fazer, mal haver... Deus sabe com que mágoa profunda, se viu ela obrigada, somente por amor das conveniências sociais, a não pedir a Isaltina que a esbofeteasse, em plena praia de Botafogo, a fim de em tudo imitar o Divino Mestre, que, recebendo uma bofetada na face direita, oferecia logo ao esbofeteador a esquerda...

"Disse a depoente que algumas vezes castigava a criança com chineladas e também com varadas, castigos estes, porém, ligeiros, e sem que produzissem ofensas no corpo da menor e isso em ocasiões em que ela chegava a ter verdadeiros acessos de fúria."

Outra inépcia da polícia: perguntou à senhora em que compêndio de pedagogia encontrará a indicação do chinelo de couro e da vara de marmelo como compêndios. Segunda tolice! A bordoada faz bem à alma e ao corpo. Criança que apanha está salva! Faz bem à alma, porque chamando toda a sensibilidade para o corpo, embrutece o espírito – o que é uma obra de caridade. E faz bem ao corpo, porque enrija os músculos: que é o moderno processo terapêutico da massagem senão uma aplicação inteligente da bordoada?

Mas, por mais bem intencionada que fosse a virtuosa senhora, não conseguiu dar bons sentidos a Isaltina. Tanto assim que (continua a falar a depoente): «Isaltina era de tão mau gênio, que de uma vez apanhou umas cápsulas de sulfato de quinino e, dissolvendo-as, ingeriu-as, supondo ser veneno.»

Que havia então de fazer a paciente senhora? Estava tão disposta a fazer em tudo a felicidade da criança, que, vendo-a tão desejosa de morrer, aumentou as doses do ensino, mandou-a para o outro mundo, cheia de sevícias, toda mofa de pancadas, toda arrebentada de maus tratos....

Suspende por um momento o teu vôo, *Cigarra!* Suspende por um momento o teu estrídulo riso irônico, e paira, compadecida e boa, sobre a cova desta negrinha, filha de cativa, que aos 7 anos de idade, na idade em que as crianças só cuidam em sorrir, buscava, com o

rosto inundado de lágrimas e alma cheia de desespero, obter por meio do suicídio a paz que a vida lhe negava...

Pobre! Nem essa liberdade te deixaram! Era preciso que morresse lentamente, não por tua vontade, mas pela vontade de quem te possuía.... E era preciso que, depois de morta, ainda te cuspissem sobre a cova de mártir todas essas injúrias, e todos esses impropérios!

Revista: *A Cigarra* - Seção "Crônica"
n.22 – 3 de outubro de 1895 - p. 2
Fantasio

Se esta folha tivesse uma seção especial para a análise dos telegramas (como a que o José Barbosa faz na fulgurante *Notícia)* veriam com que sucesso a redigiria eu! Tenho dado prova que farte da vida atenção que me merecem os negócios estrangeiros. Não há quem leia com mais atenção as colunas de telegramas, com que todos os dias enchem os jornais fluminenses as suas primeiras páginas. Vou do primeiro despacho ao último, entre duas xícaras de café e dois cigarros, e, equilibrado sobre os fios da *Havas,* no curto espaço de tempo que há entre o acordar e o almoçar, corro o mundo todo, do mar do Norte ao cabo da Boa Esperança, e do golfo de Biscaia ao mar Amarelo.

E, em verdade, devo dizer, aproveitando esta bela ocasião, que é injusta a acusação que fazem à *Havas* de só transmitir notícias sem interesse e novidades caducas. Não há notícia sem interesse meus senhores! Tal comunicação de uma agência, aparentemente banal, dando conta de um espirro do imperador Guilherme, pode conter dentro do seu bojo os destinos da civilização ocidental.

Na semana passada, - em que dia foi? Pouco importa o dia... – fiquei com a atenção amarrada a este telegrama: «Buenos Aires... O governo resolveu mandar proceder nos primeiros dias do mês próximo ao recenseamento de todos os cavalos da República. O ministro julga esta medida necessária.»

Confesso que há muito tempo não encontro nos jornais uma comunicação tão enternecedora, e, ao mesmo tempo, tão capaz de sugerir gravíssimas ponderações.

Esse recenseamento dos cavalos é um sinal do tempo. A Humanidade, quanto mais se civiliza, tanto mais protege e ama os animais.

Porque, enfim, a Humanidade é o Homem.

Na primeira infância, o homem exerce contra os animais, com uma crueldade sem nome, o seu irresistível instinto de destruição. Aqui estou eu que já esganei, quando pequeno, muito gato!

Mas a criança, ao crescer, já vai compreendendo que a vida de um gato é, na essência, tão importante como a vida de um homem, e começa a amar e a honrar os animais com um carinho verdadeiramente fraternal. Assim, as nações rudes e primitivas maltratam os quadrúpedes, e só começam a respeitá-los e a acariciá-los, quando se desenvolvem e civilizam. Uma nação toda composta de lôbregos trataria a vergalho os cavalos: ao passo que as nações educadas fazem deles o objeto de um verdadeiro culto, dão-lhes nome, genealogia, registro civil, ferradura de ouro, mantas de seda e veludo, estrebarias exuosas , *stud-bock*, casa, cama, botica, médico... e recenseamento.

A Havas esqueceu-se apenas de nos dizer o que os cavalos pensam dessa resolução do governo. Se, neste particular, os quadrúpedes da nobre raça de Rocinante e Bucéfalo têm os mesmos escrúpulos dos homens, os empregados da estatística vão ter um trabalho acabrunhador.

Aqui no Brasil, pelo menos, a chamada lista de família é o terror do lar. Quando o inspetor policial manda a uma casa o fatídico papel, logo a família, em medroso e conturbado conclave, dispõe a encher os claros da lista com o seu nome, e o da mulher, e os dos filhos, e o dos criados, - a mulher, com um medo grande nos olhos, agarra-lhe a mão, e pergunta:

- É o recrutamento, filho? É o júri? É a guarda nacional?

Não há chefe de família que resista a esses três espectros. O homem deixa cair a pena, e rasga a lista. Não é por outra causa que o recenseamento da população do Rio ainda está por fazer. O carioca prefere não ter existência civil a ser obrigado a cumprir os seus deveres de cidadão, como jurado ou como soldado.

Naturalmente, em Buenos Aires, não há o mesmo terror do censo, porque até à raça cavalar vai ele ser aplicado. Aqui, teríamos, talvez, uma rebelião de cavalos, se o Sr. Gonçalves Ferreira se lembrasse de imitar a deliberação do ministro buenairense. Os quadrúpedes, sacudindo as orelhas, desconfiariam desse desusado interesse do governo pela sua existência civil, e negar-se-iam formalmente a fornecer lista de família às autoridades. É que, neste abençoado e livre torrão, toda a população bípede ou quadrúpede, por índole, por instinto e por hábito é refratária a tudo quanto cheira a lei e a tudo quanto tem visos de submissão.

Ninguém imagina que formidável dose de empáfia de orgulho, de independência e de presunção habita a alma do mais lazarento dos nossos cavalos de *tilbury.*

No Rio, o cocheiro de *tilbury* julga-se igual ao passageiro que o paga, e o cavalo julga-se igual ao cocheiro que o conduz. 89 e as suas gloriosas conquistas enraizaram-se profundamente neste pedaço da libérrima e democratíssima terra da América. E, pois, se o cidadão – que pensa e delibera, feito como é à

imagem do Criador, rei da criação, colocado no mais alto degrau da escala animal – se julga desobrigado de sujeitar-se ao recenseamento, como se poderia exigir que os brutos cavalos se sujeitassem a ele?

A República Argentina, porém, segundo parece, está mais disciplinada do que o Brasil. Lá os cavalos, creio, não temem o recrutamento: julgam-se, como os homens, obrigados a cooperar para a defesa nacional, e vão a acreditar no que diz a *Havas,* fornecer ao governo as suas listas de família, com a declaração dos nomes do cavalo-pai, da égua-mãe e de todos os filhos poldros que coabitam, indissoluvelmente ligados pelos santos laços do parentesco e do amor, em cada estrebaria.

Abençoado povo! Abençoado espírito de ordem e disciplina!

Revista: *A Cigarra* - Seção "Crônica"
n.23 – 10 de outubro de 1895 - p. 2
Fantasio

O dever do cronista é ir a toda parte. Desempenho-me tão bem dessa obrigação, que não sei mesmo onde descubro tempo para escrever. Já várias pessoas dizem que tenho o dom da ubiqüidade. Sou visto, ao mesmo tempo, na rua do Ouvidor e no Corcovado, no incêndio da *Luz Esteárica* e no benefício da Palmira, nas pedras de fortaleza da Lage na aléa de palmeiras do Jardim Botânico. Identifiquei-me tanto com a vida do Rio de Janeiro, que ela é hoje a minha própria vida, e eu sou todo o Rio de Janeiro. Não sei quem inventou o *homem-multidão:* creio que foi Poe, Eu sou o homem – Rio de Janeiro.

Assim, no domingo passado, fui ao Hospício Nacional de Alienados. Já sei que o fato de eu lá ter ido não vos espanta: naturalmente o que vos espanta é que, depois de lá me haverem deixado entrar, me tenham deixado sair. Mas, lembrai-vos da anedota celebre:

Um homem, visitando o Hospício, encontrou um louco amável com quem travou conversação. Perguntou-lhe «há muitos loucos aqui?» ao que o alienado respondeu: «Poucos, meu amigo, poucos! Aqui só mora o estado maior: o grosso do exército vive lá fora...».

E, assim, fui ao Hospício. Havia lá uma curiosa exposição industrial: cousas todas feitas pelos loucos, indústria de malucos, trabalho de alienados. Pois, em verdade, vos digo que são cousas mais bem feitas do que as minhas crônicas. Têm pelo menos uma revelação de mais equilibrado juízo. Transformar um pedaço bruto de pau, numa linda cesta, polida, artística, aberta em flores caprichosas, é obra mais ajuizada que transformar uma centena de palavras soltas, sem sentido, em uma dúzia de frases, em que as palavras, depois de unidas, têm ainda menos sentido do que quando soltas. Mas, não extravaguemos: vamos ao assunto da crônica.

Fui ao Hospício, e vi a exposição, e aplaudi a iniciativa da administração, e felicitei o diretor, e dispus-me a sair, porque a minha obrigação de tudo ver não me permite demorar a vista em cousa nenhuma. Quando cheguei ao jardim, encaminhei-me para o portão. E, nisso, um homem simpático, que passeava, com as mãos nas costas e um cigarro apagado no canto da boca, cumprimentou-me afavelmente, e pediu-me fogo.

Acendeu o cigarro, agradeceu-me o obséquio, e perguntou-me:

- Então, gostou da exposição?

Olhei, desconfiado, o meu interlocutor. Tenho ouvido contar tantas histórias de loucos que parecem homens de juízo, que conversam sem maluquice com a gente, e que, de repente, mostram com estardalhaço o que são!... Por isso olhei o meu interlocutor, desconfiado. Era um homem corpulento, velho, cara cheia de bondade e de pés de galinha, um raro fulgor de inteligência no olhar penetrante, um sorriso compadecido e meigo à flor dos lábios. Vestia, com decência, sobrecasaca preta abotoada... colarinhos altos modernos, plastron largo. Mas notei que parecia estar mal, dentro dessas roupas de hoje: ao estava à

vontade. Depois, havia na sua fisionomia qualquer cousa muito velha, muito passada, que falava de séculos mortos e de gerações desaparecidas. Não sei por que, por um desses pressentimentos que se não explicam, compreendi que ia assistir a uma cousa fenomenal. Pressago, bateu-me o coração dentro do peito. O homem repetiu a pergunta:

- Gostou da exposição?

- Gostei.... Realmente ninguém diria que loucos fossem capazes de trabalhar assim...

- Tem razão! Tem razão! Os loucos hoje estão de tal modo desmoralizados, que, quando se vê um louco trabalhador, fica-se espantado... Antigamente, os loucos trabalhavam muito. Olhe: quando, em 1506, eu me formei em teologia na universidade de Bolonha...

- Como? – perguntei eu, aterrado.

- Quando, em 1506, eu me formei em teologia na Universidade de Bolonha... repetiu ele, com calma.

Voltei-me desvairadamente para todos os lados, procurando fugir. Mas o meu interlocutor tomou-me o braço, e disse-me, com o seu sorriso compadecido e bom:

- Não fuja! Bem vejo que me está tomando por louco! Olhe, meu amigo, se eu lhe disser quem sou, creio que quem fica louco é o senhor...

Escancarei os olhos, e disse, trêmulo de medo:

- Mas, então, o sr. formou-se em 1506?

Ele abanou a cabeça:

- Quer saber quando nasci? Nasci em 1467, em Rotterdam. Tenho, portanto, quatrocentos e vinte e oito anos.

- Mas quem é o senhor?

- Sou o Erasmo!

- Hein?

- Sou o Erasmo Didier! o Erasmo do *Elogio da Loucura!* Fui padre, fui professor, viajei toda a Europa, servi Jacques IV da Escócia, Carlos Quinto, Fernando da Hungria, Segismundo da Polônia, Francisco I, Henrique VIII (grande maluco este! casou oito vezes!) o papa Clemente VII, um mundo inteiro! Imagine o meu amigo quanto louco não conheci eu nessa longa vida acidentada! Escrevi o meu *Elogio da Loucura,* e morri. Quando cheguei à presença do Padre Eterno, ele ordenou-me que voltasse ao mundo para purgar os meus pecados, durante mais dez gerações, e condenou-me a viver com loucos. Estou ao mesmo tempo em todos os manicômios do mundo. Sou o Erasmo Didier! O Erasmo do *Elogio da Loucura!*

Eu, acabrunhado e maravilhado, estava chato de assombro, chato, chato, como se sobre mim houvesse desabado o zimbório da Candelária. Em torno de nós, o sol flamejava nas ramarias do Jardim do Hospício. Perto, o mar reboava. Que mistério! pois não era mesmo que eu tinha diante de mim um homem que já morrera havia quatro séculos? Erasmo? O grande Erasmo!...

E Erasmo cismava. De repente, erguei a cabeça:

- Pois é o que lhe digo! A loucura está desmoralizada! Veja bem! Antigamente, quando um homem enlouquecia, dava para fazer cousas que assombravam o mundo e o céu. Dante era louco e... (já vejo que se espanta com pouco... Então, não crê que Dante fosse louco? Pois Lombroso, outro maluco, não provou que todo o homem de gênio é louco? Vamos adiante! Dante era louco, e escreveu a *Divina Comédia*; Napoleão era louco e revolucionou o mundo. Hoje, a maluquice para que dá? Dá quando muito para fazer discursos revolucionários nos cemitérios e para arranjar uma demissãozinha... Já não há malucos que

prestem, meu amigo! – quer saber? creio que hoje, em toda a terra, só há um agitado que mereça estudo: é aquele imperador Guilherme da Alemanha... Aquele sim! Ao menos tem originalidade... E, com esta, adeus! Vou a Bicetre saber como passam as malucas francesas... Passe bem!

Apertou-me a mão com força, e ia retirar-se. Mas, deteve-se:

- Diga-me sempre: quem é o senhor? Onde poderei encontrá-lo, quando quiser continuar esta palestra?

- Sou *Fantasio*, d´*A Cigarra.* Quando quiser, ouvidor 115...

Desta vez foi ele quem ficou espantado.

-Quê? O sr. é jornalista? Coitado!...

E afastou-se de mim com medo. E já da porta, gritou:

- Tome cuidado! Tome cuidado! A mania do jornalismo é a pior das loucuras! Olhe que eu quem lhe diz isto é o autor do *Elogio da Loucura!*

Desapareceu. Fiquei apatetado, olhando as árvores. Depois, vim escrever esta crônica. E o que lhes posso agora dizer é que não me sinto de todo bom do juízo. Creio que estou ficando louco. Até já tive vontade de fazer um *meeting* jacobino contra o vice-presidente da República...

Revista: *A Cigarra* - Seção "Crônica"
n.24 – 17 de outubro de 1895 - p. 2-3
Fantasio

No sábado passado, inauguração do *Tiro aos pombos,* no Jardim Zoológico. Que invenção! Abrem-se gaiolas, de que saem, tontos e ansiosos, os pequenos animais, que Deus parece ter criado para o amor, - porque dizem até que foram eles que ensinaram ao homem o beijo. Saem, vibram as asas alegres, param um momento, levantam logo alto o vôo. O *champion,* de carabina em punho, faz a sua mira demorada e segura. Um tiro. Adeus vôo ligeiro! adeus, alegria de boiar livremente no céu! – o *champion* marca um ponto, e há um pombo de menos no ar livre.

Chama-se a isto um *sport:* é o *sport* da crueldade. Compreende-se o amor do sangue em um tirano, em um guerreiro. O que se não compreende é que um homem bem educado, moderado, pacífico, tenha necessidade, para se divertir, de tirar a vida a pobres animais inofensivos.

Que quereis? Nós, com todas estas perfeições, nós, feitos à imagem do Criador, - somos todos umas bestas feras capazes de todas as perversidades.

Antigamente, o *sport* era também matador e sanguinário. Em Roma, apostava-se em gladiadores como se aposta hoje em pelotaris. Quem sabe mesmo se, no tempo de Titus, já a humanidade não conhecia a *poule e part-à cote?* César, para divertir o seu povo, deu-lhe em espetáculo um grande combate entre dois bandos, cada um dos quais não se compunha de menos de 500 infantes, 300 cavaleiros e 20 elefantes. O povo tinha a paixão do sangue. Santo Agostinho, nas *Confissões,* descreve largamente o irresistível encanto desses espetáculos ferozes. Marco Aurélio perdeu a sua popularidade porque não gostava de assistir às lutas de gladiadores. Cita-se esta inscrição de uma estátua, que a cidade de Minturnes elevou a um dos seus notáveis: «Em quatro dias, fez aparecerem ao povo 11 pares de gladiadores, que não cessaram de lutar enquanto tiveram vida. Lembrai-vos disso, concidadãos!»

Depois, veio o *sport* mais aperfeiçoado dos cristãos que se atiravam às feras. Depois...

Mas, a humanidade dos nossos dias achou que era feio divertir-se à custa do sangue de homens. O que não impede que, mesmo em mil oitocentos e noventa e três, em certo país que conhecemos bem, o *sport* da degola tenha sido cultivado com um entusiasmo indescritível...

Na Espanha, a tourada é o divertimento nacional por excelência. Ver cavalos estripados, toureiros arrebentados a chifradas, touros farpeados de morte é uma das mais consideráveis delícias daquela amável e poética e sensibilíssima raça. No Brasil, as touradas sempre foram platônicas: só agora é que começamos a sentir a necessidade de divertir o espírito à custa da tortura dos animais.

E que animais! A Igreja simbolizou no pombo o Espírito Santo, querendo assim dar uma idéia da sua candura, da sua espiritualidade suprema, da sua bondade infinita. E, agora fazemos da tortura desses pobres corpos frágeis um gozo refinado para o nosso espírito...

Ainda se fosse tiro às pombas...

Enfim, divirta-se cada um como entender.

Não quero perder com os pombos um tempo preciosíssimo de que preciso muito para assunto de palpitante atualidade.

Sabereis que o Dr. Antônio, esse espantoso gatuno que bastaria, por si só, a honrar uma civilização, vem de ser novamente preso, e (tudo o faz prever) vai ser novamente posto em liberdade. Os jornais, atendendo a que não há semana em que o Dr. Antônio não seja preso e posto em liberdade, abriram contra ele uma campanha terrível, pedindo à polícia que, de duas cousas, uma: ou nunca mais o prenda, uma vez que só prende para daí a pouco soltar, ou nunca mais o solte, a fim de que nunca mais tenha de prendê-lo. Os jornais estão hoje tão habituados à intransigência, à intolerância e a ferocidade das discussões políticas, que já nada sabem discutir com moderação. Colocar a polícia entre as duas pontas desse dilema formidável é uma violência sem nome. A polícia sabe o que quer quando se diverte a prender e a soltar oito vezes por mês o famigerado *doutor.*

Atendei! A civilização de um povo não se afirma apenas pelo espírito liberal das suas instituições, pelo bem organizado movimento da sua administração, pelo equilíbrio da sua vida nacional. Para que um povo se possa dizer civilizado é mister que se mostre aparelhado não só de virtudes perfeitas, mas também de perfeitos vícios. A Inglaterra, que produziu Gladstone, não seria uma nação civilizada, se não tivesse também produzido Jack the Ripper. Dado e provado que a natureza humana tem força de admitir no seu âmbito tanto o bem como o mal, claro é que o seu aperfeiçoamento resultará no aperfeiçoamento gradual e simultâneo desses dois elementos indispensáveis e paralelos.

Daí, a necessidade de ter gatunos célebres, como a necessidade de ter cidadãos virtuosos.

A nossa polícia compreende isso! A nossa polícia bem vê que precisamos ter, para afirmar aos olhos das nações irmãs o nosso progresso, algum ladrão perito, hábil, talentoso, genial, que saia fora do comum dos simples ladrões, dos vulgares arromba-portas, dos insignificantes e primitivos salteadores de estrada.

O *Dr. Antônio* é o bilontra-modelo. Veste bem. Entra no xadrez com o mesmo desembaraço que entra num salão. Sabe conversar política com os políticos, finanças com os banqueiros, disciplina militar, prestante com os generais, modesto com as senhoras, *sport* com os *sportmem,* literatura com os homens de letras. A sua conversação é um caleidoscópio em que passam, vivamente alumiados por um espírito original e fino, todos os conhecimentos humanos. Senhores! Crede que é até um prazer deixar-se a gente roubar por um gatuno tão delicado e tão inteligente!

Sabendo isso, a polícia não quer suprimir de uma vez o D*r. Antônio* do seio da nossa sociedade, confinando-o numa Penitenciária, onde o seu talento ficaria improdutivo, e onde, estéreis e desprezadas, mirrariam as suas belas qualidades de *gentlemen* do furto. Precisamos ter aqui fora um ladrão-modelo, como temos o Corcovado, o Corpo de Bombeiros, e os bondes elétricos. Quando ns visitar um estrangeiro de distinção, não lhe havemos de roubar o prazer de ser roubado por um *pick-pocket* também de distinção. Por isso, a polícia não prende de vez o D*r. Antonio.*

Apenas quatro vezes por mês, manda-o chamar Repartição central, a fim de ter a satisfação de verificar que ele ainda existe, para honra e glória da cidade de S. Sebastião. Chama-o, examina-o, conversa afavelmente com ele, admira-o, anima-o a prosseguir: «Vá, doutor, vá! Vá continuar lá fora a sua árdua e benemérita missão de ilustrador e civilizador! Não esmoreça, doutor, não esmoreça!»

Aí tendes a razão pela qual a polícia trata bem o D*r. Antônio.* Mas a imprensa não sabe, ou não pode, ou não quer ver as cousas como as cousas são...

Revista: *A Cigarra* - Seção "Crônica"
n.25 – 24 de outubro de 1895 - p. 2-3
Fantasio

... Se assim é, minhas senhoras, também eu vou dizer a minha opinião sobre o casamento.

É a questão do dia. O Rio de janeiro fez-se filósofo. A rua do Ouvidor está atulhada de fisiológos e de psicólogos. A cada passo, dá-se um pontapé num sistema. A cada esquina, acotovela-se numa teoria. Se virdes cinco ou seis janotas, abancados a uma mesa da Pascoal ou postados à porta do Londres, ficai sabendo que estão com certeza discutindo qualquer destes pontos graves de que, parece, dependem a sorte da Família e o destino da Pátria e, por conseqüência, a sorte da Família e o destino da Pátria e, por conseqüência, a sorte e o destino da Humanidade: «1º Onde pode residir o amor verdadeiro e duradouro? No concubinato ou no casamento? 2º Devem os cônjuges dormir juntos?; 3º etc., etc., etc.»

Essas graves questões começaram por preocupar um romancista; depois preocuparam a crítica; depois a crônica; depois os artigos de fundo. Agora, até a mesma grave *Revista Brasileira* acaba de entrar na discussão.

É a questão do dia, repito. E não me queixo disso, porque a mania é inofensiva. Antes, agitar discussões psicológicas que não atam nem desatam casamentos, do que agitar discussões políticas que atam e desatam estados de sítio. E, se assim é, minhas senhoras, também em vou dizer a minha opinião sobre o casamento!

Todos os que se revoltam contra as desvantagens da atual instituição do matrimônio dão, como causa delas, o tédio. Se o adultério vem macular o leito nupcial, foi o tédio que o trouxe. Se as relações entre cônjuges acabam aos pontapés, foi o tédio quem criou as rixas e as vias de fato. Sempre o tédio! Como evitá-lo? Os que lêem pela Cartilha de Balzac querem que os cônjuges não durmam juntos, por higiene e por decência. Os que lêem a cartilha de Aluízio querem mais que os esposos tenham de quando em quando uma separação radical, que viagem, que tenham saudade um do outro. Michelet acha que tudo isso é revoltante:

«Oh! quand on ame, coment ne pas envier le logis du mennisier mon voisin, qui n´a eu tout qu´une chambre ?» E é esta a receita que o divino Poeta dá para a felicidade conjugal: ressérrer le foyer.

Minhas senhoras! Vou dizer-vos uma cousa que vos espantará: creio que a única cousa que um homem e uma mulher podem razoavelmente fazer, quando se amam, é casar, sem querer saber do que pensam Michelet e Balsac, - casar como todo o mundo casa, dormindo em um só leito ou em leitos separados, conforme é este ou aquele o costume da terra em que casaram. Filósofos, poetas e romancistas não endireitam o mundo: o mundo é torto, e torto será por toda a eternidade. Desgraçado do amor, que raciocina! desgraçado do homem que, antes de casar, passa uma hora a refletir nas conseqüências desse passo! Passo mais grave deu ele quando nasceu: e não refletiu, antes se saber se fazia bem ou mal em nascer. Amigo! Se na tua terra é hábito viverem os cônjuges amarrados uma no outro, de dia e de noite, ao enxergam da mesma cama, deixa-te pacientemente amarrar à tua mulher, e vai vivendo assim mesmo, ao Deus dará. O segredo da felicidade é não procurar ser mais feliz do que os outros. Se te aborreceres de tua mulher, lembra-te de que há milhões de homens que, à mesma hora, estão também profundamente aborrecidos das suas. Se ela te for infiel, lembra-te de que não és tu o primeiro desgraçado a quem sucede tal cousa. Ama-a enquanto puderes amá-la; quando não puderes mais amá-la, estima-la; quando não puderes mais estimá-a, atura-a; e, quando não puderes mais aturá-la.... continua assim mesmo a aturá-la. Casa como teu pai casou, que ele também casou como teu avô, e nem por isso, deixou de ter na vida momentos

bons e momentos maus. Vive como todo o mundo vive, amigo! Não procures ser original, porque darás com certeza em maníaco.

Este caso do tédio conjugal dá-lo como principal causa das dissensões domésticas é engraçadíssimo. Quero eu agora que me digam se há alguém, solteiro, viúvo ou casado, que se não aborreça neste mundo! A vida em si já é um aborrecimento: e de cem mil homens só um homem sai voluntariamente da vida. Ainda agora mesmo, no volume das *Várias Histórias,* de Machado Assis, acabo eu de ler a esplêndida fantasia "*Viver"!* Ashaverus agoniza. Uma águia, que passa, diz: «ai, ai, ai! deste último homem! está morrendo e ainda sonha com a vida!» Ao que uma outra águia, que, pelos modos, conhece a fundo o coração humano, responde: « nem ele a odiou tanto senão porque a amava muito!» Olha amigo! não há quem não se aborreça da vida! E no entanto, não há quem sinceramente deseje morrer de todo.

Separar os leitos? Para que? Para sentir o tédio de os ter separados, e novamente daí a pouco juntá-los? Isso lembra-me um amigo meu, que descobriu um remédio singular contra o tédio. Quando estava enfarado de tudo, do sol, das árvores, das mulheres, e da vida, punha sobre os olhos uns óculos negros. Começava então, através dos vidros esfumaçados, a ver o mundo negro. Assim ficava uma hora. O tédio crescia, avultava, dilatava-se, chegava ao auge, tornava-se intolerável. Então ele tirava os óculos. E a alegria de ver tudo de novo claro e alegre, matava-lhe logo o aborrecimento antigo, de maneira que assim se curava um mal agravando-o.

Em Zurich, (é Michelet quem conta o caso) quando um casal vinha pedir divórcio, o magistrado, antes de ouvi-lo, fechava-o durante três dias num quarto, em que os cônjuges tinham a sua disposição um só leito, uma só mesa, um só prato, e um só copo. Ao cabo de três dias, (dizem as crônicas do tempo) o casal já não queria o divórcio. Porque marido e mulher, enfastiados da sua ligação conjugal, se convenciam de que havia ainda uma ligação mais estreita, e mais apertada, e mais dura, e menos tolerável: e, tendo-a experimentado, volviam consolados à primeira.

Santo Deus! Todos falam contra o casamento, e todos casam. E casam uma, duas e três vezes!

Amigo, se amas, casa! E deixa correr o barco! Não te deixes levar por teorias nem por livros. Filósofos e poetas nunca endireitaram, nem nunca endireitarão o mundo. Faze o que todo o mundo faz.

«Não peças à vida mais do que ela te pode dar»

E com esta máxima, que deve ser de Simão Nantua, digo-te tudo, amigo! Casa e sê feliz.

Não é verdade, minhas senhoras, que esta é a melhor opinião sobre o casamento?

Revista: *A Bruxa* - Seção "Crônica"
n.1 - 7 de fevereiro de 1896 - p. 2-3
O.B.

Lembro-me bem do tempo em que, possuído da ambição de servir a ciência, estudei psicologia experimental. Queria ser médico! Queria conhecer todos os segredos da máquina humana...

> Essa ambição passou, como tantas outras: acabei jornalista. Santo Deus! É uma profissão como outra qualquer: tudo sendo fútil e vão, neste mundo de enganos, tanto importa à Humanidade que haja mais um Claude Bernard como que haja mais um cronista.

Lembro-me, pois, do tempo em que estudava psicologia experimental. O laboratório, amplo e claro, tinha um silêncio e uma solenidade de templo. Aprumavam-se, contra as paredes caidas de brancoAo fundo, ficava o canil, - viveiro de grades de ferro, onde, açaimados, os cães, que deviam servir para as experiências, esperavam tristemente a hora do seu martírio. , armários altos, carregados de instrumentos complicados, cujo metal tinha reflexos de mistério e saber. Nunca me esquecerei do olhar doloroso desses cães... Havia nele um espanto vago, um medo indefinido, - e (porque não o direi?) uma recriminação muda contra quem os torturava.

Eram cães pobres, vagabundos, sem coleira, apanhados traiçoeiramente pelos serventes da Escola de Medicina. Vagavam, sem dono, - famintos, mas livres, - pela Rua da Misericórdia e pela praia de Santa Luzia. Seduzidos por um prato de comida, chegavam-se, a medo, sacudindo o rabo com desconfiança, farejando o perigo e a traição. Como a fome apertava, decidiam-se. E, daí a pouco, amarrados, vinham para o matadouro. Eram cães pobres... Se fossem ricos, se tivessem coleiras de prata e donos carinhosos, os serventes e os experimentadores não disporiam assim da sua carne e dos seus nervos...

Bom tempo esse, em que as experiências só se faziam em corpos vivos de cães. Porque, se bem estejamos convencidos de que os nervos de um cão têm a mesma sensibilidade dos nervos de um homem, achamos natural que aos nervos dele se dêem as dores que não daríamos aos nossos.

Hoje, as opiniões mudaram. Hoje, para verificar o alcance de uma hipótese científica, já os profissionais não recorrem aos cães: recorrem aos homens.

Aos homens pobres, está visto. A miséria põe o animal fora do alcance de todas as leis. Cão sem coleira e homem sem apólices – não podem fazer jus à consideração social.

Aí está o caso do Hospital de S. Sebastião. Alguns profissionais aventaram a hipótese de que é possível aplicar, com vantagem, a *serunterapia* ao tratamento da febre amarela. Para verificar a hipótese, era preciso fazer experiências *in anima vili.* Ora, como todo mundo sabe, os cães não se dão ao luxo de enfermar de febre amarela. Essa amável moléstia, tão genuinamente nossa, apenas persegue o homem, - animal superior, rei da criação, reflexo da Divindade. Portanto, só em corpo de homem se poderiam levar a efeito as experiências.

Compreende-se bem que os ricos, assaltados pela febre amarela, não se prestariam a representar esse papel de cães de laboratório: a riqueza dá imunidades. Mas, havia os homens

pobres, os cães humanos, essa escória social, essa multidão que vive do seu trabalho, que veste mal, que come pouco, que sua muito, que é feia, que é reles, que é ignóbil...

Quem é pobre sujeita-se a tudo. Só fala alto, só protesta, só sustenta uma opinião quem tem conta corrente no Banco e cem mil réis na carteira. O pobre apanha e cala: é o seu dever. Se não queria submeter-se a isso, nascesse rico!

Tais cousas pensaram os profissionais. E, como os pobres doentes de febre amarela vão para o Hospital de S. Sebastião, foram-se os profissionais a esse Hospital, e começaram, e começaram a praticar, nessas carnes de João-Ninguém, o que lhes aconselhava a sua teoria. O Instituto Sanitário viu a cousa, e não a achou reprovável. Na opinião do Instituto, para alguma cousa útil atravancar as ruas da cidade, dificultando o trânsito dos ricos. Quem manda aos pobres que tenham febre amarela? Pois já lhes não bastava a moléstia da pobreza?

Há ainda uma consideração que os inventores da *serunterapia* e o Instituto Sanitário naturalmente fizeram. É esta: sabe-se que o tratamento da febre amarela é dispendiosíssimo. Para exemplo: está provado que, para sustar o vômito negro, não há como vinho de Champagne gelado. Ora, uma garrafa de Champagne custa vinte mil réis... Os pobres, que vão para o Hospital, não são tratados a sua custa: nem poderia dar-se o contrário, atendendo a sua reconhecida miséria. Logo, quem paga o tratamento é o Hospital. Ninguém ignora como tudo encareceu, e como o Estado e os particulares andam arrebentados, nesta época de câmbio rasteiro. Pode o Hospital gastar champagne com tantos e tão miseráveis doentes?

Sujeitando-os a experiências fatais (porque, oh! Meus amigos! A *serunterapia* tem notavelmente rivalizado com a própria moléstia, no Hospital de S. Sebastião, no louvável afã de matar gente!...) sujeitando-se a experiências fatais, os inventores do processo e o Instituto realizam, ao mesmo tempo, dois benefícios: prestam um serviço à Ciência Universal, verificando hipóteses terapêuticas, e um serviço, ainda maior, à Economia Pública, desembaraçando o Hospital de S. Sebastião e o orbe terráqueo de sujeitos que, não servindo para produzir, apenas servem para consumir.

Releva notar que, entre os defensores do novo processo, figura um ilustre médico, que tendo conscienciosamente estudado as bases e as conclusões de Malthus, é partidário extremado da esterilização da mulher, em casos especiais.

Vede bem como tudo isso se combina. Aplicando-se a nova terapêutica aos adultos pobres, suprimem-se esses adultos; por outro lado, esterilizando-se as mulheres pobres, evita-se que novas gerações de pobres venham encher o mundo.

Refleti! Meditai! Considerai! Não é este um meio, radiante e fácil, cômodo e seguro, de dar cabo do pauperismo?

Respondei vós!

Eu, por mim, não respondo. Escrevendo estas cousas, só me lembro do tempo, em que, possuído da ambição de servir à Ciência, estudava psicologia experimental. Lembro-me de que, quando os serventes traziam para a mesa das vivisseções os cães, havia no olhar desses desgraçados animais um espanto vago, um medo indefinido, (e por que o não direi?) uma recriminação muda contra quem os torturava... Que pena, que pena que eu tinha deles!

É que, no fundo, sou um sentimental, um romântico. Para viver bem, é preciso ser cruel e prático. Quem tem razão é o Instituto Sanitário.

Revista: *A Bruxa* - Seção "Crônica"
n.2 – 14 de fevereiro de 1896 - p. 2
O.B.

Há muito tempo não se dava um caso que tão profundamente excitasse a curiosidade da multidão e tão sofregamente aproveitado pela exploração dos jornais. Já sabem que é do suicídio da singular Ambrosina que estou tratando. Oito dias passaram sobre o seu cadáver, sem que sobre ele esfriasse a febre dos comentários. E a bisbilhotice parece não estar ainda disposta a procurar outro pasto.

Tudo isso, porque Ambrosina, como o geral dos suicidas, não quis sair da vida sem obedecer à velha e ridícula praxe de deixar declarado o motivo da sua deliberação desesperada...

Isso é o que eu nunca perdoarei aos suicidas. Compreendo que se matem, porque acho que cada um de nós tem o direito de amar ou de não amar a vida, acariciando-a como um bem inestimável ou repelindo-a como um fardo esmagador.

Mas, enfim, quem se mata – mata-se porque despreza a vida, porque não pode suportar a humanidade, e quer, de um golpe, romper com ela, corajosa e definitivamente. Por que, pois, dar à humanidade uma última e inútil prova de consideração, explicando-lhe cousa que não precisa[163] de explicação?

Essa mania de sair do mundo falando tem inconvenientes terríveis. Um deles é este. Em geral, o suicida escreve as suas cartas à última hora, apressadamente, já com o dedo no gatilho de revólver ou com a mão no copo de veneno. Nessas condições, compreende-se, não havendo tempo a perder, as declarações saem lacônicas, apertadas, obscuras. Quem se propõe a morrer não pode escrever a sua última carta com o mesmo vagar e a mesma clareza com que escreve o seu último manifesto quem se propõe a ser eleito deputado. Que sucede então? Sucede que uma frase mal interpretada pode comprometer injustamente alguém que fica vivo. Como se defenderá o comprometido, se a única pessoa capaz de desfazer a má interpretação já está naquele apartado país de onde não se volta nunca?

Mais honesto, portanto, mais cômodo, e mais garantidor da tranqüilidade alheia, é sair do mundo sem olhar para trás, num silêncio recatado e orgulhoso, - à francesa. Mas tal é a tirania das tradições, dos hábitos e dos preconceitos, que, mesmo à porta da morte, ainda a gente é escrava dela. A desventurada Ambrosina fez o que todos os suicidas fazem: deixou cartas. E, por causa das suas cartas, começou a imprensa a ser indiscreta, começou a polícia a praticar tolices, e ficou uma pobre menina de 16 anos escandalosamente exposta ao motejo da cidade, e apontada a dedo de rua em rua.

Aponderaram-se dela os jornais, e fizeram à descrição minuciosa da sua beleza, da sua *toilette* e das suas maneiras. Um escreveu: "É, como já dissemos, uma vistosa morena: tem o ar gracioso, e denota alguma perturbação. Vestia uma elegante toallete lilás" Outro foi mais longe: "... é bastante morena, de um moreno mate, de olhos negros, profundos, expressivos, orlados de um círculo arroxeado; seu físico é pouco comum: atrai insensivelmente, irresistivelmente a quem lhe fala."

[163] Na revista lê-se "precisam"

Deus meu, não sei como também não disseram ao público quantos gramas de *beauté* possui a menina no seio ou no joelho!

Para que se compreenda bem a gravidade das tolices a que tem dado origem este caso, convém resumir em três linhas a sua história. Ambrosina era amiga da menina. A menina era amiga de Ambrosina. Mas a família da menina quis, por motivos que ninguém tem previsão de indagar, pôr um ponto final nessa amizade. E estava a família no seu direito: porque a menina é menor. Vai Ambrosina, e suicida-se. Suicida-se, e declara que o faz para impedir que a menina sofra. E vai a polícia (oh! esta divina polícia!) entra em casa da mãe da menina, e quer que lhe digam para ali, imediatamente, sem demora, por que razão não queria ela que a filha fosse amiga da outra!

Isto, palavra de honra, é inacreditável!

A mãe da menina podia ficar calada. E é o que devia ter feito. Ou podia simplesmente atirar à cara da polícia esta resposta categórica e desaforada: "não quis porque não quis!" Porque, de fato, cada mãe de família é senhora do seu nariz e dos narizes de suas filhas menores, e é a única pessoa competente para saber que companhia convém ou não convém às meninas que deu à luz, que amamentou, que moram debaixo do seu teto e comem do seu pão. Não acham que isto é natural, lógico, irrefutável!? Pois a polícia não o entendeu assim! Chamou a interrogatórios a velha, a menina, e o amante da velha, e os vizinhos da casa, e o sapateiro da esquina, toda a rua!

Isso tudo seria engraçado, se não fosse odioso.

Uma polícia, que é incapaz de prender um só gatuno, quando, todas as noites, dezenas de casas são arrombadas e saqueadas; uma polícia que é incapaz de evitar que, diariamente, se pratiquem assassinatos bárbaros, quase a suas vistas, quase debaixo das suas barbas; uma polícia que parece ter sido feita para animar os crimes com a sua inércia; - essa polícia submete toda uma família ao vexame de um escândalo público e compromete e macula a reputação de uma virgem. – só porque uma senhora, no pleno uso e gozo dos seus direitos de mãe, não quer que sua filha seja amiga de uma desequilibrada, de uma histérica, que faz versos de pó quebrado, e freqüenta sessões de espiritismo, e tem as exaltações místicas de uma santa Teresa de quinta classe!

O resultado de tudo isso foi que um outro jornal chegou mesmo a escrever claramente o que já o povo dizia em segredo. Faltou-se em Safo, falou-se que... que sei eu?

Pompeyo Genner, nas *Literaturas malsanas*, dá, como uma das moléstias do século, e, das mais perigosas, o *periodismo* indiscreto e desenfreado, a divina da informação quando íntima, a febre da notícia. Essa mania, além de causar danos particulares, consideráveis, sujando para todo o sempre famílias e produzindo desastres domésticos sem conta, ainda causa esse dano geral; mantém numa excitação contínua a curiosidade mórbida das multidões, e faz o povo perder, cada vez mais, o respeito da vida íntima.

Naturalmente, *A Bruxa* não é nenhum Catão de saias. Não estou aqui para reformar o mundo! Mesmo porque a indiscrição faz parte do programa desta folha diabólica. Mas há indiscrição e indiscrição... Quisera eu que a polícia não fosse discreta, quando eu lhe perguntasse o nome do sujeito que me rouba uma carteira ou me prega uma punhalada, - e guardasse o amor do mistério e da discrição para os casos em que, como neste de Ambrósia, estivesse em jogo a honra de uma pobre moça virgem....

Revista: *A Bruxa* - Seção "Crônica"
n.3 - 21 de fevereiro de 1896 - p. 2
O.B.

Se alguma das minhas leitoras, tendo recolhido tarde do folguedo carnavalesco de terça-feira, não teve tempo necessário, na ânsia de ir a igreja tomar cinzas, para longamente, a golpes repetidos de pente, livrar a cabeleira dos *confetti* que ali ficaram – Imagino que bela sociedade terão feito, dentro dessa formosíssima cama negra camo a noite dourada como a manhã, esses dois símbolos da brincadeira e da penitência.

Confessou-se a leitora na manhã de quarta-feira, para, como boa católica, entrar, com a alma livre de pecado, a época da Quaresma? Se se confessou, imagino que o confessor, através dos óculos severos e das grades do confessionário, via ainda, no cabelo da bela penitente, as pequeninas rodelas de papel, amarelas, azuis, vermelhas, verdes, - atestados de que a leitora não resistiu à tentação de ir à rua do Ouvidor tomar parte na grande batalha carnavalesca. Não creio que por isso tenha o padre negado a absolvição a quem assim corria, pressurosa e contrita, a pedir a Deus o perdão dos excessos a alegria da véspera. E naturalmente, o padre, depois de uma benção pausada e solene, atirou sobre as últimas camadas de *confeti* a sprimeiras camadas de cinzas, sem reparar que assim misturava, singularmente, o sagrado com o profano...

Também, que pecado pode ter a leitora cometido, nesses três dias de Carnaval?

Dar a rua do Ouvidor a graça da sua presença e o clarão do seu sorriso: coçar de orgulho e delirar de prazer no ardor da batalha, dentro das voltas de cobra das serpentinas onde andes; namorar, na mesma tarde, quatro ou seis rapazes, visto pela primeira vez, e, logo, para todo o sempre esquecidos: - são pecadinhos sem importância, a que o bom Deus, velho complacente, deve fechar os olhos. Por isso, não acho que seja revoltante o contraste das cinzas e dos *confetis*, caindo, com intervalo de poucas horas, sobre a mesma cabeça encantadora...

Outro contraste vi eu..

Eram cinco horas da tarde de terça-feira. Pelo Catete em festa, descia o bonde. Eu, de dentro dele, olhava as janelas cobertas de uma teia movediça, de vampiros, de velhos, de chorões, de bebês. De quando em quando, passava por mim uma carruagem, alcochoada de panos vermelhos, ao trote largo dos cavalos enfeitados; dentro dela, mascarados, molemente reclinados sobre as almofadas, exibiam as suas *toilettes* de luxo, carregadas de lantejoulas e de laçarotes. Que alegria em tudo! De repente, olhei um carro que vinha, mais lento que os outros, também todo recamado de faixas de ouro, como um carro de carnaval! Uma longa fila de carruagens a segura, negras, cheias de gente vestida de negro. E, dentro do primeiro, um feio caixão passava, todo branco, todo coberto de grinaldas brancas.

Era o cadáver de um virgem que passava: enquanto tantas outras, na rua do Ouvidor, deliravam e sorriam, aquela, com o seu corpo inviolado estendido sobre o caixao postas em cruz as mãos sobre o peito, cerradas as pálpebras roxas sob o alvor da capela virginal, ia-se lá, - noiva da morte – a caminho do feio cemitério triste, sobre cujas campas não se travam batalhas carnavalescas... Mas não era esse o contraste.

Era este:

Como o folguedo ia animado e vivo, pelas ruas em que passava o enterro, alguns punhados de *confeti*, arremessados de calçada a calçada, tinham caído sobre o carro ...

Lá estavam eles, os pedacinhos festivos de papel, agarrados ao veludo branco de calção, metidos entre as rosas brancas das grinaldas, esmaltando os correiames brancos do carro. E à crina de um dos cavalos brancos ficara presa uma longa serpentina cor-de-rosa, que voava ao sopro do vento, acenando no ar luminoso da tarde...

Ora, pois! Também aquela morta tivera a sua parte de *confeti* e de serpentinas. Sobre aquelas grinaldas, reles daí a pouco a terra de S. João Batista. E um povo da alegria ruidosa daquela tarde de carnaval acompadou ao fundo da cova a moça que partia.

Já é uma banalidade repetir que a vida é feita de contrastes, minha formosa leitora! O padre que te confessou, na passada quarta-feira, se não sorriu, vendo os confeti, que havia no teu cabelo, foi porque não achou conveniente sorrir em pleno exercício das suas funções sacerdotais. Quem sabe se ele, também, não andou, trocando a batina por um dominó, passeando as ruas da cidade, para dar um bocado de alegria à alma aflita? Aquele Deus, de barbas formidavelmente retorcidas por um arrepio de ira, aquele Deus que só falava pela voz dos trovões, aquele Deus implacável que mandava chuvas de fogo às cidades pecadoras, - nunca passou de uma fantasia de profetas esquentados. O verdadeiro Deus, o Deus que deve existir, é um amável ancião, que bem sabe que criaturas fabricou... Não desculpar as cousas da Vida, Ele que fez a Vida! – não fosse ele o primeiro a saber que, por detrás de cada alegria, há cem desgostos, e, que, pois, toda a ocasião de rir e folgar deve ser avidamente agarrada!...

Ah! Está o caso do doutor Sinfrônio... Conheci tanto aquele trêfego velho, que tinha sempre uma quadra no canto da boca e uma chispa de bom humor no canto da pupila!

Em qualquer parte, na rua, em casa, no teatro, no botequim, na enfermaria, o doutor Sinfrônio batia palmas limpava com o lenço o bigode, e improvisava estrofes a estrofes. Em alegres estrofes moças, estrofes que não pareciam sair da boca de um homem de sessenta anos...

Uma noite, ceiou em casa de um amigo, fez brindes, fez improvisos, fez saúde, riu, folgou, despediu-se, tomou um bote, fez ao largo, e... sumiu-se. Fez bem, despediu-se ou não fez bem em rir até o derradeiro momento?

De certo, por causa dos *confeti*, que ainda conscriavas no cabelo, não te negou a absolvição o confessor, minha amada leitora. Que pecados graves tinhas, tu, na consciência, nessa manhã de quarta-feira de Cinzas? Rir, brincar, ter vaidade, namorar – são pecadinhos, que pesam menos do que uma pluma, na balança em que o Senhor costuma pesar as culpas humanas.

Revista: *A Bruxa* - Seção "Crônica"
n. 4 – 28 de fevereiro de 1896 - p. 2
O.B.

"*La chronique... c´est de la poussière d´historie*." Escreveu Lemaitre.

Ninguém imagine que vá sair daqui uma página de história contemporânea. Quem escreve isto já viu muita cousa e muito homem, e poderia, se quisesse, começar a escrever as suas memórias. Mas, não quer. Falar de um passado longo é reconhecer que a velhice aí vem. Só fica velho quem quer: e o cronista d´*A Bruxa* não quer envelhecer.

O que se vai aqui contar é um mero incidente da vida carioca. Passou-se há um ano o caso. Como se vê, é história de ontem. Os protagonistas andam por aí, acotovelados por nós, na multidão.

Quem se não lembra do naufrágio da barca *Terceira?* É possível que da memória de muita gente já o tempo haja varrido a recordação daquela tarde trágica, - a embarcação em chamas, sem governo, rodando sobre si mesma, no meio da baía, dentro de um espantoso clarão que avultava na sombra do crepúsculo – e outra barca que fugia, e os escaleres que voavam à flor d´água, e a gente queimada que se arrojava ao mar... Com certeza não esqueceram o desastre aquele, que tendo figurado nele, lograram dele sair com vida... Não são poucos... Muita gente anda, aqui e em Niterói, tremendo ainda de terror e susto, ao evocar aqueles terríveis minutos.

Há dias, em viagem por mar, ouvia eu a conversa de dois catraieiros. Falavam do incêndio da *Terceira*: tinham feito parte do serviço de socorro aos náufragos. Pedi pormenores. Então, os dois, numa linguagem rude e simples, que pela sua simplicidade aumentava o sinistro interesse da narrativa, disseram-me o espanto da cena. Não havia frases, havia fatos. Não conheço ninguém como o homem do povo, para, em traços rápidos, pintar um tumulto, um grande redemoinho de gente, o movimento de massas humanas. As palavras secas e singelas dos dois davam-se um calefrio... O bote em que íamos tinha içada e bojada de vento a grande vela: e corria sereno, e adornado sobre o flanco, sobre a água calma, cheia de sol, e achamalotada. Era, pois, sobre o próprio teatro do drama, que eu o ouvia. Bastava um pouco de imaginação (e é o meu grande mal o não ter falta dela) para que os meus olhos vissem, mas positivamente vissem a catástrofe, e o meu ouvido percebesse o seu barulho confuso, - gritos de medo, estalos de madeiras queimadas, quedas de corpos no mar, fragor de caldeiras rebentadas...

Mas o interesse maior da narrativa esteve em dois episódios secundários.

Cada um dos catraieiros tinha salvado um náufrago.

O primeiro, ao ser levado à praia, desmaiou nos braços do salvador. Quando tornou a si, não teve transbordamentos de palavras calorosas. Disse apenas ao catraieiro que era

negociante de calçado, deu-lhe o seu endereço, pediu-lhe que o fosse ver no dia seguinte, apertou-lhe a mão, e foi jantar. Tudo isso feito com naturalidade, sem estrépito.

No dia seguinte, o salvador foi à casa desse homem sóbrio e calmo. Esse calmo e sóbrio homem deu-lhe dinheiro, e, apontando-lhe uma cadeira, disse: "Sente-se aí você e escolha um par de sapatos. E fique sabendo que, enquanto você for vivo e eu for sapateiro não comprará calçado: fornecer-se-á de botas aqui, à vontade!"

- De maneira (disse eu, sorrindo, ao catraieiro) que você, por ter praticado uma boa ação, calçou as botas para toda a eternidade, hein?

- É verdade! (respondeu ele) o diabo é que a gente, nesta vida do mar, quase sempre anda descalça... Para que quero eu sapatos? Antes o meu homem, em vez de ser sapateiro, fosse dono de uma casa de pasto!

Pedi então ao segundo catraieiro informações sobre o seu náufrago.

- Ah! Meu senhor! Esse, quando se viu salvo, agarrou-se a mim de tal maneira, que até me encheu de vergonha.

E contou que o homem tinha falado como um advogado na tribuna ou como um pregador no púlpito: Abraçou-o, beijou-o, condecorou-o com o título de seu *anjo bom,* ajoelhou-se diante dele, molhou-lhe de abundantes lágrimas comovidas os feios pés calosos e sujos. Em torno, a multidão aplaudia aquela magnífica manifestação de agradecimento, aquela comovedora e patética explosão de uma alma grata. O homem acabou pedindo ao catraieiro que o procurasse no dia seguinte, "porque queria tornar independente e feliz o generoso salvador da sua vida!"

- E você foi?

- Pois não havia de ir, patrão? Fui a casa dele, bati à porta...

- E ele?

- Não me falou. Mandou-me uma nota de cinco mil réis.

E os dois deitaram a rir. O bote chegava ao termo da viagem. E a conversa ficou aí.

Talvez, se viajássemos mais alguns minutos, eu cometesse a asneira, de peneirar sobre o caso algumas pitadas de filosofia... Talvez dissesse aos dois homens broncos que a alma humana...

Não! Se lhes poupei então as minhas considerações, não quero ser mais cruel para os que ora me lêem. Por que louvar aqui a generosidade do primeiro náufrago ou verberar a avareza do segundo?

Eis a mais profunda cousa que se poderia concluir do caso: se o segundo catraieiro que se queixava de falta de gratidão do seu homem tão avarento, - o segundo, apesar de coberto de benefícios, não deixava também de exalar a sua queixa: "antes o meu homem, em vez de ser sapateiro, fosse dono de uma casa de pasto..." Ai! Ninguém está contente nesta vida! O homem é incontestável...

Revista: *A Bruxa* - Seção "Crônica"
n. 5 – 6 de março de 1896 - p. 2
O.B.

Do alto das paineiras.

Oh! Ficara assim aqui, para todo o sempre, vendo lá em baixo, estendida à beira d´água ou descendo as colinas, com a casaria branca se destacando do fundo verde escuro da vegetação, - a suja e amada cidade de S. Sebastião!...

Do seio do mar, saltam vultos negros de rochedos; há navios que saem, há navios que entram, - tão pequeninos, que a vista mal os percebe, como insetos, na imensa extensão das águas calmas; orladas de uma estreita fita de prata, desenham-se as praias curvas, nítidas, caprichosamente recortadas; do largo tabuleiro da parte edificada, destacam-se e sobem finas e brancas, na doce luz da tarde, as torres das igrejas; em sulcos emaranhados, confusos, cruzando-se, cortando-se, unindo-se, separando-se, aparecem as ruas da velha *urbs carioca;* e um infinito silêncio solene reina lá embaixo; o ouvido apenas escuta aqui o farfalhar do vento nas árvores que estão perto: na sua imobilidade e na sua mudez, a cidade parece morta...

Mas, não! Fixando bem o olhar, vêem-se, nas ruas mais largas, um pontozinho negro que se move: é um *bond*. Lá vem outro... Mais outro... E a gente sorri, pensando que aquelas caixinhas de alfinetes que se arrastam estão cheias de uma multidão que conversa, que discute, que se apaixona, que briga, que faz e desfaz boatos, que amarra e desamarra intrigas... Conflitos de alfinetes!...

E a gente se lembra, com uma indivisível delícia, de que não ouve o que por lá se diz, - nem as calúnias dos maus, nem os motejos dos irônicos, nem as bravatas dos arrogantes, nem as palavras frouxas dos tímidos... E lembra-se ainda de que, vistas de perto, aquelas casinhas são sujas; e de que aquelas praias, tão bem desenhadas, são na realidade uma sucessão de atoleiros; e de que aquela orla clara de espuma é um turbilhão de cisco, de limo, de algas, de imundices; e de que aquelas ruas são mal calçadas, esburacadas, tortas; e de que...

Ah! De quanta cousa se lembra a gente, quando, do alto das Palneiras, vê lá embaixo, estendida à beira d´água, descendo as colinas, com a casaria branca se destacando do fundo verde escuro da vegetação, a feia e amada cidade de S. Sebastião.

Infelizmente, mesmo aqui, na serra altíssima, tenho de pensar no que vai lá por baixo.

E lembro-me daquela anedota clássica, que o leitor encontrará no padre Manoel Bernardes, - se tiver coragem para ir buscar nesse matagal arcaico. Como um homem se lamentasse amargamente da mesquinhez da sua sorte, um filósofo levou-o a um terraço elevado, de onde se descortinava toda a povoação, e disse-lhe estas cousas profundas: "Desgraçado! Vês aquelas casas que se acastelam umas sobre as outras? Vês aqueles tetos que se sucedem? – Pois imagina quantos sofrimentos há dentro daquelas casas! Calcula quantas

lágrimas fervem sob aqueles tetos! E dize se a tua dor não se consola, com o saber que milhões de outras dores iguais ou maiores estão por aí além palpitando sem remédio!"

A mim, nenhum filósofo me mostrou a casaria branca que, ao claro sol de março, fulgurava no amplo seio de Sebastianópolis.

O que me fez lembrar as dores que há dentro das casas e as lágrimas que fervem debaixo dos tetos, foi uma carta que reli, aquela hora doce, entre o barulho do vento nas árvores da serra, e o riso comedido de uma família inglesa, que bebericava *brandy and soda.*

Triste carta! Carta de uma mulher infeliz, carta de mulher casada, pedindo-me que defenda nesta coluna d´*A Bruxa* a idéia do divórcio.

Como são freqüentes essas cartas, agora! Não há um jornalista que as não receba todos os dias. Há tanta gente que espera do divórcio um remédio para a sua tremenda escravidão!

E comecei a pensar sobre o caso...

Discute-se o divórcio em toda a imprensa. Não há jornal que não tenha trazido para a campanha o seu contingente de argumentos favoráveis ou contrários à idéia. Os meus venerandos colegas do *Jornal do Comércio* é que se batem de um modo original. Todos os dias, publicam notícias de jornais estrangeiros, referindo o número de casamentos desmanchados em vários países, depois da decretação da lei do divórcio. E como o número é, de fato, formidável, há quem pergunte se a lei do divórcio não virá positivamente arruinar a sagrada instituição da família.

Eu entendo pouco dessas cousas. Mas, ou me engano muito, ou o singular argumento do J*ornal,* em vez de desprestigiar a propaganda, vem ao contrário, mostrar que a decretação dessa lei tão combatida é de uma necessidade flagrante.

Que prova o fato de aparecerem milhares de pedidos de divórcio, assim que ele é permitido? Prova apenas que havia milhares de casais infelizes, penando e chorando sob o jugo vergonhoso de uma canga insuportável!

Ai! Casas que vos alinhais, descendo as colinas, ou estendidas à beira d´água! Só Deus sabe quanta amargura oculta está dentro de vós, sob esses tetos, que daqui, do alto da serra, vejo calados, e quietos, e impenetráveis, e impassíveis!...

Revista: *A Bruxa* - Seção "Crônica"
n. 6 – 13 de março de 1896 - p. 2
O.B.

Quando o operador-fotógrafo arranja a atitude do indivíduo que vai retratar, não se esquece nunca de lhe dizer: "Tenha a bondade de se não lembrar de que está tirando o retrato! Fique, como se não estivesse aqui!" Nem sempre o aviso aproveita: em geral, quando o recebe, é quando o homem, preocupado com conservar uma atitude nobre ou interessante, dá aos lábios um sorriso tolo, ou põe os olhos, em alvo, cismadoramente ou enruga a fronte... E, quase sempre, o retrato sai mau, porque sai falso, com uma fisionomia *arranjada,* e um ar amaneirado e pretensioso.

Todo o indivíduo que se sente observado perde a naturalidade da expressão fisionômica.

Em conversa, quando o interlocutor calcula, pesa e medita o que vai dizendo, certo de que está sendo examinado, é impossível, através da mobilidade da face, do brilho dos olhos, da contratação dos lábios, ver-lhe a alma e sondá-la, nos seus mais íntimos segredos.

Mas, examinai um homem que esteja mergulhado em meditação profunda... Esse homem, isolado do resto da Vida, trancado a sete chaves dentro da sua meditação, não sabendo que o vosso olhar lhe está estudando linha por linha a face, deixará toda a alma aparecer, á fresca, em ceroulas, sem cerimônia...

Foi assim, que, há dias, - durante um rápido minuto que me revelou todo o infinito de verdade, - pude ver a alma do exm. Sr. Dr. Rodrigues Alves, ministro da Fazenda.

Subia eu a encantadora estrada da Tijuca. Não a subia a pé, porque, como verdadeiro carioca, viciado pelo hábito do *bonde*, prefiro não ver nunca a natureza virgem a suar e a magoar os pés pelos pedregulhos da estrada. Também não a subia, comodamente instalado num *break* inglês, porque o ofício de escrever ainda não dá no Brasil para o gozo desses requintes fidalgos. Ia, modestamente, instalado numa daquelas velhas e patriarcais *diligências* da Tijuca, - amplas almanjarras, de correames sujos e molas perras, desengonçadas e trôpegas, pesadamente se arrastando, aos trambolhões, com um barulho ensurdecedor de ferragens, ao passo moroso de quatro bestas cansadas, que chocalham guizos, - entre o rumor das aves que espiam de entre as ramagens.

Bela viagem, lenta, pacata, e primitiva...

Subíamos... O sol da tarde, oblíquo e morno, dourava apenas os cimos das árvores. Embaixo, na estrada, havia sombra, uma sombra úmida e fresca, saturada do aroma dos rosais silvestres. Nesta situação, compreende-se bem, não ia eu pensando no câmbio, nem na batalha de Adua, nem na glória de Menelik, nem na lamentação desventura do exército italiano, nem nos escândalos da Ilha das Flores, nem no teatro nacional...

A gente civilizada, quando entra o seio da boa natureza simples, fica simples como ela, e sente, como ela, dentro do peito, uma palpitação de asas e de corolas, uma expansão suavíssima de sonhos... E ia a *diligência* subindo a serra, e ia eu sonhando... De repente, a *diligência* estacou. Uma tropa de bestas, carregadas de hortaliças, descia, tangida por dois

tropeiros. Os animais paravam, atiravam-se uns contra os outros, atrapalhavam-se, não queriam seguir. E, enquanto esperávamos que os tropeiros pusessem em ordem a tropa, ouvimos atrás de nós o barulho de uma carruagem que se aproximava.

Era uma bela *vitória.* Parou também, como a *diligência.* Olhei, e vi que, dentro do carro, com o queixo caído, melancolicamente sentado sobre o coxim envernizado, imóvel e calado, vinha s. exa. O Sr. Rodrigues Alves, ministro da Fazenda. Adeus, sonhos! Pus-me a pensar na baixa do cambio...

Durante um minuto apenas, pude observar a fisionomia de s. ex. Mas, que minuto fecundo! que minuto fértil em revelações!

S. ex. estava imóvel e absorta. Nem tinha dado pela parada brusca do carro; não ouvia o tropel das bestas que se desencabrestavam, nem a vozeria dos tropeiros, nem o rumor d´água que fluía na espessura da mata, nem a assuada alegre das aves que espiavam de entre as ramadas cheirosas... S. ex. estava imóvel e absorta.

Já no fato de estar s. ex. subindo á Tijuca, á mesma hora em que o câmbio descia a 8, havia um fenômeno curioso a estudar. Aquilo estava dizendo que s. ex., convencida de que não havia meio de fazer o câmbio subir, achava melhor não ficar com ele, e queria ver se, subindo a serra, aproveitaria o seu nobre exemplo ao teimoso.

Mas, não! a fisionomia de s. ex., o seu ar desconsolado, a sua comissura labial molemente curvada para baixo, a flacidez da sua face resignada, o abandono com que o seu *cavaignac* oscilava, o descabimento dos seus ombros o apagado mover dos seus olhos, tudo estava dizendo que s. ex. já estava farta de saber que o seu exemplo não aproveitaria ao cambio. Tudo, na pessoa do s. ex., era desengano, tristeza, melancolia, resignação, desânimo. Tudo em s. ex., dizia: "aqui onde me vêem, só conservo a pasta, porque não se compreende que haja um governo sem ministro da fazenda! sou o espectro do Tesouro... Não sou ministro, não sou nada! Não há mais cambio, não há mais remédio, não há mais nada. E, agora, é deixar que tudo caia! é deixar que tudo degringole! é deixar que tudo morra! e, pois, vou-me aos bons ares da Tijuca!..."

Posta em ordem, num golpe barulhento, a *tropa* desfilou. A *diligencia,* respeitosamente, não se pôs logo em marcha: deixou que a vitória de s. ex. fosse a primeira a gozar do caminho livre. O cocheiro de s. ex. fez estalar o chicote no ar, e a vitória de s. exa. Partiu.

Sumira-se a visão... E eu disse aos botões do meu colete:

"É verdade! não há remédio! Assim como assim, não é melhor deixar que tudo leve a breca?"

Havia tanta sombra, tão úmida, tão fresca, tão cheirosa, na estrada! os guizos da *diligência* tiniam tão claramente, tão alegremente no ar embalsamado! ascendi um charuto, e continuei a sonhar...

Revista: *A Bruxa* - Seção "Crônica"
n. 7 – 20 de março de 1896 - p. 2-3
O.B.

Não sei como, deixei-me ultimamente arrastar à prática do espiritismo. E, ontem, não sabendo como escrever crônica, sentei-me solenemente junto à mesa em que costumo fazer as minhas invocações, e, abrindo ao alcance da mão dois cadernos de papel almaço, fiquei à espera de que algum espírito superior, condoído da minha inópia intelectual, se prestasse a escrever, por mim, a crônica d´*A Bruxa*.

Foram-se-me cerrando os olhos, e caí em catalepsia. Duas horas depois, quando tornei a mim, estavam quase consumidas as velas da serpentina, e estavam as folhas de papel cheias de garatujas. Quereis saber que espírito comparecera? O espírito de *Polichinelo*... Espantai-vos à vontade! Afirmo-vos que não minto! Copiei textualmente o que esse espírito fogazão compusera, e aqui vão ter os leitores o prazer de ler *uma crônica de Polichinelo*:

"Ninguém sabe que antiga é esta amizade que liga Polichinelo às crianças e as crianças a Polichinelo, há duzentos anos.

Nem mesmo pelos fios da cabeleira do dramaturgo Nunes, poderia eu contar as vezes que as tenho visto, - claras ou morenas, de olhos da cor do céu ou de olhos da cor da noite, graves ou alegres, - crianças de todas as idades e de todos os países, enchendo a transbordar a platéia do meu teatro...

Quando entro em cena, todas aquelas cabecinhas se agitam, vendo-me aparecer, com o meu longo nariz de águia, carregando o Himalaia da corcunda, vestido de verde e vermelho de peruca branca, todo coberto de galões dourados...

Esbordôo Cassandra, belisco o Doutor, beijo Colombina, cabriolo com Arlequim, burlo credores, enforco o algoz, desdobro os trues de Champefleury e de Tabarin.

E elas deliram a cada cena, e, a cada cena, um tufão de risadas infantis revoa no teatro, e as mãozinhas rosadas batem palmas, e é, daí a pouco, toda a platéia que representa comigo; a pantomima salta a ribata, transvasa das bambolinas, pula para o meio da sala, e desenrola-se, sem nexo, alucinada e brilhante, representada por todos os meus pequeninos espectadores.

Assim, ídolo das crianças, tenho dado volta ao mundo. Vi abrirem se para mim pasmados os olhos azuis dos *babys* de Londres; aplaudiram-me os *raggazolis* de Nápoles; deram-me *vivas os muchachitos* de Málaga, e, de cidade em cidade, de país em país, vim seguido das aclamações das crianças, através dos mares e dos tempos, levantar o meu teatro no Rio de Janeiro, nesta cidade onde não há crianças, porque não há quem queira parecer criança...

Ai! o que necrópole que é isto! Em todas as partes do mundo, o riso é o consolo do pobre e do rico: dança-se ao ar livre, e, ao sair do teatro, vai a gente, aos magotes, pelas ruas desertas, cantando alto, sob o pálio de ouro das estrelas. Aqui, é um crime cantar.

Uma noite, assim que cheguei a esta cidade de tristes, saí pela rua a cantar a *Pulcinella é morto*...

E um soldado, de cara de carrasco, segurou-me pela corcunda, e levou-me à estação policial onde chorei doze horas a expiação da minha culpa tremenda. E, no dia seguinte, todos os jornais escreveram: "Foi ontem recolhido ao xadrez o sr. Polichinelo, ator, por andar, em estado de embriaguez, fora de horas, perturbando a ordem pública."

A ordem aqui é a tristeza: quem canta está bêbado.

As mães ensinam os filhos a não rir. Não os levam aos jardins públicos: levam-nos aos sermões de lágrimas. E, assim que nasce uma criança, dão-lhe de presente, não um chocalho, mas um vestidinho preto.

E a criança cresce, convencida de que é preciso não rir, e, aos dez anos, em vez de correr, entra para um clube literário, e, ao vinte, em vez de amar e dançar, entra para a política.

Por isso, é que nunca terei crianças na minha platéia: represento para os homens graves e circunspectos, que me dão a honra de sorrir, quando faço uma *blague* e para os velhos lascivos, que coçam a cabeça quando digo uma maroteira. E ainda me dou por muito feliz: muitas vezes represento só para mim!

Não deixam que as crianças me amem: mas eu não deixo de amar as crianças.

Amo-as, eu, criança de duzentos anos, que conto os minutos de vida pelas gargalhadas que dou.

Amo as crianças, e defendo-as, nesta terra, onde não há um dia em que não seja maltratada uma criança.

Ainda ontem, vi esta cousa medonha em um jornal da Bahia: "Um bruto violentou uma criança de 10 anos, *embriagada*, mesmo à vista da mãe paralítica."

Quem violentou esta criança é um celerado, e – quem sabe? – um doente.

Teve aquela inspiração de besta, aquele desejo feroz de saciar a sua voracidade de tigre no corpo virgem de uma pomba.

Castiguem-no, se é um responsável; recolham-no no hospício, se é um louco. Mas, em todo o caso, a culpa maior não é a do violentado, é a do pai da violentada.

Uma criança de dez anos embriagada!...Pois, há um pai que leva uma filha a uma festa qualquer para que ela se divirta, e deixa que a pobrezinha se embriague, e deixa que a candura desse anjo se manche no iodo do vício mais aviltante deste mundo?

Vejo daqui a cena. Adivinho-a. Foi assim: já conheço bem os costumes desta terra...

Vestiram-na. Apertaram-lhe o peito num espartilho, torturaram-lhe os pés em botas de cano alto, puseram-lhe um *puff*, calçaram-lhe luvas. E, à saída, disseram-lhe: "Menina! Porte-se bem! Não corra! Não suje o vestido! Seja séria!".

E, a pequenina saiu, de leque e chapéu, com um grande ar de senhora.

Mas, com que inveja não olhou ela as outras da sua idade, pobres, esfarrapadas, que encontrou pelo caminho, revolvendo-se no chão, correndo e brincando!

Chegou. Sentou-se, ajeitou o vestido. Quis correr com as amigas: o pai interveio e deixou que ela bebesse.

E assim foi que, de volta a casa, a pequena foi violentada. Quiseram que ela não fosse criança, para ser senhora. E houve realmente quem não a quisesse considerar criança, fazendo-lhe aquilo que não é um crime fazer às senhoras...

Ai! que necrópole que é isto!

E que pena que Deus, para me castigar das minhas muitas maldades, não me tenha dado ainda filhos, mas muitos filhos, mas turbilhões de filhos, para que eu educasse as risadas, ao ar livre, deixando-os cabriolar, à vontade, pelos campos, até que, tornando-se eles homens feitos eu pudesse soltar, pela cidade dos tristes, uma nuvem de Polichinelos brejeiros, capazes de fazer rebentar de alegria e de saúde esta população de Heráclito, estes doze milhões de homens que parecem ter vindo ao mundo só para morrer!

Não tenho filhos. Mas, tenho recursos... intelectuais.

E o recurso de que lanço mão é este:

Peço ao Governo do Senhor Prudente de Morais que decrete essa lei ditatorial:

"Art. 1º Será fuzilado todo o pai que consentir que os filhos sejam sérios.

Art. 2º Será fuzilado todo o pai que consentir que as filhas menores de 16 anos usem espartilho.

Art. 3º Será fuzilado todo o sujeito que tiver cara de desmamar crianças.

Art. 4º Do número desses sujeitos, de que trata o art. 3º, fica excetuado o cidadão – POLICHINELLO."

Como viram os leitores, d´*A Bruxa*, não fui mal servido pelo espírito invocado. Oh! O espírito é uma cousa assombrosa!

Revista: *A Bruxa* - Seção "Crônica"
n. 9 – 3 de abril de 1896 - p. 2
O.B.

Há dias, num cemitério daqui, - foram olhos de mãe que o viram! – Na mesma carrocinha fúnebre, onde, confundidos, e mal amortalhados, fazem a grande viagem para o seio da terra os que, tendo sido os desamparados da vida, são também depois os desamparados da morte, - na mesma carrocinha desconjuntada e feia era levado o corpo de uma virgem pobre, ao lado do corpo de um soldado.

Pobre, pobre... Não pôde ir adormecer na terra, - envolvida no vestido de seda branca, no véu imaculado.

Pobre na vida, foi pobre na morte, pobremente vestida.

Não fosse, quem sabe? A caridade de qualquer protetor, e ela não teria outra grinalda, além da grinalda dos últimos beijos maternos.

Mas teve a sua grinalda de flores de laranjeiras, para que a terra gulosa, quando a recebesse, visse bem que recebia uma virgem, um fino manjar delicioso, um corpo que nunca ninguém profanara.

E a pobreza, que a não manchara em vida, manchou-a depois de morta, pondo o seu corpo em contato com o corpo de um homem rude.

Sobre os despojos que esconde no seio, fecha-se a terra igualmente, guardando a mesma espessura e o mesmo nível.

A morte nivela:
Mas, a morte não iguala.

Por que não podem as mães infelizes, que não têm dinheiro para comprar um pedaço desta terra que é de todos mas que se vende a palmos, ter ao menos a posse de uma porção de covas rasas, onde as suas filhas possam ir acordar do sonho da vida longe do contato impuro dos homens?

Todas de branco, todas coroadas de rosas, as virgens ficariam juntas.

Juntas como no tempo em que corriam, enlouquecendo as flores dos jardins, assustando as borboletas com a revoada dos cabelos negros e dos cabelos de ouro, pobres e alegres, com uma asa em cada ombro vibrando, com um canário em cada voz gorjeando.

Juntas, como no colégio, na comunidade do castigo e do prêmio, sentindo, curvadas sobre os livros, uma palpitação repentina acordar-lhes a alma, um tremor súbito correr-lhes o coração, uma névoa crescer-lhes nos olhos, uma música estranha lhes subir do seio, envolvê-las, e atordoá-las, hino da puberdade que vem, primeiro desabrochar da mocidade, primeiro rebate imperioso da necessidade de amar, prenúncio das horas de melancolia sem causa, dos desejos vagos, das sensações mal definidas, primeira página lida do grande poema dos 14 anos...

Juntas, juntas na morte, as virgens guardariam a sua pureza...

Em torno das suas pobres covas rasas, as mães chorariam ao lado das mães, dando o orvalho das suas lágrimas às flores que nascessem daquele adubo puríssimo.

E elas continuariam, pensionistas da morte, a sua convivência do colégio...

Vingar-se-iam das antigas perseguições as borboletas, vindo esvoaçar ironicamente sobre o seu jazigo; vingar-se iam as flores entontecendo-as - as de aroma; e, sobre elas, como

elas virgens, noite alta, - fuzilariam as estrelas, sentinelas imóveis no vasto acampamento azul, velando o sono derradeiro das suas irmãs adoradas...

Porque não há de haver uma vala comum para as virgens?

Mas a pobreza não respeita as virgens.

Na carrocinha imunda onde os pobres fazem a sua última viagem, uma virgem viajou há dias ao lado de um soldado.

Como devia ele ir bem ali, com a sua brutalidade de caserna, com a sua despreocupação de cerimônias e luxos, tão à vontade numa tarimba como num leito de plumas, numa carrocinha de madeira enlameada como num coche doirado! E quantas vezes teria ela sonhado dormir pela primeira vez ao lado de um homem amado!

Pensar eu que, quando morrer, alguém há de arranjar para as minhas carnes mortas o agasalho de uma cova particular, num belo caixão vermelho, sob um teto de mármore branco, com o meu nome em grossas letras, - e que aquela virgem, que nunca fez mal, porque não chegou a conhecer o mal, não terá esta felicidade concedida a um escrevinhador carregado de pecados e de maldades!

Uma enxada, três pás de terra infecta, - e lá ficou ela junto do soldado, no canto mais triste do cemitério, onde não há flores e onde os pássaros têm medo de ir cantar. Os pássaros apenas gorjeiam sobre os ciprestes que a vizinhança das roseiras alegra; entram pelas grades douradas dos mausoléus, pousam nos ombros dos anjos de mármore, saúdam o nascimento do sol do alto das cruzes trabalhadas a escopro e solfejam as inscrições encomiásticas...

Não vão, para os lados das covas rasas, conviver com os que apodrecem na lama repugnante. Ali, os ciprestes ramalham tristemente, piam corujas agoureiras, vociferam coveiros sórdidos...

A virgem não ouvirá nenhuma voz de pássaro de dia e de noite, embalando-a, como se a alma de sua mãe se convertesse em ave para acalentá-la carinhosamente...

Revista: *A Bruxa* - Seção "Crônica"
n. 10 – 20 de março de 1896 - p. 2-3
O.B.

Uff! Dez meses gordos se vão de novo abrir ao pecado! Acabada a Quaresma, o povo católico, apercebido das indulgências plenárias, volve a doce vida da maledicência e do vício, da intriga e do mexerico, volvendo ao mesmo tempo ao regime da carne.

Não é sem razão que o venerando Kneipp atribui a maldade humana no abuso da carne. O boi, o mais honrado é pacífico dos animais, vive bem com um bocado de erva e um bocado de água: e os únicos temperos que mistura a essa alimentação moderada são a pureza do ar do campo, o cheiro fresco das relvas, e a meditação psicológica, à beira dos regatos calmos, debaixo do largo céu azul, em que palpita o reflexo da alma generosa do Criador.

Mas, nem todos, os mortais podem habituar-se a esse regime. Por mim, bem sei que ainda tenho de subir muitos degraus da escada da Purificação, - para chegar a boi. Amo a carne e o sangue; amo o vermelho, que é a cor da vida, da saúde e da força; e, convencido de que, depois de morto, terei de ser comido por certos animais, vou comendo, enquanto vivo, por vingança antecipada, os animais que me passam ao alcance dos dentes.

Demais, no Rio de Janeiro, para quem vive deste ofício de escrever nos jornais, não é nada mau ser carnívoro, e ter na alma uma certa dose de perversidade.

Se nos déssemos ao uso imoderado dos legumes e do leite, ficaríamos cedo incapazes de dar ao que escrevemos o interesse do sarcasmo ferino, da ironia perfurante e da chalaça contundente.

Que seria de nós? Desprezados do público e odiados da posteridade, seríamos a escória do jornalismo contemporâneo.

O nosso estilo, modificado radicalmente por esse brando regime, teria a frescura inocente das alfaces, a ingenuidade mole do leite. Escreveríamos com a pena de um colibri molhada na tinta suave de um luar. E seríamos intoleráveis. Viva, pois, a carne, enquanto pudermos gozar desta encantadora liberdade de imprensa!

Em Lisboa, e em Pernambuco, é que os jornalistas deviam desde já seguir as práticas do vegetalismo. Ontem, ao mesmo tempo em que a *Gazeta de Notícias* publicava o protesto dos jornalistas portugueses contra a nova lei de imprensa, Gonçalves Maia, na *Cidade do Rio,* dizia-nos o que é a lei de imprensa do amigo Barbosa Lima. Tive assim a ventura de ver que, neste particular, a nossa República está muito mais adiantada que a Monarquia portuguesa.

A lei de imprensa de além-mar, que provocou o protesto de tanta gente ilustre, já é, não posso negá-lo, uma obra-prima. Depois dela, o jornalista português já sabe que, ao assinar o seu artigo, se não está sempre fazendo jus a um lugar no Panteão, está sempre fazendo jus a um lugar no Limoeiro. Mas, ainda assim, que lei modesta! Que lei fraca! Que lei pusilânime! Limita-se a proibir o anonimato e pseudonimato, e a submeter os réus de crime de imprensa a julgamentos sumários...

Chega realmente a ser cômica tão extraordinária brandura!

O nosso Barbosa Lima, como presidente absoluto de um Estado Republicano, é muito mais homem que o Sr. D. Carlos, rei de uma monarquia temperada. Em Pernambuco, a lei de imprensa tem esta singularidade preciosa: cria novas penas, e graus maiores e menores de penalidade, que variam conforme a importância, a prosperidade, a fortuna das empresas que se tornam rés do crime de abuso de imprensa. Se o jornal se vende a vintém, paga cem mil réis, e o seu diretor tem um mês de cadeia; se vende a cem réis, paga um conto, e o seu diretor se delicia com um ano de penitenciária...

Isto revela, sem dúvida, um profundo conhecimento dos homens e das cousas. Se é verdade que o rico é sempre mais insolente que o pobre, justo é que sobre os ricos com mais peso e menos clemência caiam as leis. Demais, a insolência que vem do pobre sempre tem desculpa. A pobreza é um berço de descontentamentos e de despeitos; a falta de dinheiro irrita os nervos, perturba a alma, tira o sono e o apetite, predispõe para os destemperos da linguagem e para os demandados do estilo. Os ricos é que não podem nem devem ter a alma azeda. Não têm dinheiro? Não tem conforto? Não comem bem? Não dormem bem? Não são felizes? Para que hão de, então, complicar a própria vida e pôr em perigo a própria tranqüilidade, expondo-se ao furor vingativo das leis? Sobre eles, pois, caiam as leis com mais peso!

Em todo o caso, sempre é bom que as empresas dos jornais de Pernambuco, ricas ou pobres, mudem de sistema de alimentação. O Pernambuco já é, por natureza, um exaltado. Dentro das veias de cada filho daquela bela e fogosa região, corre o ardente sangue do Leão do Norte, quando o poeta lhe bradava:

"Pernambuco! erriça a coma!
Agacha-te um pouco e toma
O peso do Paraguai!"

Ora, quando um povo é governado por um homem como o Sr. Barbosa Lima, não é bom que tenha o sangue muito fácil de pegar fogo. Aos vegetais, aos ovos, ao leite, amigos e irmãos da imprensa pernambucana! Quanto mais carne comerdes, tanto mais vos arderão as costas, pedindo o contato da tarimba dura da Detenção. Que o uso das ervas e da água fresca faça de cada um de vós um desses pacíficos animais, que não gemem sob a canga, que não reagem contra a ponta da agulhada, que não se rebelam contra a brutalidade do carreiro.

Que o uso do leite vos dê a inocência, a brandura, a meiguice dos infantes, que não sabem morder, porque ainda não têm dentes, e não sabem atacar o governo, porque ainda não têm opinião política. Fora a carne, irmãos de Pernambuco!

Quanto a nós, irmãos do Rio de Janeiro! Não abandonemos por ora a costeleta e o *beef*, uma vez que ainda temos liberdade de imprensa.

Se os ares se cerrarem, se turvarem os horizontes, sempre será tempo de nos arrojarmos às ervas.

Revista: *A Bruxa* - Seção "Crônica"
n. 14 – 8 de maio de 1896 - p. 2-3
O.B.

Para os homens frios, para os que amam apenas a seca e terrível realidade da vida – todas essas assombrosas conquistas da Ciência de hoje são puramente naturais. Não quero saber disso! Para mim, homem de sonho e de ideal, quando, no seu laboratório, Rontgen estuda o raios-X, ou, na sua oficina, Edison aperfeiçoa o fonógrafo, - ao lado de um, como ao lado de outro, - invisível mas palpitante, intangível mas formidável,- está aquele grande espírito rebelado, que, dando ao homem, pela mão sedutora da mulher, o pomo do bem e do mal, lhe incutiu na alma, até então ignorante e apática, a tentação de tudo saber.

A acreditar que Pitágoras era simplesmente um homem de gênio, solidamente preparado pelo estudo e pela meditação, - prefiro acreditar em Jamblico e Porfiro, que o grande filósofo era um iluminado de Satã, um iniciado nos mistérios demoníacos, que operava milagres, falava com as bestas feras, e descia ao inferno, para aí ver a alma de Hesíodo amarrada a uma coluna de ferro, e a alma de Homero, pendente de uma árvore, no meio de uma legião de serpentes.

Não posso também, sem indignação, ver o meu amigo Dr. Sicrano praticar o hipnotismo como se praticasse a cirurgia, com um ar de quem acredita que abrir uma alma é empresa tão humana e tão natural como abrir um abcesso. Aos hipnotizadores de hoje, aos magnetistas do século XIX, prefiro os velhos sábios do tempo de Theodosias Imperador, inventores da *mesa giratória* e da telepatia: esses, quando tinham de mostrar aos profanos as maravilhas da sua ciência, não se esqueciam nunca de invocar primeiro o Todo Poderoso Satanás, Pai dos Mistérios.

Que quereis? Sou um homem de sonho e de ideal, e, além disso, vivo de cama e mesa com esta *Bruxa*, que sem ter a fealdade das megeras do *sabbath*, é uma feiticeira capaz de eclipsar o renome da formosa Mademoiselle Lenormand, pitonisa da imperatriz Josefina.

Basta porém de exordio, musa dos Encantamentos... O que quero é falar de um *atelier* do Diabo, que visitei ontem, em companhia da Bruxa.

É um gabinete de eletroterapia. (Se isto, em vez de ser uma crônica literária, fosse uma página de *recláme*, sempre diria eu que esse gabinete é talvez o mais bem montado que hoje o Rio de Janeiro possui...) É um gabinete de eletroterapia. Fica nua rua do Hospício, bem no coração do bairro comercial da cidade, bem no centro da ignóbil vida mercantil de Sebastianópolis.

A casa é comum. Atarracada, feia, vulgar... Em torno dela, estronda o movimento urbano, estardalhaçam na rua os caminhões, rodam os tíburis, vociferam os carregadores, relincham as alimárias, rosnam os cachorros, fazem a sua digestão pacata os negociantes e os trabalhadores. Há lama nas pedras, há tédio nas almas. *Ou diable le Diable va-t´il se nicher!* Na rua do Hospício! Quem por ali passa, quem olha aquela fachada impassível, quem vê aquelas sacadas sem cor, - não pode imaginar que está passando pela porta do gabinete de um novo Doutor Fausto, a quem Mefistófeles, transmudado em correntes elétricas, dá ocultos e tremendos poderes...

Entra-se. Sobe-se uma escada, que é como todas as escadas. Pisa-se um tapete, que é como todos os tapetes. Todo o mundo chega ali sem estremecimento de alma, sem um calafrio na medula. Eu, porém, convencido de que a força elétrica é a própria alma de Satã, proteiforme e onímoda, derramada pela face da terra, - entro ali, palpitando e tremendo, pálido e comovido, como se entrasse numa das cavernas do culto de Mitra, a consultar um Iniciado do Sétimo Grau.

Entretanto, a princípio, nada revela, naquela sala claríssima, de decoração alegre e sóbria, a sede do Mistério. Os aparelhos não dão medo. São mais bonitos, menos trágicos, menos imponentes que os apetrechos de um gabinete de cirurgia dentária.

No centro, o grande aparelho Carré. Os discos de vidro transparente aprumam-se, polidos e enormes, entre os cochins de camurça doirada. Sobre eles, abre-se a fulguração dos cilindros, das colunas, das hastes de metal niquelado, em que a luz viva do sol acende chispas trêmulas. E a máquina, imensa e brilhante, firmemente plantada no chão, parece ter a consciência da sua sobre humana força, do seu demoníaco poder: no fulgor dos metais brancos, parece arder o olho ofuscamente do Diabo, que, não sendo tão feio como se pinta, é hoje, como Pai da Eletricidade, o rejuvenescedor dos gastos, o restaurador dos dispéticos, o levantador dos neurastênicos.

A um canto, entre armários onde cintilam[164] pequeninos aparelhos complicados, - *o grande móvel de gabinete*, de Chardin, de ébano reluzente. Parece o contador de uma dama da moda, pela forma e pela elegância. Debruço-me sobre ele. E o meu olhar se perde alucinado em um milheiro de rodas, de parafusos, de escalas, de alavancas, de fios, de cirurgias, de pontas, de agulhas, de condutores de correntes contínuas, de correntes duplas, as cauterizadores rubros... Num momento dado, à simples pressão de um botão de metal, tudo aquilo trabalha, tudo aquilo vive. E do seio do móvel sai o *rom-rom* da eletricidade: é Satanás que está dentro dele, rosnando, satisfeito, feliz, triunfante...

E no meio de tudo isso, vê-se o Mágico, que é o Dr. Simões Correa, Fausto de hoje, - moço ainda, mas já com uma austeridade de velho sábio na face tranqüila.

Sento-me numa alta cadeira, sob uma sorte de *chuveiro*, de cujas pontas agudas saltam as chispas elétricas. Põe-se em ação o grande aparelho Carré. Vibram os discos de vidro, girando apertados pelas camurças. A princípio, há a sensação de um incêndio nos cabelos; depois, o peito se desafoga, a alma sorri, a cabeça, leve e fresca, se dilata, uma sensação de inenarrável bem estar se me espalha pelos nervos. E, ao influxo do poder do grande Rejuvenescedor, sinto a alegria de viver, - salto da cadeira, lépido e ágil, com vontade de cantar...

Agora, é doente que chega. Tem o estômago dilatado, a face cavada, o olhar melancólico. Meia hora de influxo elétrico: ilumina-se-lhe a face, desanuvia-se-lhe o olhar. Agora, uma senhora, ansiando e estertorando, empolgada pela garra dura da asma. Meia hora de banho estático: derrama-se-lhe pela fisionomia uma doce expressão de bem-aventurança...

E sempre, no meio de tudo isso, a face tranqüila de Simões Correa, o Mágico, sorrindo; e, sempre abafado, misterioso, um *rom-rom* saindo das máquinas... – respiração da alma de Satanás que está dentro delas, rosnando, satisfeito, feliz, triunfante...

[164] Na revista lê-se “scientillam”

Ai! não me digais que tudo aquilo é natural e humano... Não me digais também que tudo aquilo vem de Deus... Deus, sendo a suprema perfeição e a suma justiça, não teria tanto tardado em revelar aos homens os benefícios dessas invenções milagrosas, se fosse senhor delas.

Não, amigos! Decididamente, satanás, reconhecendo o mal que fez a Humanidade, levando-a ao Pecado, - quis agora dar-lhe uma indenização caridosa, ensinando-lhe meio de enganar a Morte, evitar a Velhice e subjugar a Dor...

Satanás, amigos, não é tão feio como se pinta. Ele é Edison! Ele é Pastor! Ele é Röntgen! Cultivador da árvore da Ciência, o grande Rebelado está salvando a Humanidade depois de a ter arrastado à perdição.

Revista: *A Bruxa* - Seção "Crônica"

n. 15 - 15 de maio de 1896 - p. 2
Fantasio

Ainda há poucos minutos, estava eu lendo no *Brasil Médico* o último boletim do serviço demográfico da cidade do Rio de Janeiro. Durante a última quinzena de Abril, morreram aqui 1622 pessoas, e nasceram 726. Quedei horrorizado e pálido, relendo esses algarismos fatais.

Perto de mim, estava a rua do Ouvidor, na sua agitação das 4 horas da tarde, cheia de varões fortes e de mulheres belas. Como é que nasce tão pouca gente numa cidade em que o amor é a ocupação mais séria de todo o mundo? Somos um povo quente e amoroso; aos 12 anos de idade, já os rapazes namoram, e vão mesmo além do namoro, chegando aquele limite em que o beijo deixa de ser uma simples carícia platônica para começar a ser uma semente humana. Como, pois, nasce aqui tão pouca gente?

Não é só no Brasil que os demografistas registram com terror o aumento da mortalidade e da diminuição da natalidade. Em França, o caso é mais sério. Lá não há, como aqui, uma entrada constante de imigrantes para manter o equilíbrio. De maneira que a população francesa diminui espantosamente de ano em ano. A principal causa a que se atribui isso é a agitação guerreira do princípio do século: as guerras napoleônicas mataram um número incalculável de varões. Depois, vieram as outras guerras, da Algéria, do México, da Criméia, da China, do Tonkim, da Tunísia, da Alemanha, de Dahomey, de Madagascar. Cada uma delas foi ceifando um grosso punhado de homens validos. Outra causa: as dificuldades crescentes da vida. Os pais, assim que vêem aumentar demais a família, calçam as botas, e, ou interrompem prudentemente as relações conjugais, ou recorrem à fraude amorosa... que é infinitamente mais criminosa que a fraude eleitoral.

Aqui, porém, nenhuma dessas causas tem influído. Depois dos seis anos do Paraguai, Marte pouca gente nos tem roubado. Durante a campanha do Rio Grande e da revolta naval do Rio de Janeiro, o canhoneio, a lançada e a degola não fizeram estragos que possam causar espanto. Quanto à dificuldade de vida, - isso é cousa que não se conhece na terra dos sabiás. A nossa vida é um milagre. O brasileiro, quanto menos dinheiro tem, tanto mais dinheiro gasta. Não há aqui João-Ninguém que gaste menos de dez mil reis por dia, no *elefante* ou na *cobra.*

A grande mortalidade explica-se naturalmente pelos bons serviços que nos presta a amiga febre amarela. Essa velha camarada chega pontualmente ao Rio com os primeiros calores de setembro, e daí até maio vai fazendo com pachorra e método a sua colheira de vítimas. E, como com a sua pertinácia em matar se combina a pertinácia nossa em lhe não dar combate, de ano em ano ela vai enraizando mais o seu domínio.

Mas, pouco mal relativamente nos faria isso, se os nossos casais se não descuidassem de cumprir o seu dever de repovoadores da cidade. Que mal haveria em que se multiplicassem os túmulos, se o lado de cada um deles aparecesse logo um berço, com um novo cidadão pequenino, agarrado à mamadeira, vagindo e saudando a vida?

É o que não acontece. A população do Rio, calculada para 1896 pelos médicos do serviço demográfico, é de 650.000 habitantes. Nascendo por ano poucas pessoas, temos esta proporção ridícula: em 1000 habitantes, 27 nascimentos. – Há cousa mais desoladora?

Não quero crer que, no seio da população carioca, tenha pegado a moda da fraude amorosa. Para isso, não somos ainda uma população bastante complicada: em matérias de fraude, só conhecemos bem, por ora, a eleitoral, em que positivamente somos profissionais. O que há, portanto, é uma diminuição do nosso instinto amoroso.

Estamos ficando pervertidos. Somos políticos, somos jogadores, somos industriais, somos ganhadores de fortuna: já não somos aquela gente de outrora, que sacrificava todo o futuro por um beijo, e punha, acima de todas as conveniências da vida, o amor, - *I´amor che muove il sole e gli altri stelle.* O culto do derriço dengoso, herdado dos nossos avós portugueses, foi ficando abandonado. Já nenhum de nós é *liberal cavalheiro e namorado.*

Lá está no princípio desta crônica a afirmação de que "somos um povo quente e amoroso". Somos? Não! Fomos... Já aos 12 anos, os rapazes não namoram: jogam nos bichos. Na rua do Ouvidor, as belas mulheres passam no meio de uma indiferença glacial. Já, às portas das confeitarias, não se formam, como antigamente, aqueles grupos ansiosos, à espera das deusas cariocas, e diante dos quais elas passavam, orgulhosas e satisfeitas, sentindo em cada ofegar de peito um aplauso, em cada suspiro um desejo, em cada olhar uma carícia. Hoje, os grupos tratam de candidatos à senatoria e o organizam assaltos a jornais de oposição, ou cuidam de dar um rombo aos *book-makers.*

E, pois que ninguém ama, ninguém nasce. Calamitosos tempos! Desgraçada cidade!

Emendemo-nos, que ainda é tempo! Aqui está o inverno, - deliciosa estação em que é doce o aconchego das saias de uma mulher amada, época encantadora em que a pele pede beijos e a alma pede carinhos... Já se foi a febre amarela, a dizimadora cruel e implacável. Trataremos, amigos, de reparar, nestes meses de frio e de saúde, os males causados pela crueldade dela e pela nossa indiferença. Ao amor!

Trégua à política! Trégua ao jogo! Trégua à vadiação! Vamos repovoar a cidade! Ao amor! Errar não é crime: crime é reconhecer o erro, e, impenitente, persistir nele. Emendemo-nos, que ainda é tempo!

Revista: *A Bruxa* - Seção "Crônica"
n. 16 – 22 de maio de 1896 - p. 2

Fantasio

Já sabem que morreu o carrasco de Madrid? – Fiquem sabendo. Morreu. Nem por isto se alterou a ordem perpétua da Natureza, nem se modificou a harmonia sempiterna das esferas...

Que importa ao mundo um carrasco de menos? Uma vez que não tenha desaparecido o baraço, que importa tenha desaparecido o homem que o rodava ao punho, para terror dos delinqüentes? Carrasco morto, carrasco posto. Outro virá! E a corda das execuções não ficará por muito tempo viúva, chorando sozinha o aniquilamento do seu sinistro esposo e senhor.

È justamente dessa sucessão comovedora, que vamos tratar, leitor amigo – eu e tu, arredados do mundo, nesta coluna calma, onde, como sobre um tapete de circo, a minha fantasia costuma cabriolar para gáudio da galeria. Tratemos da sucessão do carrasco de Madrid!..

Diz um jornal que não sei quantos candidatos (muitíssimos!) se apresentam a disputar os pingues salários que rendia ao morto o glorioso e nunca assaz louvado ofício de enforcar em Madrid os seus iguais. Até aí nada há que espante. E justo que não falte quem queira criar barriga à custa dos pescoços alheios...

Mas há na notícia, que anda correndo mundo e chegou ao casto retiro espiritual de onde escrevo, um tópico que já tem espantadoo quatro jornalistas, seis padres, quatrocentas devotas, e, em geral, toda a massa do ignaro vulgo. O que provoca esse espanto, esse pasmo, esse boquiabrimento considerável, é o fato de haver um padre no número dos candidatos... Um padre! Lendo isto, a ignorância pasma. Porque, realmente, há no mundo muita gente que só vê as cousas pela rama, e pasma com pouco. – Um padre! – exclama essa multidão de néscios– Um padre! Um ministro do Senhor, trocar a hóstia pelo baraço, e despachar as almas pela morte, em vez de as encomendar pela prece!

Que tem isso, vulgo inconsciente? Eu, que tenho visto cousas piores, e que às piores cousas tenho dado o meu aplauso espontâneo, acho a candidatura desse padre aceitável e digna.

Abramos a História, oh! vulgo, e, com os cotovelos fincados sobre a tábua da escrivaninha dos Séculos, com os olhos pregados às páginas poeirentas dos calhamaçudos registros dessa imortal ciência, de que é sacerdote entre nós, na História e na Legenda, o muito venerável Sr. Pereira da Silva, - vejamos!

No desabrochar da Idade Média, quando se enraizou de fato nos espíritos a crença desta incomparável religião nossa, o bispo segurava com o mesmo punho o poder espiritual e temporal: era ele o príncipe que pompeava na corte e o padre que oficializava no templo, e, na sua cabeça, como símbolo da sua dupla autoridade, havia uma coroa de ferro sobre um solidéu de couro; de maneira que a mão que empunhava no campo de batalha o gládio, e no tribunal a pena que assinava as sentenças de morte, era a mesma que à beira dos berços dava o batismo, e à beira dos túmulos dava a absolvição.

Mas, oh! Vejamos, mais próximo de nós, o cura Santa Cruz, que o nosso querido Gonçalves Crespo, em duas dúzias de alexandrinos de ouro, tão magistralmente nos mostra – padre e guerreiro, dizendo missa no campo de batalha com um par de pistolas aparecendo por debaixo da estola, e, mais tarde numa seriedade impassível, varando tranqüilamente com uma bala o crânio de um prisioneiro, depois de o haver absolvido das suas culpas com todas as formalidades litúrgicas...

E se queres, oh! Vulgo atentemos para o Tzar de todas as Rússias, que reúne à autoridade de imperador a autoridade de chefe da igreja Ortodoxa, e que, com a mão direita, aponta uma benção para o céu, enquanto com a esquerda aponta um *knout* para Sibéria..

Que mais exemplos exiges ainda, oh! Vulgo? E como te espantas ainda, só porque um padre espanhol, achando a côngrua de carrasco mais apetitosa do que a côngrua de cônego, pretende recolher nas dobras da sua batina sacrossanta a sanguinolenta sucessão do algoz de Madrid?

O nosso Deus, o nosso bom deus também não pôde reprovar pretensão do padre. Pois não é ele, o nosso misericordioso Deus, o mesmo Senhor Deus dos Exércitos que atirava o seu povo aos morticínios das guerras santas, o mesmo Sabbata[165] terrível, que, enfarado já se só beber o sangue insípido dos cordeiros, quis um dia beber o sangue saboroso de Isaac? Para redimir os outros homens, não trepidou ele em fazer correr de uma dezena de chagas hediondas o sangue precioso de seu divino Filho... Pode ele, pois, reprovar a pretensão deste padre espanhol? – E repara bem, oh! Vulgo, – este padre espanhol não vai derramar sangue: a morte pelo baraço é uma morte limpa, elegante, *chic*, em que o paciente, depois de estrangulado, faz no ar prodígios de acrobacia de alta escola. Nem uma gota de sangue... Dizem mesmo que o enforcado goza tanto, quando o baraço lhe desarticula as vértebras cervicais, que... Passemos adiante!

Não nos esqueçamos, oh! Vulgo, de uma consideração, que me faria, se eu fosse rei de Espanha, a dar ao candidato-padre a sucessão do carrasco de Madrid. É uma consideração de ordem econômica: na Espanha, como em toda a parte do mundo católico, o condenado vai para o patíbulo entre dois altos funcionários – o carrasco e paga ao capelão. De modo que o estado paga ao carrasco e paga ao Capelão. Dando agora ao candidato-padre o lugar que ele pede, o rei de Espanha faria uma grande economia: porque o carrasco e o capelão, reunindo em si as duas funções, faria como o cura Santa Cruz, - com a mão direita absolveria a vítima e com a esquerda lhe esticaria a corda, - ganhando só por uma das duas vias de lucro.

Bem sei que este artigo não chegará nunca sob as vistas do menino Afonso, rei de Espanha. Não alimento, portanto, a estulta esperança de que a minha crônica vá influir na escolha do candidato a carrasco. Em todo o caso, aí fica o conselho, de graça.

De graça? Talvez! Mas sempre será prudente deixá-lo aqui registrado. O dever de um diretor da opinião pública, como eu, é olhar não só para o presente como também para o futuro...

Suponhamos que se estabeleça um dia no Brasil a pena de morte, - cousa que eu, sanguinário e ultra-robespierriano como sou, ambiciono e desejo...

Nesse dia, não servirá para alguma cousa esta crônica? Sim! Servirá para alguma cousa... Servirá para mostrar a conveniência de, a fim de favorecer as finanças do Estado, dar-se a um padre o cargo de carrasco oficial...

---

[165] Na revista lê-se "Sabbaoth"

Revista: *A Bruxa* - Seção "Crônica"
n. 17 – 29 de maio de 1896 - p. 2-3

Fantasio

Grassa em França (como, aliás, em todos os países) a *estatuomania.*

A menor cidade, a mais pobre aldeia, o mais podre *burgo* – querem ter um grande homem seu, perpetuado em uma estátua, - vivendo essa vida de bronze, que julgamos mais duradoura que a nossa miserável existência de carne e osso... Só Paris, segundo leio em uma revista francesa, projeta levantar quarenta e três monumentos. E, entre esses quarenta e três monumentos de amanhã, figuram homens de todas as profissões, guerreiros e poetas, políticos e músicos, ativos e contemplativos.

E assim que se vão erigir estátuas destinadas a perpetuar a vida terrena de Mac-Mahon e de Baudelaire, muito embora esses dois grandes franceses não tenham nunca feito grande caso da vida, - o primeiro, arriscando-a desdenhosamente em cem batalhas, e o segundo, injuriando-a formidavelmente em estrofes rutilantes, feitas de céu e de pântano, de lodo e de estrelas.

Entre nós, já a mania tem grassado de quando em quando:

Houve um dia em que mandamos fundir a estátua de um ministro, que morreu pobre, e, ao qual, só por esse fato de haver morrido sem fortuna, julgamos credor de tal apoteose. Não sei quem fez gorar o projeto. Sei que a estátua, depois de fundida, não foi levantada na praça pública; plantaram-na, de pé, no meio de uma oficina da Estrada de Ferro Central, e ela ainda lá está hoje, triste, isolada, esverdeada de azinhavre. A sua boca lá está, - há tantos anos! Entreaberta, como formulando uma pergunta a que ninguém responde... Pobre estátua! Parece que a todos os trens que passam, roncando, sibilando, engolindo quilômetros, rolando no torvelim da vida – a triste boca de bronze pergunta: "que mal vos fiz eu na terra, ó homens que nela ficastes, para que assim me tenhais condenado a esta pasmaceira perpétua?"

A propagação desta mania é uma prova terrível da pouca confiança que os homens do século têm no seu próprio trabalho e no seu próprio merecimento.

Amamos apaixonadamente a vida, posto finjamos sentir por ela o mais soberano desprezo e disfarcemos sob o véu de um falso desdém o desgosto doloroso, que nos dá a certeza de que tudo passa, tudo cansa, tudo morre... E então, procuramos um meio de sobreviver ao aniquilamento carnal, querendo ficar presos a este planeta que abominamos.

Para isso, não nos parece suficiente trabalhar, porque temos a convicção absoluta de que daqui a três séculos, as nossas obras e os nossos atos serão sido irrevogavelmente sepultados no esquecimento. Mesmo porque somos os primeiros a reconhecer que os homens de hoje nada valem, quando comparados aos homens de alguns séculos atrás! Que vale Baudelaire diante de Dante? Que vale Cunha Sales diante de Arquimedes? que vale Torterolli diante de Santo Agostinho?

Acabrunhados por horrível certeza, procuramos substituir essa vida espiritual, radiante, gloriosa, dos homens que só pelo fulgor e pela grandeza das suas obras se eternizam na memória da Humanidade, por uma vida artificial que chamarei *Vida de Bronze.*

Assim, não podendo esperar que, no ano 4000, Baudelaire ainda seja conhecido pelas *Flores do Mal* como Homero ainda é hoje conhecido pela *Ilíada,* - mandamos fundir em bronze a imagem do poeta, esperando que esse metal viva mais do que o outro – (muito mais sólido e belo), em que ele gravou os seus alexandrinos apaixonados...

Não penseis, amigos, que condeno essa mania! Sei de outras piores... Direi mesmo que a defendo e sustento, porque, de todas as aspirações humanas, nenhuma conheço mais nobre que esta de querer a gente sobreviver a si mesma, na terra em que amou e sofreu, em que gozou e penou.

Ai! pudesse eu ter também a minha estátua!

Sobre uma placa, no pedestal, gravariam o meu nome – *Fantasio* - em letras góticas. Durante todo um primeiro século, os homens leriam esse nome com admiração. Verdade é que, tendo-o lido, perguntariam uns aos outros, com pasmo, quais as cousas notáveis que esse *Fantasio* andou fazendo pelo mundo. Pouco importaria! O grande caso é que haviam de ler o meu nome...

Passado, porém, um século, em virtude de um terremoto, de uma revolução, ou de qualquer outro cataclismo social ou material, - a minha estátua rolaria por terra, e ficaria sepultada no pó. Correriam sobre isso mais dois, mais três, mais cinco séculos. E ao cabo desse tempo todo, os homens de então, casualmente cavando o solo, encontrariam a minha imagem, e esfregariam as mãos de contentes, alegrados pelo achado precioso. E vendo-me feio, narigudo, ridículo, perguntariam assombrados: - "Quem terá sido este macaco?"

Mas, talvez não! O que é mais provável é que um arqueólogo de então me levaria para um museu, e escreveria, convencido de ter achado o ídolo de um povo extinto, um opúsculo grave e recheado de situações, com este ou qualquer outro título análogo: "O deus *Fantasio* estudado à luz ciência do século XXXIV."

Peço aos povos, que costumo embasbacar com a minha prosa, que não deixem de me erigir uma estátua...

Viver no bronze – sempre é melhor que não viver nem no bronze, nem na carne, nem no céu, nem no inferno, nem em parte nenhuma.

Revista: *A Bruxa* - Seção "Crônica"
n. 18 – 05 de junho de 1896 - p. 2-3
Fantasio

Sempre que se fala de loucura e de loucos, vêem ao caso anedotas... Há sempre, na roda, quem tenha visitado um dia o Hospício, e lá tenha observado uma mania extravagante, um curioso perfil de alienado ou de alienada. E a conversa fica muito tempo girando em torno deste assunto, cativante como poucos, - até que um dos conversadores, dando à fisionomia um ar sério, murmura: "Não é melhor que tratemos de cousas mais alegres?" Calam-se todos... E, durante alguns segundos, pesa um silêncio medroso sobre o grupo.

É que, realmente, ninguém nesta vida tem a certeza de não ser louco. Onde acaba o juízo? Onde começa a loucura? Eu, que aqui estou, calmamente posto à mesa do trabalho, bem disposto e alegre, com a fisionomia serena e o cérebro fresco, - posso daqui a um minuto, expelir da garganta um grito rouco, saltar ao meio da sala, e desatar a partir os moveis deste escritório, - sem causa, sem dizer água vai, levado por um impulso irresistível. Que foi? Foi o juízo que descarrilhou. Vão lá descobrir em que ponto dos trilhos estava o pequenino calhau, que atrapalhou a marcha do meu juízo...

Por outro lado, um louco varrido, desses a cujo cérebro não costuma nunca chegar a centelha de um momento lúcido, - pode num dado instante, praticar ações que, pela soma de bom senso que requerem, já seriam notáveis no mais ajuizado dos homens.

Vede este Serrão, que tão abundantemente pasto tem dado à curiosidade pública... Preso, vigiado, posto em custódia rigorosa, iludiu os guardas, desenvolveu uma atividade de formiga, pôs em prática uma tenacidade de cupim, serviu-se de uma astúcia de raposa, provou uma agilidade de macaco, - e, serrando os varões de ferro de uma grade, fugiu do Hospício. Os jornais clamaram logo contra a falta de vigilância que há no hospício. – "Como? Pois, numa casa em que se encerram loucos furiosos, o relaxamento é tão grande, que um possuído de delírio sanguinário pode longamente preparar e realizar uma evasão assim escandalosa; sem que um só ouvido de guarda lhe ouça o rumor, sem que um só olho de enfermeiro lhe perceba os manejos?" – E caíram as folhas, de rijo, sobre o Hospício, e sobre sua administração, e sobre o diretor daquela casa do Estado.

Não é tanto assim! Um maluco, quando possuído de uma idéia fixa, é capaz de desenvolver mais força do que Hércules, mais diplomacia do que Talleyrand, mais esperteza do que o *Zezinho*.

Por quê? Simplesmente porque os homens que o vigiam são homens de juízo, que se fiam no seu juízo, e dormem sobre ele. Os guardas do Hospício olham para um louco, como para uma criança de mama: - "Coitadinho! Que pode haver no cérebro deste bruto? E, cerrado o maluco em uma cela gradeada, e submetido a um bom regime de jejum – deixam-no os guardas em paz, - se é que se pode chamar de paz um estado em que as bordoadas e as duchas se sucedem com uma regularidade matemática...

Pois este animal que não reflete é capaz de nos enganar, a nós que refletimos?"

Ora, debaixo da paulada, debaixo da ducha fria, dentro da camisola de força, a cabeça do louco está trabalhando. O célebre Lombroso já declarou que todos os homens de gênio são malucos, - teoria consoladora, segundo a qual o bom senso fica sendo o apanágio das zebras e dos perus. Não vou tão longe como Lombroso: mas sempre direi que a loucura parece ser uma

exacerbação da faculdade de pensar. Um burguês tem o cérebro construído à maneira de um relógio. As molas são justas, as engrenagens são precisas, os ponteiros são firmes. Aquilo tem precisamente um número determinado e fixo de pulsações por minuto; aquilo é incapaz de adiantamento ou de atraso; aquilo almoça, janta, ama, negocia, dorme, e cisma, em horas invariáveis e previamente marcadas. Mude-se qualquer mola, introduza-se no maquinismo um átomo impalpável de pó, enferruje-se qualquer dentezinho de roda, obrigue-se o relógio a pulsar com mais freqüência, a marchar mais rápido, a mover os ponteiros com mais celeridade, - e aí temos o burguês transformando em poeta, em político, em maluco...

Dizia eu que, debaixo da pancadaria, debaixo da ducha fria, dentro da camisola de força, o maluco está pensando, - pensando mais do que aqueles que vibram o cacete, e dirigem o esguicho da água, e amarram a camisola. Esbordoam-nos, molham-nos, prendem-nos. Mas não se lembram de que, num só dos seus momentos lúcidos, o maluco é capaz de ter mais inteligência do que muitos homens sãos. E, quando menos o esperam, o louco foge, pregando-lhes uma peça inolvidável. Tudo porque os homens de bom senso confiam demais na sua lucidez de espírito...

Disso quero tirar uma conclusão, que, parecendo a princípio trazer no bojo um paradoxo insustentável, é uma das conclusões mais sensatas que podem cair no bico de uma pena Mallat.

Compreende-se bem que é urgente achar um meio qualquer de impedir que os loucos furiosos fujam do Hospício. Porque os cidadãos pacíficos que se dão ao luxo de acreditar que o Rio de Janeiro é uma cidade em que se pode viver em paz, - não podem ver com bons olhos um maluco assassino fugido, já matador de um tio ou tutor, e ameaçando matar também aqueles que não têm a desventura de com ele entreter essas mesmas honrosas relações de parentesco e amizade...

Qual o meio?

Se os homens ajuizados não podem convenientemente guardar e vigiar os loucos, porque confiam demais no seu juízo próprio, - lembro que seria melhor confiar esses encargos da guarda do Hospício a loucos. É provável que, se fosse louco o diretor da casa da Praia da Saudade, e loucos fossem os enfermeiros, loucos os despenseiros, loucos os médicos, loucos os criados, - o louco Serão não teria conseguido escapar com tanta facilidade ao doce remanso da sua célula.

Direis que será difícil achar um louco de boa vontade que se queira sujeitar aos muitos e muitos pesados deveres do cargo de Diretor do Hospício de Alienados? Por quê? Conheço loucos médicos, advogados, políticos, negociantes, professores, políticos, jornalistas. Dão conta do recado como os que menos loucos sejam. Não creio que um cidadão qualquer se recuse a prestar o concurso da sua atividade, do seu talento, e da sua maluquice ao bom andamento dos negócios do povo em geral e dos negócios da Praia da Saudade em particular.

E, se não acharem melhor, aqui estou eu. Sirvam-se à vontade de mim.

Revista: *A Bruxa* - Seção "Crônica"
n. 19 – 12 de junho de 1896 - p. 2
O.B.

Já sei que não é bom brincar com a Itália. A colônia tem sangue na guelra, e, à mais leve alusão, desmancha-se em desafios... Mas, que quereis, ó coevos? Que remédio tenho eu? Desde que o assunto se apresenta, sou obrigado a aproveitá-lo. A ele, pois!

Quando leio notícias da gloriosa campanha de Menelik, defendendo a sua terra, fecho os olhos, e sonho...

Sonho que me transformo num africano de raça pura. Sinto que os beiços se me engrossam medonhamente, que o cabelo se me encarapinha; vejo-me a correr, como uma besta fera, os sertões inexplorados da Nigrícia, livre como o vento, independente como o cão, forte e altivo como Deus. Mas, como tudo é permitido ao sonho, sonho que tenho, par a par com essa rudez e com essa brutalidade da vida selvagem, o mesmo apuro intelectual que a civilização me deu, e a mesma compreensão dos homens e das cousas, que me foi dada pelo convívio social.

E continuo a sonhar que, não sei como, um jornal vem ter ao fundo da minha selva cerrada; e por esse jornal fico sabendo que o governo italiano resolveu definitivamente o seu protetorado sobre todas as tribos vizinhas de Massaouah... Deixo cair por terra o jornal, cruzo as pernas pretíssimas, coço a carapinha, e começo a refletir profundamente sobre o caso:

- "Como? A Itália é um forte país que tem tudo quanto quer, todos os confortos, um clima adorável, mulheres de pele branca e cheirosa, homens de belos bigodes, de cérebro potente, museus e lupanares, templos e mercados, teatros e quartéis... Eu, negro feio, vivo aqui sem fazer mal à Itália: o canto da terra em que vivo é terrivelmente insalubre, ardente como uma fornalha, infecto como um pântano, coberto de uma perpétua revoada de mosquitos assassinos, cheio de serpentes, uns como outros... Para que diabo precisa a Itália de mim? Para que diabo precisa a Itália da minha terra? Os seus soldados virão para aqui apodrecer e mirrar, sitiados pelas febres, sugados pelas moscas, torrados pelo sol. Destas zonas estéreis, que riquezas, que abundancias de víveres ou de pedras preciosas poderão sair para encher os cofres e os celeiros da poderosa nação? Não! a Itália não precisa nem de mim nem da África! Logo..."

Neste ponto, vejo passar ao longe um outro preto, de tribo inimiga. Vou-me a ele, brigamos, venço-o, mato-o, esfolo-o, como-o; feito esse farto almoço consolador, venho assentar-me de novo à sombra do meu *baobab* e, deliciado pelo feliz começo de uma boa digestão, retomo o fio das minhas cogitações:

"Logo... logo, a Itália, concedendo-nos a mim e aos meus irmãos de Massaouah, a honra inestimável de nos tomar sob a sua proteção, faz por nós um verdadeiro sacrifício humanitário. Não é do interesse dela que se trata: é do nosso próprio interesse. O que a Itália quer é chamarmos ao seio da civilização ocidental e ao seio da sua Santa Madre Igreja. Mas, a Itália, acho eu, devia, antes de me civilizar a tiros de canhão e a golpes de sabre, procurar saber se me convém ou não sair do estado de barbaria em que me acho. Porque, enfim, não

vejo bem que utilidade grande haverá para mim em comer carne de frango cozida com ervilhas em vez de carne humana crua, e em usar ceroulas de linho e sapatos de verniz em vez de andar, como saí das maternas estranhas, desnudando ao vento e ao sol toda esta carne escura que a natureza me deu. Isto, no que diz respeito as vantagens materiais que me pode dar a civilização... Quanto às vantagens morais! Quais são elas? Em primeiro lugar, dar-me-a o dinheiro: e eu que só faço mal aos outros homens quando tenho fome, far-lhes-hei mal mesmo sem fome, só para possuir algumas centenas de notas de banco. E, para obter essas notas, desatarei a fazer falcatruas, especulações, traições, torpezas de toda a espécie. Dar-me depois o amor, a ambição, o luxo, a política, a imprensa... o diabo! – cousas que não me farão viver nem mais um ano do que os que tenho de viver aqui. Resta a questão da Santa Madre Igreja... Mas, que Deus é esse, a cuja adoração nem me querer forçar? É o Deus de Comte? Ah! Decididamente, têm muita graça esses senhores que me obrigam a acreditar em cousas, em que eles mesmos não acreditam!..."

Aqui sou interrompido pela passagem de um leão. Naturalmente, já almoçou – como eu. Olhamo-nos com indiferença. Vejo-o afastar-se com uma grande majestade no andar. E continuo:

"Por que! Com todos os seus refinamentos, com todos os seus séculos de progresso material e moral, essa civilização se vê hoje, em mil oitocentos e noventa e seis, a braços com o pavor de um milhão de problemas insolúveis, e desespera-se, e arrepe-la-se, e lastima-se, e corre em massa ao suicídio e ao álcool, - e, oh espanto! oh irrisão! É essa mesma civilização quem, a pretexto de nos melhorar a sorte, nos quer dar todas as suas dúvidas, todas as suas descrenças, todos os seus desesperos. Ora, para a civilização!"

E, estendendo sobre a areia combusta a minha carne preta, encoscorada, rugosa, insensível ao calor, - ponho-me a dormir nu em pelo, escandalosamente, na grande paz do meu sertão de Negrícia, digerindo o negro da tribo inimiga...

Revista A Bruxa – Seção "Crônica"
n.21 – 16 de junho de 1896 – p.2-3
O.B.

Deus acabará de fazer a Criação. E com franqueza, não estava muito satisfeito com a sua obra... Sentou-se sobre uma nuvem, coçou as grossas pastas de algodão das barbas, e olhou com tédio a vida que nascia. Que achava o Senhor de triste na vida, para que assim se quedasse, melancólico e descontente, a mirá-la com olhos que eram mais de padrasto que de pai?

Astros de ouro rolavam, serenos e fúlgidos, na imensa esfera. Nuvens de prata e púrpura se dobravam e desdobravam, flutuando e brilhando. Cá em baixo, águas crespas e vivas palpitavam, florestas verdes farfalhavam-se montanhas cheias de sol, e cavavam-se vales cheios de frescura, e serpenteavam rios, e franjavam pássaros contavam e havia flores, e havia ninhos e empinavam-se montanhas cheias de sol, e cavvam-se vales cheios de frescura, e serpenteavam rios, e franjavam-se neblinas. E, no meio de todo esse esplendor, Adão e Eva sorriam, - ele, mirando, com orgulho, a sua musculatura de varão – ela, contemplando, com vaidade, a curva doce das suas pomas virginais... e havia no ar tamanha alegria! E a Criação parecia tão contente! E a vida era tão bela, nessa primeira madrugada!

Que havia, porém, de triste e de mal definido, na alma do Senhor? Por que permanecia ele assim, com um aspecto de poucos amigos, passando e repassando os dedos nodosos pelas grossas pastas de algodão das barbas?

Sabei, homens! Que o senhor estava achando a recriação nova demais! A vida tinha a aparência de mau gosto de uma casa inteiram ente reformada; tinha um brilho pretensioso de mobília ainda não usada; tinha o lustre exagerado e *rastaquouère* de uma roupa recém-saída do alfaiate. E o senhor, sendo o Supremo Bom Gosto e a Suprema elegância (porque todas as suas qualidades são supremas) estava pensando que o mundo seria infinitamente mais belo e agradável, se já uma dúzia de séculos tivessem pesado sobre ele, dando-lhe um cunho de cousa assentada, firme, definitiva.

E em verdade vos digo que Deus só começou realmente a amar a Criação, depois do pecado, depois da civilização, depois do desaparecimento de muitas centenas de gerações de homens...

Não me pergunteis de onde recebi eu estas verdades. Confiai no que vos digo, ou interrompei a leitura desta crônica, e ide perder o vosso dinheiro e o vosso tempo nas combinações do jogo dos bichos.

Escrevo hoje estas cousas, porque acabo de ler um livro, chegado há pouco de Paris, dos prelos da *SOCIETÉ DV MERCVRE DE FRANCE.*

Chama-se *Afrodite,* e é assinado por Pierre Louïs, um *nov*o, de quem o velho Coppèe não receia dizer que é "*un artiste accompli, um ecrivain de race, sur qui les lettres françaises out le droit de fonder de magnifiques esperances*."

O poema, (porque é um verdadeiro poema este volume de prosa deslumbradora) celebra a existência antiga, o antigo amor sagrado e livre, o amor – religião, o amor – deus, mais forte

do que a vida, mais forte do que a morte. Afrodite é a história de uma "cortesã convencida, que nunca se converteria, - cortesã com a franqueza, o ardor, e a altivez de todo o ser humano que sente em si uma vocação, e ocupa na sociedade uma posição livremente escolhida.

Não penseis que eu vos vá dizer tudo quanto o livro tem de escandaloso... não o li para sublinhar as descrições escabrosas, as cenas em que dona Volúpia é cantada com febre e delírio... O que vos quero contar é a grande saudade que há no livro, - saudade do tempo em que homens e mulheres, desnudando livremente ao sol os corpos que rivalizavam em formosura com os das estátuas de Fídias, viam no amor o próprio fim, a própria essência, a própria razão da Vida...

Que alma de grego antigo a deste poeta! Que paixão lhe enternece e ameiga o estilo, quando a sua pena descreve a idade de ouro, a existência ao ar livre, a simplicidade das festas religiosas, em que, para glorificar a grande Deusa fecunda, sacerdotes e sacerdotisas acabavam unindo-se, aos beijos, a vista da multidão dos crentes!

Que saudade! Com que mágoa Louïs pergunta: "*Verronsnous jamais revenir les fours d Ephèses et de Cyrène? Helas! Le monde moderne succombe sous un envahissement de laideur... Quelle muitl! Um peuple vêtu de noir circule dans des rues infectes...*"

Quando fechei o livro, sobre a sua última página, cerrei as pálpebras, e comecei a fazer o meu exame de consciência. Já o estilo do autor me não arrastava na sua caudal de encantos. Já, fora do círculo mágico em que me tinha preso a sedução das suas palavras, pude friamente perguntar a mim mesmo se me seria preferível viver na idade de ouro a viver nesta idade "de ruas infectadas e de multidão vestida de negro"

E, ai de mim! Verifiquei, com um certo desgosto, que se me fosse dado escolher entre a vida de hoje e a vida de outrora, eu teria pedido aos deuses que me deixasse ficar na minha rua do ouvidor tão feia, com a minh´alma tão complicada, e com a minha sobrecasaca tão lúgubre!

Não há poeta que se não lastime, como o divino Musset, "*d´êire venn trop lard dans um monde trop vieux*"

Santo Deus! Se Musset fosse Meleagro, se tivesse vivido, como ele, naquela Grécia que nos parece tão jovem, - acha-la ainda velha demais... para a mocidade dos seus versos.

Só para a mocidade dos seus versos, entenda-se bem... Porque essa paixão, essa saudade, esse amor do passado – são sentimentos puramente literários. Não há um homem só que, sinceramente, conscienciosamente, verdadeiramente, deseje ter nascido numa época em que se comiam sardinhas e azeitonas secas, em vez de trufas, em vez *patê-de-foie-gras,* em vez de caviar. Ai! amigos e irmãos! Se considerarmos esta lúgubre e feia sobrecasaca negra, que todos usamos, como o símbolo perfeito da civilização – poderei eu dar-lhe o nome de sobrecasaca de Nessus: quem uma vez a enverga, não pode mais arrancá-la do corpo, sem com ela arrancar a pele e... a alma."

Em verdade vos digo que o próprio senhor, quando viu acabada a sua obra, não a amou, porque achou nova demais.

As mais belas mulheres são as de trinta e cinco e quarenta anos: as mais belas civilizações são as de trinta e cinco a quarenta séculos.

Era livre o amor, em Alexandria, na época em que deslumbrava os homens com a sua beleza a cortesã que Louis celebra em *Afrodite*? Por isso mesmo, não tinha o encanto dos amores complicados de hoje... amo a minha complicação! E amo a simplicidade antiga... nos versos e nas estátuas que a Antiguidade nos deixou.

Porque também eu, sem ser o senhor, e sem ter o seu Supremo bom gosto e a Sua Suprema Elegância, não gosto das cousas que têm o brilho *rastaquouere* e pretensioso das mobílias novas.

Revista: *A Bruxa* - Seção "Crônica"
n. 22 – 3 de julho de 1896 - p. 2

Fantasio

Apareceu na, *Gazeta de Notícias,* há dias, o retrato daquela pobre moça de 17 anos, que, dormindo, entrou para o Hospício de Alienados em setembro de 1894, e somente agora acordou. Foi um sono de vinte e dois meses. Mais que sono: morte. Este acordar agora, sem uma só recordação, sem idéias, sem consciência, sem passado, é um segundo nascer. Tão profundo foi o sono, tão despercebido de sonhos, que a moça não quer acreditar na sinceridade dos que lhes contam o longo dormir.

Mostra-a o retrato, durante esse espantoso período de letargia, sobre uma larga poltrona, - pálpebras abaixadas, boca derrada, toda a face parada numa rigidez de morte, e os braços duros, em flexão forçada. E fica a gente pensando, ao contemplar a gravura, que, para a pobre rapariga, seria bem melhor que a vigília e a vida não tivessem de novo tomado conta dela.

Vale a pena recontar aqui a história dessa doente.

Aos 17 anos, teve o seu primeiro amor. Entregou toda a alma a um homem, ficou cativa dele, pronta a segui-lo, a servi-lo, a viver para ele e a por ele morrer. Um dia, soube que não era amada. Outra mulher havia, mais feliz que não dava tanto como ela, mas recebia tudo. Encontrou-a. Sentiu uma nuvem de sangue crescer nos olhos. E avançou para a outra, rugindo.

Mas, caiu no chão, como morta, sufocada pela cólera, com os maxilares cerrados, em trismo, e todos os músculos retesados. Assim entrou no Hospício, assim ficou até agora. Vinte e dois meses sem vida, isto é: sem amor e sem sofrimento. A outra ficou desperta, senhora do homem amado, fartando-se dos beijos dele.

Mas, a mais feliz, foi com certeza, a que dormia: se não teve na boca a suprema delícia dos beijos que embriagavam, não teve também na alma a suprema tortura dos ciúmes que alucinam. A outra, ficando com a posse do homem amado, ficou escrava dele e do amor. Sofreu as brutalidades, as tiranias, os maus modos, os caprichos do senhor. Suou e penou, durante o dia, sob a canga do trabalho. E sentiu, à noite, nos braços do amante, entre os seus beijos, a dúvida, a suspeita da sua infidelidade, o terror de perdê-lo. E a pobre abandonada dormia...

Não seria melhor, para ela, ficar assim, passar sem consciência da vida para a morte? Nascer uma vez já é uma desgraça tão grande, que não se compreende a desgraça de nascer duas vezes. A infeliz já se libertara da vida: a vida acaba de empolgá-la de novo nas suas garras terríveis. “Para aqui de novo, desgraçada! De novo para o redemoinho das paixões, para os horrores do trabalho e da fome, para os desenganos do amor, para o medo da morte, para o terror de Deus e do Diabo! De novo para a tua calceta, de novo para a tua golilha, de novo para a tua canga.

Enfim, talvez a ressuscitada tenha lucrado muito, com esse ensaio de morte. Lucrou, talvez, a quase certeza de que não há, no sono da morte, esses sonhos que apavoravam a alma, transtornada de Hamlet. “Se não fosse o terror dessa região desconhecida!” Que região desconhecida? Pode haver região pior do que esta?

Revista – *A Bruxa* – Seção "Crônica"
n.23 – 10 de julho de 1896 – p.2-3
Diabo coxo

Embora enviado-extraordinário do Inferno, não sou acreditado junto do Sr. Carlos de Carvalho. Por isso, não fui convidado oficialmente para o lauto almoço que S.Ex. ofereceu no dia 3 ao corpo diplomático. Não fui convidado, mas compareci. Deu-me Satanás a faculdade de me tornar invisível, e pude, sem ser percebido, pela valetalha do palacete da rua do Bispo, penetrar nessa bela residência, às onze horas da manhã, quando ainda o corpo diplomático não havia chegado mas já o Sr. Ministro das Relações Exteriores, corretamente apertado numa austera sobrecasaca do Raunier, dava as ultimas ordens para o ágape internacional.

A casa da rua do Bispo não é propriamente um palácio como o do *quai d Orsav 37*, em Paris. É uma vivenda burguesa, confortável, atapetada, tão digna de ser ocupada por um ministro dos estrangeiros como por qualquer capitalista ou comerciante retirado do comércio. Não fosse a biblioteca, que é realmente opulenta, e não fossem as rosas esplêndidas e raras do jardim, - e não diria a gente estar na residência de um estadista, de um jurisconsulto e de um amador de artes e letras.

O jardim estava cheio de bandeiras de nações amigas. Entre elas, a da Inglaterra e a da França *pulpitavam gloriosamente* (para me servir de uma expressão que o Sr. Ramalho Ortigão tornou clássica). Essas mesmas bandeiras de nações amigas apareciam na mesa, em ponto pequeno, de papel e arame, diante do prato de cada conviva. Cada prato de ministro estrangeiro tinha uma bandeirinha da respectiva nação no lado de uma bandeirinha brasileira. Admirei a felicidade da lembrança! Assim, enquanto cada ministro comesse o almoço diplomático, as bandeirinhas estariam dizendo: "lembra-te, ó estrangeiro! De que estás comendo um almoço brasileiro! Faze o possível por ter uma digestão grata, e não vás d´aqui criar situações difíceis a um anfitrião que te dá um almoço de tanta vaca e riso!"

A's 11 ¾ começaram a chegar as carruagens. Fiz me pequenino, saltei sobre a mesa, e meti-me dentro de uma grande *piéce montée-tour malahoff*. E, quando os convivas tomaram os seus lugares, arregalei o ouvido, e dispus-me a receber segredos diplomáticos. Servidas as ostras, servido o *cosommé*, apareceu na mesa um esplendido e louro vatapá à lá *Baluana*: e, em torno desse acepipe tão incendiário, aqueceu-se a conversação.

Ao lado do Sr. Manoel Victorino, o Sr. Thompson abriu os olhos para o prato fumegante. E perguntou ao ilustre vice-presidente da República, (em francês, que é a língua diplomática):
- Qu´est-ce que c´est que çá?
- C´est du vatapá. (respondeu o Sr. Manoel Victorino, amável)
- Ah! du vatapá? on dit que c´est três bon pour e´estomac
- Oh! oui... tres bon pour I'estomac et.. pour le reste...

E o encarregado dos negócios de França, em voz baixa, ao Sr. Carlos de Carvalho:
- C'est piquant, ça I Ils ont Co sang três-chaud, sans doute ces fils de Bahia...

E o Sr. Carlos de Carvalho, com um sorriso:

- Oh! pás tant que ça, mon cher...(e olhava maliciosamente o Sr. Manoel Victorino) ils se laissent quelquefois mener par le bout du nez.

Na outra extremidade da mesa, o Sr. Bernardo Vasques conversava com D. Carlos de Castro. E o ministro Uruguaio murmurava:

- Mariscal, eso es muy cabiente, chê! Qué ocurrencia....

E o marechal, com brejeirice:

- Deixe lá, Don Carlos! Isto é bem bom para os homens da minha idade... se não fosse o vatapá, nem sei como ainda se haviam de levantar estes cabelos brancos!

E eu, aos meus botões, dentro da *Tour Malahoff*:

- Pelos chavelhos de meu Pai! Chama-se a isto um almoço diplomático!

Quando o Bourgogne e o Chianti regaram o *aloyou de beuf a la chartreuse*, as faces dos convivas, ainda ardentes do calor do azeite de *dendê*, expandiram-se com júbilo. Falou-se um pouco de política...mas, faltou-se d'isso tão brandamente, tão inocentemente, que nada ouvi, digno de ser contado aos leitores *d'A Bruxa*.

Veio então o Punch *á la diplomate*. E (ó espantoso, ó nunca visto caso!) com o Punch a la diplomate, serviu-se parati. E, logo, o Sr. Vice-presidente da Republica, levantando-se, tossiu três vezes, e fez, em rápidas e brilhantes frases, o elogio dessa bebida, tão injustamente desprezada até hoje. E aqui dou o fecho d 'essa bela oração.

- Sim, senhores! Todos nós desprezamos até hoje o Parati, - este belo *cognac* nacional, tão puro, tão inocente, tão diferente desse ignóbil *cognac* francês que...

O Sr. ministro da França, colérico: - Sapristi! Bigre! Crê non de nom! Si vous continuez começa, je, exigerai une indemnisation de cent Mille francs pour insulte!

O Sr.Carlos de Carvalho, com bons modos, esquecendo-se de falar francês:-calma, meus senhores, calma!que dirá a vizinhança?

O Sr. M. Victorino, continuando: _ Senhores! tão longe foi o nosso desprezo por essa excelente bebida nacional, que já um dia pusemos daqui para fora um ministro português, só porque esse diplomata tinha o nome de conde de Parati! senhores, bebamos á reabilitação do cognac brasileiro!

Todos beberam, comovidos.

Serviu-se o *macuco*, serviu-se a *Salade brésilienne*. Abriu-se o *champagne.* Fizeram-se outros discursos. E, eu, sempre dentro da Tour *Malakoff*, pensava: - Como? pois, estando aqui o ministro da França, o ministro da Itália, o ministro da Inglaterra, - não se dirá uma só palavra sobre a questão da Metropolitana, sobre a questão do Amapá, sobre a questão da Trindade? Pois não ouvirei aqui uma só frase indiscreta que possa ser transmitida aos seis mil assinantes d'A Bruxa?

Ai! Meus amigos! Não ouvi nada! Sei apenas que, ao fim do almoço, cada diplomata guardou no bolso, com o menu, a bandeirinhas brasileiras ali ficaram atiradas.

Todas? Não! Quando os convivas se retiraram, eu, saindo de dentro Co piéce mouleé, verifiquei com espanto que faltavam três desses bellos retângulos de papel verde e amarelo. E pensei:

- Quem seria estes três amigos do Brasil? Quais, dentre tantas diplomatas, nos teriam dado a honra de guardar, como uma relíquia, essas três miniaturas do pavilhão do Brasil?

Fui-me à Chácara, onde o Sr. Carlos de Carvalho andava mostrando ao corpo diplomático as suas jaqueiras, mangueiras, e jabuticabeiras.

E oh! Que nem sei de nojo como o conte! _ vi que os ministros da Itália, da França e da Inglaterra estavam palitando os dentes com as três hastes das três bandeirinhas que faltavam!

Fugi, desatinado; e ao passar pela sala de visitas cuvi a voz abafada de um piano. Era o Sr. ministro da Bolívia que tocava *peteneras*. E, de pé, junto ao piano, o Sr. Arthur Rios trauteava, cofiando o bigode:

Me gustan todas, me gustan todas,
Me gustan todas en general...

Revista: *A Bruxa* - Seção "Crônica"
n.24 – 17 de julho de 1896 - p. 2
O Diabo Coxo

Disseram-me os noticiários que um mocinho de 18 anos chamado Alípio, encontrando à porta de um botequim da rua Souza Franco um preto centenário Januário, - insultou-o, espancou-o, e esfaqueou-o. O velho Januário (contou o noticiarista do Jornal) fora tomar café. O menino Alípio, achando extraordinário que um homem tão avançado em anos ainda se desse ao luxo de viver, dirigiu-lhe algumas chufas. Por que não ficou Januário calado, metido nos seus cem anos e nos seus cabelos brancos, sem dar resposta as chufas do mocinho, mostrando-se convencido de que os velhos, neste mundo, só podem servir para divertimento da criançada?

O centenário ousou repreender o mancebo... Cousas de velho, cousas de século passado, cousas do tempo em que a primeira virtude que se ensinava às crianças era o respeito aos anciãos... Também, o velho pagou caro à sua insolência: está com uma facada na coxa esquerda. E que apego à vida! Nem assim morreu! Está vivo, dando graças a Deus, disposto a encontrar uma centena de facadas como aquela.

Viver aos cem anos! E numa terra, em que, aos trinta todos nós somos uns inválidos! Afinal, Januário já não trabalha, já não se reproduz, já não concorre com cousa nenhuma para a glória ou para a felicidade da comunhão social: que fica ele fazendo cá em baixo? Por que não vai ele para o céu, descansar dos feitos vários e fatigantes que com certeza deve ter obrado, durante esse largo século de existência? Pensa Januário que tem o direito de viver, só para tomar café nos botequins da rua Souza Franco?

Velho pobre, pobre preto analfabeto, - o mal de Januário foi este: não ter aprendido a ler. Se tivesse freqüentado uma escola, teria contraído o hábito de ler jornais, e não se deixaria ficar vivo, depois da útil lição que lhe teria dado essa leitura. Veria ele como se resolveu o caso da Politécnica: um lente esbordoado na rua por alunos (um lente velho, não tão velho como Januário, mas muito mais velho que os alunos) e obrigado a pedir a sua demissão, por não possuir mais a coragem de comparecer diante dos seus agressores de fronte erguida...

Alípio, o mocinho, ao contrário, tinha bem presente ao espírito essa proveitosa lição. Homem de hoje, e homem branco, - nascido, não como o preto Januário no continente do sofrimento e da submissão, mas ao livre sol da América, na era de Benjamin Constant, demitidor de Justino de Andrade, - o jovem sentiu ferver o sangue, quando viu, à porta de um botequim, inerte e mole, sujando a vida com a sua impotência e a sua fealdade, aquele legado do século XVIII, aquele destroço, aquela ruína imprestável.

E riu dos cem anos de Januário, com o seu belo e forte riso de dezoito anos; riu daqueles cabelos brancos de africano envelhecido no cativeiro e no trabalho; riu daquele ar pacífico de animal estragado, daquela caduquice de moribundo...

Por que não ficou Januário calado? Como ousou aquele inválido repreender aquele herói?

Ficou com uma facada.

O tempo é destas cousas... E quem não pode com o tempo não inventa modas, nem se permite o desaforo de ter cabelos brancos!

Revista *A Bruxa* – Seção "Crônica"
n.25 – 24 de julho de 1896 – p.2-3
Diabo Coxo

O caso mais interessante da semana passada foi a execução do Dr. Fort.

Este Dr. Fort já esteve aqui, há alguns anos. Vinha precedido de larga fama. E essa não se baseava apenas no trombetear de artigos, pelas gazetas: baseava-se também em livros, livros de algum mérito, dos quais um foi e ainda é adotado pela congregação da nossa Faculdade de Medicina. Assim que o homem chegou, todo mundo se prostrou diante dele, cobrindo-o de aplausos, cercando-o de homenagens, cumulando-o de honras: com estes olhos, que são do Inferno e ao Inferno voltarão, vi, na aula de medicina operatória, o sábio Pertence - uma verdadeira e luminosa glória da nossa ciência, - descer da sua cadeira de lente, e oferecer o seu lugar ao Dr. Fort; e embasbaque, diante de tamanha prova de consideração.

O Dr. Fort, insuflado e impelido, achou que lhe não bastava à glória, e quis também os proveitos: não fosse ele francês! E abriu consultório, e começou a ganhar dinheiro. Então, começaram a ver que o amigo Fort era um especulador, e correram-no daqui, quase a pau.

O amigo Fort pouco se importou com isso. Já tinha cheios os alforjes, e foi para a Europa escrever um livro, que dizem ser torpíssimo, chamado Cox recits mavie. E, (ainda segundo dizem) há pavores nesse livro: neste país, as flores não têm perfume e as mulheres não tem virtude; todos os médicos daqui são cavalos e todos os estudantes são vadios; e patati, _ e patatá!

Agora, o amigo Fort (não lhe ultimamente corrido bem os negócios, e tendo-se-lhe esvaziado os alforjes) voltou ao Brasil. E os estudantes de Medicina, organizando um binômio, fúnebre, atravessaram em canto-chão a rua do Ouvidor, e, no largo de S. Francisco, diante da multidão, queimaram um féretro em que estava deitado, em efígie, o notável anatomista e insaciável ganhador.

Que é feito, a estas horas, do Dr. Fort?

Se as execuções simbólicas valessem alguma coisa, esse amigo estaria, a estas horas, no outro mundo, em presença daqueles que a sua cirurgia para lá tem mandado. Mas as execuções em efígie nada valem, quando feitas em troça e riso, sem os complicados preparativos do ritual demoníaco.

Eu, como diabo que sou, acredito nessas coisas.

Em 30 de abril de 1315 (para somente citar um fato) o Templário Enguerrand de Mariguy foi enforcado, por ter feito o *envultamento* de várias pessoas da real família de Luiz X de França. E o que vos posso dizer é que, realmente, a mãe do rei, a rainha Joana de Navarra, tinha, havia pouco, morrido de maneira inexplicável. Que me perdoe a alma de Enguerrand de Marigny (se é que essa alma ainda existe hoje, quinhentos e oitenta e um anos depois da sua desencarnação!): não quero dizer que, de fato, esse conspícuo Templário houvesse *envultado* a rainha de Navarra. Sei mesmo de fonte limpa, (que é que não sei eu?)

que todo este processo foi uma alta patifaria de Carlos de Valois. Mas, pouco importa: em todo o caso, naquele tempo se faziam *envultamentos*.

Quando se queria enfeitiçar uma pessoa, fazia-se dessa pessoa o *vultus* em cera, benzia-se com o seu nome próprio a figura, e iam-se espetando nela, pouco a pouco, várias pontas de ferro. E a pessoa, longe, ia sentindo na carne as picadas que o feiticeiro dava na cera, e ia sofrendo, e ia penando, e ia minguando, até que uma picada mais forte, fincada na região cardíaca do vultos, mandava para a paz do túmulo o enfeitiçado.

Essas cousas, porém, não se faziam assim, com a rapidez e a sem cerimônia com que as conto. Havias rezas intermináveis, consagrações longas, _ e, se as bruxarias davam resultado, esse resultado era devido ao valor da fé que as animava._ fé, que , abalando montanhas, é capaz também de dar vida a uma figura de cera...

Mas, uma bruxaria feita porum magote de moços alegres cantando, rindo, folgando, dançando!

Vamos lá! Não creio que o amigo Fort já esteja realmente no outro mundo...

Onde ele está é, com certeza, a bordo de um transatlântico, que o leva à Europa. E, daqui a dois ou três anos, quando esta ebulição de almas estiver acalmada, teremos aqui de novo o amigo Fort... Ele bem sabe que todas as nossas decisões são fogueiras de palha! Ele voltará amigos, e ganhará dinheiro, e reencherá os alforjes, e irá escrever outro livro, pior que o primeiro.

Porque a culpa de tudo isto é nossa! É nossa! É exclusivamente nossa!

Chega aqui um homem, _ um médico, um artista, um diabo qualquer da França, precedido de fama, e, logo todos nós nos boquiabrimos, todos nós nos molhamos de entusiasmo e de assombro. Depois, quando vemos que o diabo só veio aqui arranjar dinheiro, para, depois, descomer sobre o prato em que comeu ficamos indignados e arrancamos, tomados de horror, os poucos cabelos que ainda nos restam. Que pensávamos então? Pensávamos que o homem aqui vinha, atraído pelo fulgor fenomenal da nossa civilização, do nosso adiantamento moral e intelectual?

Quereis ver até que ponto fui, há anos, o nosso servilismo diante deste Fort? Ouvide!

Uma das coisas que mais indignação causam, no livro de Fort, (dizem-me) é uma gravura que lá vem: _ seis médicos brasileiros, com cabeça de burro, cercando o leito de um enfermo; e, entre eles, o amigo Fort, com cabeça de gente, e com a sua sabedoria triunfando sobre a burrice deles. É, realmente, formidável, como desaforo, como insolência, como atrevimento, como pouca vergonha, como canalhice: de acordo!

Mas essa gravura do livro é cópia de uma gravura de jornal brasileiro! De um *jornal brasileiro*, lestes bem? Foi um jornal ilustrado daqui, que assim, para elevar este francês charlatão, deprimiu, insultou, enlameou patrícios nossos. Que quereis mais? Ai! amigos! Desrespeitamos-nos, e queremos que os charlatães nos respeitem!

Vede-me agora este caso, mais recente:

Assim que se soube que o nosso grande Carlos Gomes sofria de uma doença incurável, apresentou-se ao governo de S. Paulo um charlatão chamado Neumeier, que não é médico, que não é farmacêutico, que não é nada, e ofereceu-se para ir curar o maestro.

E, num país em que é rigorosamente punida a prática ilegal da medicina por não _ profissionais; num país em que um pobre preto velho, assim que é convencido do crime de curar com ervas e rezas, vai para o fundo de um cárcere purgar essa culpa, num país em que o

exercício da medicina é escrupulosamente fiscalizado, _ o governo de São Paulo não hesitou em mandar o charlatão ao Pará.

O homem lá foi, _ e só não matou Carlos Gomes, porque não quis! Agora, ei-lo de volta: e a *Gazeta de Notícias*, noticiando a sua chegada, é a primeira a dizer que "o Sr. Neumeier, segundo ele próprio nos disse, não é profissional, e provou claramente que não tem instrução médica, à vista de algumas interrogações que lhe fizemos sobre o caso".

Se o charlatão Neumeier, em vez de chegar do Pará, chegasse de Paris, a complacência e o entusiasmo das autoridades não teriam parado aí: teriam dado cem contos de reis, antes mesmo de ser iniciado o tratamento, teriam levantado uma estátua, e teriam canonizado em vida!

Ai! basta!

Fizeram bem os moços em executar o amigo Fort e em obrigá-lo a demandar os ares mais frescos de França. Não serei eu quem reprove a indignação da mocidade. Acho mesmo que fizeram pouco: deviam moer-lhe a pontapés o cóccix!

Mas, que nos aproveite a lição! Não demos nunca mais motivo a que qualquer celebridade viajada tenha o direito de zombar de nós, _ vendo-se por nós adorada como uma divindade, quando não passa de um...Fort!

Revista: *A Bruxa* - Seção "Crônica"
n. 26 – 31 de julho de 1896 - p. 2-3
Diabo Coxo

Foi... foi quando? Foi em um dos últimos dias da semana passada. Eram quatro horas. Esta benta mão tinha ficado, por três horas a fio, correndo sobre tiras de papel, ganhando, com o suor negro de uma pena. Soënnecken, o pão amargo trabalho... Eram quatro horas, e havia sol, e (disse eu, de mim para mim) "deve haver muita mulher bonita na rua do Ouvidor!"

Saí... Ah! lembro-me agora de que era sábado! Era o doce dia, - tão amado de todos que até a sabedoria popular já afirmou que não há sábado sem sol... Doce dia! Doce, para as crianças, que, numa revoada alegre, saem do colégio, com um rufo ansioso de asas, livres da cara rebarbativa do mestre, livres do gelado silêncio do salão de estudo, livres da aridez dos compêndios secos: - doce, para que trabalham de sol a sol, toda a semana, sobre a terra combusta ou, dentro das oficinas, no ar abafado, perto das forjas; doce, para todos! Dia de esperança e de amor, dia em que se recebe dinheiro, dia em que se ama a vida, - sábado, de Nossa Senhora! Sábado abençoado!

E, como havia muito sol e como devia haver muita mulher bonita na rua do Ouvidor, sacudi fora do pescoço a canga do trabalho, estirei os braços cansados, e marchei para essa ignóbil rua do ouvidor; tão estreita, tão suja, tão feia, - mas tão nossa!

Notei, então, que a lapela do meu *veston* estava fúnebre, negra, sem a nota alegre de uma flor... Ai! E este desgraçado passara toda a manhã a alinhar, sobre o papel, rosários de flores de retórica!... – E, calmamente, fui levando os passos até a esquina da rua de Gonçalves Dias...

Ai! À porta da Creten, é que costuma fazer-se o nosso mercado de flores.

Os vencedores são feios e mal trajados; o ponto é hediondo: péssimo o calçamento; encharcada sempre a rua, sempre cheia de gente triste, vestida de negro, carregada de embrulhos, que caminha olhando o chão, como quem antecipadamente procura a sepultura; à porta do Café do Rio, alguns mocinhos pálidos e esquentados discutem política, decidem dos destinos da pátria, fazem algazarra, vaiam os que passam...

É, realmente, hediondo o ponto: mas, que quereis? Todas as mulheres bonitas passam ali, e é ali que se vendem flores; portanto, é o ponto mais belo da rua do Ouvidor, e, por conseqüência, o mais belo do Rio de Janeiro e do Brasil.

Oh! As lindas, as cheirosas, as fulgurantes flores que ali se vendem!

Em linha, perfilam-se os floristas, de pé, equilibrando sobre a calçada as largas prateleiras de folha pintada, cheias de água fresca. Em cima, vermelhas ou brancas, estas rajadas de cor de rosa, aquelas pintalgadas de sangue, pompeiam as vaidosas camélias, - orgulho do inverno. Mais abaixo, entre as margaridas redobradas, viça a mimosa carnação das angélicas, esplende a polpa carnuda das dálias impassíveis, e pavoneiam-se, retorcidas, extravagantes, escandalosas, as parasitas, as fúcsias, as orquídeas. Mas é dentro das conchas das latas, cuidadosamente regadas de cinco em cinco minutos, que se acolhem as mais belas

flores, - as violetas suaves, que têm o roxo das olheiras das grandes amorosas, e as rosas... As rosas! Umas em botão, como virgens, timidamente fechadas, outras abertas, desnudando ao sol o ouro do pólen, como gloriosas e desavergonhadas meretrizes, - estas brancas como neve, aquelas amarelas como as folhagens do fim do outono, quais ferindo a vista com a púrpura das pétalas, quais desmaiadas e pálidas...

Ah! meus amigos! Lembrai-vos de que, ao lado dessas flores, estão continuamente passando outras flores, de carne! Palpitando! Sorrindo! Namorando! – e reconhecereis, comigo, que aquela esquina da rua de Gonçalves Dias é o ponto mais belo da rua do Ouvidor, e, por conseqüências, o ponto mais belo do Brasil!

Mas, ia eu contando um caso reles, e deixei-me ir pelo elogio das flores... Retrocedamos! Fui comprar uma flor, e pasmei, vendo o ponto deserto. Fui até a esquina da rua da Uruguaiana: e nada de flores! Ansioso e aterrado, subi ao largo de S. Francisco: nada de flores! Voltei espantadíssimo, entrei na *Pascoal:* todos aqueles que, como eu, têm a paixão das flores, estavam com as botoeiras viúvas, e tinham a face, como a minha, inquieta e angustiada...

Não havia flores na rua do Ouvidor!

Não vos direi a tarde e a noite que passei!

Só dois dias depois, abrindo o *Jornal do Brasil,* tive a explicação do terrível acontecimento. Lá vinham estas linhas incríveis:

"A nossa polícia, que tem às vezes caprichos bem extravagantes, entendeu agora que não se deviam vender flores na rua do Ouvidor. E, como alguns negociantes deste artigo, tendo pago o imposto de sua profissão, persistissem em andar por ali, onde sabem se encontrar a melhor freguesia, tirou-se ontem a polícia de seus cuidados e prendeu a um lote deles. Por fim, tiveram de pagar a multa de dez mil réis, de cuja importância não houve quem quisesse passar recibo".

Felizmente, a arbitrariedade não teve quem a defendesse: logo no dia seguinte, os mesmos vendedores de rosas e camélias reapareceram. Mas, pouco importa! Eu sempre quereria que esta bemaventurada, esta gloriosa, esta imortal polícia me dissesse o mal que a uma cidade tão suja e tão triste, onde as ruas suam lama e as almas suam tédio, podem fazer cindo ou seis latas cheias de flores frescas!

Ai! Bem aventurados os agentes de polícia, porque deles é o reino... do jogo dos bichos!

Revista: *A Bruxa* - Seção "Crônica"
n. 27 – 7 de agosto de 1896 - p. 2
Diabo Coxo

Na passada sexta-feira – (mau dia para quem não é bruxo!) s. exa., o Sr. presidente da República foi visitar o Hospício Nacional de Alienados. Para que a visita fosse uma perfeita surpresa, não quis s.exa ir por terra: Não! Que há muitas comunicações telefônicas entre a rua Larga e a praia da Saudade, e, muito antes de chegar o visitante ao largo do Machado, já no Hospício se saberia que o mais alto magistrado da nação marchava a visitar os seus jurisdicionados malucos... Assim, s.exa. preferiu ir por mar. Tomou a sua galeota, com a sua casa militar, e lá se foi, cruzando as plácidas águas de Guanabara, em demanda da sinistra praia em que demora a Casa dos Desequilibrados.

Nem sei mesmo como consegui meter-me a bordo da galeota. O mordomo do Paço, o Sr. Filadelfo, - um homem que, quando dá para mordomo, é mordomo como todos os diabos, - exercia, com os seus olhos de Argus palaciano, uma vigilância feroz sobre o interior da galeota, e sobre o cais, e sobre os botes que cruzavam a baía, e sobre as nuvens que enchiam o céu, e sobre as gaivotas que roçavam a água.

Mas, consegui meter-me dentro da carvoeira, e assim pude acompanhar o Sr. Presidente como repórter d´*A Bruxa.*

Quando chegamos ao Hospício, não éramos esperados. Não vades pensar, porém, que, por isso, encontramos tudo aquilo sujo, e os loucos com algemas nas mãos e golilhas no pescoço, e os enfermeiros armados de *knouts.* Não, senhores, estava tudo limpo, os enfermeiros sorriam, passeando, e os loucos, entregues às suas manias habituais, cantavam, ou monologavam, ou esgarratavam o nariz, ou andavam sobre um pé só, ou traziam à cabeça uma coroa de papel, ou tratavam de remediar o mal financeiro, ou faziam versos... De maneira que estava tudo sem alteração. E esse é que foi o mal, amigos! Porque, não sabendo da visita do A Sr. Prudente de Moraes, não pôde a administração do hospício preparar o ânimo dos seus administrados, recomendando-lhes que não falassem com a sua sinceridade de malucos ao chefe do Estado.

E ides ver o que sucedeu. Foi um pavor

Já tínhamos visitado as cozinhas, os refeitórios, os dormitórios, os oratórios, e os... vergalhatórios. S.ex.., satisfeitíssima, já se preparava para sair, fazendo francos elogios a administração, quando se deu o pavoroso caso.

Estamos todos num dos pátios do Hospício. E vimos aproximar-se de nós uma figura espectral: um homem alto e magro, de cara lívida, barbas escorridas, com uma coroa de espinhos na cabeça. O Sr. presidente da República ficou olhando, pasmado, aquele singular maluco. E, como se visse gravemente cumprimentado por ele, - estendeu-lhe a mão com afabilidade.

Notei logo que o administrador do Hospício, muito pálido, procurava já afastar dali s.ex., com a inconsciência de um homem que se atira a um abismo, começou a conversar com o louco:

- Como vai, meu amigo? Que coroa é esta?

- Isto é uma coroa de espinhos, senhor! Sofri mais do que Jesus, e mais do que ele mereci este símbolo de martírio. Se estou aqui, é porque estou louco; e se estou louco, é porque me meti a governar um grande país que houve outrora...

- Mas, então, já governou um país? – perguntou s.ex.., impressionada pelo ar circunspecto do alienado.

- Já sim, senhor! Caí nessa asneira, e o resultado foi este: vim dar com os ossos nesta mansão deliciosa.

- Mas, que desastre, que contratempos, que calamidades, que desgraças cairiam sobre o seu governo, para assim lhe alterarem o juízo, homem?

O louco fitou demoradamente o sr. Prudente de Moraes e, depois de três ou quatro inclinações de cabeça, começou

- Saiba que, quando tomei conta do governo do tal país, estava todo o mundo ansioso por ter um bom chefe. É quando eu cheguei, todo o mundo me cobriu de bênçãos. Tinha havido uma grande guerra civil, e os ânimos estavam irritados. Mas ambos os partidos me acolheram com júbilo. E comecei a governar. Ai! De mim! Por que é que não governei sozinho? Escolhi uma porção de ministros, e é graças a eles que estou reduzido a esta miséria moral. Um educado na escola de um Barbosa Fera que então havia, ensinou-me a desmoralizar o poder judiciário; outro, tanto chicanou com as cousas diplomáticas, que me pôs às costas a responsabilidade de um protocolo infamante; outro, a quem dei o encargo de gerir a fazenda pública, pôs-se a dormir e arrastar-se como um cágado anquilosado de modo tal, que chegou a me convencer de que a maior delícia do mundo é ter o cambio a O; outro, encarregado das cousas da guerra, desandou a fazer jacobinismo e afastou de mim o federalismo; e, finalmente, o último, encarregado das cousas da marinha, desandou a fazer federalismo e afastou de mim o jaconismo... E, assim, vim de desastre em desastre, até que perdi a cabeça, e aqui estou!"

Nesse momento, o Sr. Mordomo Filadelfo, vendo que a narração do louco estava perturbando o Sr. Presidente da República, tomou-lhe o braço, e procurou o sr. Presidente da Republica, tomou-lhe o braço, e procurou tirá-lo dali:

- Vamos, excelentíssimo! Este maluco não sabe o que está dizendo!

Então, o louco, coroado de espinhos, mediu desdenhosamente o mordomo, e disse gravemente ao Presidente:

- Ia-me esquecendo de lhe dizer que uma das cousas que mais contribuíram para me enlouquecer foi possuir um mordomo que se metia onde não era chamado...

Tableau! Ninguém disse mais nada... Saímos acachapados. E só respiramos desafogadamente, quando a galeota se afastou da praia...

Revista: *A Bruxa* - Seção "Crônica"
n. 28 – 14 de agosto de 1896 - p. 2-3
O.B.

Flores murchas... Flores murchas... Foi onde primeiro os meus olhos pousaram, nesta triste manhã, em que cinco minutos de nuvens sucedem a cinco minutos de sol. Ainda elas brilhavam, as pobres murchas, da luz dos teus olhos, minha formosa desconhecida!... – um último relâmpago, indeciso e pálido, pálido crepúsculo do dia que as iluminara...

Não sei porque se me aferrou à cabeça esta idéia! E, em tudo quanto vi durante o dia, vi a desolação das flores murchas, a tristeza dos berços vazios, a mágoa dos ninhos desertos. Má que tu foste, minha desconhecida! Má que tu foste!... Para que havia eu de ficar com estas flores efêmeras, com esta luz de um dia, com este perfume de uma hora?!

Vi tudo murcho, vi tudo efêmero, vi tudo triste. E agora daqui te vejo, impiedoso leitor! De nariz torcido e lábio arrepiado, já com medo de tantas flores murchas... Perdão! Não vou fazer desta crônica uma lamurienta exposição dos meus tédios, numa ridícula ostentação da minha miséria moral. Bem sei que, se as minhas flores estão murchas, não falta por aí quem tenha o coração aberto, numa palpitação verde e cheirosa de primavera: e sei mais que à população não pode interessar muito a história dos meus aborrecimentos...

Mas todo este caso de flores murchas (que não interessa a VV. EExs, minhas senhoras, nem a VV. SSss, meus senhores) é apenas um trabalho de engenharia: estou assentando uma ponte, em que, da divagação oca do exórdio, vou passar à grave discussão do assunto.

Ai! de mim! E feliz de quem não vê o Brasil moribundo! Todo o mundo se diverte, e vai ao teatro, e corre aos concertos, e delicia-se com "O Filhote" da *Gazeta.* Todo o mundo ri...

O Brasil escova a casaca velha para o baile, mete à força a mão gelada e rígida na luva. E como aquele esqueleto de que fala Antero do Quental, *irréprochablement* vestido a *Benoton:* tem sobre o crânio despelado e seco aquela camélia rubra do conto de Poe, e traz uma gravata branca em volta do pescoço, frouxa, dançando sobre o clarão? Saudários de gelo ou caudas de vestidos de baile?

Vamos todos ao baile! Cinqüenta múmias vieram do Egito expressamente, para a festa: contratamos todos os fantasmas de Ratcliff e todos os espectros de Hoffman; pedimos emprestado um luar funéreo, para em mais névoa e mistério envolver a primeira quadrilha da decomposição da nossa nacionalidade.

En avant! Já a orquestra prelúdia os compassos primeiros da *Danse Macabre* de Saint-Saens: já os ossos estão chocalhando, já os ciprestes estão assobiando. *Em avant!* Não basta a orquestra? Então, que a Inglaterra nos estale pontapés nas costas! Que a Itália nos bata bofetadas nas caras! Que a guizalhada festiva das injúrias, que os cronistas parisienses nos atiram, dê um sabor de petenera a quadrilha fúnebre, em que o Brasil faz de par marcante, dando o braço a Humilhação! *En avant!*

O regente, agora, é o Sr. Prudente de Morais. Quando o minuto final soar a honra do Brasil, s. ex. recompensará a boa vontade de agonizante, dando-lhe uma chaventa do seu reconfortante chá presidencial. O violino de ataque é o Sr. Carlos de Carvalho: a cada humilhação nova que sofremos, S. ex. tem sorriso doirado nos lábios, e convence-nos de que é preciso festejar mais uma vitória da nossa diplomacia...

Ai! as vitórias da nossa diplomacia!

Toma-nos a Inglaterra a Trindade. Reclamamos, berramos, enrouquecemos, esfalfamos-nos, suamos, a reclamar o que é nosso... Nada! Afinal, Portugal, velho pai bondoso que ama o filho apesar das suas ingratidões; Portugal, a quem ainda ontem insultávamos asperamente (porque sabíamos que a nação inválida, de onde saímos, não tinha pena de nós, pede a Inglaterra que nos restitua a Trindade... A Inglaterra, com um dar desdenhoso de ombros, restitui a Trindade, não ao Brasil, mas a Portugal. E é de Portugal, é da chancelaria de Soveral, que recebemos a restituição do que nos haviam furtado... A Inglaterra nem ao menos se dá o trabalho de, numa curta nota diplomática, pedir-nos desculpa da ligeireza e da sem-cerimônia com que nos havia surrupiado a ilha!

E chama-se a isto... que? Chama-se a isto uma vitória da nossa diplomacia!

A Itália atira sobre nós uma catadupa de reclamações quer que lhe paguemos tudo quanto gastou com as derrotas de *Baratieri;* quer que o Brasil seja uma vasta Eritera; quer que os seus filhos valham aqui mais do que os nossos. Sem hesitar, damos a Itália tudo.

E chama-se a isto... quê? Chama-se a isto uma vitória da nossa diplomacia!

En avant! É o baile final! Dancemos, e façamos barulho! Mas tanto barulho, que ninguém possa ouvir o nosso estertor...

Amanhã, bofetada da Espanha: depois, cachação da França; depois, murro da Alemanha... Que importa? *En avant!* Cubramos-nos de galas, mas de tantas galas, que ninguém possa ver as nossas costelas sem carne!

Gastemos alegremente o último vintém dos que ainda existem nas moles mãos de Rodrigues Alves! Jacques Rola fez a mesma cousa:

Il prit trois bourses d´or, et durant trois années,
Il vécut au soleil, sans se douter des lois;
Cen´etait pour personne um object de mystére
Quíl eut trois ans a vivre, e quíl mangeat son bien;
Le monde souriant em le regardant faire,
Et lui, qui lê savait, disait a Pordinaire
Qu´il se ferait sauter quand d il n´aurait plus rien

Mas o Brasil nem mesmo terá a necessidade de se suicidar. Está morrendo sem violência. O regente toma chá, o violino de ataque sorri, encantado com as vitórias da sua diplomacia, e nós já estamos caindo de podres... *En avant!*

Ai! que maldita lembrança a destas flores que estão depressa murcharam!

Porque não hei de ser, como toda essa gente, que vê sorrir um amor eterno num capricho fugaz, que vê nascer uma madrugada perpétua num relâmpago efêmero, e que acredita na eternidade das flores... e no futuro das nações que não prezam a sua honra!

Revista: *A Bruxa* - Seção "Crônica"
n.29 – 21 de agosto de 1896 - p. 2-3
Fantasio

Otto Lilienthal, um alemão atrevido e sonhador como todos os alemães, acaba de levar mais longe do que Schiller e Goethe a natural inclinação que esses filhos de uma pátria de neblinas têm para as aspirações do ideal e os estravaguei do sonho. Otto Lilienthal é o Ícaro moderno: inventa equilibrar-se no ar, como os gaturamos e os condores, e conduzir-se, e subir até a região plácida em que os astros rolam melancolicamente, desde o princípio do princípio. Moderno, principalmente, porque não teve, como o antigo Ícaro da fábula, a pretensão estulta de chegar até o seio solar, equilibrado em asas de cera. Mais modesto e menos confiado em si, preferiu atirar-se do alto de uma torre de 80 metros de altura, a demandar atrevidamente com as suas asas de teia e vime as regiões em que pompeia o astro-rei, fonte da vida e da luz, cujo clarão só não cega, segundo o chavão clássico, os olhos dominadores das águias.

Realmente, devia ser um filho do norte da Europa o primeiro homem-voador. Nós outros, que amamos o bom sol e que o temos tão perto, podemos contentar-nos com a terra.

O bom sol! O seu bafo criador faz que o chão rebente numa explosão de flores e de frutos, - cousas que embebedam a vista e o paladar.

A esse mesmo bafo ardente e criador, irrompem do solo os matagais de vegetação possante, cuja grandeza e cuja alegria como que se comunicam ao homem que junto deles nasce. Depois, nestes países de sol ardente, o céu é tão azul, as mulheres são tão belas, e é tão bom e tão fácil amar! De modo que, com alegria e saúde, tendo diante dos olhos esta perpétua mocidade da natureza, e podendo de hora em hora esquecer as amarguras da vida na contemplação da beleza das mulheres, - a gente deixa-se boamente ficar na terra, satisfeita com a sua sorte, sem vontade de ir procurar a felicidade no céu.

Nesses países do norte, sucede o contrário. A terra é neles inclemente e feia: uma vegetação triste, que parece ter nascido de má vontade, só aparece de quando em quando, se o manto uniforme da neve, que a costuma cobrir com a sua monotonia implacável, há por bem deixar a descoberto um desolado pedacinho de verdura. Nenhuma destas grandes rosas tropicais, cuja carnadura triunfante, inflada de um sangue púrpuro, canta a glória da terra e da vida em nossas regiões abrasadas.... Nada disso! Nessas zonas gélidas, as flores nascem chorando já a sua desventura e a sua fraqueza; como que uma grande mágoa as martiriza ainda em botão: são berços órfãos de luz e de calor...

Nascido no meio dessa tristeza, o homem alonga os olhos desesperados pela terra que lhe coube em sorte por pátria, e reconhece que a vida lhe vai ser um aborrecimento e um incômodo. E a paisagem fria e cinzenta lhe entra pela alma, transformando-a também numa planície morta, em cuja sombria aridez só pode brotar a tímida flor indecisa do sonho, a pálida edelweiss das vagas aspirações.

Que resta, pois, de aprazível e belo, no domínio da terra, ao infeliz cujos desejos e cujas idéias se debatem, duramente estranguladas por essa moldura de gelo? Resta o amor...

Mas as mulheres de lá não são como as nossas, que têm no fulgor do sorriso e na soalheira do olhar a alegria de viver... São brancas e Vaporosas como fantasmas. Vendo-as, julga-se ver exiladas habitantes de outros mundos de ouro, filhas desses astros que os nossos olhos admiram de longe: tanto, que elas aparecem guardar nos cabelos, flavos como o seio de Aldebarã e de Sirius, o reflexo vago da claridade e do deslumbramento natais. Depois, até os seus olhos límpidos e calmos, de um azul de violeta apenas desabrochada, tem léguas e léguas de céu aberto. De modo que olhar-lhes os olhos é mais um incentivo para a aspiração de fugir da terra...

É por tudo isso que me não espanto de que tenha sido um alemão o primeiro homem-voador.

Eu, também, se fosse alemão, me deixaria tentar pelo desejo de abandonar a melancolia da terra, para passar além das névoas que me tapassem o sol.

Seja como for, é bela a empresa! Por ora, o atrevido Otto Lilienthal se tem contentado com arrojar-se, dentro do seu estojo, de uma torre de 80 metros, tendo atravessando uma distância horizontal de 250. Com o tempo e com a ajuda da paciência – qualidade que lhe não deve faltar – o ousado alemão será um pássaro verdadeiro, atravessado o céu, como nós atravessamos a rua do Ouvidor, e tendo sobre todos os outros pássaros a vantagem de voar com muito maior rapidez, porque a eletricidade lhe não há de negar a sua prodigiosa força motriz. Assim, Otto Lilienthal, o homem-voador, devorará milhões de léguas por hora, podendo, no mesmo dia, almoçar cocos e bananas numa floresta do Brasil às 9 da manhã, tendo tempo de às 4 da tarde jantar carne de foca numa das ilhas Lofoden...

O que eu não sei, é o que já estará pensando no fundo do seu imenso feudo azul, na capital do seu infinito império estrelado, o senhor Deus Soberano, ao ver crescerem deste modo o atrevimento e a pertinência dos homens. Porque, enfim, é bem possível que ele se tenha consolado e resignado, ao ter conhecimento das nossas descobertas e conquistas de até hoje:

Roubamos-lhes os raios e trovões, aproveitando-os para iluminar teatros e mover maquinas. Desbancamos, descobrindo a imprensa e fabricando as Marinoni, o seu velho e atrasado processo de imprimir códigos, a letras de fogo, no alto do Sinai. Creio que esses e outros desaforos nos deve ter ele perdoado, com a sua secular bondade e a sua inesgotável misericórdia. Agora, porém, o homem ameaça invadir os seus domínios. E é natural que o bom Deus tenha enrugado a testa formidavelmente...

Esperemos! Qualquer dia destes, S. Paulo, ministro e secretário de estado dos negócios do interior e da justiça na corte celeste, para salvar o céu da invasão de Otto Lilienthal as regiões inexploradas e profundas que se estendem desde a nossa atmosfera até o limite final do ilimitado... ou um pouco mais diante.

Revista: *A Bruxa* - Seção "Crônica"
n.29 – 21 de agosto de 1896 - p. 2-3
Fantasio

Otto Lilienthal, um alemão atrevido e sonhador como todos os alemães, acaba de levar mais longe do que Schiller e Goethe a natural inclinação que esses filhos de uma pátria de neblinas têm para as aspirações do ideal e os extravagueios do sonho. Otto Lilienthal é o Ícaro moderno: inventa equilibrar-se no ar, como os gaturamos e os condores, e conduzir-se, e subir até a região plácida em que os astros rolam melancolicamente, desde o princípio do princípio. Moderno, principalmente, porque não teve, como o antigo Ìcaro da fábula, a pretensão estulta de chegar até o seio solar, equilibrado em asas de cera. Mais modesto e menos confiado em si, preferiu atirar-se do alto de uma torre de 80 metros de altura, a demandar atrevidamente com as suas asas de teia e vime as regiões em que pompeia o astro-rei, fonte da vida e da luz, cujo clarão só não cega, segundo o chavão clássico, os olhos dominadores das águias.

Realmente, devia ser um filho do norte da Europa o primeiro homem-voador. Nós outros, que amamos o bom sol e que o temos tão perto, podemos contentar-nos com a terra.

O bom sol! O seu bafo criador faz que o chão rebente numa explosão de flores e de frutos, - cousas que embebedam a vista e o paladar.

A esse mesmo bafo ardente e criador, irrompem do solo os matagais de vegetação possante, cuja grandeza e cuja alegria como que se comunicam ao homem que junto deles nasce. Depois, nestes países de sol ardente, o céu é tão azul, as mulheres são tão belas, e é tão bom e tão fácil amar! De modo que, com alegria e saúde, tendo diante dos olhos esta perpétua mocidade da natureza, e podendo de hora em hora esquecer as amarguras da vida na contemplação da beleza das mulheres, - a gente deixa-se boamente ficar na terra, satisfeita com a sua sorte, sem vontade de ir procurar a felicidade no céu.

Nesses países do norte, sucede o contrário. A terra é neles inclemente e feia: uma vegetação triste, que parece ter nascido de má vontade, só aparece de quando em quando, se o manto uniforme da neve, que a costuma cobrir com a sua monotonia implacável, há por bem deixar a descoberto um desolado pedacinho de verdura. Nenhuma destas grandes rosas tropicais, cuja carnadura triunfante, inflada de um sangue púrpuro, canta a glória da terra e da vida em nossas regiões abrasadas.... Nada disso! Nessas zonas gélidas, as flores nascem chorando já a sua desventura e a sua fraqueza; como que uma grande mágoa as martiriza ainda em botão: são berços órfãos de luz e de calor...

Nascido no meio dessa tristeza, o homem alonga os olhos desesperados pela terra que lhe coube em sorte por pátria, e reconhece que a vida lhe vai ser um aborrecimento e um incômodo. E a paisagem fria e cinzenta lhe entra pela alma, transformando-a também numa planície morta, em cuja sombria aridez só pode brotar a tímida flor indecisa do sonho, a pálida *edelweiss* das vagas aspirações.

Que resta, pois, de aprazível e belo, no domínio da terra, ao infeliz cujos desejos e cujas idéias se debatem, duramente estranguladas por essa moldura de gelo? Resta o amor...

Mas as mulheres de lá não são como as nossas, que têm no fulgor do sorriso e na soalheira do olhar a alegria de viver... São brancas e Vaporosas como fantasmas. Vendo-as, julga-se ver exiladas habitantes de outros mundos de ouro, filhas desses astros que os nossos olhos admiram de longe: tanto, que elas aparecem guardar nos cabelos, flavos como o seio de Aldebarã e de Sirius, o reflexo vago da claridade e do deslumbramento natais. Depois, até os seus olhos límpidos e calmos, de um azul de violeta apenas desabrochada, tem léguas e léguas de céu aberto. De modo que olhar-lhes os olhos é mais um incentivo para a aspiração de fugir da terra...

É por tudo isso que me não espanto de que tenha sido um alemão o primeiro homem-voador.

Eu, também, se fosse alemão, me deixaria tentar pelo desejo de abandonar a melancolia da terra, para passar além das névoas que me tapassem o sol.

Seja como for, é bela a empresa! Por ora, o atrevido Otto Lilienthal se tem contentado com arrojar-se, dentro do seu estojo, de uma torre de 80 metros, tendo atravessando uma distância horizontal de 250. Com o tempo e com a ajuda da paciência – qualidade que lhe não deve faltar – o ousado alemão será um pássaro verdadeiro, atravessado o céu, como nós atravessamos a rua do Ouvidor, e tendo sobre todos os outros pássaros a vantagem de voar com muito maior rapidez, porque a eletricidade lhe não há de negar a sua prodigiosa força motriz. Assim, Otto Lilienthal, o homem-voador, devorará milhões de léguas por hora, podendo, no mesmo dia, almoçar cocos e bananas numa floresta do Brasil às 9 da manhã, tendo tempo de às 4 da tarde jantar carne de foca numa das ilhas Löfoden...

O que eu não sei, é o que já estará pensando no fundo do seu imenso feudo azul, na capital do seu infinito império estrelado, o senhor Deus Soberano, ao ver crescerem deste modo o atrevimento e a pertinência dos homens. Porque, enfim, é bem possível que ele se tenha consolado e resignado, ao ter conhecimento das nossas descobertas e conquistas de até hoje:

Roubamos-lhes os raios e trovões, aproveitando-os para iluminar teatros e mover maquinas. Desbancamos, descobrindo a imprensa e fabricando as Marinoni, o seu velho e atrasado processo de imprimir códigos, a letras de fogo, no alto do Sinai. Creio que esses e outros desaforos nos deve ter ele perdoado, com a sua secular bondade e a sua inesgotável misericórdia. Agora, porém, o homem ameaça invadir os seus domínios. E é natural que o bom Deus tenha enrugado a testa formidavelmente...

Esperemos! Qualquer dia destes, S. Paulo, ministro e secretário de estado dos negócios do interior e da justiça na corte celeste, para salvar o céu da invasão de Otto Lilienthal as regiões inexploradas e profundas que se estendem desde a nossa atmosfera até o limite final do ilimitado... ou um pouco mais diante.

Revista: *A Bruxa* - Seção "Crônica"
n.30 – 28 de agosto de 1896 - p. 2-3
O.B.

Como hoje é o dia de S. Bartolomeu, como em S. Paulo está morrendo gente a valer – sonhemos, alma!

Sei de um país em que havia árvores de dinheiro. Ao sol que o banhava, largo, de chamas vivas e esplêndidas, - a vegetação era a mais bela que jamais acudiu a imaginação do homem. De dia, era o país vestido com o ouro do sol; vestia-se à noite com a prata da lua.

Selvas cerradas, selvas espessas, emaranhadas: cada tronco de árvore rutilava, feito de grossos patagões de cobre justapostos; os troncos subiam na sua rigidez de cobre, destacava-se em galhos, repartiam-se em ramos. E de cada ramo brotavam folhas verdes, de um verde pintalgado de preto e branco, barioladas de algarismos, e de letras, - notas de banco, notas do Tesouro, cheque ao portador. E essas folhas torciam-se, confundiam-se, proliferavam, multiplicavam-se. E, no meio delas, de súbito, começavam a aparecer pontos de ouro, - flores da árvore das patacas, - que inchavam, rebentavam em sépalas de libras esterlinas, em pétalas de francos, em estamos rutilantes polvilhados de ouro...

Era a vegetação da riqueza. Cada mouta era um Eldorado. Por mais comedido, por mais modesto que um homem fosse, bastava-lhe dormir uma hora no esplendor dessa flora sobrenatural: quando acordava, acordava com a alma alagada de ambição, com o cérebro incidido de febre. E o brilho do ouro desse país transpunha os mares, galgava as serras, coroando-as de auréolas fantásticas, e ia refletir-se longe nos países estranhos numa perpétua madrugada de prosperidade e riqueza.

Os países vizinhos de Ouro ficava só, único, visível, cercado de deslumbramento e de glória...

Afinal, como a riqueza bruta nada vale, achou-se que era tempo de converter aquele ouro em trigo, para transformar aquele esplendor em conforto. O país era rico, o povo era pobre: era preciso enriquecer o povo com o ouro do país. E de todas as partes do mundo começou a vir gente para o trabalho da conversão...

Começaram os machados a trabalhar: o ouro começou a cair. E quanto mais ouro caía, mais ouro se queria. Era um dilúvio: já ninguém sabia que qualidade de moeda colhia: era ouro? Bastava! Caíam os napoleões gauleses, as orgulhosas libras esterlinas, os atrevidos dólares, os frios florins, os enfatuados marcos, as faceiras onças espanholas. E, ó espanto! Cada vez mais pobre o país! Diminuía nas árvores o ouro, aumentava a miséria no povo. A cada nova flor que caía dos galhos, correspondia uma nova contração no estômago do povo.

Por fim, as árvores nuas bracejavam no ar, desoladas e miseras... O ouro desaparecera. E tudo estava triste, e todos estavam pobres...

Então, naquela vasta colméia humana, composta dos mais disparatados elementos, lavrou a discórdia. Todos gritavam, e ninguém tinha razão; é o que sucede nas casas em que falta o pão. E ferveu o rolo, e roncou o pau, e estrondou o revólver. E dizem que, nessa época, quando mais descontentes estavam as almas, quando mais acessa ia a cizânia, um velho severo (há sempre um velho conselheiro Acácio que aparece nesses momentos!) apareceu, e falou ao povo.

Numa eminência, entre as árvores sem folhas, que bracejavam no ar, o seu magro de asceta bracejava também espectral.

Uma tristeza cobria tudo. Em vez do fulgor antigo do ouro, a treva abria sobre o país despojado as suas grandes asas de luto.

E o velho falou. E a sua voz troou como um bramido profético no silêncio triste da terra:

"Homens! Que vos faltou? Faltou-vos aquilo que vale mais do que o ouro! Eu sou uma espécie de Sancho Pança dentro da pele de uma espécie de conselheiro Acácio! Eu sou o universal Bom Senso! – Homens! que foi o que vos faltou, quando tínheis tanto ouro? Faltou-vos juízo, homens! Juízo! Juízo! Juízo!..."

E, longo tempo pelas planícies eram, pelas montanhas escaladas, pelas campinas despidas, ecoou, sinistra e má aquela palavra: "Juízo!"...

Revista: *A Bruxa* - Seção "Crônica"
n.31 – 04 de setembro de 1896 - p. 2
Mephisto

> Ai! De mim! Que já nem sei onde tenho a cabeça... Metido dentro do torvelim destes últimos acontecimentos, já nem sei o que pense, nem posso imaginar em que darão todas as complicações desta política espantosamente agitada.

Confesso que, a princípio, cheguei a ter medo da guerra. Medo, sim, porque afinal de contas, a gente aqui só possui um navio de guerra e meia dúzia de soldados... Mas esse meio terror, de que cheguei a ficar possuído, desapareceu completamente.

Em primeiro lugar, já não pode haver conflito entre a Itália e o Brasil, uma vez que o choque, em vez de se dar entre os dois países, já se deu entre dois homens. Porque, ó amigos, todo o conflito tem um choque inevitável, sem o qual a excitação, em vez de cessar, aumenta: dado o choque, cessa a agudez do mal. O choque deu-se na Câmara. Um deputado bateu com a mão a face de outro. E o outro, para não ficar sem vingança, bateu com a face a mão do primeiro. Esse bate-faces resolveu a questão.

Adeus, temores de guerra!

Não notastes que, assim que no recinto da câmara estrondou aquela tapona, calmou-se a excitação nas ruas, cessaram os morras à Itália e, tranqüilamente, os engraxadores reabriram as suas lojas e, calmamente, as chancelarias começaram a resolver as nossas pendências com a pátria de Dante?

Em segundo lugar, os últimos telegramas chegados são tranqüilizadores. Não falo dos telegramas em que se nos dá a notícia de que tal ou qual jornal de Roma se desmancha em injúrias contra o Brasil: artigo de jornal não matou nunca ninguém. Também não falo, naturalmente, dos telegramas de Buenos Aires, em que se diz que os nossos bons amigos do Prata estão, contra nós, ao lado dos italianos, reprovando quanto fazemos. Histórias! Bravata de gringo magro não mata brasileiro velho.

Mas falo deste telegrama da *Havas:* "Assegura-se que, perante as promessas feitas pelo Governo Brasileiro, de dispensar toda a proteção aos súditos italianos, residentes no Brasil, castigando severamente aqueles que atentarem contra as suas vidas e propriedades, o Marques de Rudini consentiu na partida para a América do paquete de *Raggio* com uma leva de imigrantes, devendo, contudo, as futuras levas aguardar ordens superiores, sobre se sim ou não podem seguir viagem. Parece, em verdade, que a medida governativa proibindo a imigração é de difícil execução, perante a vontade manifestada pelos imigrantes, aos quais nenhuma razão faz desistir do seu propósito de se expatriarem."

Ai! A Itália bem sabe que não pode passar sem estas terras de assassinos! Porque no dia em que a imigração fosse proibida para o Brasil, - os italianos, não podendo vir fazer barulhos aqui, fá-lo-íam lá, mesmo dentro da própria pátria.

E pensais que esta opinião é minha somente? Vede o que diz este outro telegrama da Havas: "O *Journal des Debats* diz que não há perigo de que se compliquem os conflitos do Brasil: e, ao mesmo tempo, lembra que os italianos andam fazendo barulho por toda a parte."

Se é isso mesmo o que convém ao governo italiano! Façam eles o barulho que quiserem e onde o quiserem fazer... contanto que não façam lá.

Não há guerra, não há nada! Mesmo tendo saído o Sr. Carlos de Carvalho do ministério, fica tudo como antes, no quartel general de Abrantes.

Revista: *A Bruxa* - Seção "Crônica"
n. 32 – 11 de setembro de 1896 p.2
O Diabo Coxo

Há dias, na *Cidade do Rio,* encontrei uma notícia encantadora. Vejamos se me não falha a memória, e se consigo reproduzi-la aqui, mais ou menos, em suas linhas gerais:

"O chefe de polícia, sabendo que muitos gatunos conhecidos vão freqüentemente visitar na Detenção os ratoneiros que ali se acham recolhidos, deliberou sustar a permissão para essas visitas. Entre os *habitues* contam-se Fulano Boca Queimada, Sicrano Pé Ligeiro, Beltrano Olho Vivo, Manduca Bonito, Juca das Moças, Alfredo Menina e outras celebridades do conto do vigário, da trancinha, do arrombamento e da escamoteação. Essa ordem policial já começou a ser cumprida e não pode deixar de merecer os mais francos louvores."

Balzac, na *Dernière Incarnation de Vauntrin,* estuda longamente essa amizade terrível que liga os criminosos, muito mais sincera e funda que a amizade que existe entre os homens de bem. Não se diga que essa união se funda apenas no interesse, e na solidariedade que o crime estabelece, pelo medo recíproco das delações e das traições. Há, às vezes, mais desinteresse no amor de dois patifes que no amor de dois justos. Tal sicário, capaz de todas as infâmias, é também capaz de todas as abnegações. Tal, que não hesita em matar toda uma família para roubar cem mil réis, não hesitará também em se atirar ao fogo para salvar um amigo.

Por isso, é preciso não imaginar que os gatunos a que se refere a local da *Cidade do Rio* vão visitar os seus colegas, em vilegiatura na rua Frei Caneca, - apenas com o intuito de com eles arquitetarem planos de novas gatunices. Não! Muitos lá vão por caridade, porque têm lá dentro, sofrendo, uma afeição sincera: não há pântano que não possua uma flor, assim como não há beijo que não tenha um micróbio...

Mas, não é para entrar nestas considerações de psicologia baixa, que reproduzo a notícia da *Cidade do Rio.* É para verificar mais uma vez como a lei, - a soberana Lei, filha da Justiça, - protege mais o mal do que o bem.

Aqui temos uma polícia que conhece mais que muito todos os gatunos do Rio de Janeiro. Sabe quantos são eles, qual é a sua organização, onde moram, onde jogam, onde se embriagam; sabe não só os seus nomes, como os seus cognomes, a sua idade, a sua nacionalidade, a sua filiação, as suas relações; é capaz de construir, dia por dia, hora por hora, o seu passado, a sua existência; sabe quantos relógios tem cada um deles furtado, em quantas algibeiras tem metido a mão esperta, quantas firmas tem falsificado, quantas portas tem arrombado, de quantas gazuas costuma andar apercebido, quantos cúmplices costuma empregar na realização das suas façanhas; - enfim, aqui temos uma polícia, que, por dever profissional, entende, mais que os próprios gatunos, de todas as manhas pelas quais se exercita, se desenvolve, e floresce a gatunagem nesta desventurada cidade...

Pois bem! Essa polícia, quando sabe que tais e tais gatunos, reconhecidos e perigosos, vão visitar os colegas na Detenção, - põe-se à porta, à espera deles, e, em vez de os conservar com os outros, na mesma prisão, para garantia das carteiras e dos relógios da gente de bem, - limita-se a cortezmente lhes pedir que se ponham ao fresco, deixando de visitar os amigos...

E, aí! Ninguém tem o direito de, por isso, descompor a polícia... Só se pode prender o gatuno quando se tem a *certeza jurídica* da gatunice. E ainda assim, para que foi que, principalmente, se inventou o *habeas-corpus?* Para que estudou e conquistou diplomas essa imensa multidão de advogados, - cachorros de porta de xadrez, que vivem dos restos dos furtos, defendendo os furtadores?

A culpa não é, pois, da polícia; a culpa é da Lei, essa filha da Justiça, que, apesar de ser mais amiga do Bem que do Mal, tem mais carinhos para o Mal, que para o Bem. Amiga-ursa, amiga-ursa, positivamente...

Já sei o que ides dizer. A humanidade, a beleza moral, a perfeição das leis consistem justamente em acreditar que cada acusado é um inocente, antes de acreditar que ele seja um criminoso. Isso é uma conquista da civilização... Pois, sempre vos direi que não é essa a única conquista da civilização que eu de bom grado dispensaria.

Com todos os diabos! Eu vivo a trabalhar como um mouro, pra ganhar o suado pão de cada dia. No dia 1º do mês, meto no bolso o dinheiro tão dificilmente ganho, e vou com ele pagar honradamente as minhas dívidas. Um gatuno vem, sorrateiro, e alivia-me desse peso a algibeira...

Queixo-me à Senhora Lei Soberana. E a Senhora Lei Soberana encolhe os ombros. A Polícia sabe que há na cidade tais e tais gatunos, cada um dos quais era capaz de fazer esse e outros furtos; mas como nenhum deles é *juridicamente* o furtador do meu dinheiro, ficam todos eles soltos, e fico eu na miséria...

Francamente, e deixando-nos de pieguices humanitárias: não vale mais a pena ser ladrão do que ser homem de bem?

Revista: *A Bruxa* - Seção "Crônica"
n.33 – 18 de setembro de 1896 - p. 2
Mephisto

Quer me parecer que já se pode falar alto. Já não temos visitas em casa... Os argentinos fartos de homenagens e festas, atacados de uma pavorosa indigestão de discursos e de acepipes, com os fígados estragados pelo abuso forçado do *champagne,* já lá se vão, mar em fora, levar ao Sr. Uriburu, chefe da Confederação do Prata, a afirmação de que não há brasileiro que não ame até o fundo das tripas essa formosa irmã do Brasil.

Pois sim! O que esses vão levar para lá, desgraçadamente, é a afirmação de que temos aqui um presidente de República, que, ostensivamente, escandalosamente, as escancaras, mostra um desdém soberano pela imprensa do seu país, - essa mesma imprensa que o acolheu com flores e carinhos, quando ele, saído das urnas do estado de sítio, veio tomar conta do Itamarati, - essa mesma imprensa que passou mais de um ano a louvar os seus atos, a encobrir os seus erros, a defendê-lo dos botes do jacobinismo feroz, a levantar uma muralha em torno da administração, e que só se resolveu a lhe dizer cousas duras, quando se convenceu de que s. ex. era um mole, um tíbio, um incapaz de trazer sobre os ombros o peso do cargo que lhe fora confiado...

Também, o Sr. presidente da República achou um bom meio de se vingar. Não contente com ter banido a imprensa das suas já hoje famosas recepções de chá com torradas – S. Exa., diante de estrangeiros, num momento em que a mais elementar delicadeza de costumes ordena que se não lave a roupa suja na rua, - continuou a ofender a imprensa, não a convidando para as festas que ofereceu aos oficiais argentinos.

Noticiando o *pic-nic* da Tijuca, o J*ornal do Comércio* foi claro e positivo. Disse que o sr. Presidente não havia convidado a imprensa, mas que "certamente não se teria recusado a *acolher* qualquer jornalista que lá se apresentasse."

Acolher – é sublime!

Dirão que isto, escrito em um jornal, por um jornalista, é apenas uma explosão de despeito. Não é outra cousa! cada um de nós tem a sua vaidade....

Nem só as mulheres têm amor próprio, - que, sendo a base do orgulho, é a base do mais nobre sentimento que se pode aninhar em coração de homem. Se fossem dizer a S. Ex, que Piracicaba é uma vila indecente, S. Ex. se escamaria; se fossem dizer a S. Ex. que os piracicabanos vão a almoços de casaca, e que durante as recepções diplomáticas se distraem, enquanto os ministros estrangeiros fazem discursos, e que oferecem a representantes de nações amigas *pic-nics* em que o peixe, além de *faisandé* demais, não chega para os convidados, S. Ex. ficaria acesa em cólera. Pois não?

É assim mesmo! Nós, os da imprensa, também não podemos ficar contentes, quando o Sr. presidente da República, banindo-nos das suas festas, nos trata como sujeitos de má figura e capazes de envergonhar o anfitrião...

Oh! Amado Presidente, tão louvado da Imprensa, tão coberto de festas, tão beijocado com tanta ternura, por quanta gente nesta terra empunha uma pena...

Enfim, uma dama cochicha-me aqui no ouvido esta frase: “Desgraçado! Já viste algum iletrado gostar de quem escreve?”

Revista: *A Bruxa* - Seção "Crônica"
n.34 – 25 de setembro de 1896 - p. 2-3
Diabo Coxo

Aqui ponho diante dos vossos olhos a seguinte carta, publicada pela *Notícia* de 21:

"Estimado diretor d´ *A notícia* -, Não sou, como dissestes anteontem, presidente do Clube Quinze de Novembro, formado pelos colonos da fazenda Pau d´Alho, em Piracicaba, mas simples sócio. Essa honra pertence a um italiano, sendo secretário um alemão, e procurador um preto.

Já que me fizestes tomar da pena, acrescentarei que o clube funciona há mais de um ano, dando mensalmente uma partida, dançante – fim principal de sua organização e que só ultimamente foi que tomou conta da escola da fazenda, que se achava temporariamente fechada. Espero que o congresso do meu Estado criará ali uma escola pública. – *Morais Barros."*

Não tenho grande dificuldade em crer que esta carta seja apócrifa. Pobre, quando vê muita esmola, desconfia. Cronista, quando acha assunto desta ordem, previne-se.

É bem possível que o Sr. Morais Barros declare não ser o autor da missiva. Que importa? Não posso esperar. Tenho o coração aos saltos dentro do peito, e a pena em convulsões entre os dedos.

Não! Felizmente, o Sr. Morais barros não é o presidente do Clube 15 de Novembro, do Pau d´Alho! Felizmente, porque a sua presidência nada traria de interessante para a crônica.

Não! O presidente desse grêmio dançante do Pau d´Alho, que acaba de tomar conta da escola da fazenda, é um cidadão italiano, tendo, como secretário, um cidadão alemão, e como procurador, um cidadão preto.

A cor preta não é, por si só, nacionalidade. Há pretos portugueses, ingleses, espanhóis, franceses. Mas, para que o Sr. Morais Barros, parece que, quando se diz *um preto,* quer-se dizer – *um brasileiro.*

Admitido isso, vê-se que bela, que importante revelação, prenhe de motivos de orgulho para Piracicaba, existe no enunciado simples e claro da famosa carta que *A Notícia* publicou:

A aliança da Itália e da Alemanha, na Europa, (bem o sabeis), é fictícia. Aliança híbrida, verdadeiro crime contra a natureza, consórcio de raças profundamente separadas pelas diferenças de sangue e de educação,- ela é apenas uma união de interesse, transitória e falsa. No fundo, detestam-se cordialmente alemães e italianos, que, qualquer dia destes, podem engalfinhar-se, por qualquer rivalidade de colonização na África ou na América.

Mas, em Piracicaba, a aliança entre a Alemanha e a Itália é inabalável e profunda. Ali, a trêfega Terpsicore uniu indissolúvel, no hábito das danças do Clube do Pau d´Alho, essas duas nacionalidades.

E o que dizer da presença do preto, investido das altas funções de procurador do *15 de novembro?*

Esse cargo... (Perdoai-me o exagerado cuidado com que vou esgaravatando todas as minúcias desta gravíssima questão: reputo-a da mais alta importância, e quero deixá-la estudada em todas as suas faces). Esse cargo de procurador é o mais difícil e o que demanda maior trabalho e mais probidade. O presidente dá ordens e administra; o secretário redige atas: mas o procurador cobra as mensalidades dos sócios, e move os fundos morais.

Não me digais, que, mesmo assim, mais importante é o cargo de tesoureiro. Engano! O tesoureiro guarda o dinheiro em casa, dentro de uma gaveta ou de uma burra. Mas o procurador anda com ele no bolso, daqui para ali, na faina das cobranças. E dinheiro que está no bolso é dinheiro que quer ser gasto, é dinheiro que está morrendo por ser posto fora.

Piracicaba (glorioso berço do preclaro cidadão que ora dirige os destinos da nação) deve ser uma cidade cheia de seduções. Imaginai agora o preto-procurador, com os fundos sociais do Clube do Pau d´Alho dentro do bolso, cruzando as ruas, vendo aqui uma venda de onde sai o cheiro captoso da caninha, vendo ali um alfaiate que expõe belas calças e rutilantes coletes, vendo acolá, dentro da moldura de uma rotula, a cabecinha brejeira de uma cafusa condescendente, de beicinhos roxos que pedem beijos, e de olhos imensamente fundos, que atraem como abismos...

Estais imaginando o preto-procurador, atraído, solicitado, embriagado por todas essas seduções?... Ai! Haveis de confessar que o cargo de governador é espinhoso, e que a nomeação desse preto, para o desempenhar, indica que ele é um homem probo, que merece toda a confiança e toda amizade do presidente do *15 de Novembro.*

Ora, bem! Enquanto aqui estamos nós a olhar desconfiadamente para o Sr. ministro de Martinho, enquanto referve aqui o conflito ítalo-brasileiro, - em Piracicaba, nesse doce remanso, nesse admirável seio de Abraão, Terpsicore congraça o preto brasileiro e o branco italiano, sentando-os par a par na diretoria do Clube dançante do Pau d´Alho...

Não há ali idéia de protocolos, nem de Metropolitanas, nem de Caminadas, nem de Franzinis, nem de Totós, nem de contratos de imigração. Entre aqueles dois homens, um branco e outro preto, um nascido na pátria do café e o outro nascido na pátria do Capri espumante, e ambos apaixonados pela dança, e ambos amando a valsa e a quadrilha e a polca e a mazurca, - entre esses dois maiores do Club do Pau d´Alho, não há sombra do conflito, nem reflexo da rivalidade que hoje separa as duas pátrias!

Oh! prodígios da dança!

E ainda o sr. Morais Barros termina a sua carta à *Notícia,* dizendo esperar "que o Congresso do seu estado ali funde uma escola pública"!

Uma escola para que, respeitável senhor? Quer então v. ex. desmanchar com as mãos, escrevendo cartas, a grande obra conciliadora que o italiano, o alemão e o preto fizeram com os pés, dançando polcas?

Deixe v. ex. a escola da fazenda ocupada pelo clube dançante do Pau d´Alho! Não queira substituir o livro à mazurka, a táboada à schottisch, o cursivo à quadrilha americana!

No dia em que aquele preto, aquele alemão e aquele italiano souberem ler, lerão jornais e saberão dos conflitos internacionais, e haverá uma consagração no Pau d´Alho! Que

dancem, que dancem, que dancem! Almas escuras e pernas ágeis, - há caminho mais curto e seguro para alcançar a Felicidade?

Revista: *A Bruxa* - Seção "Crônica"
n.36 - 9 de outubro de 1896 - p. 2-3
Lusbel

Crônica – O Divórcio

O maior e o mais pertinaz inimigo do Divórcio é, sem dúvida, o padre; o padre que foi sempre um obstáculo lançado a toda idéia radical, em caminho de realização. A humanidade não tem deixado, por isso, de galgar esse obstáculo, de suprimir esse óbice, de romper essa aqui secular muralha chinesa, emperrada na sua fé criminosa e no seu dogma quase inexpugnável.

O clero não quer compreender que, depois de 1789, o Estado abrigou as matérias religiosas, pondo-se fora da influência da Igreja. Malgrado todos os esforços para o tornar clerical, o Estado é leigo.

Um legista da Revolução exclamou um dia: - "A lei é atéia!" E o é de fato. Ninguém mais crê no que prega a Igreja, pelo órgão de seus representantes, e as nações, ainda que lentamente, vão-se emancipando dessa pesada tutela, a qual, durante séculos, se apoderou do espírito de reforma dos negativistas extremados, a princípio pelo trabalho paciente da evangelização dogmática, depois pela *mise-en-scene* sanguinária dos instrumentos de suplício e pela conflagração terrorística do extermínio, em nome de uma fé despótica e de uma crença inviolável. A ação, porém, exercida pelo clero sobre o homem foi cedendo lugar a essa emancipação salutar da razão ecumênica, que opôs o seu direito e a sua liberdade às pretensões extemporâneas e, já então, absurdas da Igreja Católica. O que padre algum negará, se for um homem de bem, coisa rara entre padres, é que do seio das nações se obliterou o caráter religioso do direito imperativo, propagado pelas bulas pontifícias e que fez da consciência humana, durante séculos, uma serva obediente.

O que é mister é que nos esforcemos por tirar às leis, que dirigem as nações, o cunho de religiosidade católica de que vinham eivadas. Já temos conseguido muito, e dentro em pouco tempo a Igreja terá aberto mão do suposto direito de se apropriar do homem, como de coisa sua, e de afeiçoar-lhe o espírito segundo os moldes da sua teocracia intolerante.

Para trás essa dominação deprimente! O casamento é um contrato, um *nexum,* como qualquer outro.

Não o enfeia, nem o apouca, o dar-lhe a lei a forma de uma obrigação contratual.

É um elo, é uma cadeia, que não necessita das formalidades religiosas para soldar-se.

Deixai, padres corrompidos, sacerdotes da mancebia, garanhões de comadres demoníacas, pais sacrilegos de filhos danados, que o amor impere livremente! Que tende vós com o meu coração, com o puro surto da minh´alma para um bem que em outra alma se aninhou, e que me chama, e que me pede que o vá buscar? Não estais satisfeitos ainda com a vossa obra de dissolução, com os vossos preceitos de moral que vos ordenam não toqueis nas vossas ovelhas com a vara das vossas satiríases, que aumenta, à medida que a vossa hipocrisia se embebe no calix, que simboliza a amargura, e se irrita, se a noite os vossos olhos pousam no rosto de alguma formosa e meiga criatura, que o pontífice do vosso culto por desfastio canonizou?

Vede o Rechôa – o santarrão do Paraná – o Casa nova apostólico, se é mais puro do que outro qualquer, que, como ele, conserta o pigarro e acarinha o malungo por baixo da batina, se alguma estrela irradia, ajoelhada, junto ao púlpito, ou ao pé da hóstia... Que quereis? Sois de carne e osso como eu... e, talvez, vibram mais frenéticos os vossos nervos, é padres que o inferno aguarda com os tições inflamados e as fornalhas em labaredas!

Por que vos opondes a que um parlamento republicano decrete a dissolubilidade do laço conjugal? Achais, porventura, que eu hei de ir buscar na reunião ilegal o conforto para o meu coração, a paz para o meu espírito, o estímulo para a minha inteligência? Se me enganou a mulher a que me uni; se a minha coabitação com ela se tornou impossível, porque sou um homem honrado e ela uma depravada; se ao contrário, ela é uma santa e eu um devasso, porque havemos de estar jungidos um ao outro, se posso encontrar no divórcio, se sou um homem digno, a esponja com que apague a recordação da minha desonra, e ela, o bálsamo para o seu coração, duramente ofendido, se é uma mulher casta?

Não... Hei de dilacerar os meus sentimentos de homem, o meu orgulho de esposo traído, nos espinhos de uma religião cruel, que fez da paga e da propina a base da sua moral e a página mais eloqüente do seu evangelho.

Que indigna farsa a desses charlatões de sotaina!

Andam para aí escandalosamente amancebados, carregados de filhos, saturados de vícios, enleprados de concupiscências diabólicas...

Opondes-vos? É inútil a vossa oposição! O princípio da vossa autoridade, da vossa soberania, começa a ser uns estremes, que ao próprio povo, ignorante em matéria de filosofia, faz rir e levantar os ombros, como se não desse grande crédito ao que pregais.

Quereis limitar o direito humano ao estreito âmbito do vosso cânon? Não o conseguireis! O que a Igreja tinha de dar já deu. – Hoje, não passa de uma superfetação no domínio geral do direito, que se esteia em fórmulas mais amplas e que faz da natureza humana a fonte perene das suas investigações. Chegando a conseqüências lógicas, proclamou a autonomia individual e fez dela um dos pontos mais sugestivos do estudo da psicologia e da história.

Não há de ser, portanto, o padre, que venha conter a expansão espiritual das sociedades e refrear as descobertas que a ciência vai acumulando dia a dia. Vivemos hoje num regime republicano que não tem com a Igreja a menor solidariedade!

Ela que vá vivendo dos seus expedientes e das suas explorações; os contos do vigário que a Igreja sugere e a coroação pode ainda iludir mais alguns palpados e arrebanhar mais alguns tratantes.

O divórcio é uma medida de interesse social. Há de ter o seu dia, como o teve a abolição dos escravos e a dos privilégios dinásticos, elementos tão corrompidos como os que a Igreja há dois mil anos com a rara habilidade explora.

Revista: *A Bruxa* - Seção "Crônica"
n.38 – 30 de outubro de novembro de 1896 - p. 2
Belfegor

"O Sr. Diretor do Hospício Nacional de Alienados oficiou ao ministro da Justiça, comunicando-lhe que, depois da rigorosa observação a que foi submetido o asilado Custódio Serrão, verificou se não sofrer esse indivíduo das faculdades mentais."

Isso que aí fica é uma notícia publicada há dias por todos os jornais da Capital. E o Custódio, de que aí se fala, é aquele mesmo Custódio que assassinou o tutor, e que, duas vezes recolhido ao Hospício, duas vezes daí fugiu, arrombando grades, iludindo guardas, saltando muros, e vindo cá fora alarmar a gente pacata: tudo isso, apesar da *rigorosa observação a que estava submetido* no Hospício, ou mesmo por causa dela...

Sim! Porque nesse ponto, defendo eu o Sr. Diretor do Hospício. A rigorosa observação a que deve ser submetido um suspeito, nos manicômios, consiste justamente em lhe deixar ao alcance da inteligência e das mãos todos os meios possíveis de evasão. Não é, certamente, confinando-o na treva de uma célula, impedindo o livre exercício das suas forças físicas e intelectuais, que se pode saber se o detido goza do uso pleno dessas forças, num estado regular, normal, fisiológico.

Estou mesmo informando de que as duas evasões de Custódio foram duas comédias habilmente preparadas pelo Diretor do Hospício, obedecendo a um plano genial de *observação rigorosa.* Sei, de fato, que os varões de ferro das grades haviam sido previamente limados, de maneira a que cedessem ao menor empurrão; sei que os guardas haviam sido previamente adormecidos, graças à propinação, que lhes fora feita, de uma dose forte de cloral; sei que, debaixo da janela do quarto de Serrão, previamente se haviam estendido colchões de palha macia, para que o *observado* não quebrasse, na queda, alguma costela; e sei que, de ambas as vezes, o diretor do Hospício, em pessoa, cautelosamente alapardado em um recôncavo da praia da Saudade, havia esperado e espiado a evasão, de modo a fazer juízo seguro sobre o estado mental de Custódio... Já vedes que, se qualquer maldizente se atrevesse a achar singular aquela *rigorosa observação* a que aludiram os jornais, esses maldizentes seriam ou um refinamento patife ou um consumado idiota!

Agora, declarado são e escorreito o cérebro de Custódio, que sucederá? Aqui é que bate o ponto mais sério do problema. Vai, naturalmente, Custódio ser submetido a processo. Condená-lo-a o júri?

Duvido. Na *dúvida, abstém-te!* – diz o velho e sábio conselho. Ora, o júri não se pode abster... E, assim, forçado a deixar o seu voto sobre um caso que lhe não parece claro, deixar-se-á inclinar, não para o lado do rigor, mas para o lado da misericórdia, e absolverá unanimamente o acusado. É, pelo menos, o que eu faria, se fosse jurado... Quem se atreverá a condenar a 20 anos de prisão celular um homem sobre o qual já pairou um dia a suspeita de ser maluco, e portanto irresponsável? É verdade que o diretor do Hospício já o declarou são... mas, nos tempos que correm, se nem mais o Papa Leão XIII é infalível, como o será o Sr. Teixeira Brandão?

Nada! Eu, por mim, absolveria o homem. E, com certeza, é o que vai fazer o júri.

É, daqui a um ou dois meses, teremos o nosso homem em liberdade, com o direito de matar a quem quiser.

Previnide-vos, homens inermes, tutores ou não tutores de Serrão! Que, eu por mim, por causa das dúvidas, vou passar a andar armado, - apesar de ser solteiro, e apesar de não ter passado no senado aquele projeto do Sr. Coelho Rodrigues...

Revista: *A Bruxa* - Seção "Crônica"
n.39 – 6 de novembro de 1896 - p. 2-3
Fantasio

Pobre rainha! Não que eu a tenha conhecido algum dia, porque nunca os meus passos vagamundos se perderam pelas curiosas terras de Honolulu... Não que algum dia, na sua corte preta, lhe tenha eu beijado galanteadoramente a pontinha dos dedos cor de carvão... Mas, sem a conhecer, choro a sua desgraça; já estou daqui a ver as lágrimas que lhe molharão a escura face, retalhada de tatuagens macabras, - quando ela, a pobre Lilinokalani, a desventurada rainha deposta, se vir exibida sobre um estrado, durante as conferências do *barnum* Hauser, apontada pelo dedo desse empresário de raridades, e devorada por milhares de olhos, ávidos de escândalo.

Porque é verdade: Lilinokalani, rainha de Honolulu, depois de perder o trono, vai perder a gravidade régia. Hauser, um americano *fin-de-siecle,* farejou uma minha de ouro debaixo da pele preta dessa rainha, e contratou-a para a uma *torunée* de escândalo pelas terras da grande União... Permitam que eu não deixe passar este caso sem um comentário desconsolado!

Lilinokalani, embrulhada nas suas suntuosas vestes reais, sobre um estrado carmesim, sob um docel de ouro, quedará, melancólica e muda, coroa à cabeça, mãos cruzadas ao colo, diante dos curiosos. Fora, à porta da barraca, estrompar-se-ão cornetas e arrebentar-se-ão tambores, num rufo hediondo, num desesperado clangor de *réclame.* E o povo todo correrá, ansioso, a ver esta cousa rara, esta cousa fenomenal, esta cousa teratológica: - uma rainha...

Depois do romance *Lês Róis,* de Lemaitre – só faltava este *coup de grace,* esta punhalada de misericórdia à realeza agonizante.

O rei Herman, da Alfania, rei socialista, apertando num abraço, a rubra Luiza Michel contra o peito em que fulgura o grande cordão da Águia Azul, - e a rainha Lilinokalani, do Honolulu, rainha de feira, correndo de barraca em barraca, em pós dos magros dinheiros que lhe renderá a sua exibição, - aparecem, aos meus olhos pasmados de cronista, como os últimos e genuínos rebentos dessa grande árvore sagrada, que, fixando as raízes no direito divino, anda há dezenas de séculos distribuindo galhadas reais e imperiais por todos os tronos da terra...

No romance de Lemaitre, Herman transige com as revoluções: e esse esforço é o último esforço da realeza que naufraga, é o último esforço do afogado que, antes de ir dormir para todo o sempre no fundo do rio, tenta ainda agarrar-se à massa podre e frágil das algas que encontra à mãos. Mas o caso de Lilinokalani é mais sério: depostas, Lilinokalani refletiu sobre

a fragilidade das cousas humanas, e, não podendo já utilizar a realeza para reinar, utiliza-a para ganhar dinheiro. O rei Milan da Servia levantou-se do trono para sentar-se à banca do *bacarat.* Lilinokalani, mais digna, em vez de se entregar a um banqueiro de roleta, entrega-se a um cornaca de celebridades.

Les rois s´eu vont – É possível que ainda, no espírito de algum defensor estrênuo de tronos e de prerrogativas, uma dúvida aponte... Mas, que importa que se trate apenas da rainha de Honolulu e não do imperador da Alemanha ou do tzar de todas as Rússias? O mesmo direito divino que colocou sobre o trono de S. Petersburgo os Alexandres e sobre o trono de Berlim os Guilhermes havia colocado dentro da cabana real de Honolulu esta rainha de ébano, que agora vai ser exposta como uma girafa ou uma galinha de quatro pernas...

Direito divino de brancos, direito divino de pretos... – que importa seja branco ou preto aquilo que não existe? *Les róis seu vont,* decididamente...

Quando o pequenino Luiz XV contemplava uma tarde o povo, que o aclamava sob as janelas do palácio, o seu preceptor, apontando a multidão, teve esta frase de um raro sabor: *"Sire, tout ce peuple est à vous!"* Se, nesse momento, pelo cérebro do pequenino rei pudesse passar a idéia do que ia suceder depois...

Hauser, o *barnum* de Lilinokalani, vai fazer conferências, a que a presença da rainha, espetaculosamente posta sobre o estrado, dará por certo um interesse singular. E, se Hauser quisesse intercalar nas suas conferências citações históricas, seria curioso ouvi-lo dizer, apontando para Lilinokalani: "Como dizia Boussuet, Deus é o verdadeiro rei: mas estabelece os reis como seus ministros, e, por intermédio deles, reina sobre todos os povos..."

E, no seu estrado, embrulhada nas suntuosas vestes reais, a pobre Lilinokalani teria ao menos o consolo de saber que era o próprio Deus que ali estava, melancolicamente exposto à curiosidade das turbas, - como um urso que sabe dançar ou com o undromedário que se equilibra na corda bamba....

Talvez me perguntei agora o que vem aqui fazer esta Crônica sobre a desventurada Lilinokalani... Ai! Amigos! Não achais que essa notícia, lida em um jornal francês, dá lugar a reflexões profundas, agora que os João Mendes, os Bezamats e os Bassons querem restaurar a monarquia?

Revista: *A Bruxa* - Seção "Crônica"
n.40 – 13 de novembro de 1896 – p.2-3
Fantasio

A assembléia legislativa do vizinho Estado do Rio teve este ano a idéia de reformar os programas de ensino das suas escolas normais. Cortou aqui, aumentou ali, e fez um trabalho minucioso, completo, longo.

De todas as reformas propostas a que mais fundamente calou no meu espírito foi esta: Havia nas escolas normais, no programa de ensino das meninas, uma cadeira mista, cuja professora lecionava, ao mesmo tempo, trabalhos de agulha e economia doméstica. Não sei se quem quis reformar o programa achou que ensinar as duas cousas simultaneamente era trabalho demais para uma só professora; não sei se achou uma incompatibilidade flagrante entre as duas matérias, considerando que fazer trabalhos de agulha (que são todos dispendiosos, demorados e pouco rendosos) já é uma negação de economia doméstica. O que sei é que foi suprimido o ensino dessa economia, e a professora só tem hoje o encargo de iniciar as meninas nos segredos da bainha de laçada e nos mistérios do crochê, do crivo e do ponto de marca.

O ensino da economia, segundo leio, não foi removido para outra seção do programa: foi realmente suprimido. O que vale dizer que quem propôs a reforma o achou inútil, senão prejudicial.

Dizem-me que, no Estado, entre os cidadãos, que tem filhas nas Escolas Normais, essa decisão da assembléia tem provocado um largo movimento de indignação e protesto. Casmurrice de pais provincianos! Querem, em 1896, educar as filhas como se estivessem ainda em 1850.

Em 1850, o Brasil era radicalmente econômico, os gastos eram moderados, as meninas pouco exigentes, as necessidades modestas, o luxo nulo, - tudo sintoma de pouca civilização, tudo sinal de considerável atraso material, intelectual e moral. O que caracteriza a civilização é principalmente isto: a soberania do agradável sobre o útil, o domínio do belo sobre o prático...

Eram econômicos os nossos avôs, porque parte de uma sociedade em formação, uma sociedade simples e bruta, que só amava matrimonialmente, que só bebia água, que só jogava... o pau, que só vestia chita ou merino, que só comia feijão e arroz. Com essa vida patriarcal, deslizando serena e estupidamente, sem acidentes, sem acomodações, - como ser dissipado e pródigo?

O selvagem das nossas florestas é econômico. Veste-se com uma dúzia de plumas, alimenta-se com um punhado de farinha, embebeda-se com uma cuia de *cauim* ... Mas o homem civilizado precisa de sedas, de mulheres, de jóias, de teatros, de carruagens.

Isso, quanto ao homem: - a mulher precisa de muito mais. Porque estou em dizer que a mulher só veio ao mundo para ser bela, amar, e gastar dinheiro: de maneira que mulher feia, mulher fria e mulher econômica são três tropeços que nunca deveriam ter vindo à vida!

Em 1850, a mulher brasileira era de uma economia sórdida. Não sabia; não recebia; não se enfeitava; não dançava: - tudo para não gastar dinheiro.

Vivia com as escravas, trabalhando e suando como negra e meia. Era ela quem varria a casa; ela quem cuidava do galinheiro, da horta e do chiqueiro; ela quem cozinhava, ela quem, com o sebo que sobrava da carne, fabricava banhas e velas, ela quem fazia cocadas e rebuçados, cujo produto, em patacos sujos de cobre azinhavrado, era cuidadosamente recolhido ao fundo dos pés-de-meia; - era ela, enfim, quem fazia tudo! E, ao cabo de todo esse dia de labuta e canseira, deitava-se, rezava, recebia a carícia conjugal com o mesmo ar pacato com que aceitava o trabalho, e adormecia na paz do Senhor, para, no dia seguinte, logo nas primeiras horas, recomeçar essa existência estafante.

Compreende-se que, naquele tempo, era necessário ensinar às meninas economia doméstica: o estudo da economia doméstica era a investidura do grau de dona de casa.

Homem nenhum casava, naquele tempo, sem perguntar a futura sogra: "A senhora sua filha estudou economia domestica?" E, logo, a mãe da economia, querendo mostrar ao pretendente que a sua filha tinha sido educada como uma boa e verdadeira filha-família, mandava-a chamar à sala, (aquela severa sala de visitas de 1850, com mobília larga de jacarandá e caixa de música em cima do mármore da mesa central) e dizia ao noivo: "Interrogue-a, é... verá!" O noivo então, sério e digno, começava o interrogatório. E, quando a menina, vexada e vermelha, tinha respondido satisfatoriamente a todas as perguntas, - mostrando reconhecer a fundo o preço do arroz e do feijão, o melhor processo de fabricar melado, e a melhor maneira de pregar fundilhos novos em ceroulas velhas; - o pretendente aceitava a ali, aos olhos da sogra futura, como legítima companheira sua, destinada a compartir o seu leito e a sua avareza.

No dia do casamento, pela última vez na vida, a menina deixava de trabalhar. E, logo depois de receber a benção matrimonial, ainda com uns restos de flores de laranjeira na cabeça e uns restos de virgindade na alma, caminhava para a sua nova tina de lavar roupa, e para a sua nova cesta de costura.

Ora, em 1896, ano da graça das modistas, dos joalheiros e das touradas, a vida é outra. Homens e mulheres mudaram de hábitos, como de crenças. Ninguém vive mais para ajuntar dinheiro, mas para o dissipar.

A mulher brasileira de 1896 não é mais aquela avarenta matrona de 1850, que, se lhe propusessem a compra de um bracelete de rubis, ou de um bilhete de loteria, ou de um camarote para os touros, se penitenciaria longamente, rezando, cheia de invencível horror, vinte e sete rosários completos.

Este animal adorável, dissipado, mãos-rotas, caprichoso, cheio de luxos tendo a consciência de que é a parte mais bela da criação, este animal, enfim, que é a mulher, está civilizado. Para que se há de ensinar economia doméstica? A mulher de hoje não compreende a economia, nem na rua, nem dentro de casa!

E faz ela muito bem! A mulher veio ao mundo para ser bela, para amar e para gastar dinheiro. O homem veio para admirar a beleza, para se lamber com o seu amor, e para lhe fornecer o dinheiro.

Aplaudo, pois, com delírio, a idéia de quem propôs a extirpação da estúpida matéria do programa das escolas normais do estado do Rio! Economia doméstica para quê? Quem é que pensa que ainda estamos em 1850?

Revista A Bruxa – Seção "Crônica"
n.42 – 27 de novembro de 1896 – p. 2-3
Mefhisto

Não sei bem para que lado me vire, nesta apertada situação de cronista político. Para o *Liberdade,* sou um jacobino catapultuoso, que tem por hábito comer ao almoço dez maragatos em fricassé, e ao jantar quarenta sebastianistas em molho pardo; para o *República* serei, naturalmente, um sebastianista manhoso, capaz de manter assiduamente correspondência subversiva com o príncipe do Grão Pará, e de, nas horas vagas, rimar sonetos comovidos a glória de Isabel a Redentora; para os jornais políticos, terei talvez o defeito de ser um neutro mole; para os jornais neutros, cometerei talvez o crime de ser um partidário extremado... Ai! De mim! Aqui tendes o exemplo vivo da desgraçada situação em que se vê o homem, que, sendo preso quando tem cão, também não deixa de ser preso quando não o tem...

Embora! Que hei de fazer senão ficar nesta posição, que não foi criada por mim, mas pelo infalível, sobre-humano e extra-natural Destino, diante de cujas decisões as nossas não passam de sombra, de névoa, de fumaça, de pó?

Ainda há poucos dias, os Bassons do *Liberdade* lançavam sobre *A Bruxa o epíteto de engrossadora,* porque este *revolucionário periódico* estampou no seu último número os retratos dos pais do Dr. Manoel Victorino. E que dirá de mim agora o Sr. Dr. Manoel Victorino, quando eu lhe tiver dito o que lhe vou dizer, isto é:- que esta cousa política está na mesma?

S. Exa escolheu para seu secretário da fazenda o Sr. Bernardino de Campos, um homem probo, um homem justo, um homem competente (sem dúvida!) mas um homem que é da mesma terra e tem a mesma: uma política de expectativa, de calmaria podre, de inação, de economia não gastar e não iniciar; não se mexer e esperar; fiscalizar e não deixar furtar; e confiar em Deus ou no Diabo (o que nestes casos, como inutilidade, vem a dar no mesmo).

Dizem os amigos de S. Exa. que, na situação atual da Pátria, a melhor administração financeira consiste em ver onde param as modas, e ficar, como as fakirs, contemplando o umbigo...

Pelos chavelhos de Saran meu pai! Esta política republicana é a mesma política sebastianista do amigo João Mendes, de S. Paulo, - o qual, desiludido das justiças republicanas, escrevia ultimamente, no *Popular: "*Nunca a restauração do Império esteve

mais próxima de ser uma realidade para o povo brasileiro; porque, se não há mais garantias, o braço de Deus será onipotente para desfazer a opressão, e Deus nunca falta."

Assim como o João Mendes há de esperar muito tempo pelas garantias que Deus lhe dará, assim o Sr. Bernardino e os seus companheiros de *faquirismo* financeiro, há de muito tempo esperar pelo dinheiro e pelo cambio a 20, que a bondade do mesmo Senhor Deus dos Exércitos suplicam.

Sempre que um fútil como eu vem dizer estas cousas, e outras do mesmo jaez, aparece logo um conselheiro Acácio (sem alusão a Academia de Letras) que diz: "Menino! Você não entende destas cousas! Criticar é fácil, mas agir é difícil! Qual é o remédio que você indica, menino?"

Qual o remédio que indico? – Esta é notável! Mas, amigos! Eu não sou financeiro, nem recebo dous contos e quinhentos mil reis por mês para o ser na qualidade de secretário das Finanças!

Nós não podemos (nós, Nação! Nós, Povo! Nós, Carneiros de Panúrgio! Nós, Contribuintes!) nós não podemos estar a pagar trinta contos de réis por ano a um senhor, para que ele comodamente pisque o olho ao próprio umbigo, deixando à Divina Providência o encargo de dirigir a repartição da rua do Sacramento!

Se a única política financeira possível na atualidade é a da inércia e a do cochilo, então porque o sr. vice-presidente da República pôs para fora da cama da Fazenda o sr. Rodrigues Alves de soporífera memória? Ou, melhor, porque não aceita o conselho d´*O Filhote (*folha de raro bom senso) que opina pela anulação imediata e perpétua do cargo de ministro da Fazenda?

Parece que é paradoxo a opinião dessa *Gazeta-mirim...* Mas o Paradoxo é o pai da verdade! E o que é fato incontestável é que, enquanto não houve ministro da Fazenda, o câmbio subiu...

Revista: *A Bruxa* - Seção "Crônica"
n.43 – 4 de dezembro de 1896 – p.2-3
Fantasio

Ai! Como é doloroso, depois de anos longos e terríveis de ausência, entrar à porta de uma velha casa, agora deserta, outrora bela, festiva, rumorosa! Pouco importa que, ainda limpa e formosa, a casa não tenha envelhecido muito... A gente ali vai, esperando encontrar dentro das paredes a alegria, a vida de outrora, e tem a decepção de ficar reduzida a dizer a si mesma:

"Que é isto? Como achava eu tanto encanto, antigamente, neste pardieiro? Por que, tantas vezes, com a alma apertada de saudade, pensei no que isto era, e no sol que iluminava este teto, e na poeira que bailava aqui dentro nas faixas de luz, e nas andorinhas que procuravam esta cumeeira e nas pombas que voavam, em linha, como um rosário desfiado sobre as telhas? Por que, tantas vezes, à hora da tarde, quando um crepúsculo doce e meigo caindo sobre a terra e sobre a minha alma, relembrei as tardes daqui, cheias do cheiro suave das laranjeiras em flor, cheias do barulho misterioso do vento nas ramadas? Com todos os diabos! Ainda que veja andorinhas, e pombas, e sol, e poeira carregada de átomos de ouro... ainda aqui sinto o aroma virginal das laranjeiras floridas, e ainda escuto o soluço das folhagens batidas do vento... e a casa é a mesma... e a mesma é a Natureza de entorno... e há na casa as mesmas salas, e nas salas as mesmas mobílias, e nas mobílias as mesmas capas... Quem foi, pois, que mudou? Porque tudo aquilo, cuja recordação me inflamava a saudade, me deixa agora insensível e frio?

Tudo isso porque nunca deve a gente querer reviver o tempo já vivido... as impressões fortes, aqueles que deixam saudades, não se repetem, como não se repete a mocidade, como não se repetem a loucura e o deslumbramento do primeiro amor.

Amas uma mulher... separas-te dela depois... Correm os anos... É, pelo correr monótono dos anos, não te esqueces nunca de um certo modo de olhar que tinha essa mulher, de um certo jeito seu de abaixar e levantar as pálpebras no momento do supremo gozo, e de uns certos beijos longos, chuchurreados, intermináveis, com que ela costumava embriagar a tua boca... Um dia, por acaso, encontras de novo. E dizes contigo: " vou enfim reaver aquelas horas de delírio!"E ai de ti! Já não lhe encontras nos olhos o mesmo olhar, nem a mesma aceirice no mover das pálpebras, nem a mesma febre nos beijos...Quem mudou não foi ela! Nem foste tu, desgraçado! O que mudou foi o tempo! Porque quiseste, desmanchando o encantamento da saudade, ressuscitar uma época que estava morta e enterrada?

Nunca volvas, se queres ser feliz, a dormir nos braços da mulher que te deu a primeira lição de amor! Nunca tornes a beber da água que um dia te matou a sede, quando, na volta de um caminho, fatigado e triste, a encontraste, como uma salvação, fresca e límpida, no fundo de um poço abençoado!

Queres tu agora saber porque me vem no bico da pena todas estas melancólicas observações? Não creias que depois de anos compridos de ausência, tenha eu entrado em alguma antiga casa, ninho de uma ventura morta; não creias tampouco que, depois de dilatados tempos de apartamentos, tenha eu querido de novo sentir no lábio o sabor dos lábios daquela que me ensinou o A B C do amor... Nada disso! Essas coisas todas só me ocorreram por analogia...

Foi este o caso, leitor de minha alma:

Sabes, de certo que nunca, como agora, foram tristes as noites do Rio de Janeiro. Acaba-se o jantar num desconsolo fúnebre: o tédio fermenta no fundo dos cálices de chartreuse, e paira na fumaça dos charutos. Onde ir fazer a digestão? As ruas estão cheias de uma população que arrasta os pés, cacochima e triste. Nos jardins, públicos, o aborrecimento se espalha pelo esguicho dos repuxos, pelo balanço das arvores, pelo vozear monótono das filarmônicas filas. No *Eldorado*, quatro senhoras descarnadas estropiam cançonetas; no Sant'Anna, os atores, cabeceando de sono, dizem, quase morrendo, os versos quebrados do "Amapá". Que fazer? Para quem apelar? Não se faz nada; não se apela para ninguém: a gente resigna-se, e vai dormir, como as galinhas, logo no começo da noite.

Bem! Imagina agora tu que, em uma destas últimas noites, estava eu nessa hedionda situação: jantara bem, sentia o desejo de dar ao espírito um repasto leve e saudável. Apanhei um jornal, estendi o olhar à coluna dos teatros, e vi, babado de gosto, que reaparecia no *Variedades Estátua de Carne*, e que na *Estàtua de Carne* reaparecia a nossa Helena Cavalier...Pus fora a ponta do charuto, e voei para o *Variedades*.

Ora, devo dizer-me que ouvi a *Estátua de Carne* quando era menino, e que, quando ouvi, a Helena Cavalier estava no pico da glória. E muitas vezes me lembrava eu de que ela estava bem em cena, e não se vestia mal, e não estragava muito a sintaxe dos autores, e não berrava demais. E calcule com que açodamento marchei para o teatro!

Deus do céu! Antes do fim do primeiro ato, saí dali com o coração mais triste do que uma casa sem mulher...

Porque? A peça está mais ruim do que estava há quinze anos? Esses quinze anos, porventura, envelheceram tanto a Helena Cavalier, que lhe tentam tirar todo o encanto, todo o talento, toda a graça?

Não! A peça é a mesma de outrora, romântica, descabelada, escaldada de amores quentes, sacudida de grandes tiradas retóricas... Quanto é atriz... que sei eu?

O que sei é que não dormi por toda á noite, e que, entre cochilos macambúzios, meditei sobre esta grande verdade: nunca se deve querer reviver os dias que se foram...

Cada hora que passa e não volta, - levando consigo uma impressão de que só fica a saudade... O que é preciso é guardar carinhosamente esta saudade, pôr sentinelas ás portas da alma para que esta saudade não fuja, e viver acariciando esta vaga, esta impalpável, esta indefinível saudade, - perfume de flor que morreu, reflexo de estrela que se apagou...

Revista: *A Bruxa* - Seção "Crônica"
n.44 – 11 de dezembro de 1896 – p.2

Diabo Vesgo

Confesso que nunca entendo bem as cousas que se passam aqui. Tenho viajado tanto, que já não há canto da terra que os meus pés de cabra não tenham calcado, nem recanto de horizonte em que não tenham pousado os meus olhos satânicos: e tenho, em todas as terras, entendido tudo; aqui, porém, o mais insignificante caso se reveste de tão extraordinárias circunstâncias e se complica de tão singulares episódios, que a minha pobre cabeça de diabo, com as idéias baralhadas, se perde, delira, ensandece... Vêde-me, para exemplo, este caso do Antônio *Conselheiro*...

O *Conselheiro* é, (dizem-no todos) um fanático, um desequilibrado, um histérico. Em crianças, tinha crises de epilepsia. Casou. A mãe dele desandou logo a ter conflitos, e bate-línguas, e troca de insultos ásperos com a nora. Entre as duas, Antonio *Conselheiro* penava, querendo em vão reconciliá-las. Um dia, desesperado, foi-se à velha: "Porque briga a senhora com minha mulher? Que lhe fez ela? Por que não a deixa em paz?"

A velha, alma danada, para reconquistar o amor e a confiança do filho, não trepida em se valer de uma calúnia. E convence Antonio de que a mulher o engana: "Queres a prova? Finge uma viagem, volta depois às escondidas, oculta-te na chácara, e espreita! Verás que, às horas tantas da noite, há de chegar aquele que é mais amado do que tu!"

Aceita o moço o conselho, diz que vai jornadear, beija a mulher, e parte. Mas, a boca da noite volta, e, dentro de uma moita, ficara a espreita. Daí a pouco, vê que um vulto de homem salta o muro e, com passo de gatuno, leve e abafado, se aproxima da casa. Antonio (em todo o homem há sempre a fúria de um Otelo!) Antônio não resiste ao primeiro impulso da cólera: põe à cara o clavinote e dispara-o. Cai o vulto, baleado. E quando o desgraçado vai ver de perto quem matou, vê estendida por terra, numa poça de sangue, a própria mãe, vestida de homem. A mísera, querendo iludir o filho, tivera a diabólica idéia de combinar toda esta aventura, cujo êxito pagou com a morte...

Isso é o que diz a lenda. E diz mais que Antônio, desesperado, internou nos matos bravios, transformando-se desde então neste *Conselheiro* que é hoje diretor a 3.000 fanáticos que, armados de carabinas Chuchu, devastam a Bahia e estão dando que fazer as tropas do general Sólon.

Há desgraçados que o remorso transforma em frades, ou em criminosos relapsos, ou em suicidas, ou em idiotas. Outros, muda-os o remorso em apóstolos... E *O Conselheiro* não foi impelido para o Apostolado unicamente pelo remorso. Este já achou o terreno preparado na alma do Antônio, - alma de inquieto, de agitado, de neurótico. Podia dar para outra cousa o homem: mas deu para se julgar Enviado de Deus, encarregado de regenerar o mundo, de redimir a humanidade, de combater os governos existentes.

Ainda se ele parasse aí! Se os três mil homens se limitassem a correr os desertos e a orar como Santo Antão, na Tebaida!...

Mas, não! Os fanáticos de Antônio Conselheiro, apesar de se dedicarem à penitência e à reza, e a reforma dos costumes dos homens, - não podem passar sem pão, sem carne, sem cachaça, e sem mulheres. E, pois, saqueiam as vilas, assolam as aldeias, matam os ricos, escravizam os pobres, defloram as raparigas, e assim vão vivendo bem, bem combinando os sacrifícios do viver religioso com as delícias do comer à tripa forra.

Ora bem! Chegamos agora ao ponto principal do caso. Pelo que todo o mundo diz do *Conselheiro,* ele não é só um fanático: é também um salteador; e salteadores, além de fanáticos, são também todos os seus sequazes. E, em qualquer outra parte do mundo, esse pessoal seria baleado, corrido a pedra e a sabre, sem complicações, sumariamente.

Aqui, não! Aqui tudo é política. Aqui não se compreende que se faça alguma cousa, ou boa ou má, sem ser por política. Houve um incêndio? Política! – Um bonde elétrico matou um homem? Uma senhora fugiu de casa? Política! Caiu um andaime? O Prudente talha uma pedra na bexiga? Política! - E, assim, o *Conselheiro,* na opinião da imprensa indígena, nem é um fanático, um Jesus de fancaria, - nem é um salteador, um Fra-Diavolo da Bahia; é um homem político, é um conspirador, é um restaurador da monarquia...

A *Liberdade* cala-se sobre ele: manha de monarquista. A *República* diz que ele é emissário do príncipe do Grão-Pará: recurso de jacobino.

Entre essas duas manias, quem lucra é o nosso Conselheiro, que, sendo, ao mesmo tempo, um maluco acabado e um refinadíssimo patife, deixa de ser tudo isso, para ficar sendo, graças à mania política da terra, um agitador, um Kossuth, um montt, um não sei que!

Viva a política! Nada há mais sobre a terra, debaixo do clarão esplêndido do sol!

Revista: *A Bruxa* - Seção "Crônica"
n.45 – 18 de dezembro de 1896 – p.2
Fantasio

Se aí estás, nessa poeirenta rua do Ouvidor, arfando e suando, ó irmão carioca! Podes ralar-te de inveja. Escrevo-te de Petrópolis... Não te direi que estou com mais saúde, e com mais belas cores, e com mais apetite; porque, naturalmente, já estás farto de saber que o ar da serra é remédio para todos os males do corpo. O que talvez não saibas é que estou com a alma renovada, limpa de preocupações pequenas, lavada e fresca.

> A galinha, que vive alapardada em galinheiro baixos, só pode ter baixas idéias, - se é que galinha pode ter outra idéia que não seja achar bom o milho que come. A águia, porém, ferrando as garras nas pedras alpestres e abrangendo com o olhar léguas de horizonte, tem idéias de deus, fortes e largas. Na montanha, o homem é melhor do que na planície. Nos anfractos das serras podem aparecer salteadores ousados e bravos, capazes de arcabusar os ricos mas de beijar os pobres, - aventureiros atrevidos que arriscam a vida cem vezes por hora. Mas não aparecem por lá, com certeza, os reles gatunos das cidades, os ratoneiros de esquina, os jogadores da trancinha, os sacerdotes do conto do vigário, os passadores de notas falsas, todos esses pífios criminosos que, em vez de fazer medo, fazem nojo.

Viva, pois, a serra!

Verdade é que Petrópolis já foi mais agradável... A loura e fria cidade, tão povoada de nédias alemãs coradas, tão garridamente vestida de neblinas brancas, foi mais recatada e mais doce, no tempo em que, livre de políticos e de funcionários públicos, não sabia o que são tricas, o que são cabalas, o que são secretarias de Estado. Enfim, o funcionalismo do estado do Rio é pacato... Mas, é triste...

Conheceis tristeza maior que a de um empregado público? Por mim, conheço-o de longe, na rua... O hábito de estar curvado sobre as minutas dá ao burocrata uma flexão desgraciosa de espinha. A vida sedentária lhe amarelece a pele, lhe embacia o olhar, lhe atrofia as pernas. E, para lhe agravar a tristeza do aspecto, há ainda a dependência daquela vida toda passada a cumprir ordens, a sorrir complacentemente a todas as observações dos chefes, a fazer do acesso a preocupação constante de todos os minutos... Como são tristes os empregados públicos!

Petrópolis, antigamente, só tinha os operários louros, que saíam das fábricas cantando, a caminho das cervejarias ao ar livre, os vendedores de queijos e legumes, as raparigas alvíssimas cheirando a leite fresco, e os bailes joviais em que as *fraulein* da poética Germânia valsavam, com uma fúria romântica, nos braços musculosos dos seus noivos teutões. Agora, Petrópolis tem Presidente do estado, e Palácio, e Ministros, e oficiais maiores, e chefes de seção, e amanuenses, e praticantes, e quartéis de infantaria, e quartéis de polícia, e o diabo!

Mas tudo isso, felizmente, se perde, se apaga, se dilui no esplendor da natureza, na suavidade do ar, no sossego do céu e da terra. O empregado público passa, macambúzio e pálido, mas como passa entre árvores verdes, em que fulguram flores de ouro, a sua figura não

prende o olhar da gente. Nos quartéis, soa o clarim, chamando a soldadesca ao rancho, a formar a ronda; mas soam ao mesmo tempo o barulho da água corrente, as quedas das cascatas; e a gente, com um pouco de imaginação, chega a crer que aquilo que ouve é o clangor das trompas de caça açulando as matilhas, no mato, em pós dos coelhos e dos veados. Nas esquinas, ouvem-se boatos e mexericos, essas duas aves... De maneira que, mesmo depois da sua transformação em Capital, a cidade de Pedro ainda é um doce refúgio para os que vêm do Rio, acossados pelo calor, pela intriga, pela maledicência, pela febre amarela, pela poeira...

De manhã, que belo, que delicioso, - o soltar o cavalo, a rédea solta, pelas estradas claras, roçando com o chapéu as ramadas que o orvalho ainda molha... Fogem as casas. Daí a pouco, vêem-se apenas serras e serras de esmeralda refulgentes, batidas de sol, cortadas de faixas de água de prata... Que importa aqui que o câmbio suba ou desça, que o nosso Tomás Delfino seja ou não seja reeleito, que Macêo tenha ou não tenha morrido?

Depois, a sesta deliciosamente dormida, após o almoço, à sombra delas; depois o jantar no *Cassino-Hotel,* na aristocrática sala sossegada, com os cristais fulgurando, sob os *abat-jour* de seda, ouvindo os concertos deliciosos que todas as noites proporcionam aos ouvidos bem educados aqueles dois rapagões adoráveis, o Lassalle e o Echeverria, a quem cabe a glória de haver fundado o hotel mais *chic* do Brasil; depois, o baile, ou a palestra, ou o passeio ao luar, e o sono calmo, sem suor, sem pesadelos, sem mosquitos, até o romper da madrugada de ouro e rosas...

Que estilo, hein? Não te parece, irmão carioca, que estás lendo o começo de um capítulo de *Daphnis et Chloe?* É que a vida da serra enche a alma de ideal e de doçura... Como não há de a ignóbil tinha sardinha, transformar-se, no bico da pena, em leite e mel, em Ambrósia e néctar?

Observar-me-ás talvez, irmão carioca, que pouco te importa saber se estou em Petrópolis ou no Sacco do Aferes, na rua do Ouvidor ou na China... Mas, que querias tu? Querias encontrar aqui o comentário do que houve durante a semana? Querias aqui achar as cousas que mais são do teu gosto, a política, a maledicência, a intriga?

Ora, contenta-te com o que te dou, e vai dormir!

Revista: *A Bruxa* - Seção "Crônica"
n.46-47– 25 de dezembro de 1896 – p.2-3
Diabo Vesgo

> Bendita, bendita! De olhos verdes como as florestas sempre moças, ao moribundo, de que a vida já foge, ainda apareces, com o teu sorriso luminoso – doce Esperança, consoladora suprema, Mãe de Ilusão!

Porque chamamos sempre Ano Bom o Ano que começa?

Os outros que já temos vivido foram todos maus: por que, pois acreditar que o novo seja melhor do que eles, quando a vida é como uma mesa de trinta - quarenta, em que a série negra predomina e volta com uma insistência feroz? Cego, paralítico, surdo e mudo, - o inválido ainda espera, ao ver chegar um novo S. Silvestre, que o velho santo, encarregado de fechar Dezembro, leve consigo a sua mudez, a sua surdez, a sua paralisia e a sua cegueira.

Doce Esperança, Mãe da Ilusão – bendita sejas tu, de olhos verdes como as florestas sempre moças!

Quando esta *Crônica do Ano Novo* estiver sendo lida, os carteiros correrão a cidade, com as malas pejadas de cartões e de cartas de *boas festas.* Há quem despreze essa meiga tradição, achando que não vale a pena gastar um selo de vinte réis no porte de uma frase banal que nada significa.

Mas significa tudo, essa frase banal, meus irmãos! Nestas duas palavras – Boas festas – há toda a glorificação da vida...

Aquele que nos envia o cartão de Ano Novo quis dizer quando traçou a frase vulgar:

"Viva a vida, irmão! Mais um ano desaparece, e deixa-me de pé e deixa-te de pé, - ambos vivos, podendo ainda, para esquecer os reumatismos, as nevralgias, as traições, e as desilusões, ver o sol e as árvores, as estrelas e o mar, toda a beleza deslumbrante da Natureza, e podendo ainda contemplar e amar a mulher, e podendo ainda sentir sob os pés esta enganadora terra, que amaldiçoamos mas adoramos! Viva a vida, irmão! Posso amanhã estrangular-te. Podes amanhã envenenar-me; podemos amanhã trocar injúrias e punhaladas; hoje porém, abracemo-nos e beijemo-nos, abençoando o dia claro que nos traz mais um ano de vida! E caiamos depois na mesma luta, na mesma guerra, no mesmo ódio, até que um novo S. Silvestre nos reconcilie e nos aproxime, ambos encantados de viver, ambos cantando com febre a glorificação da Vida!..."

Não se reconciliariam, talvez, neste formoso dia de hoje, os políticos, os candidatos exaltados, os pretendentes a cadeiras de senador, ou de deputado, ou de edil... Mas, a esta hora, já não há candidatos: das urnas, virgens ou viciadas, já saíram, mais ou menos carregados de votos, mais ou menos legitimamente aclamados, os nomes dos vencedores. Os vencidos, submetendo-se à contingência do fato consumado, já estão consolados da derrota. E, resignados a viver na sua obscuridade de simples cidadãos, já calmamente se terão sentado à mesa da família, para comer o leitão clássico, com o mesmo apetite com que, ainda anteontem, desvairados pela paixão partidária, comeriam os fígados dos adversários.

Boas festas, candidatos! As urnas não morreram, com as vossas esperanças de 1896! E delas, quem sabe? Ainda os vossos nomes sairão, em 97, em 98, em 99, ou no século que vem, para a suprema glória do conselho Municipal ou das Câmaras...

Boas festas, ó vós do P.R.F.! Senhores da terra, que governais o Brasil como vos apraz, dando-lhe os presidentes que escolheis, os ministros que preferis, o câmbio que mais razoável vos aprece! Boas festas! E Deus vos conserve nesse pináculo da administração pública, porque, se não sois o ideal da excelência, podereis ser piores do que sois... e, no que diz respeito a partidos, sempre achei que o melhor é sempre aquele que nos livra dos outros. Boas festas! Que das vossas mãos, de amanhã em diante, caiam avalanches de empregos para os amigos e nuvens de estado de sítio para os inimigos; mas, que, hoje, somente hoje, confraternizeis com os outros, e que eu possa ver o conselheiro Cândido de Oliveira apertado nos braços do Alcindo Guanabara, e o coronel Piragibe deixando cair dos seus fortes lábios sangüíneos um beijo doce sobre a pálida fronte pensativa do general Quintino Bocaiúva!

Boas festas a todos!

Mas, principalmente, boas festas a ti, Ataulfo! Vê bem que *A Bruxa* é mulher, e mulher bonita e meiga, apesar de seu nome satânico! Chega-te aqui, aproxima da boca d´*A Bruxa* a tua boca, e recebe o beijo amantíssimo e gratíssimo daquela que acompanhou, com o coração cheio de um contentamento sem par, a campanha generosa que abriste em favor das vítimas de Príapo Moloch de Morais!

Graças a Ti, graças ao teu esforço e ao teu carinho, já as setenta servas, apenas púberes, daquele Salomão mulato verão entrar risonho o Ano Novo. Não terão mais a mesa vazia de comida e o coração cheio de fel, nem mais olharão com terror a face dura da amásia do monstro, nem mais estremecerão de angústia, esperando, à noite, no dormitório sinistro, a visita diabólica do Sátiro imundo, babado de luxúria, tresandando a fartum de bode...

Boas festas a ti,. Ataulfo!

Enfim, de *minimis curat pretor...* Abençoados aqueles que, ainda na idade em que só se procura o amor, o dinheiro e a glória, - sabem abnegadamente esquecer os seus interesses, para zelar os interesses dos tristes e dos abandonados, dos miseráveis e dos órfãos!

Boas festas, Ataulfo!

E boas festas a quem me lê, e boas festas a todo o mundo, e boas festas a mim, que, abrindo este número d´*A Bruxa,* clamo também, feliz e sereno, esquecido de todas as mágoas e fitando os olhos verdes da doce Esperança, Mãe da Ilusão:

- Viva a vida, meus irmãos!

Revista: *A Bruxa* - Seção "Crônica"
n.48 – janeiro de 1897 - p. 2-3
Fantasio

Da *Gazeta de Notícias* do domingo passado:

> "Ontem, às 3 horas da tarde mais ou menos, no palácio de Itamaratí, ouviu-se um grande estampido, como o de uma bomba de dinamite. Tomados de sobressalto, correram todos para o lugar, de onde saía uma grande nuvem de pó. Era na sala amarela. Um espelho grande, que se achava nesta sala, tinha-se despregado da parede e caído sobre o lustre, arrebentando-o todo, assim como a algumas cadeiras que se achavam próximas. O espelho ficou completamente despedaçado, sendo devido o desastre ao cupim que estragara a moldura e as táboas do forro."
>
> Há quem se contente, quando trata de explicar um fato, com a primeira explicação que ocorre. O cupim, - animal que, pequenino e fraco como é, tem costas largas para carregar o fardo de muitas responsabilidades, - é desta vez obrigado a figurar como causa única do desastre. E ainda é feliz o cupim! Ainda lhe põem sobre o lombo apenas a responsabilidade de um fracasso de espelho, quando lhe podiam impor a pecha de assassino, - uma vez que, segundo uma outra folha de domingo, "momentos antes da queda tinham estado sentados junto do espelho os membros da comissão da Faculdade Livre de Direito." Mas não houve morte de homem. Apenas o nosso mordomo Filadelfo se lastima e remorde, porque espelho e lustre valiam uns quatro contos de réis, que o perverso cupim naturalmente não pagará.

E fará muito bem em não pagar! Porque, para mim, o espelho espontaneamente se deixou cair, farto de viver, desesperado de ser feliz,- nobre vitima de um suicídio corajoso...

Não sei se já lhes disse que creio na existência da alma das coisas. Esses objetos imóveis, que palpamos, quebramos, pisamos, modificamos, destruímos, devem ter

como nós uma alma, sujeita à alegria e a dor, como a nossa vibrando ao choque de todas as sensações. Ainda poderei eu admitir que não tenham alma uma porta, uma cadeira, um sofá. Mas um espelho! Conheço espelhos que se embaciam quando o carão antipático de um homem se lhes põe defronte, e que, ao contrário, rutilam, irradiam, abrem-se em um largo riso de luz, vestem-se de um sereno luar, quando refletem o corpo de uma mulher bela, _ cabelos desastrados roçando quadris de alabastro, lábios úmidos e vermelhos como os corais que dormem no fundo do mar, seios firmes e redondos empinando bicos cor de rosa...

Quem pode afirmar que os espelhos não guardam a recordação das coisas belas ou feias que vêem? Não fica, na sua face polida e brilhante, perpétuo, o reflexo das coisas. Mas haverá no espelho somente aquela superfície material, de vidro e azougue?

Também a retina humana é um espelho, em que se refletem os aspectos da vida exterior. Afastando o objeto que a impressionou, perde a retina a impressão da sua imagem, logo substituída pela imagem de um objeto novo. Mas a recordação do objeto morre, como morre o seu reflexo? Ao contrário, não fica essa recordação eternamente fixada na alma que anima esse espelho dos olhos?

Tudo isso é, talvez, pura metafísica. Mas metafísica é tudo, neste mundo e nos outros...

Tenho, para mim, amigos, que a queda do espelho do Itamaratí foi um suicídio!

O pobre! Que coisas belas viu ele, de 15 de Novembro de 89 para cá, que tenha podido dar-lhe o amor da vida? Viu, é verdade, a bela figura militar de Deodoro, de nariz de águia, _ corpo de guerreiro forte, cara tisnada pela soalheira das batalhas, peito carregado de grã cruzes; viu alguns bailes (tão poucos!), algumas mulheres bonitas, algumas *toilettes* ricas; viu. Já reinando Prudente, o povo, acachoado e barulhento, invadir o Itamaraty para agradecer ao seu chefe, com o coração nas mãos, a pacificação do Rio Grande...Mas, ao lado dessas poucas coisas belas, _ que infinidade de coisas feias, durante aqueles célebres anos do estado de sítio perene!

Houve tempo, que em todo o Itamaraty era uma vasta caserna. Cuspiam-se as paredes, enlameavam-se os reposteiros. E isso nada era! O que era tudo, o que era a verdadeira mortificação do pobre espelho, condenado a refletir todos esses espetáculos ignóbeis, o que mais dolorosamente o impressionou, foi outra coisa. Foi o suceder de relações, de conspirações, de maldades, a que o pobre teve de assistir, como confidente mudo e resignado...

O dono da casa era, então, um velho soldado bravo e frio, pouco dado ao fausto, pouco amigo das recepções e das festas, mesmo porque não tinham tempo para isso. Não saía do seu gabinete, não aparecia a ninguém. Lá dentro, com os seus aparelhos telegráficos e os seus homens de confiança, achava-se alheado de tudo, somente dedicado a sua obra. Cá fora faziam-se coisas notáveis, que não iam nunca no gabinete dele.

Na sala amarela, por esse tempo, quantas coisas ouvia o grande espelho! Via ele reunirem-se grupos, que falavam em voz baixa, com gestos que se refletiam nítidos e significativos na sua face brilhante. Que gestos! Que conversas! Aqui era uma ambição desordenada, que combinava planos de galgar posições, à custa de tudo; ali; os ódios velhos, por longos anos sopitados, rebentando agora, à sombra providencial das facilidades do momento, fartando-se em vinganças pouco dignas; depois, ordens sinistras, que se davam baixinho, com os lábios cerrados e os olhos afuzilados de ira... E o pobre espelho refletia tudo; e ouvia tudo:

_ É preciso prender fulano!

_ É preciso denunciar sicrano!

_ É preciso matar beltrano!

_Denunciei hoje meu pai!

_Vou ganhar com isto dez contos!

_Tenho plano de envenenar a água das fortalezas!

_Eu, se fosse o marechal, mandaria meter na correção a mãe e a mulher de X...

_ E eu mandaria incendiar os bancos estrangeiros...

_ Ah! como me vou agora vingar daquele infame!

_ E eu daquela sem-vergonha!

_ Vamos tomar alguma coisa?

_ Vamos a isso! Viva a República!

Pobre! Pobre espelho! Com que dor, com que revolta muda e impotente, estampava ele e reproduzia essas faces torcidas de raiva, esses punhos crispados de ódio, esses narizes alongados de desapontamento, essas pupulas incendiadas de triunfos cruéis, essas fontes rugadas pela combinação de projetos sanguinários...

Ora, a esse período de sangue, sucedeu um período pior: um período de política pequenina, idiota, tacanha, tola, palavrosa, inútil. Há certos espelhos que são como certos homens: podem ainda resistir ao espetáculo da crueldade, mas não resistem ao espetáculo da imbecilidade.

O desventurado espelho do Itamaratí, dentro da sua alma agoniada e triste, onde já guardava a recordação das delações, das concussões, das vinganças, começou a guardar a recordação de outras coisas, menos cruéis, mas não menos irritantes. Assistiu aos longos sonos do Sr. Rodrigues Alves; viu toda ávida da nação paralisada, pela só existência de uma pedra na bexiga de um homem; viu um presidente mole ser substituído por um presidente retórico; viu, depois de muitas coisas, a comédia de um ministro do Interior amuado, fazendo manha, saindo e não saindo; viu o diabo!

E, farto de viver, despenhou-se da parede, e fez-se pedaços no chão.

Dizem que foi o cupim...Eu digo que foi o tédio da vida! Também os espelhos têm alma: também os espelhos tem as vezes a náusea irresistível dos grandes desconsolos, e suicidam-se como qualquer um de nós...

Revista: A Bruxa – seção "Crônica"
n.49 – janeiro de 1897 – p.2-3
Fantasio

O valor maior da grande festa, com que se há de inaugurar em maio a estátua de José de Alencar, será este: chamar a atenção de todo o Brasil para a classe dos homens de letras.Isto é cousa que já tem sido dita e escrita em todos os tons, mas é bom que se repita, porque o melhor meio de dar cabo de uma vergonha é descobri-la: nestes quatorzes milhões de habitantes, não há talvez duzentos mil homens que tenham lido Alencar. Aqui mesmo, no coração do Brasil, onde mais largo é o movimento literário, onde com mais facilidade se vendem livros e jornais, é incalculável o número dos que dele, sabem apenas que foi deputado e ministro...

Não podendo romper essa espessa muralha de ignorância e de indiferença, a classe dos homens de letras vegeta desconhecida e pobre: quase todos nós escrevemos para os oficiais do mesmo ofício: - temos assim um público escolhido e inteligente, mas (ai! de nós!) um público que não paga, - o que, francamente, não é muito consolador.

Ninguém escreve unicamente pela satisfação de escrever. Quem assina estas linhas já uma vez disse, num soneto, que não fazia versos.

Ambicionando
Das néscias turbus os aplausos fúteis;

Mas isso foi uma descaradíssima mentira rimada. Quem escreve, quer os aplausos fúteis das turbas néscias, e quer ainda ver pago o seu trabalho, não só em louvores, mas também em dinheiro. Escrever por escrever é platonismo, que, como todos os platonismos, é inepto e ridículo.

Abandonada do público, a classe não tem como reagir contra os editores que a exploram. Porque a impressão de livros, se não dá cousa nenhuma ao autor, sempre dá alguma cousa ao editor, sujeito esperto que não perde nunca, porque tem modos vários de impingir a sua fazenda.

Ninguém ignora o que foi o editor Garnier: ninguém ignora que a obra de Dias, Alencar, Macedo, Casimiro, Álvares de Azevedo, e tantos outros foi produção, que se lhes deu alguma glória, não lhes deu vintém. Entre os modernos, Aluísio Azevedo foi tão explorado por esse editor, que, num abençoado momento de desespero, sacudiu o jugo, e denunciou o contrato, que com a casa havia celebrado num processo.

Um poeta conheço eu, que, precisando de dinheiro (não fosse ele poeta!) vendeu em 1894 a um editor daqui o seu livro de versos por 400$000. Até o momento presente, o livro não foi publicado.

O poeta não tem lei que o proteja. O editor considera seu aquilo que comprou: e não indeniza o autor do prejuízo material e moral que lhe dá o seu apoio, e nega se (que horror!) a admitir que o trabalho literário seja um trabalho como qualquer outro.

Não digo que um homem de letras haja, tão pouco patriota, que, desesperado, amaldiçoe a hora em que nasceu nesta pátria não indigna e revolta?

Vede-me este caso, que acaba de fazer grande barulho nos tribunais de Paris.

Havia um ano que Sarcey colaborava no *Petit Journal*. Um belo dia, estava ele em casa, quando se lhe apresentou um mocinho, muito embaraçado, dizendo vir da parte do Sr. Marinoni, do *Petit Journal*.

- De que se trata? – perguntou Sarcey.

- Estou encarregado de lhe (...)[166] que, a partir de 1 de junho, o Sr. Não é mais colaborador do *Petit Journal*.

- Só isso? O Sr. Marinoni não o encarregou de me explicar o motivo dessa deliberação, e de me trazer uma palavra amável, de pesar ou desculpa?

- Não.

- Mas, enfim, que disse o Sr. Marinoni?

- Disse simplesmente: "Estou farto dele."

Sarcey não esteve pelos autos. Refletiu: "Costumamos dar oito dias de aviso à nossa cozinheira? Nada! Hei de obter uma indenização!"

E recorreu aos tribunais, que lhe deram razão.

O mais curioso é que, há dias, o nosso *Jornal do Comércio*, transcrevendo o resumo desse processo, disse que ele "estabelece um precedente favorável à dignidade da profissão de jornalista." E, mais adiante: "Os tribunais decidiram em favor do Sr. Sarcey, julgando naturalmente que um diretor de jornal deve atenções aos escritores que lhe fazem a honra de trabalhar sob as suas ordens."

Como isto é bom de dizer! Meta o velho e venerando órgão a mão na consciência, e responda: se o caso desse aqui, o resultado seria o mesmo? se o *Journal* despedisse um colaborador nas mesmas condições em que do *Petit Journal* foi despedido Sarcey, acharia justo que "o diretor de um jornal deva atenções aos escritores que lhe dão a honra de trabalhar, nesta terra em que os gatunos e as meretrizes acham juízes que os protejam com *habeas-corpus* repetidos, um tribunal que afirmasse o seu direito e que os defendesse?

Ai! de nós! O *Jornal do Comércio* bem sabe o que é a terra em que vive!

Por estas e outras razões, é que a classe dos homens de letras se deve empenhar em que a próxima festa de Alencar tenha o maior brilho. É força rasgar a muralha chinesa de que estamos cercados. Respeitando nos a nós mesmos, conquistaremos o respeito do público. E, quando tivermos conquistado isso, os que nos exploram, os que especulam com o nosso trabalho hão de ir com menos sede ao pote.

[166] Na revista a palavra está ilegível

Revista: *A Bruxa* - Seção "Crônica"
n.50– janeiro de 1897 - p. 2
Fantasio

"Foi ontem inaugurada a nova linha circular da Estrada de Ferro Central que começa em Madureira, dá volta pelo Campinho, e segue até Cascadura."
(Dos Jornais de 20 do corrente)

I

Vamos! Pronta! De pé, Musa da Crônica!
E, de teorba em punho, ergue-te e canta!
Novo poder mais alto se levanta
Do que os outros que vives a cantar!
Vamos! Nas asas do teu canto altíssono,
Voe a fama daquele que, bondoso,
Abriu no solo do país ditoso
À linha circular!

II

A vida é triste! Esta cidade é fúnebre!
E morrer é tão bom! Suspira a gente
Pelo dia em que possa, calmamente,
Ir a região da morte visitar...
Temos um novo meio de suicídio!
Quem tem o tédio e o desespero na alma
Pode entregar-se, com sossego e calma,
À linha circular!

III

Graças a Deus! Já tínhamos o arsênico,
O revólver, a corda, a artilharia,
A cabeçada, o banho na baía,
- Vários meios de a gente se matar...
Tínhamos além disso os farmacêuticos
E as várias linhas da central Estrada:
- Temos agora, ó gente afortunada,
`A linha circular!

IV

Salve, doutor Frontin! Vias, antônito,
E derramando lágrimas ardentes,
Que iam diminuindo os acidentes...
Por quê? Principiaste a meditar...
Qual seria do mal a causa horrífica?
E meditaste; e tanto meditaste,

Que, para glória tua, inauguraste
À linha circular!

V

Quando Jardim sustinha o cetro esplêndido
Daquela direção, de dia em dia
Regularmente, um acidente havia,
Para a sua constância celebrar...
Choques, encontros, contusões e lágrimas...
Belo tempo tão cedo terminado!...
- Enfim, respiro, por se ter criado
À linha circular...

VI

Nem todos gostam do correr monótono
De uma linha que vai, direita e dura,
Sem uma curva, sem uma aventura, sem se torcer e se perturbar;
Morrer em linha reta é mesmo estúpido!
Hoje, além de morrer em linha reta,
Já podemos morrer, gente inquieta,
Em linha circular!

VII

A linha circular começa, trêfega,
Nas chaves da estação do madureira:
Dobra o Campinho, e, a se curvar, faceira
Vai até Cascadura se arrastar...
Há por ela um milhão de voltas perdidas:
E, ai! que delícia! Ai! que contentamento!
É mais seguro o descarrilamento
Na linha circular...

VIII

Hoje o processo de morrer – escolhe-se:
Quando se quer morrer como um foguete,
Toma-se a linha reta: "Olá, bilhete!
Da reta! Tenho pressa de acabar!"
Mas quem deseja morte lenta e cômoda,
Com grandes diferenças de paisagem,
- Escreve o testamento, e faz viagem
Na linha circular.

IX

Há inda uma vantagem de alto mérito
Na linha circular: cada suicida

Sai vivo, e ao mesmo ponto de partida
Serenamente volta, a se enterrar...
Que economia! Que invenção magnífica!
Cobra-se tempo; aumentam-se as desgraças;
E enfim se morre com mais graça, graças
Á linha circular!

X

A nova direção, nadando em glória,
Exulta. A Empresa do Suicídio Expresso
A vida de esplendor e de progresso,
Completou a ciência de Matar!
- Ah! Com que mágoa, no ostracismo lúgubre,
O marechal Jardim, desesperado,
Há de chorar, por não haver criado
À linha circular!

n.53– 12 de fevereiro de 1897 - p. 3
Lúcifer

Já sei que, daqui a dois ou três dias, se há de verificar que a casa n.9 A da rua José de Alencar é uma casa como outra qualquer, livre de almas do outro mundo. Provar-se-á que o grande barulho que se escuta no forro desse prédio, já agora celebre, provém exclusivamente de correrias de ratazanas famintas. E já sei que muita gente, passado o susto, rirá gostosamente...

É que, hoje, todo mundo tem a pretensão de possuir uma alma forte, incapaz de acreditar em mistérios. Este fim de século é prático e inéreo: só acredita na existência, não do que vê e do que ouve, mas do que apalpa e do que cheira. Fantasmas podem ser vistos e ouvidos, mas não podem ser cheirados nem apalpados. Logo, não há fantasmas...

O caso passou-se assim. O prédio da rua Alencar era um prédio comum, de paredes firmes, de forro mudo, de alicerces impassíveis. Mas um dia, uma criança, indo ao forro, lá encontrou uma grinalda fúnebre, de saudades desbotadas e velhas, tendo ao centro uma cruz negra. Desceu a criança com esse lúgubre achado, e mostrou-o à família: a família, aterrada, mandou deitar ao caixão do lixo a agourenta grinalda. E aí começou o pavor. Mal anoitecia, um rumor de passadas pesadas ecoava no forro: e, de par com esse rumor, ouviram-se gemidos ansiosos, queixas doloridas, crebas e angustiadas lamentações. Os moradores horrorizados, abandonaram a casa; a vizinhança, alarmada, deu para precipitar os terços e multiplicar as ladainhas a imprensa entrou a comentar o caso; e ninguém mais passou por defronte do prédio, sem fazer três vezes o sinal da cruz.

Agora, porém, a proprietária do prédio, que, pelos modos, é uma senhora de ânimo viril, dispôs-se a tirar da sua propriedade essa fama pouco tranqüilizadora de propriedade mal assombrada. E explicou o caso da grinalda: era destinada ao túmulo de uma pessoa querida: mas, não se sabe porque, ali ficou esquecida anos inteiros. Encontrada agora, como um objeto fúnebre e agoureiro que é, impressionou vivamente os supersticiosos moradores; e estes, atemorizados, começaram a atribuir a gemidos e a arrastar de cadeiras de almas penadas o barulho do tropel das ratazanas. Para provar que está convencida do não assombramento da casa, a proprietária dispõe-se mesmo a lá dormir várias noites...

Para quê? Acredita a corajosa senhora que as almas do outro mundo, se existem se prestarão, sem mais nem menos, a aparecer-lhe ou a falar-lhe ou a dar-lhe qualquer prova da sua existência?

Eu, para mim, acho que as ratazanas já devem estar fartas de carregar a culpa de muitas cousas que não fazem... Esta mania, de negar em absoluto o que não se compreende, é um sinal de demarcado orgulho...

Orgulhosa gente!... quem vos diz, quem vos afirma, quem vos prova que os mortos, na sua morada de além túmulo, não têm também o seu orgulho e a sua vaidade?

Destina-se uma grinalda a um túmulo, - homenagem piedosa à memória da pessoa que nele dorme; mas, logo, a família, que se lembrara dessa homenagem, acha que não vale a pena prestá-la, e atira a grinalda para o fundo de uma água furtada. O defunto, que no outro mundo, já se regozijava com essa prova de afeto, fica desesperado; mas, consola-se pensando que tanto bem lhe faz estar a grinalda sobre o túmulo como dentro de um forro de casa: já lhe basta a existência dela, para lhe provar que a sua memória é ainda venerada e lembrada pelos vivos! Um belo dia, encontram a coroa, e, irreverentemente, a enterram no lixo. Que há de fazer o defunto? Zanga-se naturalmente... Zanga-se, arrepela-se, ofende-se, e materialmente mostra o seu ressentimento pelos únicos meios que estão ao seu alcance, perturbando o sono de quem profanou a grinalda, e fazendo barulho, e arrastando cadeias, e exalando gemidos e soluços...

Mas ninguém quer acreditar em almas do outro mundo: e as ratazanas carregam mais esta culpa.

Revista: ***A Bruxa*** **- Seção "Crônica"**
n.54 – 19 de fevereiro de 1897 - p. 2

Lúcifer

A dar crédito ao grunhir das cornetas e ao estourar dos bombos, temos aí um carnaval autêntico. A folia vai abafar, depois de um longo e aborrecido ano de abstinência. Ora bem! Já que entramos na época em que todos enlouquecem, eu, espírito de contradição, vou clamar alto o meu reconhecido bom senso, cuidando de cousas sérias.

Vou falar-vos da morte! Não dessa morte carnavalesca, que, daqui a pouco tempo, por aí andará, reproduzida às dúzias, com a caraça de papelão amarrotada e o reles manto de metim preto lambendo a lama das sarjetas! – Mas da verdadeira e trágica morte, da morte que coroa a obra do vômito negro...

Falemos da febre amarela! Falar dos ausentes é uma das alegrias da vida.

Porque tereis notado que a nossa boa amiga não veio este ano fazer-nos a sua obsequiosa visita...

Abrem-se os jornais, consulta-se o obituário, e reconhece-se com um pasmo grande que não há febre amarela. Por quê? Todo o mundo, desconfiado de tão grande esmola, anda pedindo aos céus a explicação do misterioso caso...

Narizes de médicos, alongados pelo despeito, torcem-se desgostosamente.

Farmacêuticos tristes apodrecem de tédio nas boticas desertas, cochilando, às moscas, por trás dos grandes frascos amarelos, vermelhos e verdes.

Nos cemitérios, os coveiros dormem ao sol, entre as campas vazias, com as enxadas inativas ao lado, já comidas da ferrugem. Na rua do Visconde do Rio Branco, o sucessor do sr. de Herzberg, desapontado, perde o apetite e as cores. E todos nós interrogamos ansiosamente as nuvens do céu e os paralelepípedos das ruas: "Por que não há febre amarela?"

É que este povo, generoso e grato por índole, ama todas as cousas a que se habitua. A febre amarela mata, assola, dizima a população, mas a população já está tão habituada a vê-la chegar todos os anos com a pontualidade de um credor, - que neste espantoso verão, inconsolável e despeitada, chora a falta dessa amável pirexia, ornamento da nossa civilização, elemento do nosso bem estar, alicerce das nossas comodidades.

Por que não há febre amarela? Algumas almas líricas adoradoras dos misteriosos encantos da natureza, atribuem o fato à singular doçura de ar, à meiga suavidade de temperatura, de que estamos gozando há meses. Outras almas, cépticas e mordazes, afeitas à *blague* e ao paradoxo, atribuem a escandalosa ausência do vômito negro à inimizade secular que separa a tribo dos *micrococcusxautogenicus* da tribo dos *khoma-politicus.* E neste dar e tomar de hipóteses e de explicações, baralham-se as idéias de todos, desnorteadas e bambas.

Entretanto, a explicação mais aceitável parece-me outra. Devemos a falta da nossa amadíssima epidemia à nobre classe médica dessa venturosa capital. Por que não veio a febre amarela? Por que os médicos não pensaram nela!

Como vêem, nada mais aceitável do que a minha opinião: desde que, há dois anos, se começou a falar em *choleramorbus,* preocupados com o cólera, possuídos do louvável afã de pôr um paradeiro às disenterias, dedicando todo o seu tempo e todos os seus desinfetantes, à destruição das bagagens em que se aninhava o perverso micróbio do mal asiático, e ultimamente, preocupados com ler as notícias que chegam sobre a peste bubônica na Índia, - os médicos não se lembraram de que o verão estava a chegar, devendo trazer consigo a clássica febre, que dedicou os vossos avós e há de deliciar os nossos netos.

Por que é preciso que se saiba disto: eu estou convencido de que os médicos é que fazem as moléstias. A existência da moléstia, ao contrário do que geralmente se pensa, é posterior à existência do médico. O aparecimento deste teve como conseqüência forçada o aparecimento daquela. Nas eras pré-históricas, o Homem, apenas saído da pele do gorila, viu e estudou certas ervas e certas cascas. Reconheceu que amargavam, que não podiam servir para a alimentação, e procurou dar-lhes um destino qualquer, - pois que não era justo ficassem sem aplicação e sem utilidade cousas que faziam parte integrante da vida universal. E, então, procurou ter moléstia para ter necessidade de remédios. Assim nasceu o curandeiro, antes de haverem nascido as mazelas.

Outros homens vieram que, mais práticos, transformaram a invenção em meio de vida. Assim, se fez a classe médica, e dela muito naturalmente, se desdobrou a classe farmacêutica.

A essas duas classes devemos o benefício das moléstias. E como desta vez, as duas classes não pensaram na febre amarela, - a febre amarela não apareceu. Essa é que é a verdade!

Revista: *A Bruxa* - Seção "Crônica"
n. 55 – 26 de fevereiro de 1897 - p. 2
Lucifer

O mundo assiste pasmado a um espantoso caso de ressurreição. Posta à margem, como nação de que já nada era lícito esperar, a Grécia vegetava, num obscuro canto da Europa. Quando os artistas falavam dela, falavam como se realmente a pobre não existisse, como se fosse um pedaço de terra apenas viva na memória. Dizia-se – a *Grécia*, como se diz – a Atlântida. E todo o mundo pouco se importava com aquele reino pobre, que já fora o núcleo gerador de toda a civilização humana, e hoje ficava, fora do convívio europeu, entre a Turquia e o Egito.

De repente, daquele esquecido ponto do globo, parte uma grande voz retumbante: todo o passado grego, desperto subitamente, voltou a tomar a vanguarda da civilização. A Grécia ressurge. E a vida e a glória sacodem de novo aquele solo adormecido, que ainda guarda os vestígios do passo triunfante dos Deuses e dos Heróis.

Não cheguei a ficar indignado quando lia a notícia do bombardeamento de Canéa. A França, a Itália, a Inglaterra, a Alemanha e a Rússia estão no seu papel quando apóiam os turcos. São elas as primeiras a dar à Turquia o epíteto de bárbara, quando a verdade é que tão bárbaras como a Turquia são as nações que invadem continentes, e escravizam homens, sob o pretexto de civilizá-los, fazendo chover balas de Manulicher na África e pastilhas de ópio na Ásia.

Também querem eles civilizar a Turquia... a seu modo, dividindo-a, retalhando-a absorvendo-a. Que vem fazer a Grécia, - essa atrevida, que assim se arroja a perturbar a grande missão civilizadora da Europa? Bombas e granadas sobre a Grécia! Que nada se salve daquela ousadíssima raça! E que as vozes que um favor dela se levantarem sejam excomungadas! E, exterminado o último grego, continue Abdul-Hamid, que já não é para a Europa o "grande assassino", a civilizar os cristãos convertendo-os à força de balas ao Islamismo, assim como a Europa civiliza os pretos da África, convertendo-os a força de balas ao cristianismo. Para que a Turquia venha um dia a cair, esfacelada e perdida, nas mãos das grandes potências soberanas, - é preciso que o sutão pratique loucuras sobre loucuras, matando à vontade os cristãos. Quando ele, farto de sangue, cair no sono pesado da digestão, - boa que acaba de engolir um boi, então a Europa cairá sobre ele, e dividirá o seu Império: - tanto para mim! Tanto para ti! Tanto para cada uma de nós! – Que o bolo é grosso, e chega para saciar a fome de todas!

Que importa que, para conseguir esse fim altamente civilizador, morram alguns milhões de Cristãos inocentes? A Europa é o grande Baalmoloch moderno: quer o sacrifício do sangue.

Ah! Não haver palavras, pobre pena minha, que não podes já conservar esse tom de ironia imbecil! – Não haver palavras de fogo que possam gravar na face da Europa o ferrete da ignomínia, indelével e terrível! Nunca a humanidade viu tamanha covardia! Chega-se a ter vergonha de ser homem! E como pôde eu escrever, sem cair fulminado, que não me indignou o bombardeamento de Canéa? Não! Fora a ironia! Fora o sarcasmo! Que cada perigo ruja, prende de ódio e furor, contra a civilização que apóia a Selvageria contra a sua própria mãe! Ainda que a Alemanha, e a Inglaterra ferissem de morte a Grécia, abrindo-lhe a pontapés e a couce d´armas o ventre fecundo, - a minh´alma de latino poderia compreendê-lo sem o

desculpar. Mas a França! Mas A Itália! Maldição sobre as filhas degeneradas, que por amor do dinheiro, cospem o insulto e a morte sobre a face de quem lhes deu o ser!

Quarenta granadas caíram sobre os gregos, vomitadas pelos canhões da Europa: ao mesmo tempo, caíam sobre eles as balas dos Turcos. Que consórcio macabro, que monstruoso conúbio, esse: o das balas de cristãos e de muçulmanos, juntando-se, abraçando-se, auxiliando-se, para matar aqueles que ainda, sós no meio da Europa toda, tem generosidade, e ainda são capazes de amor desinteressado e de abnegada bravura!

Ah! Que não haja palavras de fogo!...

Revista: *A Bruxa* - Seção "Crônica"
n.56 – 12 de março de 1897 - p. 2
O Diabo Vesgo

Enfim! Enterrado o Carnaval, tenho desimpedido as minhas ruas... Torno à vida de todos os dias com um profundo e delicioso suspiro de alívio: sei que, sem mais receio de ter os pés esmagados e as roupas dilaceradas, posso cruzar em todos os sentidos a rua do Ouvidor; sei que posso fitar longamente as mulheres belas que encontrar, sem que elas castiguem a minha admiração com um punhado de *confelti;* sei que posso entrar sem receio nas confeitarias em que habitualmente tomo *wermouth,* nos hotéis em que habitualmente janto, nos teatros em que habitualmente me divirto, e nas casas em que habitualmente... faço o resto, - sem aí encontrar, para castigo dos meus pecados, debaixo de um dominó, um insolente ou um imbecil... Enfim!...

Dirão que isto é pose. Mas, que diabo! Não há de ser por medo dessa pecha de *poseur,* que deixarei de declarar que não amo as festas populares em que, como no Carnaval, as ruas ficam entregues ao tropel da multidão irresponsável e suada. Como não gosto de chorar de súcia, também de súcia não gosto de rir. Fico sério no carnaval, como fico alegre no dia de Finados. Nem conheço nada mais impertinente do que a criação desses dias previamente indicados para o prazer e para o desgosto. Nunca me pude habituar a comer em *mesa redonda,* obrigado a ter fome a uma certa e determinada hora, obrigado a limitar o meu apetite a um certo e determinado número de pratos. Felizmente, há apenas um dia marcado para que todos riam, e um dia para que todos chorem... Imaginem se também houvesse um dia expressamente marcado para o amor, - um dia em que todos os homens se unissem na mesma ânsia de ser felizes, com a mesma fome de abraços e com a mesma sede de beijos!

Dirão que é *pose*... Será! mas aproveito a ocasião para declarar que, segundo uma profunda e inabalável convicção que tenho, ninguém, mas absolutamente ninguém se diverte no Carnaval... Vede qualquer *máscara:* quando se pilha sozinho, tira a máscara limpa o suor, e fica com tal ar de fadiga na cara pálida, que a gente chega a ter pena dele. Mascarai um homem de espírito se converterá ele desde logo nos mais chapado imbecil.

Enfim, tudo está acabado. Já as vassouras da limpeza pública, com um trabalho digno de compaixão, livraram as ruas das espessas camadas de *confelti* que as cobriam. Recolheram-se as bandeiras, desarmaram-se os coretos, guardaram-se as vestimentas de aluguel, que este ano cobriram a imbecilidade de outros mil. Tudo está acabado...E – quereis saber? – o Carnaval deste ano ainda teve uma nota característica: a chegada inesperada do Sr. Prudente de Moraes, enciumado, vindo a galope e a socapa reassumir o seu alto cargo público...

Revista: *A Bruxa* - Seção "Crônica"
n.57 – 12 de março de 1897 - p. 2
Fantasio

O que consola a gente, nestes dias em que a Pátria sofre, é pensar que ela é grande e forte... Voltarão dias de calma e ventura: que valem desgraças, quando em tudo aqui palpita a pujança da vida?

Há quem queira volver atrás? Mas há também quem goste de carnes *faisandées*... Uma moléstia, uma perversão como qualquer outra!

Para ver quanto o Brasil progrediu normalmente em 6 anos de República, basta pensar no que era a nossa literatura durante o Império, e no que é ela hoje. Quem lia antigamente? Liam-se jornais e mais nada. As edições dos livros ficavam entregues às traças das livrarias, inteiras. Hoje, basta dizer que a edição do primeiro volume da *Coleção Alva* de Coelho Neto foi quase esgotada em um mês...

Há um mês que desejo imprimir aqui, nesta crônica da *Bruxa*, o nome desse glorioso trabalhador: mas há um mês que assuntos outros e (ai de mim!) bem menos dignos do que esse, me obrigam a adiar a satisfação do desejo.

Que livro! Acabo de terminar a segunda leitura, e ainda tenho na alma o calafrio que aquelas páginas trágicas me deram. Desta vez, a maneira de Coelho Neto está definitivamente achada: o escritor completou-se, definiu-se. Não tem demasias de estilo, é sóbrio na concepção e na composição, está senhor de um vocabulário opulentíssimo, e adquiriu positivamente esse raro dom de comunicar a impressão do que sente a quem o lê, - primeiro e mais importante predicado de um verdadeiro escritor.

O que mais admiro neste romancista é a felicidade com que ele consegue, dispondo de uma imaginação de fogo, dominá-la, sujeitando-a ao jugo de ferro da verdade, e escravizando-a a observação rigorosa das cousas da vida.

Haverá quem diga que o livro é triste: que há ali muita dor, muito sangue, muito desespero. Mas a vida é isso mesmo: e *Céga,* e os *Velhos*, e *Praga* são a própria vida apanhada em flagrante, no lugar em que, longe dos fingimentos da civilização, ela corre espontaneamente e brutal, - no sertão, dentro da grande calma da natureza, onde as almas são rudes e as paixões são sinceras. Que página admirável aquela que fecha o doloroso drama d´*Os Velhos!* E que impressão consoladora de piedade a que ela dá, depois dos horrores da agonia, velha sozinha e alucinada, vigiando o cadáver já podre do companheiro! ... "na verde paisagem, ao sol era grande a alegria sonora dos pássaros... Longe, de espaço a espaço, surdamente, um touro mugia, e, através do campo, dolente, vibrou a primeira badalada do toque a finados. As duas mulheres levantaram-se em silêncio e, de pé, as mãos postas, fitaram o céu azul resplandecente; os homens, suspendendo o serviço, firmaram-se às enxadas, tiraram os largos chapéus, e ficaram ouvindo, religiosamente, de cabeça baixa, imóveis..."

Mas quero principalmente insistir no culto religioso que Coelho Neto consagra à sua língua. Já disse que o seu vocabulário é opulentíssimo: mas essa opulência não é malbaratada. Não há ali aglomerações inúteis de palavras peregrinas: o romancista não se parece com as cabotinas que ridiculamente põe em cima de si, quando saem à rua, todas as jóias que possuem. Há ali uma precisão do termo, a sobriedade do dizer, a elegância despretensiosa da

construção: há ali em suma, o ativismo de um nobre e legítimo artista, que honraria a literatura de qualquer terra européia. Quando virá o segundo volume da *Coleção Alva?* Que venha já! Quando a gente se vê ferida de tantas desgraças é ao menos um consolo o pensar que não falta quem se encarregue de levantar bem alto o nome do Brasil.

Revista *A Bruxa* – Seção "Crônica"
n.59 – 2 de abril de 1897 – p.2-3
Diabo Vesgo

Não quis ainda a Sorte que se encerrasse a série vermelha, no tapete do *frente el quarante* da vida carioca. A última cartada foi esse pobre e apaixonado rapaz, que, já com a certeza de que não casaria nunca com a sua amada, resolveu matar-se e mata-la Armou-se de um revolver, subiu pé ante pé a escada da casa em que morava a bela, deu-lhe dois tiros, e, satisfeito, meteu uma ultima bala no próprio ouvido.

Tinha escrito uma carta à mãe da moça. E, nessa carta, pedia, além de perdão para o seu crime, estas três esquisitas coisas: "*que ela seja enterrada ao meu lado! Botem o retrato dela no meu peito e botem o meu retrato no peito dela!*" É possível que atendam ao segundo pedido, por um alto favor, _ isso mesmo se o novo noivo da moça o consentir; ao primeiro e ao último é que com certeza não atenderão, porque a moça está viva e bem viva, tendo escapado das duas balas do seu feroz e alucinado amante.

Pobre rapaz! Não errou o tiro, quando apontou contra si mesmo o revólver: errou-o quando o dirigiu contra a amada. É que, naturalmente, por mais decidido que estivesse a dar um fim àquela vida adorada, _ no momento decisivo a contemplação de tanta formosura lhe deslumbrou a vista e lhe fez tremer o braço.

Também Otelo, (e não era um fraco e ingênuo rapaz destes tempos, mas um rude, um forte mouro brutal!) também Otelo, no momento de matar Desdêmona, hesita e empalidece: "Posso apagar esta lâmpada e acendê-la a de novo... Mas, quando eu te houver apagado, quem te poderá acender de novo, ó luz divina da criação! Ó obra-prima da natureza?!..."

Pobre rapaz! Já li num jornal, a propósito do teu crime, uma dessas considerações apressadas e tolas que a imprensa prodigamente alinha a propósito de todos os crimes de sensação. Dizia o noticiarista: "de que serviu ao maluco namorado o seu crime? A noiva, que queria matar, continua viva, e só ele perdeu alguma coisa na aventura, uma vez que perdeu a própria vida!"

Mas, na agitação em que vivias, no sofrimento em que ardias, na roda viva de desespero e de crime que te despedaçava a alma, perder a vida, para ti, já era alguma coisa, meu pobre Otelo de última hora! Perder a vida, para ti, era ganhar a tranqüilidade, era nunca mais ver, a caminho da ventura, pelo braço de outro, aquela que recebera os teus beijos e que te dera os seus juramentos de amor! Perder a vida para ti era ganhar uma outra noiva, mais fiel e mais bela,- noiva que nunca mais liberta o noivo que uma vez lhe caiu nos braços...

Continua viva aquela que quiseste morta, é verdade. Durante algum tempo, a tua lembrança lhe há de perseguir a vida, - não a lhe fazer piedade, mas a causar-lhe raiva. Em breve, até mesmo a raiva se dissipará. E ela, entregando a alma e o corpo à alma e ao corpo do outro, será feliz, e será mãe, e envelhecerá, e morrerá, sem nunca mais pensar em ti, que a amaste a ponto de a querer matar, e que te mataste por ela... Quem ganhou na aventura, por fim? Ela? Não, porque continua a viver, e a ter tédio, e a ter desesperos, e a ter ciúmes, e a sofrer enfim dessa terrível moléstia que é a vida... Tu sim, ganhaste a milagrosa cura da morte. Cura admirável: cura, de que o sublime Montaigne dizia: "*Le commum train de la guarison se conduict aux despens de la vê; ou nous incise, on nons canterise, on nouns destreuche lês membres, ou nouns soustraict l'aliment el sang: á quoi bom? Um pás plus oultre... et nouns voylá guaris tout à faict!...*"

Hão de dizer que, sendo assim, não tinhas necessidade nenhuma de tentar matá-la. Matando-te, conseguias tudo...Mas que sabias tu disso, ingênuo rapaz quase analfabeto, que só sabias amar aquela mulher e odiar o outro que ta roubava? O amor é sempre uma ferocidade: mesmo no amor feliz, contentado, correspondido, o beijo anda perto da dentada; a suprema carícia do gozo é brutal; tem rugidos de raiva e arranhões de cólera. Quem ama, fere, maltrata, mata. Só os amores linfáticos, moles, inexpressivos, água morna, são incapazes de brutalidade. Amavas, e quiseste matar. Nisso, foste humano: não pensastes no que fazias, e foi a própria natureza quem te armou o braço!

Ora, pois, dorme feliz, tu que, na vigília medonha da vida, por tantas horas de abandono e de solidão penaste e choraste! E olha que, entre ela que ai fica e o outro que a possuirá, tu foste com certeza o mais feliz dos três, - porque ficaste livre deles e de todo o resto da humanidade!

Revista: *A Bruxa* - Seção "Crônica"
n.60 – 9 de abril de 1897 - p. 2
O.B.

Um jornal italiano, de S. Paulo, diz que "toda a população de uma aldeia vizinha de Nápoles emigrou para o Brasil". Não era grande a aldeia: apenas umas quinhentas e sessenta e nove pessoas a povoavam.

Ainda assim, que triste deve ter sido o aspecto da terra abandonada, no primeiro dia do abandono, - os campos desertos, ermas as ruas, e as casas vazias, com as portas escancaradas, abrindo para o silêncio e para a morte!

Naturalmente, logo no dia seguinte outros habitantes chegaram. Por mais completa que seja a pobreza daquela terra desprezada, não terá faltado quem a tenha querido: o homem mais pobre do mundo acha sempre outro, mais pobre ainda, que o inveje.

Outros habitantes chegaram, invadiram as choças mudas, e restituíram a agitação da vida à aldeia paralisada. De novo, crianças nuas, de grandes olhos espertos, se arrastaram no pó, sob a porcelana azul do céu napolitano. Raparigas moças saracotearam de novo pelos caminhos; de novo rapazes robustos arremeteram contra a terra esgotada, procurando de novo vencê-la e restaurá-la.

E, no povoado ontem morto, há de novo o trabalho e o amor, há de novo o ódio e a miséria.

E ninguém por lá se lembra, com certeza, dos quinhentos e sessenta e nove desesperados, que, num dia de desespero maior, dando à terra ingrata o seu último olhar rancoroso e o seu último gesto de maldição, puseram ao ombro os alforjes, e vieram pedir à terra estrangeira a proteção e o amor que a sua lhes não dava.

Vieram, e são hoje provavelmente felizes. Nestes primeiros dias de expatriação, também com certeza nenhum deles se lembra da aldeia que lá ficou, nem das árvores que a cercam, nem o céu que a cobre, nem do sol que a ilumina. Primeiros dias de nova existência, primeiros dias de febre e esquecimento... A alma se perde na contemplação das novas cousas que a rodeiam.

A língua é nova, a natureza é nova, a gente é nova, novo é o trabalho, e toda essa novidade atordoa... Primeiros dias de nova existência, primeiros dias de esperança e de febre, porque não durais perpetuamente?

Mas um dia virá, em que um dos quinhentos e sessenta e nove expatriados, ao cabo da longa jornada de labuta e canseira, sentado à porta da casinha rústica, vendo o sol morrer na extrema do céu paulista, -- sentirá de súbito uma onda de lágrimas subir-lhe do coração e alargar-lhe os olhos. Toda a paisagem natal, diante da sua vista perturbada e saudosa, ressuscitará, avultando e palpitando. E o expatriado, hoje rico, hoje próspero, hoje feliz no meio de abundância, chorará aquela terra, tantas vezes maldita, que lhe negou o pão, e aquele céu impassível que lhe negou a piedade: e, olhando em roda, verá que muitos dos seus quinhentos e sessenta e nove companheiros estarão também pensando na aldeia abandonada...

Ah! talvez nesse mesmo momento, os novos habitantes daquela pobre aldeia vizinha de Nápoles estejam desesperados e infelizes como os primeiros, pensando em abandonar a terra ingrata que lhes nega o pão e o céu impassível que lhes nega a piedade. Talvez também, dentro em breve, esses virão pedir a terra estranha a felicidade que a sua lhes recusa. E virão, e também um dia se lembrarão com saudade da miséria antiga...

Porque a vida é assim! Porque o coração humano só ama o que não possui! Porque tão desgraçada, tão inconstante é a alma humana, - que o mais magro, o mais triste, o mais miserável passado sempre parece mais belo que o mais risonho presente...

Revista: *A Bruxa* - Seção "Crônica"
n.61 – 23 de abril de 1897 - p. 2

Fantasio

I

Por toda a parte, vestuários fúnebres...
Por todo a parte, faces contristadas,
Círios acessos, preces murmuradas,
Duros jejuns, e imprecações de dor...
Livres, enfim, desta semana lúgubre,
Musa, cantemos! A alma o luto deixe,
E liberte-se o estômago do peixe!
- Às carnes e ao amor!

II

Maio, o sagrado mês das rosas rútilas,
Maio, o mês perfumado de Maria,
Entre risos e aromas se anuncia...
- Fora a tristeza embezerrada e vil!
Ao sol, que inunda o céu, sequem-se as lágrimas!
Os momentos da vida aproveitemos!
E, entre beijos e cantos, enterremos
Este sinistro Abril!

III

Ver, pela rua do Ouvidor esplêndida,
Ao sol das quatro, o mulherio em luto,
-É cousa hedionda, que me torna em bruto,
É cousa horrível, que me ofende o olhar!
Voltem as cores ofuscantes, límpidas!
Que a mulher, quando é bela, é como a estrela:
Quer a gente adorá-la, e amá-la, e vê-la,
Sem nuvens, a brilhar!

IV

Ao almoço e ao jantar, dar ao estômago,
Que é moço e forte, miseranda posta
De peixe magro – é cousa que desgosta:
- Vamos ao sangue do *roast-beef* inglês!
Porque aos jejuns, à reza, e às penitências.
É que atribuo os dramas horrorosos,
Que enlutaram os dias dolorosos
Deste medonho mês!

V

Satisfeito o fervor da fé católica,
-Restituem-se os lábios das amantes
Àqueles mesmos beijos delirantes,
Que a mágoa da quaresma interrompeu!
Estremeçam de amor os leitos tépidos!

Sob o discreto alvor dos cortinados,
Gemam os corações alucinados,
- O teu junto do meu!

VI

Olha! As ruas em festa, agitam flâmulas...
Tantos astros no céu, pelas janelas,
Musa jovial, tantas mulheres belas!...
E tanta serpentina! E tanta flor!
Rujam aclamações! estrondem músicas!
Todo o mundo se agite e cante! e ao menos,
Aproveite-se a festa dos chilenos
Para o namoro e o amor!

VII

Vida e tristeza – odeiam-se e repelem-se:
Não há no mundo apenas cemitérios!
Na criação, os animais mais sérios
São o boi, o camelo, o asno e o peru...
Musa! A alegria desinfeta o espírito...
Já que não és camela nem perua,
De braço dado, vamos para a rua,
Alegres, eu e tu!

VIII

Dá-me a carícia dos teus lábios caídos,
Musa! Dá-me o aconchego do teu colo:
Terei mais do que as minas do Pactolo,
- Inda que seja pobre como Jó!
Vamos dançar a sarabandas lépidas!
Vamos folgar, ó minha doce amiga!
- Porque eu não tenho pedra na bexiga,
Nem conheço... o Filó!

Revista: A Bruxa – Seção "Crônica"
n.62 – 14 de maio de 1897 – p.2-3
Fantasio

Justamente no dia em que, na Europa se comemorava a Festa do Trabalho, celebramos no Rio de Janeiro a Festa de José de Alencar.

Primeiro de Maio!... Na Europa, dizer esta data é como anunciar, às almas e aos corpos, a chegada dos dias de luz e de calor,_ a chegada da estação abençoada, em que as àrvores, desfolhadas pelo inverno, se cobrem de gomos verdes e em que os espíritos, crestados pela fadiga e pelo tédio, se cobrem de esperanças... Foi por isso principalmente que os trabalhadores do Velho Mundo escolheram esse dia para a celebração da sua festa de concórdia, de descanso e de amor.

Lá, a Primavera, que, aos primeiros raios do sol, funde a neve, e arranca das almas o desespero, e acorda dentro delas o Amor, e dentro delas acende o Desejo da Vida, e a Aspiração e a Necessidade de ser feliz e de ser amado, _ invade também as oficinas, onde se morre á mingua de luz e de ar, e põe no espírito de cada operário a vontade de afirmar a sua força e de reconquistar os seus direitos.

Fez a aspiração moderna da Liberdade com que os operários da Europa quisessem desse modo afirmar, contra o egoísmo desvairado do Capital e da Exploração, o Direito daqueles que, pobres, tem o desejo de aspirar o ar livre por vinte e quatro horas, e que, escravos, também podem amar o descanso.

Lá, a mesma alegria triunfal, que se derrama pela copa dos castanheiros, vai cantar no barulho das rodas das máquinas, e acordar, dentro do coração de cada trabalhador, até então preocupado apenas com a escravidão do seu dever, o desejo de ser como as feras, que cruzam livremente as matas e como os besouros, que, livremente, zumbem no ar.

Primeiro de maio! _ É preciso ter visto, numa grande capital européia, a agitação, o entusiasmo, a febre que invadem as almas quando se aproxima essa deliciosa e suave data, _ para saber o que é para aquela civilização o advento da primavera, _ depois dos longos dias e das longas noites de cinza e de névoa, que, enchendo o céu e tristeza, também enchem de tristeza quem passeia a sua melancolia por aqueles caminhos tristes, entre aquelas arvores desfolhadas que suam neve, à beira daqueles lagos e daqueles rios que o frio congelou, sob as nuvens carregadas que tapam o fulgor das estrelas...

Primeiro de Maio! Aqui não temos, verdadeiramente, nesta Pátria da Primavera perpétua, uma data que corresponda a essa: aqui o Trabalho (pelo menos esse esfalfaste e assassino trabalho material, que na Europa, envelhece os espíritos prematuramente, e prematuramente alquebra os corpos), aqui o trabalho não carece de um dia convencional de descanso e de liberdade. Mas já temos imitado tanta coisa ruim da Europa, que não é de revoltar imitemos dela, ao menos, uma coisa boa...

Ora, pois, meus amigos, meus irmão, vimos celebrar, com todo o esplendor possível, no dia primeiro de Maio, a festa de José de Alencar!...

Haverá ainda alguém, neste largo pedaço de terra americana, que não conheça esse nome?! Pode ser que sim... porque este pedaço largo de terra ainda abriga muito analfabeto...

E sempre será bom dizer que José de Alencar, cuja estatua em 1º de Maio a Comissão Central da Imprensa inaugurou no largo do Catete, foi o escritor brasileiro em cujo estilo vivamente, pela primeira vez, a alma da nossa terra... Dir-se-á (uma vez que não falta nunca quem apedreje os que são glorificados) que o seu modo de ver as coisas do Brasil foi falso, _ porque o Brasil não é hoje o Índio Perí ou o explorador português que por aqui se vinha à conquista das minas de prata... Santo Deus! Ninguém quis honrar em José de Alencar o esforço da moderna gente literária do Brasil, _ afirmando agora a sua independência definitiva, criando, com Coelho Nato, o nosso romance nativista, com Afonso Arinos, Valdomiro Silveira e outros o estudo da vida e das paixões de nosso sertão bravo, e com Araripe Junior uma feição nova da nossa crítica... O que se quis foi _ justamente nesse dia Primeiro de maio, que, por uma coincidência, era o dia do aniversário natalício de Alencar_ honrar o trabalho literário no Brasil, tão desprotegido, tão abandonado dos poderes públicos. tão rechaçado para o último plano, do trabalho coletivo em nossa terra!...

É a primeira estátua de homem de letras que o Rio de Janeiro tem.

Esse José de Alencar, que Rodolfo Bernardelli amou e perpetuou, foi sobretudo, e antes de tudo, um homem de letras. Porque a sua passagem pela política foi apenas um acidente...

Num tempo em que, não havendo editores, toda a produção literária era forçadamente gratuita, José de Alencar, prevendo o futuro de sua terra, soube lançar o alicerce de uma literatura positivamente nacional. Diga-se que não temos índios hoje! Diga-se que não temos contratadores de diamantes, nem intendentes de ouro, nem exploradores de sertões, nem descobridores de minas! O que se não pode dizer é que ele não tenha fixado, nas páginas dos seus livros, a paisagem brasileira, e mais do que isso, a primeira época da nossa história.

Primeiro de Maio! Não foi bem escolhido o dia para a inauguração da estátua de José de Alencar?

Nesse dia, a Europa celebra a festa dos operários da oficina, do laboratório e do campo. Esses são lá os que não têm amparo: aqui, os que não têm amparo são os operários do Pensamento...

Meus irmãos de Letras e de arte!_ a festa que celebrarmos no dia Primeiro de Maio, no Rio de Janeiro, foi a nossa festa e glorificação do nosso Trabalho.